

Rio de Janeiro 19 de Janeiro

Querida amiga



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

NEILA MARIA OLIVEIRA SANTANA

**ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO-COGNITIVO DAS
CONCEPTUALIZAÇÕES E CATEGORIZAÇÕES DO AMOR
EM CARTAS DOS SÉCULOS XIX E XX**

Salvador
2019

NEILA MARIA OLIVEIRA SANTANA

**ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO-COGNITIVO DAS
CONCEPTUALIZAÇÕES E CATEGORIZAÇÕES DO AMOR
EM CARTAS DOS SÉCULOS XIX E XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, área de concentração de Linguística Histórica, como requisito final para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. A. Ariadne Domingues Almeida

Salvador
2019

NEILA MARIA OLIVEIRA SANTANA

**ESTUDO SÓCIO-HISTÓRICO-COGNITIVO DAS
CONCEPTUALIZAÇÕES E CATEGORIZAÇÕES DO AMOR
EM CARTAS DOS SÉCULOS XIX E XX**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, área de concentração de Linguística Histórica, como requisito final para obtenção do grau de Doutora em Língua e Cultura.

Aprovada em 20 de maio de 2019.

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Aurelina Ariadne Domingues Almeida – Orientadora
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dr. Paulo Henrique Duque – Examinador Externo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof. Dr. Sandro Márcio D. Alves Marengo – Examinador Externo
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof^a. Dr^a. Eliane Santos Leite da Silva – Examinadora Externa
Instituto Federal Baiano (IFBaiano)

Prof^a Dr^a Antônia Vieira dos Santos – Examinadora Interna
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Dedico este trabalho,
com todo o meu carinho e amor,
ao meu filho *Lucca*,
principal coautor desta tese.

AGRADECIMENTOS

Neste momento em que concluo uma importante etapa da minha vida acadêmica, agradecer significa dividir o êxito da realização desta tese. Assim, sou grata a todos que foram essenciais no meu percurso, nos últimos quatro anos.

Antes de tudo, agradeço a Deus, criador de todas as coisas, por ter me dado a oportunidade de existir e por fortalecer o meu ser com a certeza de que todos os meus sonhos são possíveis. Muito obrigada por renovar as minhas forças nos momentos de fraqueza, de dificuldades e de angústia e por me fazer acreditar sempre que a vitória chegaria.

Especial é o agradecimento ao meu amado filho Lucca, nascido durante este doutoramento, que tão sabiamente soube compreender minhas ausências e aproveitar todos os momentos ao meu lado.

Agradeço, imensamente, a minha família, por apoiar minhas decisões e escolhas, pelo suporte, pelo amor, pela paciência e por estar ao meu lado sempre que preciso. Em especial, agradeço a minha mãe Lúcia e a minha irmã Noeli, por cuidarem do meu filho durante a escrita desta tese. Obrigada por tudo que fizeram e fazem por mim! Vocês foram muito importantes para a realização deste estudo.

As palavras não são suficientes para expressar minha gratidão, meu reconhecimento e meu afeto à querida orientadora, professora Ariadne Almeida, por me orientar e acreditar no meu potencial para enveredar pela fascinante área da Semântica Cognitiva, instigando-me a avançar sem medo e encorajando-me a lançar-me neste desafio. Muito mais que uma orientadora, foi amiga, parceira e juntas construímos esta tese. Obrigada por estar sempre presente na minha trajetória acadêmica, por compartilhar seus conhecimentos, pela paciência, pelos “puxões de orelha” firmes e afetuosos, pela amizade, pelo apoio, pelo carinho, pelas constantes palavras de ânimo e encorajamento quando os desafios ganhavam forma gigantesca. Me sinto privilegiada em ter sido sua orientanda e desfrutar da convivência com um ser humano excepcional que consegue conciliar sensibilidade, ética e competência. Muito obrigada!

Meu agradecimento ao professor Paulo Duque e à professora Antonia Vieira, pelas importantes contribuições durante o exame de qualificação e por participarem desta etapa final. Agradeço,

também, à professora Eliane Silva e ao professor Sandro Marengo, por aceitarem o convite para participar da banca de defesa.

Não posso deixar de agradecer à amiga Evani Rodrigues, pela amizade de sempre, pelas palavras de conforto nos momentos difíceis, pelas experiências divididas e, principalmente, por estar sempre ao meu lado, ajudando-me em tudo que precisei, nesse período de intenso trabalho.

Também, quero agradecer a Huda Santiago, amiga que o curso de doutorado me presenteou, companheira das idas e vindas de Feira de Santana para Salvador, com quem compartilhei angústias, risos e, até, desejos de comer pizza e acarajé, durante a gravidez, no nosso primeiro ano de curso. Agradeço, ainda, por conceder parte dos *corpora* para este estudo.

Muito obrigada aos membros do Grupo de Estudo em Semântica Cognitiva (GESCOG), especialmente, Elisângela Santos e Simone Sant’Anna, mais do que colegas de pesquisa, vocês são amigos(as) que moram no meu coração. Agradeço a amizade de vocês, o auxílio e a presença constantes.

Sou grata à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sobretudo, ao Colegiado de Letras – Língua Inglesa, do Departamento de Educação - Campus XIV, por ter me concedido o afastamento das atividades docentes, para realização do curso de doutoramento, o que foi um grande diferencial qualitativo nesse percurso.

Agradeço, ainda, à Fundação de Apoio à Pesquisa (FAPESB), pela concessão da bolsa que permitiu a realização deste estudo, com dedicação exclusiva, nos quatro anos do curso de doutorado.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, mesmo não tendo sido citados, contribuíram para a realização desta tese.

O que é o amor

O que é o amor, onde vai dar,
Parece não ter fim
Uma canção cheirando a mar,
Que bate forte em mim
O que me dá meu coração
Que eu canto pra não chorar
O que é o amor, onde vai dar
Porque me deixa assim
O que é o amor, onde vai dar,
Luar perdido em mim ...

Danilo Caymmi

RESUMO

A presente tese tem o propósito de estudar os processos de conceptualização e de categorização do AMOR, em cartas de amor escritas por casais nos séculos XIX e XX. Mais especificamente, o estudo busca: a) discorrer sobre a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, Teoria da Metáfora e Metonímias Conceptuais, Categorização, Teoria dos Protótipos e Semântica de Frames e suas contribuições para o estudo da conceptualização e da categorização do AMOR; b) descrever e explicar os processos cognitivos subjacentes à conceptualização do AMOR ROMÂNTICO em textos do gênero epistolar; c) analisar se a diferença de sexo/gênero de autoria interfere na variação conceptual desse tipo de amor; d) verificar manutenções, variações e mudanças no modo de conceptualizar o AMOR ROMÂNTICO no devir do tempo, nos *corpora* estudados; e e) apresentar o frame AMOR ROMÂNTICO a partir do estudo das cartas. Tem como arcabouço teórico as contribuições da Linguística Cognitiva, nomeadamente, da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, da Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais, dos Esquemas de Imagem, da Semântica de Frames e da Teoria dos Protótipos, sendo o estudo embasado nas discussões realizadas por autores, como Lakoff e Johnson (1980; 1999), Lakoff (1987, 1993, 2007), Johnson (1987), Barcelona (2012, 2009[1996]), Peña Cervel (2012), Fillmore (1982), Rosch (1978), Kleiber (1995), Kövecses (1988, 1990, 2000, 2002, 2015), entre outros; além disso, foram estabelecidos diálogos interdisciplinares com autores da História (DEL PRIORE, 2008, 2012; ADAMS FILHO, 2017; CARVALHO, 2007), da Neurociência (DAMÁSIO, 2012[1994]; FISHER, 2015[2004]), da Filosofia (BORGES, 2004), da Biologia (REECE, 2015), além dos contributos da Lexicografia (SILVA, 1789; PINTO, 1832; HOUAISS, 2011; CUNHA, 2012; AULETE, 2019). A pesquisa empreendida que originou esta tese deu-se por meio de uma abordagem qualitativa de caráter descritivo-interpretativo, bibliográfico e documental, pautada no paradigma da introspecção. Os *corpora* foram compostos por cartas de amor escritas nos séculos XIX e XX, constituídos pela Teoria dos Fractais e pela Técnica da Saturação Teórica. Os resultados foram organizados a partir das categorias e dos domínios da experiência identificados nas cartas estudadas, revelando que há diferentes formas para conceptualizar o AMOR, através de modelos cognitivos metafóricos, metonímicos e imago-esquemáticos. Os domínios verificados, nos *corpora*, compreendem o frame AMOR ROMÂNTICO, já que todos os domínios se encontram em uma grande relação de proximidade, não havendo uma quebra radical de sentido, no sistema conceptual do AMOR, mas uma inter-relação de conceitos, conforme a proposta de frame apresentada por Fillmore (1982). Além disso, não observamos mudança conceptual no decorrer do tempo e nem em relação ao gênero dos escreventes, ocorrendo variações e manutenções conceptuais do AMOR ROMÂNTICO.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Semântica Sócio-Histórico-Cognitiva. Conceptualização. Cartas. Amor.

ABSTRACT

The present thesis aims to study the processes of conceptualization and categorization of LOVE, in love letters written by couples in the nineteenth and twentieth centuries. More specifically, the study seeks to: a) discuss the Theory of Idealized Cognitive Models, Theory of Metaphor and Conceptual Metonymy, Categorization, Theory of Prototypes and Semantics of Frames and their contributions to the study of the conceptualization and of the categorization of LOVE; b) describe and explain the cognitive processes underlying the conceptualization of ROMANTIC LOVE in texts of the epistolary genre; c) analyze whether the difference of gender / gender of authorship interferes with the conceptual variation of this type of love; d) verify maintenance, variations and changes in the way of conceptualizing ROMANTIC LOVE in the becoming of time; and e) present the frame ROMANTIC LOVE from the study of letters. It has as theoretical framework the contributions of Cognitive Linguistics, namely, Theory of Idealized Cognitive Models, Conceptual Theories of Metaphor and Metonymy, Image Schemas, Frames Semantics and Prototypes Theory, being the studies based on discussions by authors, as Lakoff and Johnson (1980, 1999), Lakoff (1987, 1993, 2007), Johnson (1987), Barcelona (2012, 2009[1996]), Peña Cervel (2012), Fillmore (1982), Rosch (1995), Kövecses (1988, 1990, 2000, 2002, 2015), among others. In addition, interdisciplinary dialogues were established with authors of History (DEL PRIORE, 2008, 2012; ADAMS FILHO, 2017; CARVALHO, 2007), of Neuroscience (DAMÁSIO, 2012[1994]; FISHER, 2015[2004]), of Philosophy (BORGES, 2004), of Biology (REECE, 2015), besides the contributions of the Lexicografia (SILVA, 1789; PINTO, 1832; HOUAISS, 2011; CUNHA, 2012; AULETE, 2019). The research undertaken that originated this thesis was done through a qualitative approach of descriptive-interpretative, bibliographic and documentary character, based on the paradigm of introspection. The *corpora* were composed of love letters written in the nineteenth and twentieth centuries, constituted by the Fractal Theory and the Technique of Theoretical Saturation. The results were organized from the categories and domains of experience identified in the letters studied, revealing that there are different ways to conceptualize LOVE through metaphorical, metonymic and imago-schematic cognitive models. The domains identified in the *corpora* comprise the frame ROMANTIC LOVE, since all domains are found in a great relation of proximity, there being no radical break in the conceptual system of LOVE, but an interrelationship of concepts according to the proposal of frame presented by Fillmore (1982). Furthermore, we do not observe conceptual change, over time, nor in relation to the genre of the scribes, occurring variations and conceptual maintenance of ROMANTIC LOVE.

Keywords: Cognitive Linguistics. Socio-historical-cognitive Semantics. Conceptualization. Letters. Love.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Níveis de uma categoria linguística	29
Quadro 2	Identificação dos domínios na carta 1 do escrevente Jayme	84
Quadro 3	Identificação dos domínios na carta 2 do escrevente Jayme	84
Quadro 4	Identificação dos domínios na carta 3 do escrevente Jayme	85
Quadro 5	Distribuição dos <i>corpora</i>	89
Quadro 6	Síntese dos dados biográficos dos escreventes das cartas	101
Quadro 7	Níveis da categoria AMOR presentes nos <i>corpora</i>	106
Quadro 8	Síntese do domínio geral do ORGANISMO VIVO	116
Quadro 9	Síntese do domínio geral da POSSE	125
Quadro 10	Síntese do domínio geral da NUTRIÇÃO	126
Quadro 11	Síntese do domínio geral da SUBSTÂNCIA	128
Quadro 12	Síntese do domínio geral da DIVINDADE	132
Quadro 13	Síntese do domínio geral da UNIDADE	144
Quadro 14	Síntese do domínio geral do SENTIMENTO	169
Quadro 15	Síntese do domínio geral do PENSAMENTO	172
Quadro 16	Síntese do domínio geral do CORPO	175
Quadro 17	Síntese do domínio geral da AVALIAÇÃO	177
Quadro 18	Síntese dos domínios da experiência presentes nos <i>corpora</i>	178
Quadro 19	Domínios da experiência por século	184
Quadro 20	Domínios da experiência por gênero	187
Quadro 21	Domínios da experiência, na correspondência dos homens e das mulheres, por século	188

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Ponto de saturação nas cartas do escrevente Jayme	85
Tabela 2	Ponto de saturação nas cartas de D. Pedro I	213
Tabela 3	Ponto de saturação nas cartas da Marquesa de Santos	213
Tabela 4	Ponto de saturação nas cartas de D. Pedro II	213
Tabela 5	Ponto de saturação nas cartas da Condessa de Barral	214
Tabela 6	Ponto de saturação nas cartas de Maria	214
Tabela 7	Ponto de saturação nas cartas de Antonio / José	214
Tabela 8	Ponto de saturação nas cartas de Helena / Zenilta	215

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Estruturação prototípica em semelhança de família	31
Figura 2	Exemplo de categoria radial	32
Figura 3	Esquema-I REGIÃO DELIMITADA e dependentes	53
Figura 4	Esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META e dependentes	54
Figura 5	Esquema-I PARTE-TODO e dependentes	55
Figura 6	Domínios da experiência verificados nas cartas de Jayme	86
Figura 7	Cartas lidas até o ponto de saturação	86
Figura 8	Indicação dos domínios novos e recorrentes nas cartas de Jayme	87
Figura 9	Indicação do ponto de saturação nas cartas de Jayme	88
Figura 10	Organização dos domínios da experiência	112
Figura 11	Relação entre o domínio geral do ORGANISMO VIVO e o domínio específico do SER HUMANO	190
Figura 12	Domínios inter-relacionados ao domínio do CORAÇÃO	190
Figura 13	Domínios inter-relacionados ao domínio do SENTIMENTO	191
Figura 14	Inter-relação entre domínios	193
Figura 15	Inter-relação entre os domínios nos <i>corpora</i>	195
Figura 16	Representação gráfica do frame AMOR ROMÂNTICO	197

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

SC	Semântica Cognitiva
LC	Linguística Cognitiva
LH	Linguística Histórica
Esquema-I	Esquema de Imagem
MCI	Modelo Cognitivo Idealizado
TMCI	Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados
TMC	Teoria da Metáfora Conceptual
SSHC	Semântica Sócio-Histórico-Cognitiva
BA	Bahia
RJ	Rio de Janeiro
SP	São Paulo
PT	Portugal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	19
1.1 LINGUÍSTICA COGNITIVA	19
1.2 CATEGORIZAÇÃO E TEORIA DOS PROTÓTIPOS	24
1.3 TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS	33
1.3.1 Modelo Metafórico	35
1.3.2 Modelo Metonímico	42
1.3.2.1 Conceitos Relacionados e Inerentes	46
1.3.3 Modelo de Esquemas de Imagem	47
1.3.4 Modelo Proposicional	55
1.3.4.1 Semântica de Frames	56
1.4 BREVE ABORDAGEM DA SEMÂNTICA SÓCIO-HISTÓRICO-COGNITIVA	58
2 METODOLOGIA	66
2.1 A QUESTÃO METODOLÓGICA EM LINGUÍSTICA COGNITIVA	67
2.2 PRINCÍPIOS DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA	71
2.2.1 Os tipos de pesquisa	75
2.3 CONSTITUIÇÃO E ESTUDO DOS <i>CORPORA</i> NA PESQUISA SÓCIO-HISTÓRICO-COGNITIVA	77
2.3.1 O gênero textual carta de amor	81
2.3.2 Técnica da Saturação Teórica	82
2.3.3 Procedimentos de constituição dos <i>corpora</i>	89
2.3.3.1 Perfil dos escreventes das cartas	95
2.3.4 Procedimentos de estudo dos <i>corpora</i>	101
2.3.5 Notações e convenções	104
3 ESTUDO DOS <i>CORPORA</i>	106
3.1 ESTUDO DAS CONCEPTUALIZAÇÕES DO AMOR ROMÂNTICO	111
3.1.1 Domínio Geral do ORGANISMO VIVO	113
3.1.1.1 Domínio Específico do <i>SER HUMANO</i>	114
3.1.2 Domínio Geral da POSSE	116
3.1.2.1 Domínio Específico do <i>OBJETO POSSUÍDO</i>	117

3.1.3 Domínio Geral da NUTRIÇÃO	125
3.1.3.1 Domínio Específico do ALIMENTO	125
3.1.4 Domínio Geral da SUBSTÂNCIA	126
3.1.4.1 Domínio Específico do FLUIDO	127
3.1.5 Domínio Geral da DIVINDADE	128
3.1.5.1 Domínio Específico do OBJETO DE CONSAGRAÇÃO	129
3.1.5.2 Domínio Específico do OBJETO DE DEDICAÇÃO	130
3.1.6 Domínio Geral da UNIDADE	132
3.1.6.1 Domínio Específico da APROXIMAÇÃO	133
3.1.6.2 Domínio Específico da LIGAÇÃO	141
3.1.7 Domínio Geral do SENTIMENTO	144
3.1.7.1 Domínio Específico da AMIZADE	146
3.1.7.2 Domínio Específico da AFEIÇÃO	149
3.1.7.3 Domínio Específico da PAIXÃO	150
3.1.7.4 Domínio Específico do DESEJO	152
3.1.7.5 Domínio Específico da SAUDADE	154
3.1.7.6 Domínio Específico do GOSTAR	161
3.1.7.7 Domínio Específico do SOFRIMENTO	164
3.1.8 Domínio Geral do PENSAMENTO	170
3.1.8.1 Domínio Específico da LEMBRANÇA	171
3.1.9 Domínio Geral do CORPO	172
3.1.9.1 Domínio Específico do CORAÇÃO	173
3.1.10 Domínio Geral da AVALIAÇÃO	175
3.1.10.1 Domínio Específico da BELEZA	176
3.2 DISCUSSÃO GERAL	183
3.2.1 Inter-relação entre os domínios conceptuais	189
CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
REFERÊNCIAS	201
APÊNDICES - Ponto de saturação nas cartas dos escreventes	213

INTRODUÇÃO

O amor é um tema que vem sendo estudado desde tempos remotos, sendo objeto de reflexão antes mesmo de Platão e Aristóteles, na Antiguidade Clássica. Na Bíblia Sagrada encontramos as primeiras ideias documentadas sobre este sentimento¹, referenciado como “amor à Deus” e “amor ao próximo²”. Trata-se, assim, de um assunto antigo e, no devir da história humana, debatido nos mais diversos campos de conhecimento: na Filosofia, na História, na Psicologia, na Pedagogia, na Biologia, na Neurociência, e, da mesma maneira, na Linguística.

Então, no trajeto para sua compreensão, ao longo do tempo, o amor passou a fazer parte do campo da ciência, após um período de debates e amadurecimento acerca do seu saber. Certamente, o que se compreende por amor passou e passa por variações, mudou e continua mudando, constantemente, acompanhando o pensamento, a cultura e os costumes das pessoas de cada época, ainda que haja manutenções no âmbito da sua concepção. Desse modo, não há um modelo único de amor; o filósofo Leandro Konder diz que o amor possui uma “elasticidade impressionante” (KONDER, 2007, p. 7), constituindo uma emoção intensa, de difícil definição, não existindo uma forma de amor universal. O amor pode ser vivenciado, durante um longo período de tempo ou ocasionalmente, com intensidades suave a intensa e com diferentes formas de se manifestar, como amor materno, amor romântico, amor próprio, amor platônico, amor a Deus, amor à vida, amor conjugal, amor líquido, amor à Pátria, entre outros.

Nesta tese, mostramos as diferentes categorias de AMOR encontradas nos *corpora*, mas o foco foi o AMOR ROMÂNTICO; mais especificamente, desenvolvemos o estudo das distintas formas de conceptualizar esse tipo de amor, que tem suas particularidades cunhadas, desde seu aparecimento, com o surgimento do amor cortês e com o estabelecimento das suas características, como a idealização da pessoa amada, até aflorar, no romantismo, com seus propósitos de fidelidade e imortalidade do sentimento amoroso.

Estudar e teorizar sobre os modos de conceptualização do AMOR envolve uma atenção especial à experiência humana, visto que o significado só é construído a partir da interação do ser humano com o mundo que o cerca, sendo necessário, para se compreender o AMOR, conhecimentos históricos, biológicos, culturais, sociais, psicológicos, dentre outros.

¹ Nesta tese, consideramos, assim como Damásio (2012 [1994]), sentimento e emoção como processos articulados e inseparáveis, conforme discutido na seção 3.1.7.

² As referências a esses tipos de amor encontram-se nos livros de Deuteronômio (6: 4-5) e Levítico (19:18), da Bíblia Sagrada (2011). Embora os mandamentos de amor a Deus e ao próximo sejam declarações supremas da Bíblia sobre o amor, ela tem muito mais a dizer sobre o assunto, inclusive, sobre o amor como paixão e, também, como amizade.

O amor, assim como qualquer emoção, é um fenômeno, enquanto objeto de estudo, abstrato e complexo, e, por isso, não é uma tarefa fácil identificá-lo, compreendê-lo, defini-lo. Devido à sua importância e complexidade, é um tema de interesse de pesquisa, em diversas ciências, conforme já dito, contudo, ainda, são poucos os estudos de cunho linguístico que estejam voltados para a sua conceptualização e, se considerarmos a abordagem histórica, esta tese é única, pelo que sabemos.

Ao considerarmos que a conceptualização é objeto primordial da Semântica Cognitiva (doravante SC), a tomamos como arcabouço teórico para elaboração desta tese e buscamos, a partir dos seus pressupostos teóricos, compreender como os conceitos e os significados estão estruturados na mente humana, através de metáforas e metonímias, em uma perspectiva corporificada, estruturados por esquemas de imagem (doravante esquemas-I) e ligados ao contexto pela inter-relação com os frames.

A principal justificativa para realização da pesquisa, que culminou nesta tese, foi a percepção da importância de ampliar a discussão a respeito da conceptualização e da categorização do AMOR, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva (doravante LC), em particular, da SC³, porque, conforme dito antes, ainda, são poucos os estudos que se preocupam com essa temática. Além disso, motivou a realização dessa investigação, o fato de os poucos estudos existentes enfocarem, apenas, a conceptualização metafórica, deixando de lado a metonímia e a estruturação desses processos através dos esquemas-I e dos modelos proposicionais.

Outra justificativa para este trabalho é a necessidade de realização de estudos no Brasil de cunho sócio-histórico-cognitivo, uma vez que, também, são poucos os pesquisadores que, até então, se dedicaram a traçar conhecimentos desta natureza. Desse modo, esperamos que os resultados desta investigação possam contribuir com os estudos de Semântica Sócio-Histórico-Cognitiva (doravante SSHC) no Brasil, ampliando o conhecimento nesta área do saber. Até onde procuramos, encontramos, no país⁴, tão somente, as teses de Santos (2011) e de Silva (2017)⁵, justificando-se, portanto, a necessidade de se fazer um estudo sócio-histórico-cognitivo, para registrar e compreender as conceptualizações e categorizações do AMOR nos séculos XIX e XX.

³ A Linguística Cognitiva é uma teoria semantocêntrica e, por isso é comum ser empregada indistintamente a designação Linguística Cognitiva ou Semântica Cognitiva.

⁴ Embora, em outros espaços acadêmicos, já haja outros estudos, os quais mencionaremos na seção 1.4 desta tese.

⁵ Santos (2011) estudou a polissemia do verbo “tomar” em diversos gêneros textuais, percorrendo os períodos arcaico, clássico e contemporâneo do português do Brasil e de Portugal; e Silva (2017) fez o estudo sociocognitivo das conceptualizações do trabalho em textos jornalísticos brasileiros, dos séculos XIX, XX e XXI.

O objetivo geral desta tese foi estudar os processos de conceptualização e as categorizações do AMOR, nos séculos XIX e XX, instanciados em cartas escritas e trocadas por casais formados por homens e mulheres. A partir desse objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: a) discorrer sobre a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, Teoria da Metáfora e Metonímias Conceptuais, Categorização, Teoria dos Protótipos e Semântica de Frames e suas contribuições para o estudo da conceptualização e da categorização do AMOR; b) descrever e explicar os processos cognitivos subjacentes à conceptualização do AMOR ROMÂNTICO em textos do gênero epistolar; c) analisar se a diferença de sexo/gênero de autoria interfere na variação conceptual desse tipo de amor; d) verificar manutenções, variações e mudanças no modo de conceptualizar o AMOR ROMÂNTICO no devir do tempo, nos corpora estudados; e e) apresentar o frame AMOR ROMÂNTICO a partir do estudo das cartas.

Esta tese, como já dissemos, toma como arcabouço teórico as contribuições da LC/SC, tendo como base as discussões realizadas por Lakoff e Johnson (1980; 1999), Lakoff (1987, 1993, 2007), Johnson (1987), Barcelona (2012), Peña Cervel (2012), Fillmore (1982), Rosch (1978), Kleiber (1995), Kövecses (1988, 1990, 2000, 2002, 2014, 2015), entre outros. Estabelecemos, também, um diálogo interdisciplinar com outras áreas do saber que subsidiaram a interpretação dos processos de conceptualização, dialogando, assim, com a História (DEL PRIORE, 2008, 2012; ADAMS FILHO, 2017; CARVALHO, 2007), com a Neurociência (DAMÁSIO, 2015 [1999]; 2012 [1994]; FISHER, 2015 [2004]), com a Filosofia (BORGES, 2004), com a Biologia (REECE, 2015), além da contribuição da Lexicografia (SILVA, 1789; PINTO, 1832; HOUAISS, 2011; CUNHA, 2012; AULETE, 2019), no âmbito dos estudos linguísticos.

Adotamos uma metodologia qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, bibliográfico e documental, pautada no paradigma da introspecção. Os *corpora*, como já assinalamos, foram compostos por documentos epistolares escritos por casais, nos séculos XIX e XX, constituídos a partir de pressupostos da Teoria dos Fractais e da Técnica da Saturação Teórica.

Para apresentar os resultados do nosso estudo, a presente tese foi organizada em três seções. Na primeira, intitulada *Pressupostos teóricos*, descrevemos os aportes teóricos que serviram de base para a elaboração desta tese. Essa seção foi estruturada em quatro partes: na primeira, *Linguística Cognitiva*, apresentamos o surgimento da LC/SC, seus principais pressupostos teórico-filosóficos e linhas de investigação; na segunda, *Categorização e Teoria dos Protótipos*, discorremos sobre a organização dos conhecimentos experienciados pelo ser humano e as perspectivas de abordagem da categorização, partindo da Teoria Clássica até a

Teoria dos Protótipos. Na terceira parte, *Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados*, abordamos essa teoria e os seus submodelos aplicados no estudo dos *corpora*, a saber: Modelo Metafórico, Modelo Metonímico, Modelo de Esquemas de Imagem e Modelo Proposicional, com ênfase na Semântica de Frames. Por fim, na quarta parte desta seção, que recebeu o título *Breve abordagem da Semântica Sócio-Histórico-Cognitiva*, discutimos sobre os antecedentes da SSHC, alguns aspectos que a caracterizam e seus desafios atuais.

Na segunda seção, a *Metodologia*, refletimos sobre algumas questões teórico-metodológicas em LC/SC, tratamos do tipo de abordagem escolhida para a pesquisa que desenvolvemos e apresentamos as decisões procedimentais para a constituição e estudo dos *corpora*. Para dar conta dessas questões, a referida seção foi dividida em três partes. Na primeira, *A questão metodológica em Linguística Cognitiva*, fizemos uma revisão sobre a metodologia em LC/SC; na segunda, *Princípios da investigação qualitativa*, discorremos sobre a abordagem qualitativa e descrevemos as pesquisas descritiva, bibliográfica e documental, utilizadas neste trabalho. Na terceira parte da referida seção, mostramos os problemas para constituição dos *corpora* na pesquisa em SSHC e como a Teoria dos Fractais e a Técnica da Saturação Teórica nos auxiliaram na delimitação dos *corpora* desta tese; por fim, apresentamos de que forma constituímos nossa amostra, assim como os procedimentos para estudo das conceptualizações do AMOR.

Na terceira seção, *Estudo dos corpora*, apresentamos as categorias de AMOR encontradas nos *corpora* e demonstramos como aplicamos o arcabouço teórico-metodológico selecionado, trazendo o estudo das ocorrências a partir dos domínios-fonte da experiência e expondo as formas de conceptualização do AMOR ROMÂNTICO, por metáfora e metonímia conceptuais, estruturadas por esquemas-I. Em seguida, mostramos nossas reflexões acerca dos processos de conceptualização do AMOR ROMÂNTICO na documentação investigada, com o auxílio da Semântica de Frames.

Ao final, expomos as *Considerações finais* e, em seguida, as *Referências* utilizadas. Também, consta dos *Apêndices*, com as tabelas que mostram os domínios da experiência encontrados nas cartas de cada escrevente, assim como o ponto de saturação da amostra.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos utilizados neste estudo, partindo de considerações acerca do surgimento, princípios e tendências da LC/SC para, em seguida, expor as vertentes adotadas nesta tese: a Categorização e a Teoria dos Protótipos seguida da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (doravante TMCI), especificamente, os modelos metafóricos, metonímicos, de esquemas-I e proposicionais do tipo frame. Finalizamos a seção com uma breve discussão sobre a SSHC.

1.1 LINGUÍSTICA COGNITIVA

A LC caracteriza-se como sendo um movimento da Linguística que concebe a linguagem como um fenômeno integrado às capacidades cognitivas conectadas com a experiência do ser humano no meio em que vive. Nesse sentido, a produção do conhecimento se dá a partir da interação entre linguagem, cognição e corpo, além da cultura e da sociedade.

Os estudos em LC tiveram início, na segunda metade do século XX, quando, nos finais da década de 1970 e princípios da de 1980, surgiram as primeiras investigações que priorizavam o estudo da SC, motivadas pela insatisfação de alguns linguistas com o estudo sintático da linguagem. Desse modo, influenciados pelas Ciências Cognitivas e pelos avanços da Inteligência Artificial e da modelagem computacional, um grupo de estudiosos, dentre os quais destacam-se George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy e Charles Fillmore, com experiência em pesquisas em semântica gerativa, foi impulsionado a estudar o significado, o qual, para eles, se encontra na interseção do ser humano com o mundo, e, com isso, esses pesquisadores iniciaram novas linhas de investigação acerca desse fenômeno, constituindo uma vertente que busca compreender a relação entre cognição e linguagem, contrapondo-se ao estruturalismo e ao gerativismo, nos quais, os aspectos semânticos não eram prioridade.

No ano de 1980, George Lakoff e Mark Johnson publicaram a obra *Methaphors we live by*⁶, que costuma ser considerada como um marco inaugural⁷ desse novo modelo de

⁶ Essa obra foi traduzida para o português, em 2002, com o título “Metáforas da vida cotidiana”, pelo GEIM (Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora), sob coordenação da Prof^a Dr^a Mara Sophia Zanotto, da Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A publicação é da EDUC – Editora da PUC-SP e da Editora Mercado de Letras, Campinas/SP.

⁷ Silva (1997; 2004) considera que a LC nasceu e se desenvolveu nos anos 80, mas só se estabeleceu e institucionalizou-se como paradigma científico com a criação da *International Cognitive Linguistics Association* e com a realização do *I International Cognitive Linguistics Conference*, em 1989, em Duisburg, na Alemanha, e, também, com a fundação da revista *Cognitive Linguistics* e da coleção *Cognitive Linguistics Research*, em 1990.

investigação científica, cujos princípios teóricos e metodológicos serão descritos, a seguir. A LC pode ser considerada uma teoria recente, no campo da Linguística, mas, a perspectiva cognitiva da linguagem não é nova nesse domínio do conhecimento. (SILVA, 1997).

Partindo da concepção de que a linguagem é uma capacidade integrada à cognição humana, Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012) postulam que, na LC, a capacidade linguística não é compreendida de maneira autônoma e independente, como um módulo separado da cognição, como apresentada no paradigma gerativista, que defende que “a *faculdade da linguagem* (grifo do autor) é uma componente autónoma da mente, específica e, em princípio, independente de outras faculdades mentais” (SILVA, 1997, p. 61). A LC, por seu lado, rejeita essa modularidade e busca conexões entre a faculdade linguística e outras faculdades cognitivas do ser humano, como a conceptualização, a percepção, a atenção, a memória, a categorização etc., que, por sua vez, estão vinculadas aos aspectos culturais, sociais, políticos, biológicos, entre outros.

Em virtude da integração linguagem e cognição, relacionado com outros sistemas cognitivos, a LC se torna uma área aberta à interdisciplinaridade com outras ciências cognitivas, como a Psicolinguística, Antropologia, Neurociências, Inteligência Artificial, dentre outras, sendo o pensamento interdisciplinar uma premissa importante da LC.

A primazia da semântica na descrição e explicação dos fenômenos linguísticos é outra característica da LC que toma o significado como parte central da essência da linguagem. Silva (2006b) e Santos (2015), revisitando Geeraerts (2006), apresentam algumas características do significado linguístico, sob o enfoque cognitivo, evidenciando que: é perspectivista, pois não reflete o mundo de forma objetiva, ele permite que uma mesma situação objetiva possa ser interpretada linguisticamente de diferentes maneiras; é, também, dinâmico e flexível, pois é suscetível às mudanças do mundo e se adapta a elas; é enciclopédico e não autônomo, pois não pode ser separado do conhecimento de mundo de quem o constrói, ao contrário, reflete a nossa experiência global de seres humanos; e, por fim, é baseado na experiência individual, biológica, corpórea, coletiva, social e cultural, incluindo a experiência histórica, dos indivíduos que o geram, no uso real da língua.

A organização da estrutura conceptual é outra perspectiva importante da LC, como apontam Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012). De acordo com os referidos linguistas, todo conceito é baseado em uma estrutura cognitiva (o domínio conceptual) organizada a partir do conhecimento que adquirimos com as experiências vividas em nossas comunidades, desde os nossos primeiros anos de vida. Desse modo, a importância da experiência humana e o papel crucial do corpo, para a estrutura e organização cognitivas, afetam decisivamente a elaboração

de significados. Geralmente, esses conceitos são guardados na memória de longo prazo e são filtrados, a partir da base cultural. Para ilustrar, os autores citam a imagem de uma ilha. Se fixarmos nosso olhar para o pedaço de terra, a figura da ilha emerge sobre o fundo, a água. Agora, se vemos essa foto em uma agência de turismo, a ilha poderia ser um destino de viagem. Por outro lado, se estivermos numa aula de geografia, a ilha teria outro significado, possivelmente, definida como uma área do relevo que se encontra cercada de água por todos os seus lados.

A corporificação é mais uma importante premissa da LC; a partir dela, o significado é compreendido com base na nossa experiência corporal, física, social e cultural, ou seja, a partir da relação do ser humano com o mundo. O nosso corpo, portanto, exerce papel fundamental na construção do significado, conforme pontua Lakoff (1987, p. xiv, tradução nossa):

O pensamento é corporificado, isto é, as estruturas usadas para montar nossos sistemas conceituais derivam da experiência corporal e fazem sentido em termos dela; além disso, o núcleo de nossos sistemas conceituais está diretamente fundamentado na percepção, no movimento corporal e na experiência de um caráter físico e social⁸.

Complementarmente, Johnson (1987, p. xix, tradução nossa) afirma que “nossa realidade está moldada pelos padrões que regem nosso movimento corporal, pelos contornos de nossa orientação espacial e temporal e pelas formas de nossa interação com os objetos⁹”. Portanto, a corporificação se apresenta como um modelo integrador do ser humano enquanto agente atuante no mundo, tornando cognição e linguagem indissociáveis. Desta forma, a LC adota uma perspectiva empirista que não separa o corpo da mente, investigando as correspondências entre pensamento conceitual, experiência corpórea e estrutura linguística. A mente, portanto, é corporificada e o significado é o produto da experiência.

Por fim, o último princípio da LC, apresentado por Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012), é o enfraquecimento das clássicas dicotomias: sincronia e diacronia, conhecimento enciclopédico e conhecimento linguístico, significado literal e figurado, semântica e pragmática, uma vez que essas são transformadas em contínuos ou até mesmo desfeitas.

Os compromissos antes apresentados têm proporcionado à LC uma diversidade de investigações, de teorias e de metodologias. Em função disso, Geeraerts (2006) descreve esse

⁸ Do original: “Thought is embodied, that is, the structures used to put together our conceptual systems grow out of bodily experience and make sense in terms of it; moreover, the core of our conceptual systems is directly grounded in perception, body movement, and experience of a physical and social character”.

⁹ Do original: “Our reality is shaped by the patterns of our bodily movement, the contours of our spatial and temporal orientation, and the forms of our interaction with objects.”.

modelo teórico como um arquipélago, visto que não possui um único fundador nem uma área de estudo, claramente, delimitada, apresentando-se como um conjunto de teorias que se ocupam de diferentes aspectos da linguagem, cada uma com seus objetivos. Trata-se, conforme ressalta Silva (2008b), de um conglomerado de centros de investigação espalhados pelos Estados Unidos, pela Europa e, mais recentemente, pela Ásia e pela América do Sul que partilham de uma perspectiva geral comum e desenvolvem distintos programas e teorias linguísticas não redutíveis a uma única e uniforme teoria da linguagem.

A LC vem se firmando, paulatinamente, com variadas linhas de investigação. Entre os modelos teóricos e os nomes mais representativos, apresentados por Silva (2004, 2008b), destacam-se:

- *Semântica Cognitiva*, que estuda, em linhas gerais, o significado como conceptualização e tem como representantes George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy;
- *Gramática Cognitiva*, que investiga as construções como objeto primário de descrição e o conhecimento gramatical que está representado na mente dos falantes, cujos modelos mais elaborados são a Gramática Cognitiva, de Ronald Langacker, e a Gramática das Construções, de Adele Goldberg, de William Croft;
- *Teoria dos Protótipos*, que se dedica ao estudo da categorização linguística, da polissemia, da mudança semântica, da variação léxica, da análise das categorias em forma de redes radiais e redes esquemáticas, e tem como representantes John Taylor, Dirk Geeraerts, George Lakoff e Ronald Langacker;
- *Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptuais*, que apresenta estudos sobre metáfora e metonímia conceptuais, tanto no nível do léxico como nos níveis da gramática e do discurso e, também, se dedica a refletir sobre os esquemas-I ou padrões de movimento no espaço, a manipulação de objetos e interações perceptivas, cujos expoentes são George Lakoff e Mark Johnson;
- *Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados*, que sugere que os modelos são estruturas mentais e, também, estáveis de conhecimento que organizam diversos domínios da experiência, representada por George Lakoff;

- *Semântica de Frames*, e sua implementação descritiva no projeto FrameNet, de Charles Fillmore, que propõe que um frame semântico é uma esquematização da experiência que se representa em nível conceptual;
- *Teoria dos Espaços Mentais*, de Gilles Fauconnier, e *Teoria da Integração Conceptual*, de Gilles Fauconnier e Mark Turner, que juntas procuram dar conta dos processos conceptuais da construção do significado;
- *Teoria dos Modelos Culturais*, que apresenta o desenvolvimento da Linguística Cultural, de Gary Palmer, George Lakoff, Michael Tomasello e Zoltan Kövecses;
- *Teoria Neural da Linguagem*, que busca explicar como o cérebro dá origem ao pensamento e à linguagem e como obtemos ideias e linguagem a partir de neurônios. Tem como ramificação a Linguística Neurocognitiva e foi criada por George Lakoff e Jerome Feldman.

Na Europa e no Brasil, as pesquisas em LC, também, têm se desenvolvido e se mostram abrangentes. Na Europa, mais especificamente, em Portugal, conforme apresentado por Silva (2008b) e por Santos (2015), na Hungria e na Espanha os estudos enquadram-se nos domínios da SC, da Gramática Cognitiva, da Gramaticalização, do Discurso e dos estudos interdisciplinares, destacando-se vários nomes, distribuídos em diferentes centros de pesquisa, a exemplo de:

- Ana Macário Lopes, na Faculdade de Letras de Coimbra;
- Augusto Soares da Silva, na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, em Braga;
- Hanna Batoréo, na Universidade Aberta, em Lisboa;
- José de Sousa Teixeira, na Universidade do Minho, em Braga;
- José Pinto de Lima e Clotilde Almeida, na Faculdade de Letras de Lisboa;
- Rosa Lúcia Coimbra, na Universidade de Aveiro;
- Zoltan Kövecses, na Eötvös Loránd University, em Budapeste;
- Iraide Ibarretxe-Antuñano, na Universidad de Zaragoza, em Zaragoza;
- Javier Valenzuela Manzanares, na Universidad de Murcia, em Murcia.

No Brasil, os centros de pesquisa vêm desenvolvendo diferentes linhas de estudo na área de LC e já se fazem presentes em vários programas de pós-graduação do país, tendo como principais representantes os autores citados a seguir:

- Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo¹⁰, na Universidade Federal do Ceará;
- Ariadne Domingues Almeida, na Universidade Federal da Bahia;
- Edwiges Morato, na Universidade Estadual de Campinas;
- Elisangela Santana dos Santos, na Universidade Estadual da Bahia;
- Heliana Mello e Lucienne Espíndola, na Universidade Federal de Minas Gerais;
- Heloísa de Moraes Feltes, na Universidade de Caxias do Sul;
- Heronides Moura, na Universidade Federal de Santa Catarina;
- Lilian Ferrari e Maria Lúcia Leitão de Almeida, na Universidade Federal do Rio de Janeiro;
- Maria Margarida Salomão (pioneira nos estudos de Linguística Cognitiva no país), Neusa Salim Miranda e Maria Cristina Name, na Universidade Federal de Juiz de Fora;
- Mayti Siqueira, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
- Paula Lenz Lima, na Universidade Estadual do Ceará;
- Paulo Henrique Duque, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte;
- Solange Vereza, na Universidade Federal Fluminense.

Apresentados os pressupostos teóricos da LC, seu surgimento, suas características e suas tendências, passamos, a seguir, às considerações sobre as teorias que embasaram o estudo dos *corpora* desta tese, iniciando pela Categorização e Teoria dos Protótipos.

1.2 CATEGORIZAÇÃO E TEORIA DOS PROTÓTIPOS

A categorização é uma capacidade inerente a todos os seres vivos e fundamental para os seres humanos. É através da categorização que organizamos, conceitualmente, em termos de classe, o mundo que nos cerca. Essa visão se articula com a de Almeida (2018a, p. 271) que define a categorização como:

¹⁰ Atualmente, é Professora Visitante na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), no Rio Grande do Sul.

um processo mental realizado, quase sempre de forma automática e inconsciente, pela espécie humana, em suas diferentes interações cotidianas, para organizar, em classes, tudo aquilo que experiencia, de modo a criar, a partir da junção de entidades, uma nova organização e um novo conhecimento.

Lakoff (1987) argumenta que categorizar é uma capacidade fundamental para o pensamento humano, visto que

Sem a habilidade de categorizar, nós não poderíamos funcionar, seja em um mundo físico, seja em nossas vidas sociais e intelectuais. O entendimento de como categorizamos é central para a compreensão de como nós pensamos e como nós funcionamos, e, portanto, central para um entendimento do que nos torna humanos¹¹. (LAKOFF, 1987, p. 6, tradução nossa).

O autor destaca, também, que categorizamos as coisas que vemos no mundo, como pessoas, animais, objetos físicos e, também, entidades abstratas, incluindo eventos, ações, emoções, relações espaciais, relações sociais, governos, doenças, entre outras. Desse modo, estamos, sempre, categorizando algo como pertencente a uma ou outra classe. Nesse processo de categorizar, “ocorre, na e pela linguagem, um processo de inclusão e de exclusão, por meio da identificação de semelhanças e, também, de diferenças percebidas” (ALMEIDA, 2018a, p. 271). Logo, conforme pontua Almeida (2018a), quando olhamos para um cachorro e o entendemos como um animal, estamos categorizando; categorizamos, da mesma forma, quando delimitamos os alimentos como orgânicos ou não orgânicos; quando, diante de uma pessoa, a consideramos feia ou bonita e, ainda, quando andamos, numa rua escura, a sós e de noite, e a percebemos como perigosa ou quando caminhamos por essa rua com amigos, à noite, indo a um lugar já conhecido, e a categorizamos como segura. A partir desse último exemplo, a autora argumenta que, ao categorizar, além de organizar, o ser humano, também, reorganiza *on-line* o mundo em categorias.

As categorias resultam da ação de categorizar e esse processo é orientado por nossas características corpóreas e pelas nossas experiências socioculturais. Desse modo, a categorização é uma atividade produzida a partir da interação dos seres vivos com outros seres vivos e destes com o mundo em que vivem. Se não há essa interação, não há o que categorizar (DUQUE; COSTA, 2012). Nesse sentido, as categorias não se acham pré-estabelecidas no mundo, prontas para serem compreendidas, elas são construídas a partir da vivência entre os indivíduos nos contextos do cotidiano, isso porque “a categorização não pode ser tomada como

¹¹ Do original: “Without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives. An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore, central to an understanding of what makes us human”.

produto de nosso raciocínio consciente, mas como resultante de nossa interação com o meio ambiente com base em nossos corpos e nossas mentes”. (DUQUE; COSTA, 2012, p. 21).

É por isso que as pessoas categorizam as mesmas coisas de formas diferentes, pois sistemas conceituais de categorias não existem objetivamente no mundo, eles estão arraigados nas experiências pessoais e coletivas. Desse modo, as categorias podem variar de cultura para cultura, de indivíduo para indivíduo de uma mesma cultura e até mesmo em um mesmo indivíduo em contextos geo-sócio-histórico-culturais distintos. A variação, nesse caso, é resultado das diferentes perspectivas adotadas quer por uma pessoa, quer por todas as pessoas, pois a categorização envolve uma perspectiva sobre a realidade. (ALMEIDA, no prelo-b).

O estudo da categorização envolve diferentes modelos para a sua abordagem e remonta à visão tradicional, da Antiguidade Clássica, que, conforme Lakoff (1987), compreende a razão como abstrata e descorporificada até chegar à Teoria dos Protótipos, que entende a razão como corporificada e relacionada às experiências vivenciadas no mundo. Apresentaremos, sucintamente, as perspectivas de abordagem da categorização, organizando esta seção a partir dos seguintes tópicos: a) Teoria Clássica da Categorização; b) Categorização por semelhança de família; c) Teoria dos Protótipos: versão padrão e versão estendida; e d) Categoria radial.

a) Teoria Clássica da Categorização

A Teoria Clássica da Categorização tem suas raízes na filosofia de Aristóteles, desenvolvida na Grécia Antiga. É a partir dela que, na segunda metade do século XX, surgiram discussões e desconstruções das implicações filosóficas da categorização.

Conforme Lakoff (1987, p. 6, tradução nossa), no modelo aristotélico, as categorias “eram consideradas recipientes abstratos, com as coisas dentro ou fora da categoria¹²”; nesse sentido, elas eram definidas por propriedades inerentes compartilhadas por todos os seus membros, e um membro só poderia ser considerado exemplar de uma categoria se possuísse as condições necessárias e suficientes dessa categoria. Desse modo, a falta de uma dessas condições significaria a exclusão do membro da categoria. Segundo esse modelo, para um animal pertencer à categoria “ave”, por exemplo, deveria ter bico, ter duas asas, ter dois pés, poder voar, colocar ovos. Dessa forma, ele deveria apresentar todas essas características (condição necessária), além de apresentar, exatamente, essas características (condição suficiente). Assim, as ‘andorinhas’ e os ‘sabiás’ seriam membros da categoria AVE, mas os

¹² Do original: “They were assumed to be abstract containers, with things either inside or outside the category”.

‘pinguins’ precisariam ser excluídos da categoria por não voarem e não possuírem pena. Vemos, então, que, nessa abordagem, o sujeito que categoriza tem pouca ou nenhuma influência em sua configuração.

Esse modelo de categorização foi retomado pela semântica estruturalista, que assumiu, parcialmente, os pressupostos clássicos da categorização e lançou mão de um sistema específico para delimitar a estrutura semântica de um determinado campo léxico. Nesse modelo estrutural, os estudiosos propuseram a análise sêmica (ou sistema de traços), que consiste na formalização de traços definidores do conteúdo das palavras. Com esses traços, seria possível compreender o significado de uma palavra (e distingui-la de outra), por meio de sua estrutura semântica. No âmbito da análise sêmica, a estrutura do significado da palavra ‘solteiro’, por exemplo, é definida pelos traços [humano], [masculino] e [que nunca casou]. Esses traços distinguiriam um lexema dos outros, dentro de um mesmo campo léxico, como ‘casado’, ‘viúvo’, ‘divorciado’.

A principal crítica ao modelo clássico da categorização é a rigidez na delimitação das categorias, através de traços, pois qualquer componente escolhido para definição de uma categoria deveria se aplicar a todos os membros daquela categoria. No entanto, a aplicação deste método de análise de significado é limitada, em virtude da realidade diversificada em que vivemos. Essa, conforme destaca Duque (2018, p. 48), “não é uma teoria de como a mente constrói sentido para o (e no) mundo, mas sim uma teoria sobre como são as coisas no mundo”.

Por fim, a Teoria Clássica da Categorização, como destaca Lakoff (1987), foi uma posição filosófica sem base em resultados empíricos, apenas em uma especulação que, por mais de dois mil anos, foi ensinada como uma verdade inquestionável e definitiva. A partir da segunda metade do século XX, através de um enfoque cognitivo, esse modelo passou a ser criticado, como veremos, a seguir.

b) Categorização por semelhança de família

Em 1953, na obra *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein questionou o modelo clássico de categorização, a partir da dificuldade de estabelecer um conceito para a categoria JOGO, uma vez que, segundo o autor, não há um só traço comum e necessário para categorizar todos os seus elementos, porque alguns são jogados em dupla, outros em grupo e há, ainda, os que são jogados por uma pessoa sozinha; uns envolvem competição, outros, sorte, habilidade; muitos são jogados dentro de casa e outros ao ar livre.

Conforme Wittgenstein (1991 [1953]), na categoria JOGO, a aplicação das condições necessárias e suficientes da Teoria Clássica não funciona, pois, não há um traço definidor da categoria, mas uma rede de semelhanças que se sobrepõem e se cruzam mutuamente, a qual ele denominou de “semelhança de família”. O autor explica essa denominação, fazendo uma analogia entre os membros de uma categoria e os membros de uma família, que, também, superpõem e entrecruzam diversas semelhanças, de modo que pai e filho podem ter a mesma cor dos olhos, mãe e filho, a mesma cor de cabelo, filho e filha, a mesma cor de pele. Desse modo, não é necessário que haja um único conjunto de propriedades compartilhadas por todos os membros da família, como ratificado por Duque (2018, p. 51):

Há certos atributos que normalmente associamos a determinada categoria, e alguns membros podem até apresentar alguns desses atributos, mas nem sempre todos os membros vão apresentar todos eles. Pode haver membros que não compartilhem nenhum atributo com os demais e, por outro lado, há atributos que podem ser incluídos em mais de uma categoria.

Assim, podemos pensar em JOGO como uma família, de modo que ‘golfe’ e ‘xadrez’, por exemplo, envolvem competição, habilidade e uso de estratégias de longo prazo; ‘xadrez’ e ‘poker’ envolvem competição; ‘poker’ e ‘paciência’ são jogos de cartas. Com essa noção, assinalam Duque e Costa (2012, p. 32), “[...] as categorias tendem a fundir-se em outras [...]”, desse modo, é difícil ter certeza que membros a compõem, ou não, tendo em vista que seus limites se tornam difusos, não havendo contornos nítidos. Um exemplo complementar seria o de ‘baleia’, que, apesar de possuir todos os atributos para ser inserido na categoria PEIXE, é posta na categoria mamífero.

As descobertas feitas por Wittgenstein (1991 [1953]) foram confirmadas empiricamente, através de estudos realizados pela Psicologia Cognitiva, que abriram espaço para a reflexão sobre o processo de categorização, favorecendo o surgimento da Teoria dos Protótipos, desenvolvida por Eleanor Rosch e outros estudiosos, primeiramente, na sua versão padrão, e, posteriormente, na sua versão estendida, como mostramos no próximo tópico.

c) Teoria dos Protótipos: versão padrão e versão estendida

De acordo com Lakoff (1987), a Teoria dos Protótipos “está mudando nossa ideia sobre a mais fundamental das capacidades humanas – a capacidade de categorizar – e também sobre

a nossa ideia de como são a mente e a razão humanas¹³” (LAKOFF, 1987, p. 7, tradução nossa). Desse modo, enquanto a visão clássica pautava-se na separação entre mente e corpo, concentrando-se no aspecto linguístico, na Teoria dos Protótipos, corpo e mente estão interconectados ao processo de categorização, ou seja, a categorização passa a ser, essencialmente, uma questão da experiência e imaginação humanas.

A Teoria dos Protótipos, conforme Rosch (1975, 1978), possui como fundamento básico o fato de que as categorias são organizadas em torno de protótipos, que funcionam como ponto de referência, o exemplar mais adequado de uma categoria, sem limites rígidos, e não com base em traços necessários e suficientes, como proposto na Teoria Clássica. Duque (2018, p. 56) destaca que “a pretensão não era o estabelecimento de categorias verdadeiras, mas a compreensão de mecanismos psíquicos reais através dos quais estabelecemos categorias”. Para ilustrar, usamos um exemplo de Rosch (1978) que demonstra que as entidades são organizadas em termos de categorias prototípicas e que podem ser percebidas em relação a uma categoria como MOBÍLIA. Ao investigar os julgamentos de estudantes universitários a respeito dessa categoria, a autora mostra que ‘cadeira’, ‘sofá’, ‘mesa’ e ‘cama’ foram consensualmente indicados como membros pertencentes à categoria MOBÍLIA e puderam ser identificados como protótipos, pois os demais membros se organizam em torno dela; já cinzeiro, rádio, relógio e vaso foram considerados exemplos periféricos dessa categoria.

Outra descoberta feita por Rosch (1978) diz respeito ao fato de que as categorias apresentam níveis de organização que são utilizados por nós para estruturar mentalmente as relações de inclusão, de modo que um dos níveis funciona como nível básico de especificidade. O nível básico é o mais econômico cognitivamente, em consequência, o mais saliente e o mais acessado pelo ser humano. No Quadro 1, podemos verificar de que forma os níveis de uma categoria se organizam:

Quadro 1 - Níveis de uma categoria linguística

SUPRAORDENADO	arma	fruta	móvel
BÁSICO	arma de fogo	maçã	cadeira
SUBORDINADO	revólver	maçã Argentina	poltrona

Fonte: Duque e Costa (2012, p. 37)

¹³ Do original: “Prototype theory [...] is changing our idea of the most fundamental of human capacities- the capacity to categorize-and with it, our idea of what the human mind and human reason are like”.

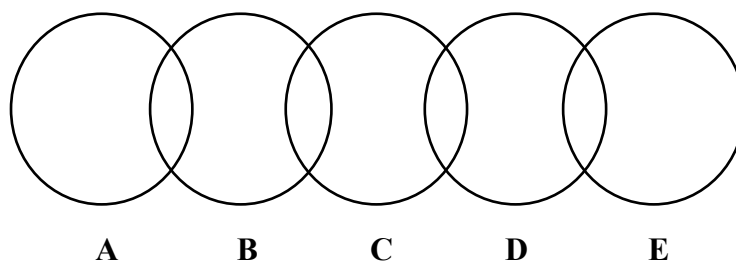
Nesse quadro, o nível supraordenado possui natureza mais genérica e menor informatividade, como ‘arma’, ‘fruta’ e ‘móvel’; já ‘arma de fogo’, ‘maçã’ e ‘cadeira’ pertencem ao nível básico, que é bastante informativo, pois os conceitos possuem maior número de atributos comuns e, embora apresente características específicas, admite maiores elaborações; e o nível subordinado indica menor abrangência e oferece um aumento de informação complementar em relação ao nível básico, como, ‘revólver’, ‘maçã Argentina’ e ‘poltrona’, conforme indicado por Duque e Costa (2012).

Contudo, embora essa versão da teoria tenha contribuído para a elaboração de um novo modelo de categorização, apresentou problemas com a perspectiva de protótipos. Em vista disso, a teoria padrão passou por algumas modificações e foi reestruturada; a própria Rosch, juntamente com outros colaboradores, revisou a estrutura da categoria. Desse modo, a ideia de protótipo como sendo melhor exemplar foi abandonada, passando a ser considerado como efeito de protótipo, dando lugar a versão mais recente da teoria, a estendida.

A versão estendida da teoria de protótipos é vista por alguns pesquisadores como se fosse uma continuação da teoria padrão; no entanto, a fim de superar algumas limitações dessa teoria, ela traz algumas mudanças significativas, como demonstram os estudos de Kleiber (1995), dentre elas: a substituição da noção de protótipo por efeito prototípico e a ideia de semelhança de família.

Nessa nova versão, o protótipo toma diferentes formas, passando a existir diferentes efeitos prototípicos, conforme o modelo da categoria que lhes dá origem; além disso, ele deixa de ser o melhor exemplar da categoria. Assim, a visão de centralidade do protótipo desaparece, dando lugar ao conceito de semelhanças de família, na qual os membros de uma categoria são vinculados uns com os outros sem que tenham, necessariamente, propriedades comuns, ou seja, eles não são agrupados em torno de uma característica comum a todos eles, mas de forma contigua. Desse modo, os elementos se ligam às categorias não mais de forma central, mas lateralmente (DUQUE, 2018). Isto implica que, na organização das categorias, os elementos não se associam ao redor de um exemplar comum a todos eles, mas em forma de cadeias, nas quais o primeiro e o último dos componentes, aparentemente, não compartilham nada. A ligação entre esses elementos só é compreendida se toda a sequência ou cadeia for considerada, conforme podemos visualizar na Figura 1:

Figura 1 - Estruturação prototípica em semelhança de família



Fonte: Kleiber (1995, p. 160)

Nessa figura, as categorias estão relacionadas de tal forma que pode não haver nada em comum entre elas, como na organização AB, BC, CD, DE, em que a última nada tem em comum com a primeira, a não ser as relações de semelhança. Desse modo, a noção de fronteiras fluidas mantém-se, nesta versão da Teoria dos Protótipos. Para exemplificar, Kleiber (1995) recorre ao exemplo, apresentado por Lakoff (1987), sobre o idioma dos aborígenes australianos: o *dyrbal*. Nesse idioma, o termo ‘bayi’, segundo o autor, agrupa: “[...] homens, cangurus, morcegos, a maioria das cobras, a maior parte dos peixes, alguns pássaros, a maioria dos insetos, a lua, as tempestades, o arco-íris, os bumerangues, algumas javalinas etc.” (LAKOFF, 1987, p. 92, tradução nossa).¹⁴ Conforme Kleiber (1995), a Teoria Clássica e a versão padrão dos protótipos não explicariam porque tantos elementos estão vinculados ao mesmo termo. Porém, a versão estendida, a partir da noção de efeito de protótipo, pode explicar referentes tão diferentes, pois esta versão não utiliza a noção de propriedades compartilhadas dos elementos, mas o encadeamento das semelhanças de família. Partindo de Lakoff, Kleiber (1995) assim explica a vinculação entre os elementos apresentada para o item lexical ‘bayi’:

G. Lakoff considera que este agrupamento não é arbitrário. Cada membro está relacionado, ao menos, com outro, mediante uma propriedade comum. Se a lua, por exemplo, está na categoria de bayi é porque compartilha um traço comum com os homens; nos mitos, aparece como o marido, enquanto o sol é a esposa [...] a presença dos aparelhos de pesca em bayi se explica por sua relação associativa com os peixes, pois formam parte do mesmo âmbito de experiência que os peixes. A categoria complexa bayi se encontra, desta maneira, estruturada por uma série de encadeamentos que parte dos membros primários (ou centrais), neste caso, os homens e os animais estão unidos a outros membros que, por sua vez, se unem a outros e assim sucessivamente¹⁵. (KLEIBER, 1995, p. 157, tradução nossa).

¹⁴ Do original “[...] men, kangaroos, possums, bats, most snakes, most fishes, some birds, most insects, the moon, storms, rainbows, boomerangs, some spears, etc.”.

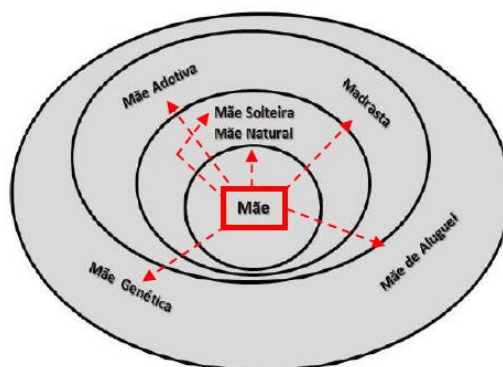
¹⁵ Do original: “G. Lakoff considera que este agrupamiento no es arbitrario, cada miembro está relacionado, al menos, con otro mediante una propiedad común. Si la luna, por ejemplo, está en la categoría de *bayi*, es porque comparte un rasgo común con los hombres; en los mitos aparece como el marido, mientras que el sol es la esposa [...] La presencia de los aparejos de pesca en *bayi* se explica por su relación asociativa con los peces, forman parte

O efeito de protótipo discutido por Kleiber (1995) está relacionado com a noção de categoria radial, apresentada por Lakoff (1987), como veremos no tópico seguinte.

d) Categoria radial

Tomando como base a Teoria dos Protótipos, desenvolvida por Rosch (1978), Lakoff (1987) defende que, no processo de categorização, a categoria é estruturada de forma radial, constituída por uma categoria central (ou prototípica), definida por um conjunto de modelos cognitivos convergentes, e por extensões periféricas, que são variações da categoria central e não instâncias específicas. Como forma de ilustração, o autor apresenta o exemplo clássico da categoria MÃE, que se caracteriza como uma categoria prototípica que inclui outras categorias, como ‘mãe de aluguel’, ‘mãe adotiva’, dentre outras.

Figura 2 - Exemplo de categoria radial



Fonte: Santos; Medeiros (2017, p. 188)

A Figura 2 mostra que não há característica geral, na categoria MÃE, que possa gerar tipos de mães; esses tipos são culturalmente definidos e precisam ser aprendidos, variando de cultura para cultura. A categoria MÃE é estruturada radialmente em relação a várias categorias que não podem ser previstas por regras gerais. Nela, existe uma categoria central, definida por um conjunto de modelos cognitivos convergentes que inclui uma mãe do sexo feminino, que deu à luz a uma criança, lhe forneceu metade dos genes, lhe alimentou, é casada com o pai, é uma geração mais velha que ela e é o seu responsável legal. Apesar desse conjunto de modelos presentes na categoria MÃE, existem as ‘mães adotivas’, que não dão à luz e nem contribuem

del mismo ámbito de experiencia que los peces. La categoría compleja *bayi* se encuentra de esta manera estructurada por una serie de encadenamientos que parte de los miembros primarios (o *centrales*), en este caso, los hombres y los animales están unidos a otros miembros, que a la vez se unen a otros y así sucesivamente”.

com o material genético. Isso mostra que essa categoria é radial, ou seja, ‘mãe adotiva’ não é uma extensão aleatória, ela é compreendida por meio de sua relação com o modelo central de ‘mãe’. Desse modo, a estrutura radial, dentro de uma categoria, é compreendida como outra fonte de efeitos prototípicos.

A depender de alguns fatores, como o cultural, uma categoria central pode se tornar periférica do mesmo modo que as categorias menos prototípicas podem virar prototípicas, assumindo o centro da estrutura radial. Nesse sentido, Lakoff (1987) destaca que as categorias não são estáveis e claramente definidas, mas radiais, podendo perpassar por outras categorias, dando origem a efeitos de prototipicidade, sendo organizadas em torno de um protótipo e semelhança de família relativas a protótipos que se instauram de acordo com contextos, objetivos e intenções comunicativas.

Após essa breve explanação sobre os aspectos teóricos acerca do fenômeno da categorização e suas perspectivas de abordagem, desde a Antiguidade Clássica até os dias atuais, apresentamos, em seguida, a TMCI e os modelos que serviram de base para o estudo das ocorrências coletadas nos *corpora*, a saber: o metafórico, o metonímico bem como os de natureza esquemática e proposicional.

1.3 TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS

O Modelo Cognitivo Idealizado (doravante MCI) é um conceito formulado por Lakoff (1987) para explicar a organização conceptual, ou seja, como categorizamos o mundo. Segundo o referido autor, “organizamos nosso conhecimento por meio de estruturas chamadas modelos cognitivos idealizados, ou MCIs, e as estruturas categoriais assim como os efeitos prototípicos são subprodutos dessa organização¹⁶” (LAKOFF, 1987, p. 68, tradução nossa). Cienki (2007, p. 176, tradução nossa) ratifica esse conceito e acrescenta que “os MCIs são propostos como forma de organizar o conhecimento, não como um reflexo direto de um estado de coisas objetivas no mundo, mas de acordo com certos princípios de estruturação cognitiva¹⁷”.

Os MCIs são idealizados, porque são determinados por necessidades, propósitos, valores e crenças, não sendo necessária uma ligação direta com o mundo, uma vez que são resultados da interação do aparato cognitivo humano, corporificado, e a realidade, via

¹⁶ Do original: “We organize our knowledge by means of structures called idealized cognitive models, or ICMs, and that category structures and prototype effects are by-products of that organization”.

¹⁷ Do original: “ICMs are proposed as a way in which we organize knowledge, not as a direct reflection of an objective state of affairs in the world, but according to certain cognitive structuring principles”.

experiência. Além disso, diferentes modelos podem ser construídos para o entendimento de uma mesma situação, podendo ser, inclusive, contraditórios entre si. Conforme Silva (1997, p. 77), o modelo cognitivo é “um conhecimento individualmente idealizado [...] e interindividualmente partilhado pelos membros de um grupo social”, sendo entendido, portanto, como modelo cultural. É nesses contextos dos modelos cognitivos e culturais, que, segundo o autor, as categorias linguísticas podem ser devidamente caracterizadas. Isso porque a cognição está ligada à experiência corpórea, social, cultural e, também, histórica.

Um exemplo clássico, usado por Lakoff (1987), que ajuda a ilustrar o conceito de MCI, é o exemplo de ‘terça-feira’. Segundo o autor, a palavra ‘terça-feira’ só pode ser definida dentro de um Modelo Idealizado de semana com sete dias, onde cada parte que a compõe é chamada de dia, e a terceira parte é ‘terça-feira’. Desse modo, a semana de sete dias não existe objetivamente no mundo, pois nem todas as culturas possuem semanas de sete dias. Ela é uma criação do ser humano, um modelo cognitivo idealizado pela cultura ocidental. Na verdade, nem todas as culturas possuem os mesmos tipos de semanas; a cultura Balinês, por exemplo, requer um MCI complexo que sobrepõe três estruturas de semana: uma de cinco dias, uma de seis dias, e uma de sete dias. Portanto, os MCIs são estruturas de conhecimento distribuídas na nossa mente de forma organizada, construídas socioculturalmente, a partir da nossa interação com o mundo e que permitem que criemos categorias de modo que possamos estabelecer relações entre elas.

Para Lakoff (1987), cada MCI é uma estrutura complexa que utiliza quatro tipos de princípios estruturantes: estrutura proposicional; estrutura de imagem esquemática; mapeamento metafórico; e mapeamento metonímico. Os modelos proposicionais e os esquemas-I se caracterizam a partir das estruturas básicas que se sustentam nos domínios concretos da experiência. Já os metonímicos e metafóricos se definem como mapeamentos que fazem uso dos modelos estruturais. A partir desses princípios, o autor apresenta cinco tipos básicos de modelos cognitivos que contribuem para a estruturação de nossas experiências físicas, tanto no plano conceitual, quanto no linguístico. São os seguintes:

1. Modelo metafórico, possibilita mapeamentos entre domínios fonte e alvo;
2. Modelo metonímico, mapeia relações entre elementos de um mesmo domínio;
3. Modelo de esquema de imagem, estrutura os MCIs;
4. Modelo proposicional, especifica propriedades e relações entre domínios;
5. Modelo simbólico, associado a elementos conceituais em um modelo cognitivo.

Esses MCIs não são estruturas rígidas; eles são estáveis, pois podem ser modificados, adicionando, retirando e reorganizando informações, conforme as experiências que são

organizadas na memória. Eles, também, não são estruturas cognitivas isoladas; eles se inter-relacionam, se combinam e interagem, quando a linguagem é processada. Os MCIs acomodam vários domínios do conhecimento humano, práticos e teóricos; além disso, sustentam uma semântica conceitual que se fundamenta na capacidade de formular conceitos.

Ainda, segundo Lakoff (1987), os MCIs não são representações internas da realidade externa, pois são construídos, muitas vezes, com o auxílio de mecanismos imaginativos da cognição, compreendidos através da corporalidade, como a metáfora e a metonímia.

A seguir, apresentamos uma breve discussão sobre os modelos metafórico, metonímico, de esquema-I e proposicional, considerando o objetivo de estudar as conceptualizações do amor.

1.2.1 Modelo Metafórico

Nos últimos 39 anos, a metáfora tem sido tema de vários estudos em LC. No entanto, sua importância já era reconhecida por filósofos gregos no século IV a. C. A primeira definição conhecida da metáfora foi feita por Aristóteles (1997, p. 42) que a entendia como “a transferência do nome de uma coisa para outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, ou por analogia”. Como podemos notar, na concepção aristotélica, a metáfora é a transferência de um nome de uma coisa para outra, ou seja, uma palavra é usada fora de seu significado convencional para expressar um outro significado. Assim sendo, compreende-se que o “sentido real” e “objetivo” de uma determinada palavra é transformado em um “sentido figurado” e “representativo”. Cria-se, nesse caso, uma figura de linguagem em que uma coisa é comparada com outra.

Kövecses (2002) apresenta cinco características básicas advindas desta concepção clássica da metáfora, aqui, sintetizadas: 1) é uma propriedade das palavras, uma ocorrência linguística; 2) é empregada para adornar confecções da arte e da retórica; 3) baseia-se na semelhança entre dois elementos que são comparados e identificados; 4) acontece por meio do uso consciente das palavras e é preciso ter habilidade especial para ser apto a usá-la de modo eficaz e inventivo; e 5) é uma figura de linguagem empregada para causar efeitos especiais e não como parte da comunicação diária e coloquial das pessoas e muito menos do pensamento humano.

A metáfora é vista, então, como sendo um fenômeno linguístico, pautado em palavras, usado com finalidades artísticas e baseado na semelhança entre duas entidades que são comparadas, conforme já dito. Nesse sentido, a metáfora nada mais é do que um artifício para

o embelezamento da linguagem, sem guardar qualquer relação com os fenômenos humanos cognitivos¹⁸. Podemos, então, concluir que, na visão clássica, a metáfora restringe-se, apenas, à linguagem poética, apoiando-se, unicamente, na lógica, reduzindo e simplificando a relevância de sua função e ignorando as dimensões cognitivas possíveis em que ela ocorre.

Essa concepção de metáfora, que, durante muito tempo, dominou a cultura ocidental, foi criticada e estudos recentes mostraram que o uso de metáforas vai além de uma simples comparação entre entidades diferentes. Sendo assim, pesquisadores passaram a se interessar pelo seu estudo, de tal modo que, no final do século XX, essa concepção do fenômeno metafórico como uma expressão da linguagem começou a ser questionada com mais ênfase. No final dos anos 1970, se tinha clara a percepção de que a linguagem usada, normalmente, pelas pessoas, no seu dia a dia, é repleta de metáforas, e não percebemos isto porque seu uso é natural e corriqueiro. As pesquisas mostraram que qualquer linguagem é rica em metáforas, seja verbal, não verbal ou verbo-imagética, em diferentes domínios da experiência, seja o domínio científico, ou o do entretenimento, ou, ainda, outro.

É a partir da publicação do livro *Metaphors We Live By* que a metáfora será compreendida além de uma simples figura de linguagem, de natureza essencialmente linguística, típica do texto literário. Assim, com a propagação das ideias constantes dessa obra, a metáfora passa a ser entendida como fenômeno conceptual, ou seja, como uma figura do pensamento e da ação, portanto, com valor cognitivo. Isso significa que o pensamento é metafórico e que parte significativa das nossas ações e das nossas palavras é realizada através de metáforas. Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 3), “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica”; sendo assim, “a maior parte do nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado, isto é, os conceitos, na sua maioria, são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 127).

É neste contexto que ocorre tanto o surgimento como os primeiros passos para a consolidação da Teoria da Metáfora Conceptual (doravante TMC) como uma das linhas de investigação da LC. A TMC representa, de forma definitiva, a ruptura com o conceito tradicional de metáfora; se antes ela era considerada um produto dos literatos, a partir de 1980, sobretudo, passa a ser vista, também, como um elemento presente no dia a dia, empregado por todas as pessoas, não havendo necessidade de uma habilidade especial para o seu uso. De

¹⁸ Almeida (2016), porém, informa que, conforme Eco (2013), Aristóteles, em sua obra *Retórica*, concebia valor cognitivo às metáforas, como forma de conhecimento.

acordo com essa teoria, a mente humana é em grande parte estruturada de forma metafórica. O ser humano,

automaticamente e inconscientemente adquire e usa um grande número dessas metáforas. Elas são realizadas em nossos cérebros fisicamente e estão na maioria das vezes além do nosso controle. Elas são a consequência da natureza dos nossos cérebros, nossos corpos e o mundo em que habitamos (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 59).

Kövecses (2002) sistematiza as características da visão da metáfora proposta por Lakoff e Johnson da seguinte maneira:

(1) a metáfora é uma propriedade de conceitos e não de palavras; (2) a função da metáfora é entender melhor certos conceitos e não apenas alguns propósitos artístico ou estético; (3) a metáfora não é baseada com frequência na similaridade; (4) a metáfora é usada sem esforço na vida cotidiana por pessoas comuns, não apenas por pessoas talentosas especiais; e (5) a metáfora, longe de ser um ornamento linguístico, é um processo inevitável de pensamento e raciocínio humano¹⁹ (KÖVECSES, 2002, p. x, tradução nossa).

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 5), “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Assim, a metáfora conceptual é uma capacidade humana de projetar conceitos de nossas experiências, ou seja, conforme já citado, consiste no mapeamento de dois domínios, permitindo, geralmente, o entendimento de um domínio mais abstrato, ou menos conhecido, em termos de um outro, mais concreto, mais conhecido. O primeiro é chamado de domínio-fonte, o qual é bem estruturado e significativo, usado para conceituar, e o segundo, que é chamado de domínio-alvo, necessita de estruturação para que possa ser compreendido, o conceituado.

A metáfora, portanto, é chamada de conceptual, porque fornece o conceito de algo. Para representar a metáfora conceptual, usam-se letras maiúsculas (versalete), conforme a notação DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE ou, ainda, DOMÍNIO-ALVO COMO DOMÍNIO-FONTE. É importante dizer que a metáfora conceptual não coincide com o nome do mapeamento, mas compreende o conjunto de correspondências previsto por esse.

Um exemplo clássico, apresentado por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), é a conceptualização do AMOR através da metáfora AMOR É VIAGEM, instanciada a partir das

¹⁹ Do original: “(1) metaphor is a property of concepts, and not of words; (2) the function of metaphor is to better understand certain concepts, and not just some artistic or esthetic purpose; (3) metaphor is often *not* based on similarity; (4) metaphor is used effortlessly in everyday life by ordinary people, not just by special talented people; and (5) metaphor, far from being a superfluous though pleasing linguistic ornament, is an inevitable process of human thought and reasoning”.

seguintes expressões linguísticas: “Nossos caminhos se cruzaram e hoje seguimos pela mesma estrada”; “Esse caso já foi longe demais”; “Já é tarde para voltarmos atrás”; “Nossa relação chegou em um beco sem saída”. Nessas expressões, entendemos o conceito de um domínio da experiência, o AMOR, em termos de outro domínio da experiência bem diferente, o de VIAGEM, e podemos estabelecer, segundo Lakoff (1993), alguns mapeamentos entre os dois domínios, como: os amantes correspondem aos viajantes; o relacionamento corresponde ao veículo; os objetivos de vida do casal correspondem ao destino dos viajantes; as dificuldades no relacionamento correspondem a impedimentos para viajar. Este e outros exemplos mostram, conforme Silva (1997, p. 74), que

a metáfora não é uma mera extensão (ou transferência) semântica de uma categoria isolada para outra categoria de um domínio diferente, mas envolve uma analogia sistemática e coerente entre a estrutura interna de dois domínios da experiência e, conseqüentemente, todo o conhecimento relevante associado aos conceitos e domínios em causa.

As metáforas conceptuais motivam a utilização de expressões metafóricas, as quais, por sua vez, são as manifestações das metáforas conceptuais que lhes são subjacentes, ou seja, as expressões metafóricas são as manifestações (modo de falar, de escrever, de pintar, de dançar) das metáforas conceptuais (modos de pensar) e é através do uso das expressões metafóricas que as metáforas conceptuais podem ser acessadas. A metáfora conceptual AMOR É VIAGEM, por exemplo, pode ser expressa por diferentes manifestações linguísticas, em distintas línguas. Isso ratifica a tese de Lakoff e Johnson (2002[1980]) de que a metáfora é um fenômeno conceptual e não um fenômeno de ordem meramente linguística, pois, se o fosse, cada expressão metafórica equivaleria a uma metáfora diferente, o que não procede.

De acordo com Soriano (2012, p. 89, tradução nossa), “as metáforas conceptuais não são arbitrarias²⁰”. Duas são as motivações da existência delas: a base experiencial e a percepção de semelhanças entre domínios. A primeira diz respeito à co-ocorrência dos domínios de maneira sistemática nas interações estabelecidas com o ambiente. Conforme a autora, essa é uma das razões pelas quais as metáforas conceptuais são comuns em diferentes línguas. E a segunda motivação diz respeito às semelhanças que são construídas entre duas entidades diferentes, devido a características culturais em comum ou por conta das semelhanças das metáforas conceptuais existentes.

²⁰ Do original: “Las metáforas conceptuales no son arbitrarias”.

Outros fatores, também, influenciam no surgimento de metáforas conceptuais; segundo a referida autora, esses fatores são a combinação e a especialização da metáfora, o pensamento metonímico e a cultura. A respeito desse último, Kövecses (2005) explica como a cultura pode influenciar no uso das metáforas e na sua manifestação universal. A cultura, portanto, serve de filtro para as possíveis compreensões metafóricas que são construídas com base nas experiências sensoriais e motoras do ser humano. Sendo assim, a metáfora é, simultaneamente, um fenômeno cognitivo, corporificado e cultural.

Além do aspecto cognitivo, Soriano (2012) apresenta as principais características das metáforas conceptuais: a primeira é a motivação na experiência sensório-motora do mundo. Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), o ser humano faz parte do meio e sua interação com esse meio é responsável pela compreensão que ele tem do mundo. Conforme os referidos autores, a mente é corporificada, isto é, baseada na experiência corporal do ser humano com o mundo. Como já foi mencionado, a metáfora acontece quando utilizamos os conhecimentos do domínio-fonte, aquele próximo das nossas experiências físicas, para estruturar outro domínio, mais abstrato ou mais distante das nossas vivências, o domínio-alvo. Desse modo, a metáfora conceptual é gerada, a partir de nossas experiências com o nosso próprio corpo com relação ao ambiente físico e cultural em que vivemos.

A segunda característica é a hierarquia. As metáforas conceptuais não são fenômenos isolados, de modo geral, muitas delas herdam a estrutura conceptual de outras metáforas mais gerais, constituindo casos específicos de metáforas. Outra característica é a sua invariância. As associações entre dois domínios nunca são completas; elas são, sempre, parciais, pois nem tudo o que se sabe a respeito de um domínio se projeta para outro domínio. Com isso, cada mapeamento atrela-se a um conjunto de correspondências entre os dois domínios: fonte e alvo. Quando essas correspondências são ativadas, o mapeamento projeta os padrões de inferência do domínio-fonte ao domínio-alvo e a estrutura do esquema imagético do domínio-fonte é mapeada de forma coerente ao domínio-alvo. Além da invariância, a multiplicidade, também, caracteriza a metáfora conceptual. Nessa, devido às associações parciais entre os domínios, um mesmo domínio pode servir de fonte para vários alvos, ao mesmo tempo em que um mesmo domínio-alvo pode ser estruturado por domínios-fontes diversos.

A quinta característica das metáforas conceptuais diz respeito à unidirecionalidade, segundo a qual, a estrutura do domínio-fonte se projeta sobre o domínio-alvo, não havendo possibilidade para que ocorra o contrário. Essa característica, portanto, vem sendo discutida e o próprio Lakoff (1993; 2008) já admite que os mapeamentos são multidirecionais. Estudos recentes, como os de Almeida (2016) e Silva (2017), também, têm mostrado uma

direcionalidade múltipla, no que se refere às projeções entre domínios; estas projeções nem sempre vão ocorrer de um domínio concreto em direção a um domínio mais abstrato. As projeções, também, podem acontecer partindo de domínios concretos para abstratos, concretos para concretos ou ainda de abstratos para abstratos.

A sexta e última característica da metáfora, discutida por Soriano (2012), é considerada a mais polêmica: a inconsciência e automaticidade. Com base na hipotética automaticidade, as metáforas conceptuais são usadas de forma automática, sem esforço e sem que se dê conta do seu uso (LAKOFF, 1993). Soriano (2012) afirma que os estudos feitos, até então, comprovam que não são todas as metáforas que vão ser inconscientes e automáticas e que, apenas, nas metáforas de base experiencial (metáforas primárias), essas características foram encontradas de modo mais evidente. Para as outras metáforas, os resultados experimentais são menos consistentes.

A depender do critério, as metáforas podem ser classificadas em vários tipos. Segundo Grady et al. (1996), conforme a complexidade, as metáforas podem ser classificadas em primitivas ou primárias e compostas ou complexas. As primárias são indivisíveis, assim como as correlacionais, pois surgem de uma interação experiencial direta entre dois domínios, enquanto as compostas são divisíveis em metáforas mais simples, combinando-se com outras metáforas para formarem estruturas conceptuais mais complexas.

Conforme a origem ou a motivação, Grady (1999) as classifica como correlacionais e de semelhança. Segundo o autor, a primeira é gerada a partir de um mapeamento de dois domínios experienciais diferentes na interação do ser humano com o mundo e a segunda baseia-se na percepção humana de semelhança entre objetos. O autor percebeu que várias expressões metafóricas recorrentes nas línguas naturais não são geradas por correlações entre domínios experienciais distintos.

Pautando-se em Lakoff e Turner (1989) e Lakoff e Johnson (1980), Kövecses (2002) discorre sobre diferentes tipos de metáforas conceptuais e estabelece outros critérios para sua classificação. Assim, segundo o autor, as metáforas variam quanto ao grau de convencionalidade, à função cognitiva, à natureza e ao grau de generalidade.

Quanto ao grau de convencionalidade, as metáforas são convencionais ou criativas. Ambas se estabelecem a partir da existência de um contínuo que vai dos sentidos mais arraigados de se raciocinar sobre certos conceitos, aos mais inovadores, que articulam domínios conceptuais de uma maneira não usual. Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 139), as metáforas convencionais são aquelas que “estruturam o pensamento conceptual ordinário de nossa cultura, o qual se reflete em nossa linguagem do dia a dia”, já as metáforas criativas

encontram-se fora do sistema conceptual e “são capazes de nos dar uma nova compreensão de nossa experiência” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 139).

O segundo critério apontado por Kövecses (2002) é a função cognitiva da metáfora que se relaciona à classificação proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Eles classificam as metáforas em: estruturais, orientacionais e ontológicas. As metáforas estruturais são aquelas que são definidas basicamente por estruturarem um conceito em termos de outro, ou seja, consistem em organizar o conhecimento que se tem do domínio-alvo a partir da estrutura conceptual importada do domínio-fonte. As metáforas orientacionais são aquelas que organizam um conjunto de conceitos em relação a outro conceito, conferindo-lhe, normalmente, uma orientação espacial. Segundo os autores, essas metáforas são constituídas a partir de uma base experiencial física e cultural, podendo variar de uma cultura para outra. Por fim, as metáforas ontológicas correspondem a formas de se conceberem os eventos, as atividades, as emoções, as ideias como entidade e substâncias. Elas servem para dar uma maior definição aos domínios considerados abstratos ou menos conhecidos.

Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a metáfora ontológica mais comum é aquela que se atribuem qualidades humanas a entidades não humanas, a qual os autores chamam de personificação. No exemplo: “A inflação está pressionando o mercado” vemos algo não-humano, ‘inflação’, sendo humano, ou seja, atribui-se à inflação a experiência humana de pressionar alguma coisa, no caso do exemplo, ‘pressionar o mercado’.

Quanto à natureza, segundo Kövecses (2002), as metáforas podem ser baseadas em conhecimento ou imagens. Nas primeiras, o mapeamento ocorre entre estruturas de dois domínios efetivos do conhecimento; são as metáforas padrão ou regulares. Nas segundas, contrárias às primeiras, existem dois tipos de projeção: esquema imagético e de imagem, nas quais não há a representação de um conceito pelo domínio-fonte, mas de uma estrutura esquemática.

Por último, conforme o nível de generalidade, as metáforas podem ser de nível genérico ou de nível específico (LAKOFF; TURNER, 1989). As metáforas de nível genérico não possuem domínios fonte e alvo específicos, pois elas são constituídas por conceitos tipicamente genéricos. De um modo geral, esses conceitos são hierarquicamente superiores ou superordenados e incluem várias instâncias específicas. Por conseguinte, as metáforas de nível específico são formadas por conceitos específicos, que, ao contrário dos conceitos genéricos, exibem uma estrutura rica em detalhes.

Após a consolidação da TMC, que contribuiu, grandemente, para o novo direcionamento dos estudos que tratam da metáfora, entendida como integrante da nossa vida

cotidiana e como um mecanismo recorrente da linguagem e não mais como peculiar da linguagem poética, outros desdobramentos desta teoria vêm sendo elaborados a partir dos estudos neurocognitivos da linguagem. A partir desses estudos, George Lakoff, juntamente com Jerome Feldman, enquanto membros de um projeto interdisciplinar sediado no Instituto Internacional de Ciência da Computação de Berkeley, desenvolveram a Teoria Neural da Linguagem e do Pensamento e, nesse projeto, Lakoff (2008) apresenta a Teoria Neural da Metáfora, na qual os desenvolvimentos em ciência cerebral e da computação neural enriqueceram amplamente a compreensão de como a metáfora conceptual funciona²¹. Essa teoria surgiu em 1997, com a publicação de trabalhos desenvolvidos por Srini Narayanan, Joe Grady e Christopher Johnson e a nova abordagem mostrou que “os mapeamentos da metáfora são circuitos físicos – circuitos de ligação que, quando ativados, formam ligações dentro de circuitos neurais integrados²²”. (LAKOFF, 2008, p. 31, tradução nossa).

1.3.2 Modelo Metonímico

Assim como a metáfora, a metonímia é entendida em LC como um mecanismo cognitivo, conceptual, que se manifesta na linguagem cotidiana de diferentes formas, sendo considerada como uma estrutura de pensamento. Desta forma, a metonímia não é, apenas, uma figura de linguagem ou um simples efeito contextual, como mostra a tradição, mas uma projeção mental que ocorre dentro do mesmo domínio conceptual, também chamado de intra-domínio.

Um exemplo clássico de metonímia, apresentado por Lakoff (1987), é o do enunciado proferido numa conversa entre duas garçonetes em um restaurante: “O sanduíche de presunto derramou toda a cerveja sobre ele²³” (LAKOFF, 1987, p. 77, tradução nossa). Nesse exemplo, compreendemos que a expressão linguística “o sanduíche de presunto” foi usada para se referir a uma pessoa real, a pessoa que estava comendo o sanduíche e que derramou a cerveja.

A metonímia não tem recebido tanta atenção, por parte dos estudiosos da linguagem, como tem recebido a metáfora; ela só passou a ser estudada com mais intensidade, recentemente, pelos linguistas cognitivistas, como Barcelona (2009 [1996], 2012), Radden e

²¹ Nessa investigação, porém, não usamos essa teoria, pois Lakoff (2008) apresenta, apenas, um estudo neural da metáfora, não expondo pressupostos para o estudo da metonímia, processo cognitivo muito recorrente no nosso estudo.

²² Do original: “The metaphor mappings are physical circuits - linking circuits that, when activated, form links within integrated neural circuits”.

²³ Do original: “The ham sandwich just spilled beer all over himself”.

Kövecses (2007), Paiva (2010), entre outros. Conforme tais autores, não há um consenso entre os estudiosos sobre o conceito de metonímia, embora todos ressaltem o seu caráter conceptual, como veremos em seguida.

O livro *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson (1980), já citado, é considerado por muitos um ponto de partida para os estudos cognitivistas sobre a metáfora e, também, sobre a metonímia, apesar de apresentá-la, apenas, lateralmente. Conforme esses autores, metáfora e metonímia são processos de naturezas diferentes:

A metonímia [...] tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 92-93)

Esse conceito inicial apresentado pelos autores é questionado por alguns estudiosos em relação à função referencial da metonímia. Mas eles não a limitam à referência, afirmando que a metonímia possui, também, valor cognitivo. Lakoff (1987) ratifica essa perspectiva, quando afirma que “é extremamente comum que as pessoas tomem um aspecto bem compreendido de algo ou de fácil percepção e usem para representar a coisa como um todo ou para algum outro aspecto ou parte dela²⁴” (LAKOFF, 1987, p. 77, tradução nossa). Para o autor, na formulação de uma metonímia, não se fala, unicamente, sobre um fato linguístico, mas também sobre a forma de percepção do indivíduo. Lakoff (1987) aponta a independência dos atos referenciais, nos protótipos metonímicos, baseados em estereótipos. Sua ideia é fundamentada, por exemplo, a partir da designação de ‘mãe dona de casa’, que se constitui como parte de um todo, no caso, a categoria MÃE, como sendo um dos membros mais representativos dessa categoria, segundo os estereótipos sociais subjacentes à construção da figura materna. Nesse caso, o autor defende que os estereótipos sociais são metonímias.

Barcelona (2012) considera a metonímia como um fenômeno de conceptualização e propõe uma definição mais ampla:

A metonímia é a projeção assimétrica de um domínio conceptual, chamado “fonte”, sobre outro domínio conceptual chamado “meta”, situados ambos dentro do mesmo domínio conceptual funcional e conectados por uma função pragmática. O resultado da projeção é a ativação mental da meta²⁵. (BARCELONA, 2012, 126, tradução nossa).

²⁴ Do original: “Metonymy is one of the basic characteristics of cognition. It is extremely common for people to take one well-understood or easy-to-perceive aspect of something and use it to stand either for the thing as a whole or for some other aspect or part of it”.

²⁵ Do original: “La metonimia es la proyección asimétrica de un dominio conceptual, llamado “fuente”, sobre otro dominio conceptual llamado “meta”, situados ambos dentro del mismo dominio conceptual funcional y conectados por una función pragmática. El resultado de la proyección es la activación mental de la meta”.

A partir da concepção de Barcelona (2012), observamos que a referência não é característica principal no conceito de metonímia, como apontado por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), e, ainda, constatamos que a projeção intradomínio, ou seja, o domínio-fonte causa a atuação mental do domínio-alvo, de forma que impõe uma perspectiva sobre ele. Corroborando com essa perspectiva, a metonímia conceitual, de acordo com Kövecses (2002), tem a função cognitiva de fornecer o significado de um domínio-alvo por meio do mesmo domínio-fonte.

Por outra parte, Radden e Kövecses (2007, p. 337, tradução nossa) definem metonímia como “um processo cognitivo em que uma entidade conceitual, o veículo, fornece acesso mental à outra entidade conceitual, o alvo, no interior do mesmo modelo cognitivo idealizado²⁶”. Para os referidos autores, esse conceito é construído a partir de três propriedades cognitivas da metonímia, já referenciadas, a saber: “(i) A metonímia é um fenômeno conceitual; (ii) A metonímia é um processo cognitivo; (iii) A metonímia opera dentro de um modelo cognitivo idealizado²⁷” (RADDEN; KÖVECSES, 2007, p. 335, tradução nossa).

Na primeira propriedade, a metonímia é considerada um fenômeno conceptual, porque se funda em nossas experiências e está sujeita a princípios conceituais gerais e sistemáticos que estruturam nossos pensamentos e ações. Na segunda, a metonímia não, simplesmente, substitui uma entidade por outra entidade, como é apresentado na visão tradicional, mas inter-relacionam-se para formar um novo e complexo significado. Por fim, os autores defendem a proposta de MCIs de Lakoff (1987), que facilita o entendimento dos processos metonímicos como processos conceptuais, visto que “o conceito de MCI deve incluir não só o conhecimento enciclopédico das pessoas de um domínio específico, mas também os modelos culturais idealizados de que são parte²⁸”. (RADDEN; KÖVECSES, 2007, p. 337, tradução nossa).

Diante dos conceitos apresentados pelos diferentes autores citados nesta tese, consideramos, para o estudo da metonímia, a definição apresentada por Radden e Kövecses (2007), que sugerem que o domínio-fonte fornece acesso mental ao domínio-alvo, sendo que ambos estão no mesmo domínio.

Sobre a classificação das metonímias, Barcelona (2012) afirma que não existe, em LC, uma tipologia única para as diferentes relações metonímicas. O que existe são intenções de classificações diversas a partir de critérios que cada autor julga ser mais relevante. Desse modo,

²⁶ Do original: “Metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same idealized cognitive model”.

²⁷ Do original: “(i) Metonymy is a conceptual phenomenon; (ii) Metonymy is a cognitive process; (iii) Metonymy operates within an idealized cognitive model”.

²⁸ Do original: “The ICM concept is meant to include not only people’s encyclopedic knowledge of a particular domain but also the idealized cultural models they are part of”.

o autor apresenta alguns critérios de identificação metonímica e as classificações deles resultantes.

Um primeiro critério conecta o domínio-fonte e o domínio-alvo. Desse modo, a partir do tipo de função pragmática, o autor apresenta os tipos mais recorrentes, da classificação tipológica de outros autores, englobando subtipos, como LOCALIZAÇÃO E LOCALIZADO (Brasil por Governo Brasileiro); PRODUTOR E PRODUTO (autor pela obra); CAUSA E EFEITO (perdição e causa da perdição); RECIPIENTE E CONTEÚDO (vaso por líquido); LUGAR PELA INSTITUIÇÃO (Palácio do Planalto por presidente); dentre vários outros.

Outro critério diz respeito à generalização ou grau de abstração da metonímia, que está relacionado ao critério anterior, e, através dele, é possível classificar todas as metonímias a partir da seguinte tipologia:

- TODO PELA PARTE – o domínio-fonte é o domínio comum e o alvo é como um subdomínio dentro dele. No exemplo, “comemos frango”, fazemos referência ao todo, o ‘frango’, para nos referirmos a parte, ‘a carne do animal’.
- PARTE PELO TODO – nesse tipo, a situação é oposta, ou seja, o domínio-fonte é uma parte do domínio-alvo, que é o domínio comum. Temos como exemplo, “necessitamos de mais braços para a colheita”, na qual a parte ‘mais braços’ é usada para nos referirmos às pessoas cujo esforço físico necessitamos.
- PARTE PELA PARTE: tanto o domínio-fonte como o alvo, nesse tipo, são subdomínios dentro de um domínio cognitivo mais amplo, como por exemplo, o verbo “veranear”, cuja compreensão implica projetar a estação do ano durante a qual se realiza uma determinada atividade, sobre essa mesma atividade.

Radden e Kövecses (2007), já haviam identificado os mesmos tipos de metonímias apresentados por Barcelona (2012). Segundo os referidos autores, diferenciar o todo de suas partes é de suma importância para a metonímia. Tendo em vista que o nosso conhecimento sobre o mundo é organizado por MCIs estruturados da forma como se percebe o todo e suas partes, os autores sugerem que os dois primeiros tipos de relações metonímicas sejam integrados, formando uma configuração conceitual mais geral, “todo e suas partes”, e o terceiro tipo aplica-se às várias “partes de um MCI”.

A relação entre o “todo e suas partes” aplica-se às coisas e a uma variedade de MCIs, como: coisa e parte, escala, constituição, evento complexo, categoria e membro, categoria e propriedade e redução. A relação “partes de um MCI” relaciona entidades conceituais que funcionam como partes em relação a um MCI inteiro, mais especificamente, os modelos de evento, como: ação, percepção, causa, produção, controle, posse, contentor, localização, signo, referência e modificação.

Kövecses (1988, 1990, 2000, 2014, 2015) afirma que um dos domínios de grande regularidade e produtividade da metonímia conceptual é o das emoções. Segundo esse autor, na conceptualização desse domínio, funciona um princípio metonímico geral que pode ser de dois tipos EFEITOS DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO e CAUSA DA EMOÇÃO PELA EMOÇÃO, pelo qual a raiva, a tristeza, o medo, a alegria, o amor e outras emoções são referidas por sintomas fisiológicos, expressivos e comportamentais correspondentes a estas emoções.

Em relação ao AMOR, por exemplo, na presença da pessoa por quem se estar apaixonada(o), é comum que quem ama apresente respostas fisiológicas, como aumento na frequência cardíaca, mãos suadas ou rubor na face. Do mesmo modo, a preocupação com o outro, o pensar no outro, o sentir saudades ou o olhar apaixonado são as respostas expressivas; e a aproximação física e a relação sexual são respostas comportamentais de quem ama.

A seguir, abordaremos os conceitos relacionados, os quais são considerados por Kövecses (1988, 1990, 2000, 2014, 2015) como conceitos metonímicos.

1.3.2.1 *Conceitos Relacionados e Inerentes*

Além das metáforas e das metonímias, Kövecses (1988, 1990, 2000, 2014, 2015) afirma que o conteúdo conceitual do domínio que queremos compreender surge, também, pelo que ele chama de conceitos relacionados que “são conceitos que fazem parte da rede de conceitos associados ao conceito em questão²⁹” (KÖVECSES, 1990, p. 41, tradução nossa). No que diz respeito às emoções, Kövecses (2015) afirma que esses conceitos relacionados “são emoções ou atitudes que o sujeito de uma emoção (isto é, pessoa que sente uma emoção) tem em relação ao objeto ou causa da emoção³⁰”. (KÖVECSES, 2015, p. 158, tradução nossa). A categoria AMOR, como já afirmamos, é bastante complexa e isso faz com que outros conceitos de

²⁹ Do original: “related concepts are ones that form a part of the network of concepts associated with the concept in question”.

³⁰ Do original: “are emotions or attitudes that the subject of an emotion (i.e. the person feeling an emotion) has in relation to the object or cause of the emotion”.

sentimentos se relacionem na mesma rede conceptual. No amor, esses conceitos expressam a gama de atitudes que se tem em relação à pessoa amada. A amizade, por exemplo, é uma emoção, ou atitude emocional, que a pessoa que ama tem em relação à pessoa amada. No nosso conhecimento enciclopédico, se uma pessoa diz que está apaixonada, provavelmente, o amor exhibe a atitude emocional de amizade para a pessoa amada.

Existe uma grande rede de conceitos de emoção ligada ao AMOR ROMÂNTICO, que consiste em vários conceitos relacionados, sendo os mais importantes, para o amor, segundo Kövecses (2000), os gostos, o desejo sexual, a intimidade, a saudade, o afeto, o carinho, o respeito e a amizade.

Ainda conforme o autor, há conceitos relacionados ao amor e, também, a outras emoções, que estão mais intimamente ligados a ele; esses conceitos são chamados de conceitos inerentes, sendo os mais prototípicos (KÖVECSES, 1990, 2014, 2015). De acordo com ele, a AMIZADE é um conceito prototípico do AMOR, pois o primeiro é inerente ao segundo. Assim, se colocados ao longo de um contínuo, alguns conceitos são inerentes à concepção de amor; alguns são ligeiramente associados a ele e outros só se aproximam. Os conceitos mais inerentes ao AMOR são aqueles mais prototípicos, conforme o autor (KÖVECSES, 2014, 2015).

De modo geral, Kövecses (1988, 1990, 2014, 2015) sugere que esses conceitos relacionados, em especial, os conceitos inerentes, funcionam como metonímias conceptuais, pois, segundo ele, ao mencionar um conceito inerente, podemos fazer referência a todo o conceito do qual ele faz parte. Assim, os conceitos relacionados podem ser tomados como as partes que formam o todo, ou seja, partes de metonímias inteiras. A AMIZADE, por exemplo, pode indicar AMOR ROMÂNTICO. A expressão linguística “Se teus amores para comigo são assim, é porque tua amizade para comigo te não borbulha no peito como a minha para contigo” pode, nesse contexto, indicar o AMOR, pois ambos os domínios, AMOR e AMIZADE, são conceitos relacionados. Partindo desta afirmação, concordamos com o autor e, nesta tese, consideramos os conceitos relacionados, como a AFEIÇÃO, a AMIZADE, o DESEJO, a SAUDADE, o SOFRIMENTO, a LEMBRANÇA, encontrados nos *corpora*, como conceitos metonímicos, visto que se apresentam como parte do conceito do domínio-alvo ou como consequência desse.

1.3.3 Modelo de Esquemas de Imagem

O conceito de esquema-I é central, nos estudos da LC, em virtude da natureza corpórea do significado e da sua conexão com os referidos esquemas-I; foi explorado, inicialmente, tanto

por Johnson (1987), para elaboração de uma epistemologia e filosofia moral, quanto por Lakoff (1987), quando procurou articular uma teoria cognitiva da categorização. Além da LC, o esquema-I foi utilizado em outras áreas do saber com outras perspectivas de análise (OAKLEY, 2007).

Johnson (1987, xiv, tradução nossa) apresenta o esquema-I como sendo “um padrão recorrente e dinâmico de nossas interações perceptivas e programas motores que proporcionam coerência e estrutura à nossa experiência³¹”. Esse conceito está diretamente relacionado com o significado corpóreo, pois é através dessa base corporificada que os esquemas-I se originam, dentro do sistema conceptual humano, a partir da nossa experiência sensorial e perceptual à medida que interagimos e nos movemos no mundo; sendo assim, a corporificação constitui uma das características mais proeminentes desse modelo.

Em consonância com o conceito apresentado por Johnson (1987), Lakoff (1987) define os esquemas-I como estruturadores de grande parte dos conceitos que circulam sócio-culturalmente, a partir das noções de espaço e de tempo. Esses esquemas são, portanto, estruturas cognitivas construídas na mente humana, concebidas a partir das representações de experiências corporais, motoras e perceptuais que decorrem da interação do ser humano com o mundo em sua volta desde o seu nascimento. Essas interações são como redes e ocorrem, repetidamente, em nossas práticas discursivas, a partir da exploração e contato com objetos físicos, através da nossa movimentação ao redor do mundo, experimentando forças físicas que nos afetam e/ou resistindo a essas forças, dentre outras interações que derivam esquemas básicos de imagem e que contribuem para nossa compreensão do mundo. Os esquemas-I representam padrões esquemáticos que refletem domínios, como RECIPIENTE, ORIGEM-PERCURSO-META³², ATRAÇÃO, PARTE-TODO, que são responsáveis pela estruturação da experiência ancorada no corpo.

Um exemplo de como os esquemas-I operam em nosso sistema conceptual e, também, linguístico é apresentado por Johnson (1987), quando ilustra o esquema-I RECIPIENTE através das cenas do início de um dia:

Você acorda de um sono profundo e olha, ainda embaixo das cobertas, para o seu quarto. Você gradualmente sai do seu estado letárgico, descobre-se, põe seu robe, alonga-se e anda alegremente do quarto para o banheiro. Você olha

³¹ Do original: “a recurring, and dynamic pattern of our perceptual interactions and motor programs that gives coherence and structure to our experience”.

³² Há muitos termos, na literatura da LC, para os quais não há consenso quanto a sua tradução para o português; desse modo, no que diz respeito aos esquemas-I, usamos RECIPIENTE para a tradução de CONTAINER e ‘ORIGEM-PERCURSO-META, para ‘PATH’ ou SOURCE-PATH-GOAL.

no espelho e vê seu rosto olhando para você. Você abre o armário do banheiro, pega a pasta de dente, espreme um pouco de pasta na escova, coloca a escova na boca, escova os dentes rapidamente e enxágua a boca³³. (JOHNSON, 1987, p. 30, tradução nossa)

No exemplo apresentado, Johnson (1987) descreve a rotina de uma pessoa ao acordar, e mostra como a recorrência da experiência de entrar e sair nos espaços (como sair do quarto para o banheiro, abrir o armário do banheiro, espremer a pasta na escova de dentes, colocar a escova na boca) produz padrões que contribuem para emergir o esquema-I RECIPIENTE. A experiência corporal desse esquema-I surge da compreensão que temos dos nossos corpos como contêineres e pode ser elaborado ou fazer parte de uma elaboração metafórica para nossa compreensão de conceitos abstratos, para conceptualizar emoções e estados mentais, tendo o corpo, ou parte dele, como recipientes de emoções, ideias, sentimentos etc.

Outros exemplos de esquemas-I, apresentados por Peña Cervel (2012), são os que nos ajudam a compreender expressões metafóricas como “João caiu em uma depressão”. Nesta frase, são instanciados os esquemas-I VERTICALIDADE e RECIPIENTE, visto que o verbo ‘cair’ implica uma orientação vertical para baixo, na qual João é a entidade em movimento, vítima desse deslocamento descendente, que chegará a um destino, à depressão. A depressão, por sua vez, é delineada por uma região tridimensional que tem o seu interior preenchido por João.

Ainda sobre o conceito de esquema-I, Oakley (2007, p. 215, tradução nossa), corroborando com Johnson (1987) e Lakoff (1987), afirma que “um esquema de imagem é uma redescrição condensada da experiência perceptual com a finalidade de mapear a estrutura espacial na estrutura conceptual³⁴”. Assim, os esquemas-I seriam a base para organizar o conhecimento e o raciocínio sobre o mundo, a partir de experiências espaciais e temporais. Conforme Lakoff (1987), determinados conceitos são derivados de esquemas-I e esses esquemas podem servir de domínio-fonte para a correspondência metafórica na TMC. O referido autor apresenta alguns esquemas-I mais básicos e mais centrais originários dessa experiência corpórea, são eles: CONTAINER, PARTE-TODO, LIGAÇÃO, CENTRO-PERIFERIA, ORIGEM-PERCURSO-META e PARA CIMA-PARA BAIXO.

³³ Do original: “You wake out of a deep sleep and peer out from beneath the covers into your room. You gradually emerge out of your stupor, pull yourself out from under the covers, climb into your robe, stretch out your limbs, and walk in a daze out of the bedroom and into the bathroom. You look in the mirror and see your face staring out at you. You reach into the medicine cabinet, take out the toothpaste, squeeze out some toothpaste, put the toothbrush into your mouth, brush your teeth in a hurry, and rinse out your mouth”.

³⁴ Do original: “an image schema is a condensed redescription of perceptual experience for the purpose of mapping spatial structure onto conceptual structure”.

Johnson (1987), também, apresenta uma lista de esquemas-I, na qual considera os seus principais tipos. Além dos citados por Lakoff (1987), ele, ainda, indica a existência dos seguintes: EQUILÍBRIO, COMPULSÃO, BLOQUEIO, CONTRA-FORÇA, RESTRIÇÃO, REMOÇÃO, DESBLOQUEIO, ATRAÇÃO, POSSIBILITAÇÃO, CICLO, PERTO-LONGE, ESCALA, FUSÃO, SEPARAÇÃO, CHEIO-VAZIO, COMBINAÇÃO, SUPERPOSIÇÃO, INTERAÇÃO, CONTATO, PROCESSO, SUPERFÍCIE, OBJETO e COLEÇÃO³⁵.

Existem diferentes propostas de listas em que esquemas-I são agrupados, a partir de diferentes critérios; sendo assim, não há uma taxonomia fixa e nem um limite numérico de esquemas-I definidos; esses, segundo Gibbs e Colston (2012 [1995]), surgem diariamente no nosso pensamento, raciocínio e imaginação no processo de conceptualização. Isso se deve à natureza dinâmica dos esquemas, conforme apresentado por Johnson (1987), e ao fato de os estudiosos desse assunto não se preocuparem em oferecer um conceito fechado.

Apresentaremos, a seguir, uma síntese dos esquemas-I explorados nesse estudo; para isso, serão discutidos os elementos estruturais e as relações estabelecidas entre eles, seguidos de um exemplo. Para descrever esses esquemas, recorreremos aos seguintes autores: Johnson (1987), Lakoff (1987), Peña Cervel (2012) e Duque e Costa (2012). Vejamos:

- *Esquema-I RECIPIENTE*: descreve como compreendemos uma região de espaço limitada e possui quatro elementos: um interior, um exterior, um limite, que os separa, e um portal, que regula o acesso ao espaço. Segundo sua lógica interna, as entidades podem estar dentro ou fora do recipiente e um recipiente pode estar dentro de outro recipiente. No exemplo, “Maria está no quarto”, Maria está dentro do quarto, que se encontra dentro da casa; desse modo, tanto quarto como casa são recipientes.
- *Esquema-I ESCALA*: está relacionado aos aspectos qualitativos (intensidade) e quantitativos (aumentar e diminuir) da nossa experiência. Noções como mais, menos e igual são a base do esquema-I. No exemplo, “Estou um pouco chateada com você”, o grau de intensidade é menor do que “Você é tão linda”, que tem intensidade alta de beleza.
- *Esquema-I PARTE-TODO*: experienciamos nossos corpos como um todo com partes, além de que distinguimos a estrutura PARTE-TODO em diferentes elementos do meio em que vivemos, como o nosso corpo (TODO) que é formado por braços, pernas,

³⁵ Do original: “CONTAINER, BALANCE, COMPULSION, BLOCKAGE, COUNTERFORCE, RESTRAINT, REMOVAL, ENABLEMENT, ATTRACTION, MASS-COUNT, PATH, LINK, CENTER-PERIPHERY, CYCLE, NEAR-FAR, SCALE, PART-WHOLE, MERGING, SPLITTING, FULL-EMPTY, MATCHING, SUPERIMPOSITION, INTERATION, CONTACT, PROCESS, SURFACE, OBJECT, COLLECTION”.

cabeça, tronco etc. (PARTES). Esse esquema-I é estruturado por três elementos: um todo, suas partes e uma configuração. No exemplo “Maria é a filha mais velha do casal”, o total de filhos do casal compõe o TODO e ‘a filha mais velha’ constitui a PARTE, mesmo sendo ela própria um todo.

- *Esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META*: é entendido por meio dos nossos movimentos, como andar. Sua estrutura é constituída por uma origem, um destino e uma série contínua de locações que liga o ponto de partida ao ponto de chegada, por exemplo, “João deu flores a sua namorada”, em que João é a origem e a namorada é o destino.
- *Esquema-I CHEIO-VAZIO*: é concebido por um interior, um recipiente e alguma entidade que encha o interior. Desse modo, o recipiente encontra-se CHEIO, quando a entidade ocupa todo o seu interior, como em “O rio estava cheio de peixes mortos”, ou VAZIO, se não contém entidade em seu interior, conforme “Carlos esvaziou o tanque para lavar”.
- *Esquema-I PERTO-LONGE*: os elementos estruturais desse esquema-I incluem duas ou mais entidades, uma trajetória e alguma distância entre as entidades; se a distância for pequena, o polo PERTO é ativado, quando a distância é grande, o polo LONGE do esquema é instanciado. No exemplo “Salvador e São Paulo são cidades muito distantes”, o polo LONGE foi ativado; já em “João está sentado junto de Maria”, o polo PERTO é ativado.
- *Esquema-I CONTATO*: ocorre se não existe distância entre as entidades, elas encontram-se em contato. Os elementos estruturais desse esquema-I constituem duas ou mais entidades e uma trajetória sobre a qual a distância entre elas é medida. No exemplo “Lucas está, a cada dia, mais próximo de Joana” há uma relação de proximidade entre Lucas e Joana.
- *Esquema-I LIGAÇÃO*: em relação à corporificação, nosso primeiro elo de ligação é estabelecido pelo cordão umbilical, que torna o feto inseparável da mãe. Desse modo, esse esquema funciona sempre que alguns elementos estão relacionados e ocorre uma conexão entre eles. Sua estrutura consiste em duas entidades que se ligam entre si por algum laço, como no exemplo “Nossas vidas estarão ligadas para sempre!”. Nesse exemplo, as entidades são as duas pessoas que estão ligadas através do relacionamento.

- *Esquema-I EQUILÍBRIO*: esse esquema surge em virtude da nossa experiência de equilíbrio ou desequilíbrio corporal, como quando as crianças, aprendendo a andar, mesmo já estando em pé, muitas vezes, balançam e caem ao chão e, somente, as repetidas tentativas a farão manter uma postura ereta e equilibrada. Se tomarmos como exemplo a frase “Estou na corda bamba”, é possível estabelecermos relação com o conceito experiencial de equilíbrio.
- *Esquema-I VERTICALIDADE*: é constituído por uma trajetória vertical que consiste nos seguintes elementos estruturais: uma origem, uma direção e um destino. No exemplo “Marina continua feliz”, o estado de humor de Marina descreve uma trajetória vertical para cima.
- *Esquema-I FORÇA³⁶/ATRAÇÃO-REPULSÃO*: em nossas experiências, há muita estrutura esquemática de atração e repulsão, como um ímã atraindo um pedaço de aço para si ou um polo magnético repelindo outro polo magnético. Os elementos estruturais são uma origem, um destino, uma direção e alguma força que faz com que alguma entidade se mova em direção a ela, no caso do esquema-I ATRAÇÃO, ou para longe dela, no esquema-I REPULSÃO. Como exemplos, temos “Pensamentos positivos atraem coisas boas” e “As pessoas sentem repulsa pelo mal”; no primeiro, ‘pensamentos positivos’ são vistos como uma força que aproxima as coisas boas; e, no segundo, o ‘mal’ é uma força repulsiva que faz com que as pessoas se afastem dele.
- *Esquema-I FORÇA/BLOQUEIO*: faz referência às experiências de obstáculos que bloqueiam ou resistem a alguma força. É caracterizado pelos seguintes elementos: uma trajetória com uma direção, um destino que não pode ser alcançado, uma entidade se movimentando e outra que bloqueia ou resiste à força da entidade que se move. Quando falamos, por exemplo, “Silvia impediu a nomeação de Júlia para o cargo”, ‘Silvia’ é um agente que impede que Júlia avance para alcançar uma meta na carreira.

³⁶ O esquema-I FORÇA está presente em todas as nossas interações com o nosso entorno, seja quando atuamos sobre objetos e pessoas ou quando somos influenciados por eles. De acordo com Johnson (1987), há sete estruturas de força que são mais representativas e que operam constantemente em nossa experiência: COMPULSÃO, BLOQUEIO, CONTRA-FORÇA, DESVIO, ELIMINAÇÃO DE RESTIÇÃO, PERMISSÃO e ATRAÇÃO/REPULSÃO.

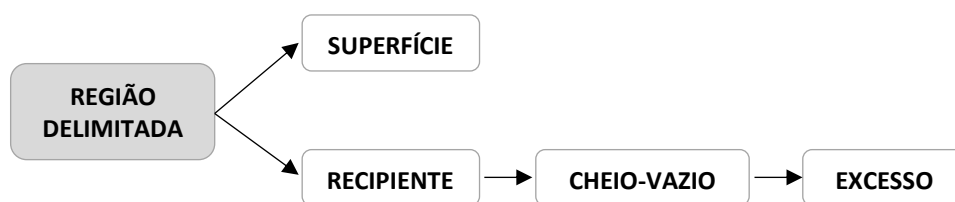
Apesar de os esquemas-I terem sido apresentados separadamente, quando ativados, esses padrões cognitivos se interligam³⁷ de modo dinâmico e distinto, não existindo como entidades individuais estáticas e isoladas, mas ligadas entre si. Oakley (2007), ao falar sobre a diversidade de esquemas-I, expõe a possibilidade de uma sobreposição entre eles ou da existência de alguns mais ou menos prototípicos, formando uns mais complexos, a partir de outros mais simples.

Seguindo essa proposta, alguns trabalhos têm sugerido um sistema de dependência entre os esquemas-I, partindo de estudos relacionados à metáfora e à metonímia e, também, à polissemia. Um desses estudos é o de Peña Cervel (2012), segundo o qual, os esquemas-I estruturam princípios que não pertencem a um mesmo nível de categorização, eles possuem padrões que se encontram inter-relacionados devido aos vários tipos de relações de dependência conceptual existente entre eles. Desse modo, os esquemas são divididos pela autora em básicos e subsidiários ou dependentes, pois as estruturas são organizadas de forma hierárquica em níveis diferentes, conforme o grau de generalidade.

Tendo como base a lista de classificação de alguns estudiosos, Peña Cervel (2012) apresenta uma proposta de uma taxonomia de esquemas-I, a qual ela busca identificar os elementos imediatos de cada esquema-I e sua lógica interna, atribuindo a três esquemas básicos, REGIÃO DELIMITADA, ORIGEM-PERCURSO-META e PARTE-TODO, o nível mais alto na hierarquia, de modo que os padrões dependentes são especificações mais detalhadas desses esquemas básicos.

As figuras que seguem mostram como a autora relaciona os esquemas-I e a dependência entre eles. As caixas sombreadas equivalem aos esquemas-I básicos e as setas indicam que os esquemas-I apontados são dependentes do que os precedem.

Figura 3 – Esquema-I REGIÃO DELIMITADA e dependentes

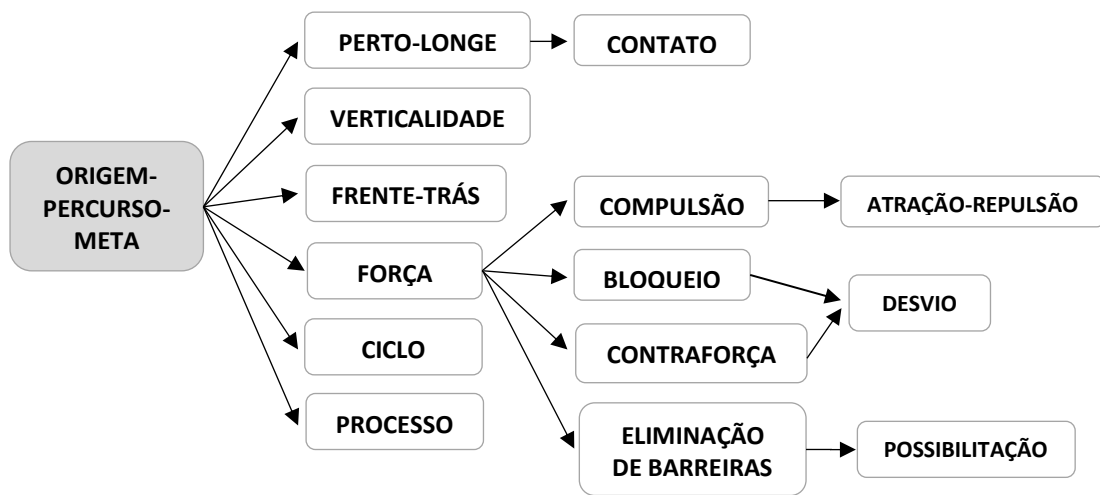


Fonte: Adaptada de Peña Cervel (2012, p. 87)

³⁷ Lakoff (1987, p. 442-3) chama essas ligações de transformações. Cada uma delas, segundo o autor, reflete aspectos importantes da experiência humana visual, auditiva, sinestésica e, sobretudo, corporal.

Conforme a autora, o esquema-I REGIÃO DELIMITADA é o nó dominante e dele dependem os esquemas-I SUPERFÍCIE e RECIPIENTE, como mostra a Figura 3. Da mesma forma, o esquema-I RECIPIENTE empresta a sua estrutura e material conceitual ao esquema-I CHEIO-VAZIO, do qual o esquema-I EXCESSO é subsidiário. Vejamos, na Figura 4, como se dá a relação entre os esquemas dependentes do esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META:

Figura 4 - Esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META e dependentes

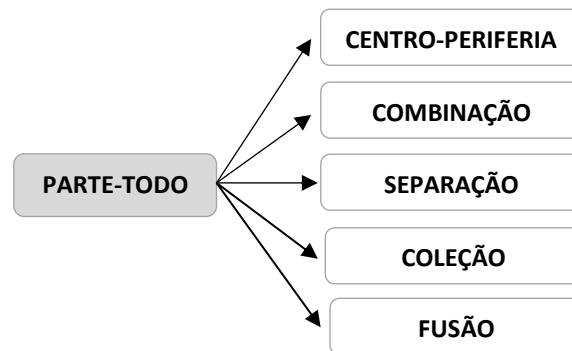


Fonte: Adaptada de Peña Cervel (2012, p. 88)

Na Figura 4, os esquemas-I PERTO-LONGE, VERTICALIDADE, FRENTE-TRAS, FORÇA, CICLO e PROCESSO são dependentes de ORIGEM-PERCURSO-META. O PERTO-LONGE inclui o CONTATO. O esquema-I FORÇA abarca COMPULSÃO (e seus esquemas-I subsidiários ATRAÇÃO-REPULSÃO), BLOQUEIO, CONTRA-FORÇA (junto com o esquema dependente DESVIO) e ELIMINAÇÃO DE BARREIRAS (e seu padrão subsidiário POSSIBILITAÇÃO).

Por fim, na Figura 5, a autora apresenta o esquema-I básico PARTE-TODO, relacionado com seus esquemas dependentes CENTRO-PERIFERIA, COMBINAÇÃO, SEPARAÇÃO, COLEÇÃO e FUSÃO.

Figura 5 - Esquema-I PARTE-TODO e dependentes



Fonte: Adaptada de Peña Cervel (2012, p. 88)

Tentativas como essa de Peña Cervel (2012), de agrupar os esquemas-I, são mais um exemplo de sua natureza dinâmica. Desse modo, um mesmo conceito pode acionar diferentes esquemas-I, a depender da perspectiva. Por exemplo, a expressão: “Meu coração está cheio de amor” pode evocar pelo menos dois esquemas-I: RECIPIENTE, o coração, que compreende um espaço delimitado, e CHEIO-VAZIO, relacionado ao conteúdo que preenche o recipiente, o amor.

Diante do exposto, observamos que os esquemas-I têm participação em qualquer outro modelo na estruturação dos MCIs metafóricos e metonímicos (LAKOFF, 1987) e, por conseguinte, de todo e qualquer processo de conceptualização.

1.3.4 Modelo Proposicional

Os Modelos Cognitivos Idealizados Proposicionais são baseados em proposições dentre as quais emerge um conjunto de significados construídos ao longo do nosso desenvolvimento sociocognitivo. Conforme Lakoff (1987), esses MCIs apresentam as seguintes características: a) não usam mecanismos imagéticos, como ocorre com a metáfora e a metonímia; b) possuem um conjunto de elementos usados no MCI, que podem ser desde conceitos de nível básico, como entidades, ações, estados, propriedades etc., até conceitos caracterizados por outros modelos cognitivos; e c) apresentam um caráter objetivista, uma vez que, como já dissemos, são estruturados por entidades mentais, dependentes da experiência humana, que possuem propriedades e relações entre elas. Desse modo, muito da nossa estrutura de conhecimento encontra-se na forma de modelos proposicionais. Assim, por exemplo, um modelo que caracteriza nosso conhecimento sobre ‘fogo’ está relacionado com o fato de que ‘fogo é

perigoso'; do mesmo modo, um modelo de um domínio, como o da 'gastronomia', inclui elementos que ocorrem nesse domínio, como 'comida', 'restaurante'.

Em sua obra, o ator descreve alguns tipos de MCIs proposicionais, quais sejam: a proposição, o frame, o cenário (às vezes chamado de "script"), o feixe de traços, a taxonomia e a categoria radial. No nosso estudo, recorreremos a descrição de frame, pois subsidiou nossas reflexões finais nos estudos das ocorrências, na seção 3.2.

1.3.4.1 Semântica de Frames

Podemos afirmar que um frame é um sistema de conceitos relacionados que corresponde a uma estrutura conceptual de formato proposicional oposta aos esquemas-I que são mentais e não proposicionais.

Originalmente, a ideia de frame surgiu no campo da Psicologia, perpassou pela Antropologia e pela Inteligência Artificial, até chegar a Linguística, tendo seu estudo sistematizado pelo linguista estadunidense Charles Fillmore. A discussão do conceito de frame deu origem à Semântica de Frames, desenvolvida na década de 1970 e amplamente difundida pelo citado linguista³⁸. A Semântica de Frames é um modelo da LC e tem como objetivo maior estudar os processos de relações de sentido que se estabelecem entre os significados dos itens lexicais de uma língua e as experiências vivenciadas pelos seus usuários, a partir de estruturas cognitivas chamadas de frames.

Fillmore (2009 [1982]) define um frame como um enquadre, como uma descrição esquematizada das nossas experiências. Então, é compreendido como

qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram; quando um dos elementos dessa estrutura é introduzido em um texto, ou em uma conversa, todos os outros elementos serão disponibilizados automaticamente. (FILLMORE, 2009 [1982], p. 25).

Desse modo, o frame refere-se ao conhecimento de todos os conceitos relacionados que se ativam mutuamente, compondo um determinado contexto que é, cognitivamente, acionado, a partir da palavra ou expressão que aciona o frame. De acordo com essa noção, para entender o significado de 'garçom', é necessário compreender todo o entorno em que a palavra está inserida, como 'cardápio', 'conta', 'cliente', representando uma categoria da experiência que

³⁸ Após a estruturação da teoria, na década de 1970, Fillmore a apresentou, mais globalmente, na década de 1980, em dois artigos publicados: *Frame Semantics* (1982) e *Frames and the semantics of understanding* (1985).

proporcione um contexto que permite a sua compreensão. Assim, para que se possa entender uma parte, é necessário entender o todo em que o conceito está inserido.

A partir dos estudos da Semântica de Frames e da LC, na década de 1990, Fillmore desenvolveu o FrameNet³⁹, um projeto computacional de base lexicográfica da língua inglesa, que tem como objetivo apresentar informações sobre as ligações das propriedades semânticas e sintáticas dos itens lexicais do referido idioma, a partir de evidência empírica e de frames semânticos.

Lakoff (2007 [2004]), por sua parte, define um frame como uma estrutura conceitual usada no pensamento e que molda nossa maneira de ver o mundo. Ele cita, como exemplo, a palavra ‘elefante’ que é um frame que evoca a imagem de um elefante e o que já se sabe sobre esses animais. Desse modo, o frame de elefante inclui um animal muito grande, orelhas grandes e flexíveis etc., e qualquer uma dessas palavras ou frases, também, podem evocar o frame do ‘elefante’. Isso porque conhecemos os frames através da linguagem, isto é, todas as palavras são definidas em relação aos frames conceituais, assim, quando ouvimos uma palavra, por exemplo, o seu frame (ou sua coleção de frames) é ativado no nosso cérebro.

Duque (2015) coaduna com o conceito apresentado por Lakoff (2007 [2004]) e define o frame como “mecanismos cognitivos através dos quais organizamos pensamentos, ideias e visões de mundo”. (DUQUE, 2015, p. 26). Ele propõe uma metodologia para o estudo do frame aplicada ao discurso e sua proposta tem como base os estudos da Teoria Neural da Linguagem, segundo a qual, os frames são entendidos como circuitos neurais, cujos papéis correspondem aos núdulos desses circuitos (LAKOFF, 2008).

Partindo da divisão de Fillmore (1982), Duque (2015) categoriza os frames em dois grupos: frames linguísticos, que apresentam seis dimensões: dimensão esquemática, dimensão conceptual básica, dimensão do evento, dimensão do roteiro, dimensão do domínio específico, dimensão sociocultural, e frames interacionais⁴⁰. Conforme o autor, esses frames podem ser ativados através de estratégias cognitivas como a seleção lexical, o arranjo gramatical e o mapeamento metafórico.

³⁹ O FrameNet foi desenvolvido por um grupo de pesquisadores do ICSI - *International Computer Science Institute* (Berkeley, EUA), sob a liderança de Fillmore. Todas as informações sobre esse programa estão disponíveis no site <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>. No Brasil, vários estudos sobre a teoria dos frames têm sido realizados no âmbito do Projeto FrameNet Brasil, sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob a coordenação da professora Margarida Salomão. As informações sobre o seu banco de dados, os projetos a ele relacionados, os *corpora* disponíveis, dentre outras questões, encontram-se na página da internet <http://www.framenetbr.ufjf.br/>.

⁴⁰ Uma descrição detalhada de cada uma das dimensões do frame, nessa perspectiva, encontra-se em Duque (2015; 2017).

Trabalhos vêm sendo desenvolvidos, a partir do modelo de análise de frames apresentado por diferentes autores, porém como nosso trabalho busca verificar as formas de conceptualização do AMOR, baseado nos Modelos Cognitivos Idealizados apresentados por Lakoff (1987), e, no que diz respeito aos modelos proposicionais, observar a inter-relação entre os domínios cognitivos instanciados a partir das ocorrências, adotamos a proposta de estudo de frames de Fillmore (2009 [1982]).

Na próxima seção, apresentamos os antecedentes da SSHC, assim como suas características e desafios atuais.

1.4 BREVE ABORDAGEM DA SEMÂNTICA SÓCIO-HISTÓRICO-COGNITIVA

As primeiras especulações acerca do significado têm sua origem na Antiguidade Clássica, quando os filósofos procuravam uma lógica para estabelecer relações entre o nome e a coisa nomeada. Apesar de as primeiras reflexões sobre o significado e seu desenvolvimento histórico remontarem ao período greco-romano, a semântica só se constituiu, enquanto área científica que se dedica à construção de saberes a propósito do significado, no século XIX⁴¹, com a publicação de um artigo de Michael Bréal no livro *Essai de sémantique: science des significations*, do próprio autor, em 1897, na França. O texto de Bréal foi publicado em um contexto em que a abordagem do significado não era prioridade no âmbito dos estudos da linguagem, devido ao seu caráter abstrato ou, como diz Fernández Jaén (2007, p. 345, tradução nossa), por ser considerado “algo indescritível e difícil de delimitar⁴²”. Desse modo, surgiu a Semântica como campo do saber científico dedicado ao estudo do significado, inicialmente, de natureza, intrinsecamente histórica, com a finalidade de compreender sua origem e sua evolução ao longo do tempo.

Esse primeiro período de estudos do significado foi denominado por Fernández Jaén (2007, 2016) de Semântica Pré-Estruturalista e predominou no cenário acadêmico até os anos de 1930, tendo como principais representantes, além de Reisig e Bréal, Paul, Darmesteter, Wundt, Nyrop, Carnoy, Erdmann, Stern, que buscaram discutir, em seus trabalhos, os mecanismos de mudança semântica e a evolução diacrônica do léxico, indo além da etimologia.

⁴¹ Fernández Jaén (2007) considera Reisig o primeiro estudioso que refletiu sobre o significado, numa perspectiva histórica, tendo publicado, em 1839, na Alemanha, o artigo *Vorlesungen über lateinische Sprachwissenschaft*. Nesse sentido, as ideias de Reisig são um antecedente claro dos postulados de Bréal. Porém, possivelmente, segundo o autor, não foi considerado o criador da semântica, por uma questão terminológica, já que chamou de semasiologia e não de semântica a nova área do saber que estava se delineando.

⁴² Do original: “algo huidizo y difícil de acotar”.

De modo geral, conforme Santos (2015, p. 14), esse período apresentou as seguintes propriedades:

a) orientação diacrônica ou histórica para análise do significado, por influência da Linguística Histórica e do método histórico comparativo, com foco não apenas no estudo da mudança semântica, mas, sobretudo, nos mecanismos propulsores desse tipo de mudança; b) concepção psicológica de significado, pois tanto os significados lexicais deveriam ser considerados entidades psicológicas e estar atrelados ao pensamento e às ideias, como as mudanças semânticas resultariam de processos psicológicos, e c) caráter hermenêutico do estudo do significado, uma vez que se defendia a possibilidade de interpretar os significados de modo subjetivo, levando em consideração as experiências e o conhecimento de mundo do sujeito interpretante.

Esse período pode ser considerado como aquele em que ocorreu uma das primeiras manifestações da semântica de cunho verdadeiramente linguístico, diferentemente do que havia sido feito até aquela época.

No início do século XX, com o desenvolvimento do Estruturalismo, fundamentado nas ideias de Ferdinand Saussure, o modelo semântico de investigação histórica pré-estruturalista foi colocado em segundo plano, ou até mesmo interrompido, pois o objeto de estudo na abordagem estrutural foi a estrutura semântica da língua e não as mudanças ocorridas nas unidades lexicais, apesar de algumas raras exceções. Desse modo, teve como prioridade o estudo de qualquer nível linguístico sem levar em consideração a dimensão temporal, e, assim, os estudos sincrônicos se fortalecem em detrimento dos diacrônicos.

Ao considerar o aspecto sincrônico, semanticistas se separam da semântica do século XIX e começam a desenvolver estudos sem a intervenção dos fatores externos ao próprio sistema linguístico, só retomados na década de 1960. Sendo assim, as principais características desse novo enfoque, segundo Geeraerts (1993), revisitado por Fernández Jaén (2007), são as seguintes:

a) Diferentemente da semântica anterior (que trabalha principalmente no domínio da palavra individual), a semântica estrutural estabelece o significado das palavras estudando sua oposição com o resto das palavras do sistema.
b) Este modelo considera que a semântica é uma variável linguística autônoma e que, portanto, o significado linguístico não pode ser explicado a partir de postulados psicológicos.
c) A semântica estrutural considera que, na medida em que estudar a mudança semântica pressupõe explicar a evolução do sistema através do qual as palavras têm sentido, não se pode fazer semântica histórica se não tiver estabelecido previamente a semântica sincrônica, assim sendo esta

especialidade linguística perde o caráter com o qual havia nascido.”⁴³
(GEERAERTS, 1993 *apud* FERNÁNDEZ JAÉN, 2007, p. 349, tradução
nossa)

Logo, a semântica estruturalista limitava-se às relações internas ao sistema e excluía o referente (a coisa à qual o significado e o significante se referem), a história, e, principalmente, o mundo exterior e o modo como o sujeito o percebia e conceptualizava. (SANTOS, 2015).

Conforme Santos (2015), esse estágio dos estudos semânticos permaneceu, nas primeiras décadas do século XX, mais especificamente nos anos de 1931 a 1963, e, nesse período, o Estruturalismo europeu foi predominante. A Semântica Estrutural teve como marco inicial o trabalho desenvolvido por Trier, que, em 1931, com base nas ideias saussureanas, desenvolveu a teoria dos campos léxicos. Outros representantes que se destacaram foram Porzig, Goodenough, Lounsbury, Lyons e Pottier.

No Estruturalismo, o nascimento da Semântica Estrutural Histórica foi tardio. Ela só surge, em 1964, com a publicação do artigo *Pour une sémantique diachronique strutral*, de Eugenio Coseriu. Nesse artigo, o autor mostra que o estudo da mudança semântica explica o aparecimento, a manutenção, a modificação e o desaparecimento das oposições léxicas distintivas ao longo da história de uma língua; porém, não é necessário levar em consideração, segundo ele, os aspectos culturais e psicológicos, pois a língua é concebida, nessa perspectiva, como algo imanente e que possui uma lógica interna suficiente para poder buscar a evolução do significado. (FERNÁNDEZ JAÉN, 2007).

Nos finais dos anos 1950, a abordagem estruturalista passou a coexistir com a gerativista. Nesse novo programa, a semântica foi desconsiderada, inicialmente, pois Noam Chomsky, seu fundador, considerava, apenas, o módulo sintático nos estudos da linguagem, sendo este autônomo e independente da semântica. A aplicação dos estudos gerativistas aos estudos do significado, ou seja, a tentativa de uma integração entre a Semântica e o Gerativismo, em favor de uma semântica interpretativa, foi postulada, em 1963, por Katz e Fodor e depois desenvolvida por Katz, em 1972, porém, não obteve sucesso, conforme relata Santos (2015).

⁴³ Do original: “a) A diferencia de la semántica anterior (que trabaja principalmente en el dominio de la palabra individual) la semántica estructural establece el significado de las palabras estudiando su oposición con el resto de palabras del sistema.

b) Este modelo considera que la semántica es una variable lingüística autónoma y que, por tanto, el significado lingüístico no se puede explicar a partir de postulados psicológicos.

c) La semántica estructural considera que, en la medida en que estudiar el cambio semántico implica explicar la evolución del sistema en el que tienen sentido las palabras, no se puede hacer semántica histórica se no se ha establecido previamente la semántica sincrónica por lo que esta especialidade lingüística perde el carácter diacrónico com el que había nacido”.

Ao combinar os parâmetros gerativistas à metodologia estrutural, Katz cria uma semântica formalista que culminou no surgimento de duas vertentes distintas nos estudos semânticos: de um lado, uma Semântica Gerativa de abordagem lógico-formal, e, do outro, em oposição ao formalismo gerativista, a Semântica Cognitiva, de abordagem psicológica e cognitiva.

Embora integrando à semântica aos estudos sintáticos, a Semântica Histórica Gerativa descartou a dimensão histórica da semântica, adotando uma abordagem sincrônica própria dos sistemas formais. Desse modo, conforme Almeida (no prelo-d, p. 8), nos anos 1970,

a semântica histórica se achava, relativamente, estagnada, pois a historicidade da linguagem não estava, em princípio, na agenda do gerativismo, assim como as questões próprias e particulares da semântica não eram prioridade para os seus pesquisadores, já que o modelo gerativista não precisava de evidências históricas ou nem mesmo da semântica para a priori funcionar.

Nos fins dos anos 1970 e princípios dos 80, em virtude das divergências de alguns gerativistas, influenciados pelas ciências cognitivas e insatisfeitos com a pouca atenção dada ao significado linguístico, surgiu um novo modelo, a LC, para a investigação do significado que integra a linguagem à cognição e sua inter-relação com outras capacidades cognitivas do ser humano. Além disso, nessa abordagem, a linguagem é corporificada⁴⁴.

A partir de então, os estudos semânticos começaram a ganhar nova força, de modo que a organização da realidade humana em categorias e o entendimento dos mecanismos de conceptualização, metafóricos e metonímicos, como geradores de mudança de significado, conduziram a LC ao encontro do estudo histórico da significação humana. (ALMEIDA, no prelo-d).

No que diz respeito à mudança semântica, como assinala Fernández Jaén (2016), a SC, diferentemente do Estruturalismo e do Gerativismo, retomará alguns postulados pré-estruturalistas relacionados ao desenvolvimento do significado, no passar do tempo, a partir da utilização de novas ferramentas teóricas e empíricas desse novo campo de estudos, as quais permitem aprofundar as investigações, concebendo a língua como um sistema de mudanças. Desse modo, colocará os aspectos históricos do significado no centro de suas atenções. Isto porque, conforme Almeida (no prelo-d, p. 11-12),

além de ter concebido a linguagem como um constructo da cognição humana, considerou as mudanças que pelas quais o sistema languageiro passa no caminhar do tempo, porque compreendeu que o significado está em mutação,

⁴⁴ Não iremos nos estender a respeito dos princípios da LC, visto que já fizemos uma breve síntese sobre esse ramo da Linguística na seção 1.1.

pela sua intrínseca relação com as também mutáveis necessidades comunicativas das pessoas falantes (e, aqui, acrescento, escreventes, isto porque os estudos em perspectiva histórica são feitos, basicamente, através da documentação remanescente) e pelo fato de sê-lo uma constante interpretação inter-relacionada com a percepção e criação dos seres humanos da realidade e com as pressões geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológicas vividas pelos seus diferentes grupos.

Em vista disso, no âmbito da LC, a SC desenvolveu instrumentos teóricos, que foram utilizados no desenrolar dos estudos do significado, no decorrer do tempo, constituindo-se em uma forma autônoma com uma denominação própria, a saber, Semântica Diacrônica Cognitiva. (GEERAERTS, 1997). A designação para a semântica em perspectiva histórica e cognitiva é empregada indistintamente pelos diversos autores que se ocupam desse estudo, em vista disso, na nossa investigação, utilizamos o termo SSHC, proposto por Almeida (no prelo-d), que justifica esse uso por entender que há estudos diacrônicos que não são propriamente sócio-históricos; desse modo, o referido termo sinaliza as inter-relações entre cognição e sócio-história, no âmbito da linguagem.

Nos últimos anos do século passado e início do corrente, os estudos sócio-histórico-cognitivos tiveram um relativo desenvolvimento ao enfocar o estudo da linguagem no tempo. Fernández Jaén (2007) considera que esses estudos começam, de modo sistemático, a partir dos estudos de Geeraerts e com a publicação do livro *Diachronic prototype semantics: a contribution to historical lexicologia*, em 1997. No estudo que teve como resultado o referido livro, o autor propôs, a partir da Teoria dos Protótipos, que o estudo histórico do significado não pode dispensar os fundamentos cognitivos da linguagem.

Além de Geeraerts (1997), outros pesquisadores vêm se dedicando à compreensão dos fenômenos do significado numa perspectiva sócio-histórico-cognitiva, em diferentes centros acadêmicos do mundo, ampliando, assim, os estudos dessa natureza. Podemos citar, entre outros, os estudos de Silva (1999), Fernández Jaén (2012) e Paz Afonso (2014), na Europa; e os de Santos (2011) e Silva (2017), além do nosso estudo, que constitui uma contribuição à SSHC no cenário brasileiro⁴⁵.

A partir dessas investigações, nas quais os pesquisadores dedicam-se ao estudo da categorização, da estrutura do significado, da conceptualização e da polissemia, a SSHC elabora conhecimentos interdisciplinares sobre o desenvolvimento histórico do significado e sua

⁴⁵ Novas pesquisas de doutorado vêm sendo realizadas, no Brasil, enfocando o aspecto sócio-histórico-cognitivo da semântica, direcionados para o estudo da conceptualização, a exemplo dos trabalhos desenvolvidos na Universidade Federal da Bahia, sob orientação da prof^a A. Ariadne Domingues Almeida. Esses estudos podem contribuir para o estabelecimento de redes, nessa área da semântica, para que, futuramente, possam-se sistematizar as possíveis aproximações do comportamento do significado.

mudança, além de propiciar constructos teóricos para que o desenvolvimento semântico da linguagem, no decorrer do tempo, receba um tratamento mais adequado.

A SSHC busca compreender a inter-relação entre as palavras e como essas conexões se desenvolvem no tempo, assumindo uma perspectiva imaginativa do significado, ao relacionar aspectos que antes eram vistos separadamente e passando a agir de forma conciliadora e integradora. Ademais, ela possui natureza psicológica e é experiencialista; a primeira, porque é preciso compreender a mente humana para se entender o desenvolvimento histórico do significado e suas variações, manutenções e mudanças; e a segunda, porque cognição e linguagem são corporificadas e determinadas pelas experiências dos indivíduos e de suas culturas, conforme já sinalizado.

Como aponta Almeida (no prelo-d), essa abordagem da semântica leva em consideração, ainda, os fatores neurocognitivos, no processo de elaboração dos seus estudos; defende a regularidade dos mecanismos de mudança semântica e das próprias mudanças, por serem mecanismos frequentes do sistema conceitual humano; concebe o significado como uma entidade conceitual dinâmica; postula que entre os diferentes módulos do sistema da linguagem não há barreiras nítidas, apenas, zonas difusas de interseção; e, por fim, faz um estudo empírico da linguagem, que está fundamentada na observação dos usos dos falantes-escrevintes nos mais diversos domínios da experiência e produção da comunicação humana.

Ainda, conforme Almeida (no prelo-d), a SSHC busca responder algumas questões que colaboram para aprofundar o conhecimento da natureza das mudanças semânticas. A partir das indagações de Fernández Jaén (2016), a autora traz os seguintes questionamentos:

1) Como surge e ocorre a polissemia léxica? 2) Como as categorias se comportam no tempo atual, se variam, tendendo à mudança? 3) Como atuam os fatores sociais, culturais e pragmáticos na manutenção, variação e mudança do significado? 4) Qual é a relação entre as figuras do pensamento e da ação na manutenção, variação e mudança semântica? 5) Como a cognição humana atua no fenômeno da manutenção, da variação e da mudança semântica? 6) Qual o padrão de organização semântica e como podem mudar? 7) Quais são os desafios postos para a constituição de um corpus representativo para o estudo do significado em perspectiva sócio-histórico-cognitivista? (ALMEIDA, no prelo-d, p. 14)

As respostas a essas perguntas já começam a ser delineadas nos trabalhos já citados anteriormente, entre outros, que estão em processo de desenvolvimento.

Outros desafios à SSHC, além dos já mencionados, são levantados por Almeida (no prelo-d) e precisam ser vencidos, a partir de pesquisas na área. Os mesmos estão relacionados às dicotomias que surgiram e que caracterizam a Linguística Moderna e que precisam ser

sanados, no estudo histórico do significado. O primeiro desafio diz respeito à dualidade história interna e história externa. Ao se compreender a conceptualização humana como resultado de uma mente corporificada, não se justifica a separação da história do povo das suas realizações linguísticas. Desse modo, não é coerente manter essa oposição na SSHC.

A diferenciação entre estudos diacrônicos, de um lado, e sócio-históricos, de outro, também, não é produtora. Porém, estudos têm considerado a dinâmica temporal-cronológica sem atender a dimensão sócio-histórica, o que não é possível, pois se a mente é corporificada, as realizações linguísticas são compreendidas de forma integralizadora.

Esse diálogo com as diferentes dimensões que constituem a linguagem acarreta o desafio interdisciplinar da LC. Desse modo, conforme Almeida (no prelo-d), além do compromisso interdisciplinar com outras ciências da cognição, como já é postulado pela LC, os estudos semânticos sócio-histórico-cognitivistas devem ampliar seu olhar interdisciplinar, estabelecendo diálogos mais profundos com áreas como a História, a Sociologia, a Geografia, a Antropologia e a própria Filosofia, colaborando, assim, para uma melhor compreensão da linguagem e do seu significado.

A relação entre léxico e gramática é outra questão colocada por Almeida (no prelo-d) no que se refere ao estudo histórico e cognitivo do significado e suas mudanças. Essa relação é, geralmente, considerada sem limites estanques, porém, num estudo histórico do significado, o conteúdo semântico das palavras não deve ser discutido isoladamente, mas de forma global como um todo indivisível, inclusive, considerando os níveis da linguagem (fonético-fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico, pragmático e discursivo) como um contínuo que atua de modo global e não como uma divisão hierárquica da linguagem.

A dicotomia linguagem x língua é outro desafio a ser vencido pelos estudos da SSHC. Essa dicotomia é, também, baseada em uma relação hierárquica e de subordinação, na qual o fenômeno mais geral, que abarca os diferentes meios de comunicação, cabe à linguagem, e à língua compreenderia o verbal, sendo mais específico. Apesar dos poucos estudos, essa dicotomia vem sendo vencida na LC, conforme Almeida (no prelo-d), tendo em vista os estudos de textos multimodais⁴⁶.

O último desafio apontado por Almeida (no prelo-d) é a dicotomia sincronia e diacronia. Nos estudos históricos da linguagem, principalmente os estruturais, em alguns casos, entende-se que só se pode fazer diacronia se este estudo for precedido de trabalhos sincrônicos. Portanto, na LC e, também, na SSHC:

⁴⁶ As pesquisas de Forceville (2006) e Almeida (2016, 2018b) já abordam essa modalidade de estudo no campo da LC.

Os mecanismos produtores das mudanças semânticas já assentadas no tempo, porém, são os mesmos geradores das mudanças mais cotidianas e efêmeras, por isso, a distinção entre o que é sincrônico e o que é diacrônico é imprecisa, não havendo diferenças claras, para a Linguística Cognitiva e também para a Semântica Sócio-histórico-Cognitiva, entre sincronia e diacronia. (ALMEIDA, no prelo-d, p. 20)

Para a LC, sincronia e diacronia não são aspectos antagônicos, ambos se encontram atrelados. Assim, na SSHC, a linguagem já é pensada como uma rede de significação em que passado e presente se acham entrelaçados.

Para finalizar, Fernández Jaén (2016) afirma que, apesar de ter sua origem na primeira metade do século XIX, a semântica histórica, ainda, não atingiu um nível de desenvolvimento tão amplo quanto o de outras disciplinas linguístico-diacrônicas, como a sintaxe, a fonética ou a morfologia histórica. Isso, possivelmente, em virtude das ideias estruturalistas terem predominado, durante grande parte do século XX, e a pesquisa sobre a mudança semântica ter sido suspensa para o estudo de outras especialidades. No entanto, em razão dos estudos de LC e da restauração do legado pré-estruturalista, nas últimas décadas ocorreu um verdadeiro renascimento da semântica histórica e o nascimento da SSHC, que tenta responder o porquê e como ela muda o significado na linguagem.

A partir do exposto, nesta seção, buscamos apresentar os aportes teóricos que serviram de base para a presente investigação, a fim de nos auxiliar no estudo da conceptualização e categorização do AMOR, a partir das teorias dos MCI e da SSHC. Na próxima seção, trataremos das decisões metodológicas para execução do nosso estudo e os procedimentos constituição e estudo dos *corpora*.

2 METODOLOGIA

Uma das principais tarefas do pesquisador é explicar, em detalhes, os princípios metodológicos e os métodos que serão utilizados para elaboração de uma pesquisa. Porém, a escolha de uma metodologia apropriada não é nada fácil, é uma questão que gera diferentes incertezas. Em face dessa problemática, consideramos relevante discutir alguns aspectos relativos à metodologia adotada nesta tese.

A metodologia, segundo Demo (1995, p. 11), é o “estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência”. Corroborando com Demo (1995), Goldenberg (2004, p. 14) afirma ser “um caminho possível para a pesquisa científica” e, ainda, acrescenta que “só se escolhe o caminho, quando se sabe aonde se quer chegar”, ou seja, o que determina a escolha da metodologia, em um trabalho científico, é o problema que se quer investigar. A metodologia indica, também, a escolha teórica realizada pelo pesquisador para discutir o seu objeto de estudo; ela vai além da descrição dos procedimentos a serem utilizados na pesquisa. Teoria e método são inseparáveis, embora não sejam a mesma coisa, devem “ser tratados de maneira integrada e apropriada quando se escolhe um tema, um objeto, ou um problema de investigação.” (MINAYO, 2007, p. 44).

Demo (2011) argumenta que, diante de um mundo tão dinâmico e impreciso em que vivemos, é difícil encontrar uma fórmula pronta ou o caminho de fazer ciência. Acrescenta que “perante uma realidade complexa, a flexibilidade metodológica é imprescindível” (DEMO, 2011, p. 99). É necessário, no entanto, uma reflexão sobre as polêmicas metodológicas que existem, de forma que a posição adotada se mantenha sempre aberta para essa realidade tão complexa.

Diante da urgência de uma metodologia para a elaboração produtora de um trabalho científico, na presente seção, descrevemos os aspectos metodológicos que serviram de base para o desenvolvimento da pesquisa realizada. Para tanto, fizemos uma revisão sobre a metodologia em LC; em seguida, abordamos os princípios da investigação qualitativa, assim como apresentamos as pesquisas descritiva, bibliográfica e documental, utilizadas nesta tese. Na seção seguinte, mostramos os problemas para constituição de *corpora* sócio-histórico-cognitivos e, por fim, os procedimentos de constituição e estudo desses *corpora*.

2.2 A QUESTÃO METODOLÓGICA EM LINGÜÍSTICA COGNITIVA

Conforme já exposto, a busca por uma metodologia não é uma tarefa fácil para o pesquisador, ao iniciar uma pesquisa. No campo da LC, essa tarefa é, também, difícil de executar, tendo em vista ser essa área heterogênea e multifacetada. Por isto, nessa seção, faremos uma breve revisão sobre os caminhos metodológicos que a pesquisa em LC têm apontado, a partir de diversos estudiosos que vêm discutindo o tema, para buscar construir o nosso modelo metodológico.

A obra de Lakoff e Johnson (2002 [1980]), *Metáforas da Vida Cotidiana*, marcou os estudos da metáfora compreendida como mecanismo cognitivo, porém, não apresenta uma metodologia definida para o estudo desse fenômeno. Os referidos autores apresentam as metáforas que subjazem às expressões linguísticas, mas não especificam os procedimentos utilizados para identificá-las, deixando a metodologia, a critério da intuição de cada pesquisador.

Outros importantes teóricos, fundadores da LC, como Fauconnier (1999) e Talmy (2007), não apresentam uma metodologia específica; em seus estudos, parecem aderir, em sua maioria, ao método da introspecção e, também, à intuição, na seleção e interpretação dos fenômenos linguísticos. Ao falar das questões metodológicas na pesquisa, tanto um quanto o outro afirmam que a metodologia em LC é uma questão de escolha do pesquisador, como também discutem a necessidade de definição de um procedimento para identificar metáforas. Outros, ainda, aliam a introspecção à Linguística de Corpus, a exemplo de Geeraerts (2006) que afirma que a Linguística, de modo geral, e, em particular, a LC, necessita de uma revolução empírica.

Ao falar sobre os benefícios e as necessidades de uma diversidade metodológica no campo da LC, Fauconnier (1999) discute que a escolha da metodologia pelo linguista deve se adequar ao objeto de estudo do pesquisador e aos objetivos previamente estabelecidos. Ele alega que a escolha do método deve estar de acordo com a mais importante premissa da LC: a linguagem em seu uso concreto:

os métodos devem se estender aos aspectos contextuais do uso da linguagem e à cognição não-lingüística. Isto significa estudar o discurso completo, a linguagem no contexto, as inferências realmente desenhadas pelos participantes em uma troca, os quadros aplicáveis, os pressupostos implícitos e a interpretação, para citar apenas alguns⁴⁷. (FAUCCONNIER, 1999, p. 97, tradução nossa).

⁴⁷ Do original: “The methods must extend to contextual aspects of language use and to nonlinguistic cognition. This means studying full discourse, language in context, inferences actually drawn by participants in an exchange, applicable frames, implicit assumptions and construal, to name just a few”.

Talmy (2007), por sua parte, afirma que a principal técnica utilizada na LC é a introspecção, mas que essa tem limitações, o que leva o pesquisador a utilizar outras práticas metodológicas para apoiá-la. Ele, ainda, afirma que

cada metodologia pode ser vista como tendo certas capacidades e limitações que lhe conferem uma perspectiva particular sobre a natureza da organização conceitual na linguagem. A este respeito, nenhuma metodologia única é privilegiada sobre as outras ou considerada o padrão-ouro da investigação. [...] A metodologia da introspecção começa essa abordagem e ocupa algum espaço porque ela tem sido central no desenvolvimento da linguística cognitiva e continua como sua metodologia principal, e porque seu perfil particular de limitações tem, em parte, conduzido ao padrão na utilização de outras metodologias. Introspecção linguística é a atenção consciente dirigida por um usuário da língua a aspectos particulares de como se manifesta a linguagem em sua própria cognição⁴⁸. (TALMY, 2007, p. xi-xii, tradução nossa).

Gibbs (2008[1995]) reforça o que foi afirmado por Talmy (2007) e acrescenta que há poucas referências publicadas sobre a questão do método em LC, principalmente, sobre a identificação de metáforas. Sobre isso, Gibbs (2008[1995]) discute a necessidade de se definir uma metodologia, para este fim, e chega à seguinte conclusão:

Em geral, espera-se que haja um interesse crescente em questões metodológicas voltadas à definição da existência de metáfora na linguagem e no pensamento. Meu instinto diz que resoluções de alguns dos debates teóricos sobre metáfora e pensamento dependerão do modo pelo qual os estudiosos respondem a essas questões metodológicas. [...] Um desafio futuro para todos os estudiosos de metáfora é ter mais clareza sobre o tipo de evidência empírica que é necessária, e sobre como deve ser obtida e analisada, a fim de caracterizar de modo apropriado o alcance e os limites da mente metafórica⁴⁹. (GIBBS, 2008[1995], p. 13, tradução nossa).

⁴⁸ Do original: “Each methodology can be seen as having certain capacities and limitations that accord it a particular perspective on the nature of conceptual organization in language. In this respect, no single methodology is privileged over others or considered the gold standard of investigation. [...] The methodology of introspection begins this account and occupies some space because it has been central in the development of cognitive linguistics and continues as its main methodology, and because its particular profile of limitations has in part led to pattern in the use of other methodologies. Linguistic introspection is conscious attention directed by a language user to particular aspects of language as manifest in her own cognition more”.

⁴⁹ Do original: “In general, there is likely to be a heightened interest in methodological questions for defining the existence of metaphor in language and thought. My hunch is that resolutions to some of the theoretical debates about metaphor and thought will partly depend on the way scholars respond to these methodological concerns. [...] A future challenge for all metaphor scholars is to have greater clarity about what kinds of empirical evidence is needed, and how it is to be obtained and analyzed, to properly characterize the reach and limits of the metaphorical mind”.

Silva (2006a, 2008b), coordenador do Projeto Convergência e Divergência entre o Português Europeu e o Português Brasileiro” (CONDIV)⁵⁰, defende uma perspectiva *sociocognitiva* da variação linguística, procurando investigar como se inter-relacionam fatores conceptuais e fatores sociais da variação, dentro da LC. No âmbito do seu estudo, Silva (2008a) argumenta sobre a importância de se integrarem sistematicamente a variação social e métodos quantitativos baseados em *corpora* no estudo cognitivo das línguas. O autor defende que “é preciso fazer análise estatística; é preciso desenvolver e utilizar métodos de análise quantitativa e multivariacional.” (SILVA, 2006a, p. 58). Esse pesquisador, assim como outros antes citados, recorre à Linguística de Corpus, nas suas investigações. Segundo ele, assumir essa metodologia implica utilizar instrumentos apropriados e métodos quantitativos de análise. Ele faz uma crítica aos procedimentos de alguns estudiosos que se dizem basear em um *corpus* como repositório de ocorrências, porém analisa essas ocorrências de modo predominantemente intuitivo.

A partir das leituras que fizemos, observamos que a LC tem recorrido a outras metodologias, principalmente, a Linguística de Corpus. Silva (2008a, p. 17) chega a afirmar que existe uma divergência dentro da LC entre o ramo europeu e o norte-americano: o primeiro vem explorando pesquisas de base empírica, adepto à Linguística de Corpus, e, o segundo, é mais inclinado para introspecção. Geeraerts e Cuyckens (2007) afirmam o mesmo: “A metodologia dos estudos europeus em Linguística Cognitiva, em particular, tendeu a ser mais baseada em *corpus* do que os primeiros estudos americanos, que eram predominantemente introspectivos.”⁵¹ (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 17, grifo do autor).

Ainda para entender o comportamento metodológico adotado em LC, buscamos, também, algumas leituras em que os teóricos explicassem os procedimentos de identificação de ocorrências para o estudo da conceptualização, principalmente, por metáfora e por metonímia. Observamos que diversos estudiosos, a exemplo de Cameron (2003), Sardinha (2007), o grupo PRAGGLEJAZ⁵² (2007) e Steen et al. (2010), vêm desenvolvendo, ao longo dos anos, métodos de identificação de metáforas que, segundo eles, garantem consistência na análise e evitam

⁵⁰ O projeto CONDIV pretende saber se e como o português europeu e o português brasileiro convergem ou divergem nos domínios lexical, gramatical e de atitudes linguísticas. O projeto insere-se no contexto de investigação sobre línguas *pluricêntricas*, isto é, línguas com diferentes variedades nacionais. Em sua metodologia, utiliza avançados métodos *socioletométricos* baseados em conceitos, que permitem medir distâncias linguísticas e correlacioná-las com todos os tipos de variáveis sociolinguísticas.

⁵¹ The methodology of European studies in Cognitive Linguistics in particular has tended to be more corpus-based than the early American studies, which were predominantly introspective.

⁵² Este grupo está interessado em identificar as metáforas em contextos naturais de discurso. O termo PRAGGLEJAZ provém da primeira letra dos nomes dos pesquisadores que o compõe. São eles: Peter Crisp, Ray Gibbs, Alan Cienki, Graham Baixo, Gerard Steen, Cameron Lynne, Elena Semino, Joe Grady, Alice Deignan, e Zoltan Kövecses.

decisões arbitrárias. Porém, esses métodos dizem respeito, apenas, à forma de identificação de metáforas e, em sua maioria, estão centrados nos estudos de teóricos que se debruçaram na análise do discurso e direcionam as pesquisas para o exame das chamadas metáforas sistemáticas e nos estudos da Linguística de Corpus, o que não foi o caso da pesquisa empreendida.

Conforme observamos, não há uma metodologia definida e homogênea em LC. Isso, talvez, por conta dessa área ser recente e não ser uma teoria única, mas formada por um arquipélago de teorias que levam o pesquisador a um conjunto diversificado de abordagens e, portanto, a diferentes caminhos metodológicos. Desta forma, cabe ao próprio pesquisador, a partir do seu objeto de estudo e das abordagens e procedimentos científicos gerais da Linguística e, também, de outras áreas, definir seus percursos de pesquisa.

Além de não haver uma metodologia definida, quando já há traçados caminhos metodológicos, os pesquisadores focam, apenas, no estudo da metáfora, não apresentando métodos aplicáveis à identificação de metonímia⁵³, por exemplo. Como nosso trabalho tem caráter holístico, o que, também, caracteriza a LC, nosso foco de estudo direciona-se a todos os processos de conceptualização.

Então, buscando compreender como é a metodologia em LC e para a definição da metodologia a ser usada nesta tese, foram consultados diferentes autores que discutem a questão do método em LC, conforme já exposto, como também nas ciências sociais e educacionais, além de teses de doutorado e dissertações de mestrado defendidas na área, principalmente, aquelas que têm como objeto o estudo da conceptualização.

Feitas as reflexões iniciais sobre a metodologia em LC, cumpre-nos informar que, para a realização da pesquisa, seguimos uma metodologia qualitativa, pautada no paradigma da introspecção⁵⁴, de cunho descritivo-interpretativo, bibliográfico e documental, conforme será exposto na seção seguinte. Utilizamos a abordagem qualitativa, no nosso trabalho, desde a seleção das ocorrências nos *corpora*, até a identificação, descrição e interpretação dos processos cognitivos subjacentes às expressões linguísticas selecionadas nas cartas de amor.

⁵³ Até onde pesquisamos, não existe nenhum procedimento para a identificação das metonímias, na literatura da LC; a metonímia é somente mencionada por Steen et. al. (2010) como um fator que pode interagir com a metáfora.

⁵⁴ Optamos por utilizar o método da introspecção, por ser uma decisão metodológica assumida pelo grupo do qual fazemos parte, o GESCOG (Grupo de Pesquisa em Semântica Cognitiva), vinculado ao PROHPOR (Programa para a História da Língua Portuguesa). Além disso, entendemos que o uso de ferramentas computacionais tem melhor aplicação quando a pesquisa possui abordagem quantitativa, o que não foi o nosso caso.

2.2 PRINCÍPIOS DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Nesta seção, buscamos discutir os princípios que norteiam a abordagem metodológica adotada por nós nesta tese e explicaremos os tipos de pesquisa escolhidos para tratamento dos dados. Pautamos nossa discussão em teóricos das áreas de ciências sociais e educacionais que tratam da temática metodológica e buscamos, também, em teses e dissertações defendidas recentemente, verificar como os pesquisadores brasileiros se posicionam metodologicamente no tratamento da conceptualização, para, assim, refletirmos sobre os percursos metodológicos já traçados.

As pesquisas, de modo geral, são construídas a partir de duas grandes abordagens: a quantitativa, que deriva do positivismo, e a qualitativa, que provém do paradigma interpretativista. Positivismo e interpretativismo são as duas principais tradições que se desenvolveram no berço da pesquisa social e muito se tem discutido sobre esses dois paradigmas de pesquisa (ANDRÉ, 1991, 1995, DEMO, 1995, 2011; GOLDENBERG, 2004; CHIZZOTTI, 2017[1991]).

Alguns pensadores e filósofos de épocas passadas tentaram, através de seus estudos, definir um único método que fosse aplicável a todas as ciências e a todos os ramos do conhecimento. Porém, o ápice dessas tentativas aconteceu com o rompimento do método ao invés de sua unificação, fazendo surgir diferentes correntes de pensamento, havendo algumas até opostas e conflitantes. Sendo assim, a abordagem adotada pelo pesquisador vai refletir o seu posicionamento socioideológico.

Além disso, atualmente, a depender do objeto de investigação e do tipo de pesquisa, já é possível a convivência e até a combinação de métodos científicos diferentes. Diante do exposto, é necessário fazer uma pequena descrição, ainda que breve, dos dois principais paradigmas de pesquisa aqui citados antes de justificar a escolha do paradigma específico adotado nesta tese.

O positivismo originou-se, nos fins do século XIX, e sua base é essencialmente quantitativa. Seu fundador, Augusto Comte, segundo Goldenberg (2004, p. 17), “defendia a unidade de todas as ciências e a aplicação da abordagem científica na realidade social humana”. Esse paradigma tem como pretensão que as ciências sociais sejam estudadas através dos mesmos métodos utilizados pelas ciências naturais. Isso porque o positivismo é influenciado pelo grande progresso das ciências naturais do século XIX, mais especificamente, das ciências biológicas e fisiológicas.

Ainda segundo Goldenberg (2004, p. 17), dentro do paradigma positivista, “a pesquisa é uma atividade neutra e objetiva que busca descobrir regularidades ou leis, em que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa”. Nessa abordagem, portanto, realidade e indivíduo são independentes. Nela, o pesquisador descreve e analisa objetivamente os fenômenos sem influenciar na realidade que observa, levanta e testa hipóteses, estabelece generalizações, em seus resultados, através de técnicas de amostragem, tratamentos estatísticos e estudos experimentais controlados e medidos com total precisão numérica. A maior característica do positivismo é a descrição e análise objetiva da experiência, através da história e da ciência, com ênfase em observações empíricas quantificáveis e adequadas para tratamentos estatísticos, dentro de uma abordagem quantitativa.

No início do século XX, os princípios da pesquisa positivista de natureza quantitativa já estavam bem consolidados nas ciências naturais. Porém, desde as décadas de 1920 e 1930, um movimento divergente do atual paradigma começa a tomar corpo. Alguns pesquisadores começam a criticar o modelo positivista e colocam em dúvida os pressupostos desse tipo de pesquisa para as ciências humanas ou sociais, acreditando que “o estudo da realidade social através de métodos de outras ciências poderia destruir a própria essência desta realidade, já que esquecia a dimensão de liberdade e individualidade do ser humano.” (GOLDENBERG, 2004, p. 18). Para este grupo de pesquisadores, as ciências sociais têm especificidades que pressupõem uma metodologia própria, diferente daquela utilizada nas ciências naturais. Uma destas especificidades é a complexidade e dinamicidade dos fenômenos humanos e sociais, o que dificulta o estabelecimento de regularidades e formulação de leis gerais, como é feito nas ciências naturais. Desse modo, apontava-se para um redirecionamento das investigações científicas.

Ao mesmo tempo em que se critica a concepção positivista de ciência, defende-se uma nova visão de conhecimento, num debate que vai se prolongar até o final da década de 1980. É neste momento de discussão que nasce um novo paradigma, chamado de interpretativista, no qual os cientistas sociais e os antropólogos começaram a indagar se o método das ciências da natureza se aplica como modelo para os fenômenos humanos e sociais. O paradigma interpretativista surgiu, portanto, como uma alternativa ao positivismo, sem a padronização das variáveis sociais, tratando-as como dados estatísticos com o fim de alcançar generalizações, ou seja, não aplica a metodologia de pesquisa quantitativa, como utilizada no paradigma positivista. Desse modo, começa a se desenhar, no centro das investigações sociais, o que, atualmente, se denominam de abordagem qualitativa.

Essa nova postura buscou os vários significados que formam a realidade, sustentando que, apenas, esses são passíveis de interpretação; por esta razão, a realidade não pode ser independente do indivíduo, porque ela é construída por ele; os fatos sociais são indissociáveis do pesquisador. Segundo Chizzotti (2017 [1991], p. 79), existe uma “interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.” É o pesquisador que interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado, sendo, portanto, parte integrante do processo de conhecimento. A abordagem qualitativa surge buscando entender e interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto e o valor do produto da pesquisa é percebido como fruto do processo.

Nos anos de 1980 e, também, 1990, novas discussões se iniciam, tanto nas ciências sociais quanto educacionais, debatendo sobre as diferenças entre as abordagens qualitativa e quantitativa e a possível articulação entre ambas, desfazendo-se, em parte, a dicotomia implantada na sua origem. Segundo Demo (2011, p. 103), a dicotomia apresentada por ambas abordagens é “desnecessária e equivocada”, pois ambas podem ser complementares em um trabalho de investigação. Assim como Demo, outros pesquisadores, como André (1991) e Goldenberg (2004), também, defendem uma postura mais integradora entre essas abordagens de pesquisa.

Apesar dessa breve trajetória das pesquisas qualitativas e quantitativas, e dessa tentativa de rompimento com o paradigma positivista, o estudo quantitativo esteve e continua presente na contemporaneidade como elemento fundamental, para a elaboração de um conhecimento plausível, porém, questionável pelos pesquisadores. Kabatek (2013), por exemplo, ao discutir sobre a representatividade do corpus na Linguística Histórica (doravante LH), questiona que, atualmente,

estamos em um momento de “objetivação” da ciência, tudo é medido e quantificado, o impacto dos periódicos como o impacto da pesquisa, e se mede com métodos adotados das ciências naturais sem se colocar a questão de saber se isto é, realmente, possível e se é válido, do mesmo modo, para as Humanidades.⁵⁵ (KABATEK, 2013, p. 12, tradução nossa).

Diante de abordagens qualitativas, quantitativas e qualiquantitativas, durante o nosso processo de reflexão para definição de uma metodologia a ser adotada nesta tese, além de verificar as metodologias adotadas em LC, nas ciências sociais e educacionais, também,

⁵⁵ Do original: “estamos en un momento de “objetivación” de la ciencia, se mide y cuantifica todo, el impacto de las revistas como el impacto de la investigación, y se mide con métodos adoptados desde las ciencias naturales sin plantearse la cuestión de si esto es realmente posible y si vale del mismo modo para las humanidades”

fizemos um levantamento em teses e dissertações, a fim de observar como os estudiosos brasileiros, que discutem a conceptualização em uma perspectiva cognitivista, têm se posicionado a respeito da metodologia em LC, pensando que esse percurso poderia nos ajudar nas nossas decisões metodológicas. Essas teses e dissertações foram escolhidas através de pesquisa nos sites do Banco Brasileiro de Teses e Dissertações (BBTD) e do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, como, também, nos sites de universidades brasileiras⁵⁶. Além desses repositórios, seguimos indicações encontradas em artigos, livros e nas próprias teses e dissertações já consultadas, fazendo buscas através da ferramenta Google. Após o levantamento dos trabalhos, selecionamos 3 (três) teses de doutorado e 3 (três) dissertações de mestrado defendidas, nos anos de 2008 e 2017, em diferentes Programas de Pós-graduação no Brasil⁵⁷. As teses de doutorado foram: *A conceptualização de RAIVA: na perspectiva da teoria cognitiva da metáfora: uma análise da emergência de sentido* (SANTOS, 2014); *Metáfora e emoção: sobre conceptualização em língua portuguesa* (ABREU, 2015); *Um estudo sociocognitivo de conceptualizações do trabalho em textos jornalísticos dos séculos XIX, XX e XXI* (SILVA, 2017); As dissertações de mestrado consultadas foram: *O amor é uma viagem: a teoria cognitivista da metáfora e o discurso amoroso no cancioneiro popular brasileiro* (PIRES, 2008); *Relacionamentos “no capricho”: as metáforas conceptuais dos amores juvenis* (FERREIRA, 2011); *Do concreto ao abstrato: o corpo humano como base experiencial para conceptualizações* (COSTA, 2013)⁵⁸.

Nesse levantamento, observamos que as dissertações e as teses possuem abordagens qualitativa, quantitativa ou qualiquantitativa, porém, não há uma preocupação dos autores em discutir sobre o que caracteriza tais perspectivas; no geral, os pesquisadores, apenas, informam o tipo de pesquisa que será feita. A metodologia, nesses estudos, se restringe, em sua maioria, basicamente, à apresentação de constituição do corpus e dos procedimentos de análise. Das teses selecionadas, a de Silva (2017) é a que apresenta uma metodologia que consideramos mais completa. Nela, a autora parte das suas inquietações, fazendo reflexões acerca do caráter filosófico do fazer pesquisa em SC, além de abordar contribuições da Teoria da Complexidade, para esclarecer as referidas inquietações e nortear suas decisões procedimentais tomadas ao longo da investigação.

⁵⁶ Fizemos essa busca refinando a pesquisa com as expressões “amor”, “conceptualização”, “metáfora”, “metonímia”, “semântica cognitiva”.

⁵⁷ Esse levantamento não objetiva buscar modelos de metodologia e nem generalizar o que ocorre em todas as pesquisas em LC, pois esta seria uma tarefa difícil de ser executada, tendo em vista a grande quantidade de produção que se tem nessa área, no Brasil, e sairia dos objetivos propostos.

⁵⁸ Estas teses e dissertações foram selecionadas porque buscamos trabalhos que tratassem especificamente da conceptualização.

Para esta tese, a abordagem qualitativa é a mais adequada devido às suas características, essencialmente, interpretativas, pois buscamos, no nosso trabalho, o caráter da compreensão das expressões linguísticas estudadas, visto que a nossa preocupação principal é com a interpretação das ocorrências no contexto em que estão inseridas, e não, propriamente, com a quantificação.

A seguir, faremos uma breve discussão sobre os tipos de pesquisa selecionados para a realização deste estudo.

2.2.1 Os tipos de pesquisa

Esta tese possui cunho descritivo, porque a descrição é uma das características da abordagem qualitativa, que inclui a exposição, em detalhes, das ocorrências e do contexto em que estão inseridas para, em seguida, serem interpretadas. Além disso, é descritiva porque pretende demonstrar como funcionam as metáforas, as metonímias, os esquemas-I e os frames adjacentes aos conceitos de amor identificados nas cartas estudadas.

Descrever, conforme Pesce e Abreu (2013, p. 27), “significa assumir a ideia de que os dados são recolhidos em forma de palavras ou imagens e não de números”. Esse é o tipo de pesquisa comumente aplicado para observação e coleta de dados em documentos pessoais, entrevistas, notas de campo e outros registros oficiais que não são passíveis de serem reduzidos a número. Desse modo, as informações coletadas devem ser exploradas em toda a sua complexidade e inteireza, considerando o modo como foram registradas, de sorte que “o pesquisador deve se mostrar sensível aos detalhes que observou, pois todos eles são importantes para uma compreensão mais esclarecedora do objeto.” (PESCE; ABREU, 2013, p. 27). Nesse sentido, esse tipo de pesquisa será utilizado, neste estudo, na apresentação e descrição dos *corpora* e no levantamento das ocorrências.

Além da pesquisa descritiva, a investigação contempla duas modalidades, quanto aos procedimentos: a documental e a bibliográfica. Antes de apresentar as características e peculiaridades dessas modalidades, faz-se necessário diferenciar esses dois tipos de pesquisa, dado que ambas têm o documento como objeto de investigação, sendo, portanto, de natureza muito próxima (OLIVEIRA, 2007; GIL, 2008).

Para Gil (2008), que traz uma distinção entre essas modalidades, o elemento diferenciador de ambas está na natureza das fontes. A documental remete a materiais que não receberam nenhum tratamento científico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos do estudo, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações,

fotografias. Sendo assim, esse tipo de pesquisa busca compreender a realidade social de forma indireta, por meio da análise de diversos tipos de documentos produzidos pelo ser humano. Já a bibliográfica recorre às contribuições de diferentes autores sobre o objeto de pesquisa. Segundo Oliveira (2007, p. 69), é um tipo de “estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica”. É, portanto, uma modalidade de investigação de material já publicado e de domínio científico que tem como objetivo colocar o pesquisador em contato direto com o que já se tem escrito sobre o tema. É constituído, principalmente, de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet etc.

A pesquisa documental é conhecida e utilizada na abordagem qualitativa. Essa modalidade permite o estudo de fatos ou pessoas com os quais não poderíamos estabelecer alguma outra forma de contato, por motivos temporais. Nessa perspectiva, a pesquisa documental permite a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelos correspondentes e, por isso, revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social.

A pesquisa bibliográfica, por sua vez, tem como principal finalidade proporcionar aos pesquisadores o contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema em estudo. Nesse tipo de pesquisa, é fundamental a contribuição de diferentes autores sobre o assunto, porém, segundo Oliveira (2007, p. 69), “o mais importante para quem faz opção pela pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico”. Sendo assim, é fundamental que os pesquisadores se assegurem das “condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-se cuidadosamente.” (GIL, 2008, p. 51).

Neste estudo, a pesquisa bibliográfica foi utilizada, para a construção do aparato teórico-metodológico. Fizemos um levantamento bibliográfico e procedemos à leitura de textos sobre LC/SC, Categorização e Teoria dos Protótipos, Teorias da Metáfora e Metonímia Conceptuais, Esquemas-I, Semântica de Frames, SSHC e Metodologia da Pesquisa. Também, lemos textos que nos auxiliassem na contextualização e interdisciplinaridade do objeto deste estudo, visto que, conforme Gibbs (2007, p. 16, tradução nossa), “há uma tendência nas Ciências Cognitivas de estudiosos de qualquer disciplina, sempre, se voltarem para procurar evidências em um campo próximo com o intuito de encontrar apoio adicional, geralmente mais empírico, para

suas ideias e teorias”⁵⁹. Dessa forma, buscamos a História, a Filosofia, a Neurociência e a Biologia, pois, nessas áreas, que, também, investigam o amor, encontramos subsídios que auxiliaram na interpretação dos nossos estudos em LC, então, a pesquisa bibliográfica fez parte dos fios textuais desta tese.

Feitas as considerações sobre a abordagem e os tipos de pesquisa adotados nesta tese, esclarecemos, na próxima seção, de que forma constituímos os *corpora*, para procedermos à investigação do tema proposto.

2.3 CONSTITUIÇÃO E ESTUDO DOS *CORPORA* NA PESQUISA SÓCIO-HISTÓRICO-COGNITIVA

Ao se dedicarem ao passado da linguagem, os pesquisadores em LH se colocam “diante de incertezas, e, também, de ausências, de silenciamentos” (ALMEIDA, no prelo-a), enfrentando diversos obstáculos. A principal dificuldade refere-se à constituição da amostra do material linguístico para realizarem suas investigações, uma vez que as informações disponíveis são parcas e incompletas. Isso levou Labov a qualificar a difícil tarefa do investigador em LH como “a arte de fazer o melhor uso dos maus dados.” (LABOV, 2008 [1972], p. 20).

Conde Silvestre (2007) afirma que os textos remanescentes do passado apresentam dois problemas básicos: a conservação por meio da escrita e a fragmentação da amostra. O primeiro, diz respeito ao fato de os textos terem sido conservados no meio escrito e, devido a isso, muitas vezes, aparecerem de forma isolada, desprovidos do contexto e da situação em que se originaram, já que o investigador precisa ter conhecimento sobre o contexto social em que os informantes estão inseridos. Isso significa, por exemplo, que alguns fatores externos, como categoria social e escolaridade, podem deixar lacunas, pois, ao contrário do que ocorre no estudo de sincronias atuais, os informantes não estão mais à disposição do investigador. O segundo problema refere-se à fragmentação da amostra, porque se constata que os textos do passado são restos textuais muito mais amplos, que sobreviveram por obra do acaso, “por azar” (ou sorte), até os nossos dias. (LABOV, 2008 [1972]).

Em virtude da incompletude e escassez de materiais linguísticos, como trabalhar com esses fragmentos que chegaram até nós? Mattos e Silva (1991), ao referir-se ao estudo da

⁵⁹ Do original: “There is a trend in cognitive science in which scholars in any one discipline always turn toward the right to seek evidence from a neighboring field to find additional, usually more empirical, support for their ideas and theories”.

documentação remanescente do português arcaico, faz uma reflexão que pode ser estendida para outros períodos da língua, qual seja:

O investigador dessa fase da história da língua, não constituirá seu *corpus*, de acordo com os objetivos de sua pesquisa, mas terá de condicionar a seleção de seus dados à documentação remanescente. A partir desse condicionamento inicial é que recortará os dados que julgue necessários e suficientes para responder a suas questões. (MATTOS; SILVA, 1991, p. 29).

Conforme a autora, o pesquisador do passado precisa formular o melhor caminho para analisar seu objeto de estudo e tentar amenizar as diferenças e incompletudes com as quais, fatalmente, seu corpus histórico esbarrará. Sendo assim, a tarefa do pesquisador do passado da linguagem será, sempre, limitada aos materiais linguísticos disponíveis, em vista disso, esse material de estudo será, muitas vezes, desigual, como consequência da preservação aleatória de alguns textos e descarte, também aleatório, de outros.

Além dos problemas antes mencionados, outra questão a ser considerada, no estudo do passado da linguagem, incide diretamente na questão da representatividade da amostra, pois o trabalho do pesquisador está reservado ao que literalmente sobrou do texto ao longo do tempo. Isso constitui um obstáculo para os estudos sócio-históricos, visto que a quantidade e a qualidade dos textos variam consideravelmente de um recorte temporal para outro.

Silva e Silva (2013) destacam que alguns autores consideram que quanto maior for um corpus maior será sua representatividade, outros consideram-no uma compilação finita, de qualquer tamanho, de material linguístico; desse modo, “não há consenso sobre o tamanho mínimo para que um corpus seja indicado como representativo.” (SILVA; SILVA, 2013, p. 5).

Ao tratar desta questão aplicada à pesquisa do passado da linguagem, Kabatek (2013) afirma que a constituição de um corpus representativo é, empiricamente, impossível. Primeiro, porque a língua não é uma soma de textos nem é o mesmo que texto, vai além disso e, segundo, porque não é possível envolver toda a produção de textos existentes em uma língua, em uma investigação. Além disso, a construção de um corpus envolve a subjetividade que não possui parâmetros uniformes, em qualquer área do conhecimento, tendo em vista que a produção do conhecimento se dá a partir de um processo aproximativo e nunca definitivo e absoluto.

Diante das dificuldades e incertezas aqui apresentadas, enfrentadas pelo pesquisador da linguagem de tempos pretéritos, para a constituição de *corpora*, Almeida (no prelo-a) propõe a junção de elementos da Teoria dos Fractais (PAIVA, 2010; MORS, 2010) a princípios gerais da Teoria da Complexidade (MORIN, 2015 [1999]; CAPRA, 2006 [1996]; CAPRA; LUISI, 2014), para, assim, discutir a construção dos *corpora* de uma pesquisa sócio-histórico-

cognitiva, mudando a perspectiva da quantidade para a qualidade. Essa proposta, ao nosso ver, é a que se apresentou mais convincente para a elaboração metodológica desta tese.

A autora parte do pressuposto de que os pesquisadores, muitas vezes, compõem seu corpus privilegiando a quantificação, “desconsiderando que padrões de organização próprios do fenômeno, objeto de estudo, exatamente, por serem padrões de organização, ocorrerão em qualquer ‘pedaço de corpus’, isto se considerarmos o princípio ‘holográfico’ da complexidade.” (ALMEIDA, no prelo-a).

Partindo do princípio holográfico⁶⁰, a autora mostra, por exemplo, que, em um corpus constituído por cartas, uma carta possui o padrão de organização de todas as cartas⁶¹, o que varia é a sua estrutura, ou seja, as realizações linguísticas. Desse modo, ela compreende que a parte está no todo e o todo está na parte, ou seja, cada parte reflete a estrutura do todo. Nesse sentido, deixamos de ver as coisas somente quantitativamente e passamos a vê-las, também, com um olhar qualitativo, isso, segundo Almeida (no prelo-a), é pensado por meio do conhecimento matemático dos fractais; uma matemática gerada para dar conta de objetos fragmentados e irregulares, com estrutura que se repete em escalas distintas.

A Geometria dos Fractais, como também é conhecida, é um modelo matemático desenvolvido na segunda metade do século XX, por Benoit Mandelbrot, para tratar de casos que a clássica Geometria Euclidiana não dava conta. Mandelbrot parte do princípio de que esta última não é capaz de descrever as formas e fenômenos complexos e irregulares encontrados na natureza, como as nuvens, as montanhas, as flores, as árvores etc., tratando-as como desvio do padrão e não como um padrão repetidamente encontrado dentro de um sistema dinâmico.

⁶⁰ Morin (2015 [1999], p. 93-96) apresenta sete princípios, complementares e interdependentes, que auxiliam a pensar a complexidade. Esses princípios são: 1) o princípio sistêmico ou organizacional; 2) o princípio “holográfico”; 3) o princípio do circuito retroativo; 4) o princípio do circuito recursivo; 5) princípio da autonomia/dependência (auto-organização); 6) o princípio dialógico e 7) O princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento.

⁶¹ Para falar do “padrão de organização” e da “estrutura” do gênero carta, Almeida (no prelo-a) tem como base Capra e Luisi (2014) que apresentam as três perspectivas que caracterizam os seres vivos: o padrão de organização, a estrutura e o processo. Apoiados em Maturana e Varela (1995), os autores compreendem o padrão de organização como “a configuração de relações que proporciona a um sistema suas características essenciais” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 373); a estrutura “é a incorporação física do seu padrão de organização” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 373); e o processo “é a atividade envolvida na incorporação contínua do padrão de organização do sistema” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 373), ou seja, é a união entre organização e estrutura. Para ilustrar a diferença entre essas perspectivas, Capra e Luisi (2014) examinam uma bicicleta. Segundo eles, o padrão de organização de uma bicicleta é constituído através das relações funcionais que a caracterizam, como o pedal, o pneu, o guidão, as rodas, a corrente. O mesmo padrão “bicicleta” pode ser incorporado em muitas estruturas diferentes, por exemplo, uma bicicleta de corrida, de montanha, para ciclo turismo pode ter o guidão modelado de diferentes formas; os pneus podem ser estreitos ou largos, constituídos por tubos ou borracha. Portanto, a estrutura é uma bicicleta física específica; e o processo é a ligação entre o padrão de organização da bicicleta e a sua estrutura que está na mente do *designer*.

A partir desta teoria, portanto, Mandelbrot descreveu vários dos irregulares e fragmentados modelos que encontramos em nossa volta por meio da família de formas, mas que ninguém conseguiu descrever em termos formais matemáticos. Em pouco tempo, ele percebeu que as formas geométricas se originavam de padrões já presentes na natureza.

O aspecto mais sobressalente da forma dos fractais é a autossimilaridade que, de acordo com Capra (2006 [1996]), significa que cada parte de um fractal, em escala menor, é igual ou semelhante a todo o fractal, o que quer dizer que podemos recorrer a um padrão dentro de outro padrão e assim por diante, partindo da complexidade maior do todo. Mandelbrot ilustra esta propriedade de autossimilaridade dos fractais com o rompimento em pedaços uma couve-flor, apontando que, por si mesma, cada parte pode ser vista como uma outra pequena couve-flor e, logo, cada pequena parte assemelha-se a couve-flor inteira. Desse modo, pode-se demonstrar, matematicamente, que, na parte, já está inscrito o todo e, portanto, que a parte não somente é um todo em si mesmo, mas que ele é, ao mesmo tempo, uma réplica desse todo.

Outra importante característica de um fractal, parte da ideia de iteração, ou seja, quando um determinado padrão geométrico repete-se infinitamente (CAPRA, 2006 [1996]). Desse modo, além da autossimilaridade e irregularidade, os fractais possuem complexidade infinita. A partir dessas noções, Almeida (no prelo-a) aplica o conhecimento da Teoria dos Fractais à composição de um corpus e ao exemplificar essa constituição, com cartas de amor, afirma que

cada parte do corpus pode ser vista como outra pequena parte desse corpus, no seu todo, isto porque cada carta de amor assemelha-se a todas cartas de amor, já que, na parte, está inscrito o todo; a parte não é somente um todo em si mesmo; a parte é, ao mesmo tempo, uma réplica desse todo; isto pensando no que se concebe como gênero e, no caso particular do exemplo, como carta de amor. (ALMEIDA, no prelo-a).

Ela acrescenta que, ao se estudarem as conceptualizações do AMOR, como é o caso desta tese, os padrões de organização do amor podem estar presentes em um número pequeno ou grande de cartas, assim como em seus fragmentos, isto porque, por exemplo, uma metáfora como AMOR É VIAGEM ou uma metonímia como SOFRIMENTO POR AMOR “são parte do padrão conceptual do AMOR que se acha instanciado em cartas de amor.” (ALMEIDA, no prelo-a). Esses padrões estarão nas cartas de amor independentemente do lastro temporal em que foram escritas, da classe social, da escolaridade e da naturalidade de quem as escreveu.

Desse modo, conforme a autora, quando um corpus é entendido como um fractal, cada texto é um texto, no caso específico do gênero textual carta, cada carta de amor é uma carta de amor, independentes uma das outras, porém, semelhante a todas as outras cartas de amor; do

mesmo modo, as conceptualizações metafóricas e metonímicas, que constituem o padrão de organização do amor nessas cartas, serão, também, independentes, mas similares em todas as cartas acessadas.

Em vista do que foi exposto, o corpus só deixaria de ser colhido quando identificada a saturação das informações alcançadas, no seu processo de constituição e de elaboração do estudo. Isso porque o “texto contém redundância, que pode ser eliminada, resultando em uma compressão do corpus, com a finalidade de compreender a qualidade do padrão de organização semântica”. (ALMEIDA, no prelo-a).

A seguir, faremos uma breve exposição sobre o gênero textual escolhido para compor os *corpora* desta tese, a carta de amor, e, na sequência, apresentaremos a Técnica da Saturação Teórica.

2.3.1 O gênero textual carta de amor

A carta é um gênero textual histórico que está presente em diversas práticas sociais, pessoais ou não. Ela foi, por muitos anos, a única forma de comunicação entre pessoas, possibilitando reduzir distâncias entre seus interlocutores e permitindo que os ausentes se fizessem presentes. Conforme pontua Soto (2001, p. 23), ao falar dos benefícios proporcionados por esse gênero, “a carta apresenta a vantagem adicional de ser um texto que é pensado como um diálogo que acontece à distância e por isso tem como características iminentes ser escrito e se realizar sem a presença dos interlocutores”.

As cartas surgem na Antiguidade, como um diálogo entre amigos. Esses documentos aparecem, conforme Tin (2005, p. 18),

num período que cobre cerca de cinco séculos – desde o século I a.C. até o século IV d.C. –, menções a cartas aparecem nas obras de Demétrio, Filóstrato de Lemnos e Caio Júlio Victor, além das dispersas nas epístolas de Cícero, de Sêneca e de Gregório Nazianzeno. O interesse dessas referências antigas é patente, uma vez que são as primeiras teorizações sobre epistolografia de que se tem notícia e documentação⁶².

Saindo do contexto europeu e passando ao brasileiro, constatamos que a carta tem papéis social e identitário importantes, visto que o primeiro documento escrito desse gênero acerca do país é a carta escrita por Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei de Portugal, D. Manuel, para

⁶² Há, também, na Bíblia Sagrada (2011), cartas pessoais escritas pelos apóstolos Paulo, Tiago, Joao e outros remetentes. Essas cartas eram enviadas tanto à igreja quanto a indivíduos específicos.

informar sobre a chegada dos portugueses no território brasileiro. Nessa carta, foram descritas as riquezas do Brasil, suas belezas naturais, seus habitantes, como uma espécie de cartão postal.

Segundo Souto Maior (2001), a carta é um gênero textual constituído por outros subgêneros que são reunidos em diferentes grupos, conforme o domínio discursivo de cada um deles. Assim, aquelas cujos domínios discursivos são comerciais são denominadas cartas de resposta e de comunicado; as do domínio jornalístico são cartas do leitor, do editor, aos leitores, aberta, propaganda, boas vindas; as do jurídico são as cartas de intimação; as do publicitário são respostas, confirmações, agradecimento, pedido; as do domínio pessoal são cartas de família, de amigo e de amor. Desse modo, a carta pode assumir diferentes formas e funções a depender das relações estabelecidas entre os correspondentes e das finalidades atribuídas.

Diante da diversidade de domínios discursivos apresentados, que geram uma variedade de textos que constituem o gênero textual carta, optamos, neste estudo, por trabalhar com a carta de amor, conforme já justificado anteriormente. Esse subgênero tem como principal característica o caráter íntimo e os assuntos que permeiam a subjetividade sentimental dos interlocutores, que geralmente são cônjuges, pretendentes, noivos, amantes etc. Conforme afirma Vasconcelos (2008, p. 374), “as cartas têm caráter íntimo e/ou confidencial. Logo, as informações ali registradas fazem parte do espaço privado, inviolável, onde os envolvidos são o autor ou signatário e a pessoa a quem é dirigida, o destinatário”. Corroborando com Vasconcelos (2008), Watthier (2010), também, destaca que a carta de amor é um subgênero utilizado nas relações amorosas, tendo os remetentes e destinatários laços de grande proximidade que os tornam íntimos. Sob tal enfoque, caracterizada por uma certa intimidade entre remetente e destinatário, respeitando, entretanto, os costumes do grupo social a que pertencem, a carta de amor pode ser empregada como veículo de expressão dos sentimentos mais profundos, sejam eles causados pela dor de um amor não correspondido ou por uma paixão profunda e recíproca, só para citar alguns sentimentos que ensejam a escrita de cartas de amor (WATTHIER, 2010).

Tecidas as breves considerações sobre o gênero carta de amor, apresentamos, a seguir, informações mais detalhadas sobre a Técnica da Saturação Teórica e as etapas que seguimos para verificar como ela ocorreu, nos *corpora*.

2.3.2 Técnica da Saturação Teórica

A saturação é uma técnica utilizada em pesquisas de abordagem qualitativa, nas quais, na coleta de dados, o tamanho da amostra não é definido pela estatística, mas pelo critério da

saturação. O termo saturação começou a ser explorado por Glaser e Strauss (1967), para indicar o momento da coleta em que o acréscimo de dados não traz informações novas ou relevantes que contribuam para o desenvolvimento da pesquisa; sendo assim, o levantamento de novos dados é suspenso, quando esses dados, na avaliação do pesquisador, começam a apresentar redundância ou repetição, não sendo produtivo dar continuidade na coleta, pois já se têm informações suficientes para uma investigação.

Os limites dos *corpora*, desse modo, não podem ser dimensionados a priori, pois “o pesquisador precisa coletar dados até que todas as categorias estejam saturadas, caso contrário, a teoria será construída de forma irregular e não terá densidade e precisão.” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 205). Em vista disso, a avaliação da saturação teórica, a partir do estudo de uma amostra, é feita por um processo contínuo de estudo de dados, iniciado já no começo do processo de coleta, no qual, o pesquisador deverá fazer seleção e estudo das ocorrências, concomitantemente. Godoi e Mattos (2006, p. 309) observam que o critério de saturação “imprime rigor ao processo de amostragem qualitativa, indiferente à aleatoriedade representativa da amostra estatística, conferindo-lhe confiabilidade científica”.

A Técnica da Saturação Teórica é muito utilizada, na coleta de dados, em pesquisas nas áreas de Administração (FALQUETO; FARIAS, 2016; THIRY-CHERQUES, 2009) e Saúde (FONTANELLA et. al., 2011; FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008; TURATO, 2005). A forma de utilização mais comum do critério da saturação é o da aplicação de entrevistas, mas também são usadas nas técnicas de observação, grupo focal e aplicação de questionários.

Tendo em vista as dificuldades encontradas para composição dos *corpora* desta tese, para determinar o tamanho final da nossa amostra, recorreremos ao processo de saturação. Assim, a amostra foi considerada representativa, quando as ocorrências não acrescentavam novas conceptualizações para o AMOR. Deste modo, não definimos um número de cartas que seriam examinadas para cada correspondente, isso foi definido por meio da saturação teórica.

A fim de se obter êxito no uso da Técnica da Saturação Teórica, para a coleta de dados, é necessária uma sistematização cuidadosa, pois, embora possa parecer um procedimento decorrente de uma constatação facilmente atingível, o pesquisador, segundo Strauss e Corbin (2008), deve estar atento aos critérios utilizados na aplicação e busca da saturação na amostra. Em vista disso, com base nos trabalhos de Fontanella et. al. (2011) e Falqueto e Farias (2016), que propuseram uma representação gráfica, com a finalidade de demonstrar o processo de saturação em um corpus formado por entrevistas, expusemos a saturação dos *corpora* desta pesquisa em quadros e tabela. No nosso caso, a verificação do ponto de saturação se deu por conjunto de cartas da mesma autoria; como forma de ilustração, apresentamos as etapas que

seguimos para encontrar o ponto de saturação⁶³ no conjunto de cartas do escrevente do primeiro período do século XX⁶⁴ (Jayme).

Antes de compor os referidos quadros, fizemos a leitura individual das cartas⁶⁵ de cada escrevente, na sequência cronológica de escritura, para selecionarmos as expressões linguísticas que instanciavam as conceptualizações do AMOR. A cada expressão encontrada, identificamos o domínio da experiência e preenchemos um quadro, para cada carta lida, que diferenciava os domínios confirmados e os domínios novos, conforme exemplificado nos Quadros 2, 3 e 4:

Quadro 2 - Identificação dos domínios na carta 1 do escrevente Jayme

Carta 1 – 12/01/1937
Domínios identificados
OBJETO POSSUÍDO APROXIMAÇÃO

Fonte: Elaboração nossa

No Quadro 2, apresentamos os domínios da experiência que foram localizados nas expressões linguísticas destacadas na carta 1, de Jayme. Já no 3, a seguir, registramos os domínios que foram recorrentes, ou seja, aqueles já identificados na carta anterior, e, também, os novos domínios instanciados na presente carta.

Quadro 3 - Identificação dos domínios na carta 2 do escrevente Jayme

Carta 2 – 19/01/1937
Recorrência do domínio
OBJETO POSSUÍDO
Novos domínios
SER HUMANO SOFRIMENTO CORAÇÃO

Fonte: Elaboração nossa

No Quadro 4, repetimos o mesmo procedimento utilizado para preencher o Quadro 3.

⁶³ Repetimos todas estas etapas para cada escrevente, que podem ser consultadas nos apêndices desta tese.

⁶⁴ A distribuição dos *corpora* utilizados nesta pesquisa consta no Quadro 5.

⁶⁵ Para esse estudo, foram consideradas, apenas, as cartas em que identificamos, pelo menos, uma expressão linguística que instanciasse algum processo de conceptualização do AMOR.

Quadro 4 - Identificação dos domínios na carta 3 do escrevente Jayme

Carta 3 – 24/01/1937
Recorrência do domínio
OBJETO POSSUÍDO APROXIMAÇÃO SOFRIMENTO CORAÇÃO
Novo domínio
-

Fonte: Elaboração nossa

Reproduzimos essas etapas em todas as cartas lidas do escrevente Jayme e, a partir delas, elaboramos a Tabela 1, na qual é possível uma melhor visualização dos domínios que identificamos em sua correspondência:

Tabela 1 – Ponto de saturação nas cartas do escrevente Jayme

Domínios	Cartas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
OBJETO POSSUÍDO	X	x	x	x	x	x	x				x		x		
APROXIMAÇÃO	X			x	x	x		x	x	x	x	x			
SER HUMANO			X				x							x	
SOFRIMENTO			X	x	x		x	x		x	x				x
CORAÇÃO			X	x	x	x	x						x		
PAIXÃO						X					x				
GOSTAR							X							x	
DESEJO									X			x	x		x
SAUDADE											X				

X: Novo domínio da experiência
x: Recorrência do domínio

Fonte: Elaboração nossa

Elaboramos essa tabela da seguinte maneira:

- Na primeira coluna, encontram-se os domínios da experiência identificados nas cartas do escrevente Jayme:

Figura 6 - Domínios da experiência verificados nas cartas de Jayme

Domínios \ Cartas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
OBJETO POSSUÍDO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
APROXIMAÇÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SER HUMANO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SOFRIMENTO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
CORAÇÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
PAIXÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
GOSTAR	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
DESEJO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SAUDADE	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Domínios \ Cartas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
OBJETO POSSUÍDO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
APROXIMAÇÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SER HUMANO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SOFRIMENTO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
CORAÇÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
PAIXÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
GOSTAR	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
DESEJO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SAUDADE	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Fonte: Elaboração nossa

- Na primeira linha, constam as cartas lidas, do escrevente Jayme, organizadas na ordem cronológica em que foram escritas por ele, desse modo, 1 corresponde a primeira carta lida, 2, a segunda, e assim sucessivamente até chegar ao ponto de saturação.

Figura 7 - Cartas lidas até o ponto de saturação

Domínios \ Cartas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
OBJETO POSSUÍDO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
APROXIMAÇÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SER HUMANO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SOFRIMENTO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
CORAÇÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
PAIXÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
GOSTAR	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
DESEJO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SAUDADE	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Domínios \ Cartas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
OBJETO POSSUÍDO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
APROXIMAÇÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SER HUMANO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SOFRIMENTO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
CORAÇÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
PAIXÃO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
GOSTAR	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
DESEJO	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SAUDADE	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Fonte: Elaboração nossa

- Da segunda linha em diante, assinalamos com um “X”, maiúsculo e em negrito, para informar que há um novo domínio, e “x”, minúsculo, para indicar que não foi

encontrado um novo domínio da experiência na respectiva carta, ou seja, é um domínio recorrente.

Figura 8 - Indicação dos domínios novos e recorrentes nas cartas de Jayme

Cartas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Domínios														
OBJETO POSSUÍDO	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
APROXIMAÇÃO	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SER HUMANO	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SOFRIMENTO	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
CORAÇÃO	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
PADRÃO	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
GOSTAR	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
DESEJO	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
SAÚDE	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
X	x	x	x	x	x	x	x		x		x		
X		x	x	x		x	x	x	x	x			
	X				x							x	
	X	x	x		x	x		x	x				x
	X	x	x	x	x						x		
				X					x				
					X							x	
							X			x	x		x
									X				

Fonte: Elaboração nossa

A nosso ver, esse controle facilita a compreensão de como o ponto de saturação é encontrado, pois, ao visualizar, graficamente, a constatação de novas informações ou repetições, já coletadas, o pesquisador pode ter maior clareza visual.

Na Figura 9, a seguir, verificamos que o ponto de saturação, no conjunto de correspondências do escrevente Jayme, ocorreu na carta 11 (sombreado de cinza), ou seja, a partir desse ponto nenhuma nova informação foi identificada e considerada relevante.

Figura 9 - Indicação do ponto de saturação nas cartas de Jayme

Domínios	Cartas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
OBJETO POSSUÍDO		X	x	x	x	x	x	x			x				
APROXIMAÇÃO		X	x	x	x		x	x	x		x				
SER HUMANO			X				x							x	
SOFRIMENTO		X	x	x	x	x	x	x			x				x
CORAÇÃO			X	x	x	x									
PAIXÃO					X						x				
GOSTAR							X							x	
DESEJO								X				x	x	x	
SAÚDE											X				

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
X	x	x	x	x	x	x			x		x		
X		x	x	x		x	x	x	x	x			
	X				x							x	
	X	x	x		x	x		x	x				x
	X	x	x	x	x						x		
			X						x				
					X							x	
							X			x	x		x
									X				

Fonte: Elaboração nossa

Após essa constatação, fizemos a leitura de outras cartas para a necessária confirmação. Fontanella et. al. (2011) recomendam que sejam feitas mais uma ou duas entrevistas e Falqueto e Farias (2016), mais quatro, depois de encontrado o ponto de saturação. No nosso estudo, optamos por realizar a leitura de mais três cartas, a fim de se ter uma margem maior de segurança em relação à saturação.

Ainda é possível observar, na Tabela 1, que, nas primeiras cartas, os acréscimos dos domínios em relação aos anteriores são mais evidentes; a carta 2, por exemplo, confirma o domínio do OBJETO POSSUÍDO, da carta 1, e acrescenta SER HUMANO, SOFRIMENTO e CORAÇÃO. Posteriormente, os acréscimos ou vão diminuindo ou não existem até que deixam de aparecer, a partir da carta 11. Após a leitura de mais três cartas, confirmamos a repetição. Desse modo, para esse escrevente, consideramos todas as ocorrências das 14 (catorze) primeiras cartas. Isso não significa que, nas cartas de todos os escreventes, o ponto de saturação ocorrerá na 11ª carta, ao contrário, pode ser na 4ª, 6ª, 13ª, conforme podemos conferir nos apêndices.

Verificamos que a aplicação da Técnica da Saturação Teórica confirma a proposta de Almeida (no prelo-a), que muda a perspectiva da quantidade para qualidade, na composição de um corpus, a partir da Teoria dos Fractais. Nos nossos *corpora*, cada carta de amor é semelhante a todas as cartas de amor, pois a parte está inscrita no todo.

Após as considerações sobre a Técnica da Saturação Teórica, apresentamos, na próxima seção, os procedimentos para a composição dos *corpora* desta tese.

2.3.3 Procedimentos de constituição dos *corpora*

Tendo em vista os problemas que se apresentam ao pesquisador que se dedica ao estudo do passado da linguagem e a fim de examinarmos os processos de conceptualização do AMOR, segundo a abordagem da SSCH, constituímos, para esta tese, uns *corpora* documentais, obedecendo aos seguintes critérios:

- Os *corpora* foram compostos por cartas de amor, pois o principal critério por nós adotado, para escolha das fontes, foi a opção por textos que tratassem do amor romântico.
- As cartas foram escritas nos séculos XIX e XX, por casais de homens e mulheres brasileiros⁶⁶.
- Os documentos selecionados são editados, digitalizados e/ou impressos.

A partir dos critérios expostos e das fontes localizadas, apresentamos o Quadro 5 que ilustra a distribuição dos *corpora* utilizados para a realização deste estudo:

Quadro 5 - Distribuição dos *corpora*

PERÍODOS		CORRESPONDENTES	PERÍODO DE ESCRITURA DAS CARTAS
Século XIX	1801 - 1850	D. Pedro I Marquesa de Santos	1822 – 1828 1828
	1851 - 1900	D. Pedro II Condessa de Barral	1880 – 1887 1880 – 1889
Século XX	1901 - 1950	Jayme Saraiva Maria Ribeiro	1937 1837
	1951 - 2000	Antonio Carneiro e José Mendes Helena Cordeiro e Zenilta Bispo	1975 – 1977 1975 – 1977

Fonte: Elaboração nossa

⁶⁶ D. Pedro I é o único escrevente que não nasceu no Brasil, mas decidimos considerar sua correspondência pelo fato de ele ter chegado em terras brasileiras ainda criança, aos 9 anos de idade. E, sobretudo, porque foi o único conjunto de cartas, que encontramos, escritas na primeira metade do século XIX.

Diante dos critérios estabelecidos e da distribuição dos documentos obtidos, no Quadro 5, explicitaremos alguns aspectos gerais para algumas escolhas metodológicas e as dificuldades encontradas para a composição dos *corpora* desta tese.

Inicialmente, esse gênero textual foi escolhido em função do nosso objeto de pesquisa, como já dito, pois poderia ser produtivo para propiciar ocorrências de formas de conceptualização do AMOR; ademais, as conceptualizações encontradas seriam delimitadas pela teia semasiológica do conceito de amor.

Quanto ao recorte temporal estabelecido, nossa intenção foi estendê-lo até o século XXI, mas não encontramos documentos que se adequassem aos critérios, aqui, estabelecidos⁶⁷. Localizamos, apenas, alguns cartões de amor, trocados por um casal de baianos, nos quais o texto interno, escrito pelos escreventes, tinha uma estrutura parecida com a de uma carta, mas o suporte era um cartão, e não uma folha de papel pautada, como se apresentava em seu formato original⁶⁸.

Não encontrando as cartas no século XXI, pensamos em recuar no tempo a nossa coleta, mas, também, não localizamos materiais pertinentes, visto que, quanto mais distante no tempo, maior é a dificuldade de encontrar cartas, principalmente de amor, escritas por casais. Os acervos pessoais anteriores ao século XIX são muito raros ou inexistentes, quando encontrados, esses documentos, em grande parte, eram relacionados à esfera jurídica e administrativa, como cartas oficiais e administração privada. Quando localizávamos algum acervo de correspondência pessoal, as cartas eram escritas para amigos, colegas, membros da família, como tios (as) e filhos (as).

Definimos, também, que dividiríamos cada século estudado em três períodos, visto que um período de uma média de 33 (trinta e três) anos pode corresponder a uma sincronia. Porém, tendo em vista as dificuldades antes relatadas, não foi possível encontrar materiais pertinentes a todos os períodos pensados, inicialmente, e que estivessem de acordo com os critérios estabelecidos por nós, para a constituição dos *corpora*; por isso, fizemos uma divisão em dois períodos para cada século, compreendidos por 50 (cinquenta) anos, cada um, a partir dos documentos que encontramos⁶⁹, conforme já exposto no Quadro 5.

⁶⁷ Acreditamos que a dificuldade de acharmos cartas pessoais na sincronia atual, deve-se ao fato do surgimento de outros gêneros textuais, acarretados pelos avanços tecnológicos nos meios de comunicação, desfavorecendo, assim, o gênero carta. Podemos citar como exemplo o surgimento do telefone, do *e-mail*, do torpedo, que são oriundos da carta, já que se trata de uma forma de correspondência entre duas pessoas, e, mais recentemente, os aplicativos de mensagens instantâneas online, como Messenger e Whatsapp.

⁶⁸ Por sugestão dos membros da banca de qualificação, excluímos esses documentos do século XXI e julgamos conveniente concentrar nosso estudo apenas nos séculos XIX e XX.

⁶⁹ Barbosa e Lopes (2006), ao comporem uma amostra representativa, formada por textos jornalísticos, do século XIX, agrupam os referidos textos em fases de 30 anos, espelhando a divisão geracional assumida, normalmente,

Tendo em vista que um dos objetivos desta tese foi o de verificar se a diferença de gênero de autoria interfere na variação conceptual do amor, um outro critério de composição destes *corpora* foi localizar cartas trocadas por casais. Essa foi a nossa maior dificuldade, e esteve atrelada ao problema da divisão de períodos por século, pois, encontramos alguns acervos com cartas escritas apenas pelos homens, mas não havia cartas escritas pelas respectivas mulheres.

Algumas hipóteses podem justificar a ausência de cartas de autoria feminina, uma delas equivale ao seu próprio subgênero. As cartas de amor são correspondências pessoais que têm como principal característica o caráter íntimo e os assuntos que permeiam a subjetividade sentimental dos escreventes. Nesse sentido, a carta de amor abarca o conteúdo de caráter confidencial que deve ser lido apenas pelo seu destinatário. Em virtude dessa privacidade, esse é um tipo de documento raro no domínio público.

Além disso, era um hábito da sociedade de outros tempos que as pessoas se desfizessem ou destruíssem textos particulares, por diferentes motivos. Isso foi observado, a partir da leitura das cartas que compõem os nossos *corpora*, em que era muito comum os escreventes masculinos do século XIX pedirem que suas amantes rasgassem as cartas, isso talvez, por causa dos casos que eles mantinham com outras mulheres que não eram suas esposas, para preservação da intimidade do casal, como afirma, em nota, Rangel (ARQUIVO NACIONAL, 1984), ao fazer referência às cartas de D. Pedro I e da Marquesa de Santos:

Quanto problema histórico e psicológico poderia ser resolvido no cotejo do que Sua Majestade e sua amásia escrevessem um ao outro! Infelizmente faltam as cartas desta, que o seu destinatário inutilizaria pela prudência mais elementar, senão mesmo pelo fácil meio que se lhe apresentaria de apagar o sinal comprometente de sua intimidade. (ARQUIVO NACIONAL, 1984, p. 91).

Sobre o pedido de inutilização das cartas pela marquesa, assim escreve D. Pedro I:

Uma coisa te pediria, mas temo não ser atendido, que era queimares todas aquelas cartas que te tenho escrito desde 10 de setembro, não porque eu tenha medo que tu as mostres, mas porque pode acontecer (o que Deus não permita) que tu faleças (ainda que eu irei primeiro) e em tal desgraçado caso, e minha honra fica manchada. Se me fizeres isto, eu te remeterei as suas que cá tenho guardadas [...]. (D. Pedro I, 08/17/1827).

na composição de *corpora* orais na pesquisa científica. A flexibilização de períodos pode ser vista, também, no português arcaico, conforme Mattos e Silva (1991), que sumariza diferentes propostas de periodização, com diferenças de mais de 100 anos de uma fase para outra.

Ao que parece, a marquesa não cumpriu o pedido do imperador, pois muitas dessas cartas foram editadas, publicadas e estão em domínio público. Ao contrário da marquesa, o monarca, provavelmente, não devolveu as cartas da amante, tendo-as queimado ou dado algum fim parecido, pois pouco se sabe do conteúdo das cartas dela, como, mais uma vez, afirma Rangel (ARQUIVO NACIONAL, 1884):

O fato de não aparecerem senão com extrema raridade as missivas de dona Domitila nas prateleiras dos arquivos, nas gavetas dos colecionadores e no balcão dos alfarrabistas, isso significa que o imperador, estabonado quanto o julgamos, não se desamparou do tino de avisado e cauteloso. (ARQUIVO NACIONAL, 1984, p. 363).

Já D. Pedro II, em suas cartas, revela um acordo feito com sua amante, a Condessa de Barral, de que ambos deveriam incinerar as cartas recebidas um do outro imediatamente após a leitura, possivelmente, pelo mesmo motivo que seu pai: eram pessoas casadas e de posição social elitizada. Porém, ao que tudo indica, apenas, o imperador cumpriu sua parte do combinado, destruindo as cartas, apesar de algumas escaparem da destruição, não se sabe como. A condessa, por sua parte, guardou a grande maioria das cartas recebidas, escritas por D. Pedro II, isso comprova o motivo pelo qual a correspondência dela é em número menor que a do imperador.

Os seguintes excertos, extraídos das cartas de D. Pedro II, comprovam o que foi explicitado anteriormente:

- (01) Quando terei novo prazer de ligar nossas recordações à leitura de suas cartas, onde tudo pode confiar-me, pois não me demoro em queimá-las. Adeus. (D. Pedro II, 06/12/1878).
- (02) Felizmente achei suas cartas acabadas a 30 de Abril e a 4 de Maio. Creia que a todas queimo e que preciso de que você me diga tudo e tudo. (D. Pedro II, 07/06/1880).
- (03) Diga-me tudo e tudo. Felizmente tenho bôa vista e o meu antigo vigor para gozar de nossa amizade. Depois de saborear suas cartas queimo-as bem. Ainda vou reler a de hoje e imaginar que estamos no chalet Miranda estudando os amapás. (D. Pedro II, 21/03/1881).

Diferentemente, no século XX, a informante feminina, Maria, sempre, ao final da carta, pedia que seu amado a destruísse após a leitura, mas não pelos mesmos motivos dos imperadores; ela, geralmente, dava alguma justificativa, principalmente, com relação à escrita dela, como mostram alguns trechos transcritos, a seguir:

(04) Jayme, manda-me dizer se tua mae falou | alguma cousa com voce au meu respito [...] não repares o papel eu pesso-te para rasgares a | carta. (Maria, 12/01/1937).

(05) [...]não se esqueça | de me escrever | muito. | não repares a | minha carta nem | os meus eros | podes rasgar esta | carta que eu te | pesso e ve se | podes encontra com | migo no sábado | na minha casa | que eu estou te | esperando. (Maria, 26/01/1937).

(06) Jayme não repare a minha carta por que eu | não sei escrever quando a cabar de ler você | rasga a carta. (Maria, 10/03/1937).

Em relação à nacionalidade do correspondente, optamos, inicialmente, por cartas escritas, apenas, por brasileiros, pois, escolher outra nacionalidade dificultaria ainda mais a localização de cartas de amor que houvesse equivalência entre os períodos e gêneros, a fim de uma comparação de resultados, além de trazer implicações culturais. No entanto, conforme já explicitado, fizemos uso das cartas de um português (D. Pedro I) por não termos localizado outros documentos epistolares no período delimitado.

No que diz respeito ao ano de escritura das cartas, nossa intenção foi selecionar a carta e a respectiva resposta, porém isso só foi possível com o casal do primeiro período do século XX, Jayme e Maria. Em relação aos outros casais, isso não foi viável; então, elegemos as cartas escritas no mesmo ano e, no máximo, na mesma década.

A quantidade de cartas a serem estudadas em cada período selecionado foi algo que nos causou grande preocupação, pois não foi possível equilibrar o número de documentos por período e nem por gênero do escrevente, devido à dificuldade de encontrar o mesmo número de cartas, com as mesmas características, no lastro temporal selecionado. Isso porque, enquanto havia acervos com grande número de cartas, principalmente, dos homens, outros ofereciam poucas, assim, por exemplo, no material consultado, havia 93 (noventa e três) cartas de D. Pedro I e, apenas, 10 (dez) cartas da Marquesa de Santos. Na segunda metade do século XX, encontramos 10 (dez) cartas dos escreventes masculinos e 8 (oito) das escreventes femininas. Diante de tais dificuldades, decidimos adotar a Teoria dos Fractais e a Técnica da Saturação Teórica para nos auxiliar, conforme já discutido nas seções 2.3 e 2.3.2.

Em vista dos problemas apresentados, as buscas por cartas de amor foi um trabalho exaustivo, para que fosse possível reunir documentos conforme os critérios estabelecidos. Para isso, recorreremos a três fontes, tanto impressas como digitais, quais sejam: publicações de pesquisadores em obras de edição filológica; acervos de projetos de pesquisa; e *corpora* utilizados em teses e dissertações. Todo o material por nós coletado foi fruto do trabalho de transcrição e edição de pesquisadores, conforme descrição feita a seguir.

As cartas do século XIX foram selecionadas de publicações impressas⁷⁰. As escritas por D. Pedro I foram publicadas pelo Arquivo Nacional e pela Editora Nova Fronteira, em 1984, com o título: *Cartas de Pedro I à Marquesa de Santos*; essa edição não oferece informações sobre o tipo de edição utilizada, mas há nela informações sobre os critérios de edição, sendo que a que mais se sobressai é a adaptação da ortografia à oficial da data de publicação. As cartas da marquesa estão nos anexos do livro de Paulo Rezzutti, publicado em 2011, intitulado *Titília e o Demonão: cartas inéditas de D. Pedro I à Marquesa de Santos*⁷¹. Neste livro, também, não há referência ao tipo de edição, mas o autor/editor informa que “as grafias das palavras foram atualizadas e, em alguns casos, corrigidas. A pontuação foi alterada para melhor compreensão do leitor.” (REZZUTTI, 2011, p. 83). Já a correspondência de D. Pedro II para a Condessa de Barral encontra-se no livro de Raimundo Magalhães Júnior intitulado *D. Pedro II e a Condessa de Barral através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada*, publicado pela Civilização Brasileira, em 1956. Por fim, as cartas escritas pela Condessa de Barral foram publicadas pelo Arquivo Nacional e pelo Ministério da Justiça, em 1977, em forma de livro e intitulado: *Condessa de Barral: Cartas a suas majestades – 1859-1890*. Nessas obras, não há informações sobre o tipo de edição; na apresentação desta última, há informação relativa à atualização da ortografia.

A correspondência do século XX foi toda digitalizada e faz parte de diferentes acervos de pesquisa e, também, em *corpora* usados em teses e dissertações. As cartas de Jayme Saraiva e Maria Ribeiro foram selecionadas no *Corpus Compartilhado Diacrônico* (CCD), disponível online no site⁷² do *Projeto Laboratório de História do Português* (Labor Histórico), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o título “Jayme e Maria, casal dos anos 30”. Essas cartas foram editadas por Silva (2012) e utilizadas como corpus de sua dissertação, estando disponíveis para consulta, no referido site, em quatro versões para leitura: diplomática, modernizada, texto simples original e texto simples modernizado. Selecionamos a versão diplomática⁷³, pois esta é uma edição mais conservadora dos elementos presentes no manuscrito. Todos os documentos são apresentados, no site, ao lado do seu fac-símile⁷⁴ para

⁷⁰ Não encontramos documentos digitalizados correspondentes ao século XIX. Localizamos alguns fac-símiles da correspondência escrita por D. Pedro II à Condessa de Barral, no acervo digital do Museu Imperial, na “Coleção Barral Montferrat”, disponível no site: <http://www.museuimperial.gov.br/dami/>.

⁷¹ Apesar desta obra dedicar-se a edição das cartas de D. Pedro I à Marquesa, nos anexos, o editor publica 10 (dez) cartas da marquesa enviadas a D. Pedro I.

⁷² As cartas do CCD estão disponíveis no site: <http://www.laborhistorico.letas.ufrj.br/>.

⁷³ Marengo (2016), revisitando Cambraia (2005), informa que, na edição diplomática, “faz-se a transcrição exatamente como está escrito no modelo, como, por exemplo, sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, separação vocabular etc.”

⁷⁴ De acordo com Cambraia (2005, p. 91), na edição fac-similar, “apenas se reproduz a imagem de um testemunho através de meios mecânicos, como fotografia, xerografia, escanerização, etc.”.

que qualquer pesquisador interessado possa conferir o texto transcrito com a versão original digitalizada, fazendo sua leitura própria e pessoal dos documentos.

No segundo período deste século, encontramos poucas cartas de amor que estivessem de acordo com os critérios apresentados, por isso, decidimos selecionar dois casais que partilham características comuns, quanto às regiões de nascimento e residência, escolaridade, período de escrita das cartas, dentre outras. As correspondências de Helena e José, assim como a de Antonio e Zenilta, compõem parte dos *corpora* da tese de doutorado de Santiago (2019) e fazem parte do acervo do Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DHOS), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), estando disponíveis no site⁷⁵ do referido projeto. Todas as cartas deste período foram editadas por Santiago (2019), nas versões fac-similar, semidiplomática⁷⁶ e modernizada.

Apresentadas as fontes e documentos selecionados para compor os *corpora* deste estudo, mostraremos informações básicas acerca do perfil biográfico e social dos autores das cartas utilizadas, com o intuito de caracterizar cada escrevente da forma mais completa possível, ampliando, assim, as informações históricas e contextuais fundamentais para os estudos no âmbito da SSCH.

2.3.3.1 Perfil dos escreventes das cartas

- D. Pedro I e a Marquesa de Santos

A amostra selecionada reúne as cartas escritas, no período de 1822 a 1829, por D. Pedro I e pela Marquesa de Santos, em duas publicações impressas. Como se trata de um casal de pessoas com influência social, há muitas fontes de informações, detalhadas, sobre suas biografias⁷⁷; para esta síntese, colhemos as informações nas próprias cartas, nos livros onde foram editadas (REZZUTTI, 2011; ARQUIVO NACIONAL, 1984) e em de Del Priore (2012).

D. Pedro I nasceu em Portugal, no dia 12 de outubro de 1798, e lá passou toda sua primeira infância. Era o quarto filho de Dom João VI e de Dona Carlota Joaquina. No dia 7 de março de 1808, com 9 anos de idade, chegou ao Brasil, junto com a família real e passou a

⁷⁵ As cartas do CE-DHOS estão disponíveis no site: <<http://www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/cartas.html>>.

⁷⁶ A edição semidiplomática é, também, chamada, por Cambraia (2005), de paleográfica. Segundo ele, nessa edição, o editor realiza, durante a transcrição, o desenvolvimento das abreviaturas, garantindo uma preservação maior de propriedades próximas ao original.

⁷⁷ Apesar de haver um vasto referencial bibliográfico sobre a vida e o contexto sócio-histórico dos imperadores, da condessa e da marquesa, por serem pessoas nobres do período imperial, fizemos um breve resumo do perfil biográfico e social desses escreventes para ficar equiparado com a biografia das pessoas comuns, do século XX.

morar no Rio de Janeiro. Em 1821, quando seu pai, D. João VI, retornou a Portugal, se tornou herdeiro do trono brasileiro, sendo nomeado príncipe regente.

Dom Pedro I foi o primeiro Imperador do Brasil e governou entre 1822 e 1831. Casou-se com Dona Leopoldina, filha do imperador da Áustria, em 1817, e, juntos, tiveram sete filhos. Em 1826, Dona Leopoldina morreu e, em 1829, ele se casou, novamente, com Dona Amélia, com quem teve uma filha. Em 1831, por questões políticas, abdicou do trono brasileiro, deixando o país nas mãos de seu primogênito, D. Pedro II, e seguiu para Portugal. Lá, em 24 de setembro de 1834, ele morreu, em decorrência de uma tuberculose.

Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, foi a mais famosa amante de D. Pedro I. Ela nasceu em São Paulo, em 27 de dezembro de 1797, e era filha de uma tradicional família paulista. Aos 15 anos, casou-se com o alferes Felício Pinto Coelho de Mendonça, mas separou-se dele dois anos depois. No ano de 1822, Domitila conheceu D. Pedro I, em São Paulo, e, no ano seguinte, o imperador a instalou no Rio de Janeiro, juntamente com toda a sua família, retornando para sua terra natal, em 1829, após rompimento com o monarca. No ano de 1833, ela foi morar com o liberal Rafael Tobias de Aguiar, político e rico fazendeiro de Sorocaba, com quem teve seis filhos. Domitila faleceu em São Paulo, no dia 3 de novembro de 1867, vítima de enterocolite⁷⁸.

Na vida pessoal, D. Pedro I era considerado um homem muito conquistador, envolvendo-se com muitas mulheres, mas Domitila foi sua mais famosa amante, com relacionamento mais demorado. O romance entre os dois, inicialmente, foi resguardado por certa discrição, mas, depois, trazido a público, de modo ostensivo. A influência da amante sobre o imperador era tão grande que, em 1825, foi nomeada primeira dama da imperatriz, designada Dama do Paço, dando-lhe o direito de acompanhar D. Leopoldina a todos os lugares. Nesse mesmo ano, Domitila recebeu o título de Viscondessa de Santos, pelos serviços prestados à Imperatriz. E, no ano seguinte, em 1826, recebeu o título de Marquesa de Santos. Com D. Pedro I, teve cinco filhos e todos eles receberam títulos de nobres, logo após o nascimento.

Apesar de residirem na mesma cidade, D. Pedro I e Domitila trocaram correspondências desde quando se conheceram até o término do relacionamento. As cartas abrangem uma gama variada de assuntos, desde a preocupação pela política até a temática amorosa; nessa correspondência, constam os recados para que os encontros deem certo, as preocupações sobre a natureza dos sentimentos de ambos, os ciúmes, as infidelidades, as doenças, entre outros assuntos.

⁷⁸ Inflamação do intestino delgado e do cólon. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/enterocolite>. Acesso em: 18 jan. 2019.

- D. Pedro II e a Condessa de Barral

A amostra selecionada reúne as cartas escritas por D. Pedro II e pela Condessa de Barral durante o período de 1865 a 1890, em duas publicações impressas, já citadas. Assim como D. Pedro I e Domitila, há uma vasta bibliografia sobre esse casal, também, por terem sido pessoas influentes na sociedade imperialista brasileira. Para esta síntese, colhemos as informações nas próprias cartas, nos livros onde foram publicadas (CONDESSA, 1977 e MAGALHÃES JR., 1956), em Del Priore (2008) e Gotlib (2000).

D. Pedro II nasceu no Rio de Janeiro, no dia 2 de dezembro de 1825 e era o filho mais novo do imperador D. Pedro I e da imperatriz Dona Maria Leopoldina. Em 1831, com apenas cinco anos de idade, tornou-se príncipe regente do Brasil, quando seu pai abdicou do trono. Aos 15 anos, foi declarado maior e coroado Imperador do Brasil. Seu reinado teve início, no dia 23 de julho de 1840, e terminou, no dia 15 de novembro de 1889, quando foi proclamada a República.

Casou-se com Tereza Cristina, em 1843, e tiveram quatro filhos: dois meninos, Afonso e Pedro, que morreram ainda pequenos, e as princesas Isabel e Leopoldina. Viveram juntos, durante 46 anos, até a morte da imperatriz, em 1889. Após a Proclamação da República, D. Pedro I embarcou com a família para a Europa, onde foi exilado, e, no dia 5 de dezembro de 1891, morreu, em Paris, em decorrência de uma pneumonia.

Luísa Margarida Portugal e Barros, a Condessa de Barral, nasceu em Santo Amaro, Bahia, no dia 13 de abril de 1816. Era filha única do diplomata Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, e de Maria do Carmo Portugal de Barros. Grande parte de sua infância e juventude viveu entre a França e o Brasil, com a família.

Casou-se com Eugenio de Barral, o Conde de Barral, em 19 de abril de 1837, na França, tornando-se a Condessa de Barral, com quem teve um filho. Em 1856, ela recebeu um convite para educar as princesas Isabel e Leopoldina e, também, ser dama de companhia de D. Teresa Cristina. A condessa aceitou o convite e passou a morar no Rio de Janeiro, com seu filho, até 1864, quando as princesas se casaram. Após as bodas das filhas do imperador, ela retorna, com o filho, para Europa. Em 14 de janeiro 1891, a condessa morre, dormindo, também, em decorrência de uma pneumonia, em Paris.

D. Pedro II e a Condessa de Barral viveram uma longa e intensa história de amor, por mais de 30 anos, desde que ela fora para o Rio de Janeiro ser a preceptora de suas filhas. D. Pedro II teve algumas amantes e por muitos anos encantou as mulheres, porém, de maneira muito mais discreta, se comparado a seu pai; mas o mais famoso relacionamento extraconjugal,

segundo historiadores contemporâneos (DEL PRIORE, 2008; GOTLIB, 2000), ele viveu com a Condessa de Barral. Nas correspondências por eles trocadas, tem-se uma amostra do que foi o amor que eles compartilharam. O contato da condessa com o imperador era diário e ambos iam se conhecendo gradativamente. Segundo Del Priore (2008, p. 11), a relação do imperador com a condessa “foi um sentimento construído num momento histórico especial: o século XIX, o século do romantismo.”

A experiência epistolar teve início, em 1865, quando a Condessa de Barral retornou a Paris e o monarca permaneceu no Brasil, por seus deveres hereditários e constitucionais. Daí em diante a correspondência tornou-se frequente e chegava à condessa com regularidade⁷⁹. A nobre baiana respondia todas as cartas do amigo, colocando-o a par de tudo e de todos, e as enviava ao Brasil, obedecendo a um sigilo rigoroso, com o intuito de evitar comprovação do que a corte já suspeitava⁸⁰: sua relação amorosa com D. Pedro II. Por garantia maior, o imperador incinerou grande parte desta fecunda correspondência, conforme já assinalamos.

Até o final da vida trocaram correspondências; nelas, além da história de amor e da rotina diária de ambos, podemos encontrar literatura de viagens, autobiografias, comentários acerca de questões fundamentais da vida política e econômica do Brasil, sendo considerado um documento de alto valor histórico, por autores como Gotlib (2000).

- Jayme e Maria

Esse acervo reúne cartas particulares escritas entre os anos de 1936 e 1937, por um casal de noivos. Os manuscritos não foram localizados em nenhum acervo ou arquivo de acesso público, e sim encontrados, ao acaso, numa lixeira, no bairro de Ramos, subúrbio do Rio de Janeiro e, por isso, não se tem muitas informações sobre os remetentes, apesar das buscas feitas a cartórios, ao endereço que constava nos envelopes e aos arquivos históricos (SILVA, 2012). Em vista disso, todos os dados biográficos disponíveis foram elaborados a partir da leitura das próprias cartas.

⁷⁹ D. Pedro combinou com a condessa de escreverem diários, para que pudessem acompanhar todos os passos que davam. Sobre esses diários, Gotlib (2000, p. 230) faz uma observação: “Talvez uma das peculiaridades desse diário seja exatamente esta: a do texto escrito na busca de um estado de companhia. Contrariando toda uma tradição da escrita do diário como produtor de um estado de solidão e de enclausuramento [...], esse diário tem no entanto um destinatário. E por isso torna-se carta.”

⁸⁰ Por mais discretos que fossem o imperador e a condessa em sua relação amorosa, os jornais da época não deixaram de citar passagens que dessem lugar a fofocas. Até no teatro uma personagem foi criada inspirada na condessa, uma forma sutil do autor em criticar a influência dela sobre o monarca.

A partir das informações que constam das cartas, percebemos que eles eram pessoas comuns, não influentes, associados a segmentos sociais mais baixos e sem grau de escolaridade elevado. Nas correspondências é possível observar uma diferença no grau de letramento dos noivos; Maria não apresenta muito domínio da escrita, enquanto Jayme demonstra maior habilidade com essa modalidade, sugerindo que o noivo tem, possivelmente, um grau de letramento maior que o da noiva.

O noivo, Jayme de Oliveira Saraiva, residia com os pais, no bairro de Ramos, no subúrbio do Rio de Janeiro, e trabalhava no centro da cidade, em uma empresa de importação e exportação de produtos têxteis; a noiva, Maria Ribeiro da Costa, morava em Petrópolis - RJ, com sua irmã e era mãe solteira de uma menina chamada Hilda. A mãe de Jayme não gostava de Maria e isso impedia o casal de se encontrar com frequência. Secretamente, encontravam-se na Igreja da Penha, aos domingos (Maria era muito religiosa), ou na Rua Uruguaiana, próximo do trabalho de Jayme.

As cartas abrangem temas em torno da saudade que eles sentiam um pelo outro; a marcação dos encontros que aconteciam, geralmente, aos finais de semana, na Igreja da Penha; informações sobre o estado de saúde, dentre outros.

- Antonio e Zenilta

A amostra selecionada é composta por cartas de amor escritas no final do século XX, entre os anos de 1975 a 1977. Trata-se da correspondência trocada pelos noivos Antonio Carneiro de Oliveira e Zenilta Bispo Oliveira. Do mesmo modo que o casal anterior, não temos muitas informações sobre este, assim, coletamos informações nas próprias cartas e nas entrevistas feitas por Santiago (2019) aos próprios correspondentes.

Antonio nasceu, em 1957, em Riachão do Jacuípe - BA, onde reside até hoje com Zenilta, sua esposa. Estudou pouco e trabalha como pedreiro e carpinteiro. Zenilta, também, nasceu em Riachão do Jacuípe, no final da década de 1950, e morava na fazenda Queimada Nova, distrito da cidade onde nasceu, só depois do casamento com Antonio, passou a morar em Riachão do Jacuípe. Estudou até a quinta série e é costureira e dona de casa.

As cartas trocadas por este casal versam sobre a saudade que eles sentem um pelo outro, ciúmes, pedido de notícias do outro e vontade de se verem, além de pedido de encomendas e notícias de amigos.

- José e Helena

As cartas trocadas pelo casal de namorados, José e Helena, também, foram escritas entre os anos de 1975 e 1977. As informações biográficas do casal foram retiradas das fichas do informante e das próprias cartas.

José Mendes de Almeida nasceu em 14 de outubro de 1952, na Fazenda Pedras, município de Conceição do Coité - BA e faleceu em 26 de junho de 1998. Estudou até a primeira série e era lavrador, trabalhando muito tempo na extração do sisal. No período de correspondência com Ana Helena, sua namorada e com quem se casou, morava no distrito de Goiabeira, também, município de Conceição do Coité - BA.

Ana Helena Cordeiro de Santana nasceu na Fazenda Cabana, município de Ichu - BA, em 26 de abril de 1961. Casou-se com José Mendes, com quem teve três filhos. Estudou até a quarta série do primário, é lavradora e mora até hoje em um povoado no município de Conceição do Coité. Nas cartas, os assuntos tratados expressam amor, saudade, sofrimento, tristeza, necessidade de encontro.

Conforme pode ser visto, a disponibilidade de informações sobre os escreventes das cartas é mais acentuada nas classes mais altas, pois eram pessoas com destaque social. Em contrapartida, as informações sobre os indivíduos sem prestígio econômico e social são bastante escassas, tornando seus autores praticamente anônimos. Ficamos bem restritos às informações constantes das próprias cartas e das fichas de identificação dos autores, como já explicitado.

Além disso, as cartas de amor selecionadas para compor os *corpora* desta tese são marcadas pela heterogeneidade não só no plano linguístico, mas também no nível social: reunimos nessa amostra desde documentos escritos por brasileiros com visibilidade social, econômica e política, como os imperadores, a condessa e a marquesa, até cartas trocadas por um casal de noivos, completamente anônimo, cujas correspondências foram recolhidas do lixo, como também, casais de lavradores, pedreiro, costureira e donas de casa, residentes na zona rural. Apresentamos, a seguir, um quadro síntese com algumas informações dos escreventes.

Quadro 6 - Síntese dos dados biográficos dos escreventes das cartas

PERÍODO	NOME DOS ESCRIVENTES	LOCAL DE NASCIMENTO	DATA DE NASCIMENTO E DE MORTE
1ª metade do século XIX	D. Pedro I	Lisboa - PT	12/10/1798 – 24/09/1834
	Marquesa de Santos	São Paulo - SP	27/12/1797 – 03/11/1867
2ª metade do século XIX	D. Pedro II	Rio de Janeiro - RJ	02/12/1825 – 05/12/1891
	Condessa de Barral	Santo Amaro - BA	13/04/1816 – 14/01/1891
1ª metade do século XX	Jayme Saraiva	Rio de Janeiro - RJ ⁸¹	Não há informação
	Maria Ribeiro	Rio de Janeiro - RJ	Não há informação
2ª metade do século XX	Antonio Carneiro	Riachão do Jacuípe - BA	1957 – (vivo)
	Zenilta Bispo	Riachão do Jacuípe - BA	Fins de 1959 – (viva)
	José Mendes	Conceição do Coité - BA	14/10/1952 – 26/06/1998
	Ana Helena Cordeiro	Ichu - BA	26/04/1961 – (viva)

Fonte: Elaboração nossa

Feiras as considerações sobre a composição dos *corpora*, passemos para os passos que seguimos para seu estudo.

2.3.4 Procedimentos de estudo dos *corpora*

Após descrição da composição e organização dos *corpora*, a partir desse momento, apresentamos os procedimentos de estudo, por etapas⁸², como detalhado a seguir:

1 – Leitura, na íntegra, de todas as cartas. Fizemos a leitura na sequência cronológica que se apresentavam nos arquivos on-line e nos livros impressos, utilizando o método de leitura e introspecção, como sugere Talmy (2007), partindo dos elementos linguísticos para chegarmos aos domínios conceptuais subjacentes, ou seja, usamos a intuição, baseada na nossa experiência, para seleção de expressões linguísticas e, também, na identificação das conceptualizações metafóricas, metonímicas, imago-esquemáticas e acionamento dos frames do AMOR.

2 – Seleção e coleta dos trechos das cartas nos quais há expressões linguísticas que instanciam a conceptualização do AMOR. Após a leitura das cartas, fizemos a seleção dos contextos, em um arquivo à parte, no documento do Office Word. Não utilizamos nenhum tipo de localizador para identificação dessas expressões, pois, assim como Silva (2017), a nosso ver,

⁸¹ Não há informação a respeito do local de nascimento de Jayme e nem de Maria, mas, supomos, por inferência, que tenha sido no Rio de Janeiro.

⁸² Na apresentação das etapas da pesquisa, não separamos os procedimentos de coleta e de estudo das ocorrências, visto que esses dois processos estiveram imbricados.

embora a utilização de um localizador seja possível e muito usada em SC, tal opção, no nosso caso, limitaria a seleção das ocorrências nos documentos. Isso, porque, nos nossos *corpora*, a identificação do domínio-alvo não ocorreu, apenas, pela presença do item léxico AMOR, mas também pelo contexto e pelo uso de palavras ou expressões que remetem ou fazem parte do mesmo domínio do AMOR, como ‘sentimento’, ‘emoção’, ‘paixão’, ‘saudades’, ‘estar junto’, entre outras.

3 – Estudo de cada ocorrência coletada nas cartas, para identificação dos domínios da experiência evocados. De posse das expressões selecionadas, examinamos os mapeamentos metafóricos e metonímicos e as estruturas dos esquemas-I. Realizamos esta etapa simultaneamente com a anterior, visto que, para verificar o ponto de saturação, foi necessário identificar quais foram os novos domínios da experiência que surgiram e quais os que se repetiram, em cada carta.

4 – Criação de um quadro para registro dos domínios da experiência encontrados em cada carta, conforme a ordem cronológica em que foi escrita pelos correspondentes. Neste quadro, registramos quais domínios foram instanciados nas cartas dos correspondentes, permitindo uma melhor visualização dos elementos encontrados⁸³, conforme apêndices.

5 – Constatação da saturação das conceptualizações do amor nas cartas de cada um dos correspondentes. Esta fase nos levou a interromper a seleção de expressões linguísticas, a partir da carta em que constatamos que nenhum novo conceito para o amor foi identificado, respeitando os critérios de saturação registrados na seção 2.3.2.

6 – Compilação de todas as formas de conceptualização do AMOR identificadas nas cartas constituintes dos *corpora*. Detectada a saturação teórica, agrupamos os contextos de todas as cartas por domínios da experiência⁸⁴, para discussão dos resultados. Concordamos com Almeida (2015 *apud* SILVA, 2017, p. 125), quando diz que, através da organização das ocorrências por domínio da experiência, “poderíamos perspectivar mais claramente o conjunto dos resultados encontrados, apresentando-os com uma melhor coerência organizativa”. Em

⁸³ Esta etapa foi criada tendo como base o trabalho de Fontanella et. al. (2011) e Falqueto e Farias (2016), que utilizam, em suas pesquisas, a Técnica da Saturação Teórica, na coleta de dados.

⁸⁴ Silva (2017), na tese sobre as conceptualizações de TRABALHO, organiza as ocorrências por domínios da experiência e MCI. Almeida et al. (2013), também, faz uma organização por domínios e subdomínios.

virtude das amplitudes e especificidades dos domínios encontrados nos *corpora*, inspirada em Lakoff e Turner (1989) e, também, em Kövecses (1990, 2000, 2002), que classificam as metáforas, quanto ao nível de generalidade, como gerais ou específicas, utilizamos os termos “domínio geral” e “domínio específico”. Assim, o “domínio específico” é usado para nos referirmos a aspectos específicos que podem ser focalizados em um domínio mais amplo, o “domínio geral”. Importante ressaltar que esta organização não se baseia numa relação de subordinação entre os domínios gerais e suas partes, mas numa relação de contiguidade. Antes da discussão dos contextos, em cada domínio, organizamos, inicialmente, as ocorrências que correspondiam ao século XIX, seguidas por aquelas do século XX; em cada século, seguimos a ordem cronológica das cartas, apresentando, primeiramente, os contextos coletados nas correspondências dos homens, depois os das mulheres, numerando-os em ordem crescente. Nos contextos linguísticos destacados que instanciavam mais de uma conceptualização, fizemos a remissão, através de nota de rodapé, à seção referente ao domínio da experiência evocado, onde tal conceptualização é discutida. Ao fazer essa remissão, pensamos nas diversas possibilidades de leituras que o leitor possa fazer do estudo das ocorrências desta tese. Optamos por essa organização, pois acreditamos ter sido a maneira mais didática, visto que a mesma forma de conceptualização é reincidente em diferentes cartas, devido ao padrão fractal do conceito de amor.

7 – Discussão dos resultados. Nessa etapa, refletimos sobre os mapeamentos metafóricos e metonímicos de cada domínio-fonte da experiência e, também, sobre os esquemas-I que estruturam esses processos, em cada ocorrência, individualmente. Durante a interpretação das cartas, buscamos assumir um olhar interdisciplinar, procurando elementos na História, na Neurociência, na Filosofia, na Biologia e na Religião, que nos ajudaram a compreender como o AMOR é conceptualizado nas cartas que compõem os *corpora*.

8 – Interpretação dos resultados. Após estudo, individualizado e por domínio, das ocorrências, fizemos uma discussão geral, comparando as conceptualizações predominantes em cada século e em cada gênero, buscando identificar possíveis variações, mudanças e permanências nas formas de conceptualização do AMOR, assim como verificar a inter-relação entre os domínios da experiência que formam o frame AMOR ROMÂNTICO, nas correspondências estudadas.

2.3.5 Notações e convenções

Nesta seção, buscamos esclarecer as notações e convenções utilizadas no estudo dos *corpora*, as quais serão apresentadas, a seguir.

- As expressões linguísticas selecionadas nas ocorrências, coletadas das cartas, foram destacadas em itálico, conforme Lakoff e Jonhson (2002 [1980]). Por exemplo:

(07) Saber da tua saúde e como passaste à noite, depois de tanto e tão gostoso excesso, é que me compele a ir *cheio daquele amor que te consagro* porque tu não mereces saber. (D. Pedro I, 13/12/1827)

- Ainda, seguindo a convenção proposta por Lakoff e Jonhson (2002 [1980]), foram apresentados em versalete: as metáforas e metonímias conceptuais (AMOR É ORGANISMO VIVO e EFEITO PELA CAUSA), os esquemas-I (Esquema I RECIPIENTE), os domínios da experiência, sejam eles gerais ou específicos (Domínio da PAIXÃO), e os frames.
- As citações extraídas das ocorrências e copiadas no corpo do texto estão entre aspas duplas (“o meu amor e sego”) e as formas linguísticas, entre aspas simples (advérbio ‘muito’).
- A identificação da carta em que aparecem as referidas expressões está entre parênteses, logo após o contexto selecionado, seguindo a ordem: nome do escrevente e data (dia, mês e ano) em que a carta foi escrita, como podemos ver no exemplo a seguir:

(08) *As horas que passo Sozinha desejo | esta ao Seu lado. Mas como não é | Possível realizar meus Sonhos | resolvi redijir-lhe algumas linhas | desijando Saber como você vai de Saúde | juntamente com todos.* (Helena, 06/06/1977)

- Na transcrição da ocorrência, conservamos as abreviaturas, a ortografia, a pontuação e a acentuação, conforme utilizadas pelo editor.
- A divisão das linhas do documento original, pela marca de uma barra vertical entre as linhas (|), e a mudança de parágrafo, indicada pela marca de duas barras

verticais (||), serão preservadas, apenas, para as cartas digitalizadas, pois consideramos a divisão feita pelo editor, conforme ilustração:

(09) Eu não mezango com | voçe nei presizavas pedir pela | carta o meu amor e sego. | eu sei perfeitamente que teis | sofrido muito por minha causa | mais tenha fé em Deus e | na N. Senhora. (Maria, 21/01/1937)

- Nas cartas impressas, nas quais o editor não segue a norma de divisão de linhas, não a manteremos, seguindo, também, as normas do editor:

(10) Aceite minha dedicação, meu amor, meu respeito, minha Geografia, meu Museu de Versailles, enfim, tudo quanto posto junto, faça uma farofa da velha amizade da C. de Barral. (Condessa de Barral, 22/01/1881)

Estabelecidos os procedimentos metodológicos adotados ao longo do presente estudo, passemos à interpretação das ocorrências e apresentação dos resultados obtidos, na seção seguinte.

3 ESTUDO DOS *CORPORA*

Nesta seção, apresentamos o estudo hermenêutico das ocorrências identificadas, coletadas nas cartas de amor, que compõem os *corpora* desta tese. Antes, porém, é importante explicar como a categoria AMOR se apresenta, para, depois, centrarmos na categoria mais específica AMOR ROMÂNTICO, objeto deste estudo.

Embora o AMOR ROMÂNTICO seja prototípico no nosso estudo, nas cartas que compõem os *corpora*, aparecem outros tipos de AMOR que julgamos importante comentar aqui, como amor de Deus, amor à família, amor aos filhos, amor à pátria, amor aos brasileiros e amor passageiro.

Conforme mencionado na seção 1.2, Rosch (1978) estabelece uma organização intercategoriaal, que apresenta três níveis de inclusão: superordenado, básico e subordinado. Baseado na referida autora, organizamos as categorias do AMOR, que encontramos nos *corpora*, da seguinte forma:

Quadro 7 - Níveis da categoria AMOR presentes nos *corpora*

NÍVEIS	CATEGORIAS						
Superordenado	SENTIMENTO						
Básico	AMOR						
Subordinado	Amor de Deus	Amor à família	Amor às filhas	Amor à pátria	Amor dos brasileiros	Amor passageiro	Amor romântico

Fonte: Elaboração nossa

Essa estruturação indica que organizamos nossas experiências, no que se refere aos sentimentos, do mesmo modo que conceptualizamos as coisas. Desse modo, no Quadro 7, o AMOR encontra-se no nível básico e podemos associá-lo a um nível categorial mais genérico, o do SENTIMENTO. Na dimensão mais específica, um conjunto maior de atributos é utilizado para identificar o tipo de AMOR. Esses tipos de amor aparecem nas cartas de diferentes escreventes, em distintos períodos, dependentes do contexto retratado. Apresentamos, de forma resumida, a título de ilustração, os trechos em que aparecem os tipos de amor encontrados nas cartas estudadas e o seu enquadramento:

- Amor de Deus

(01) *Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus lhe peço* que não me despreze por lhe dizer a verdade e me perdoe algum excesso que tivesse no

momento de me dizer “é o que se pode esperar dos amigos”. (D. Pedro I, 04/08/1825)

- (02) Jesus Maria que susto tomei lendo Sua carta, e sabendo do Seu desmaio no dia 6 de Agosto! *Pelo amor de Deus* não coma tanto nem tão depressa senão essas indigestões podem nos ser fatais. (Condessa de Barral, 03/09/1881)
- (03) Não posso informarte quando podemois conversar. mais farei o possível para | ser o mais breve, tenha confiança em mim | *pelo amor de Deus* é o que te peço. (Jayme, 19/01/1937)
- (04) Jayme eu *peço-te pelo a mor | de Deus* para não a cabarés | com o nosso a mor eu nunca | peissei que tu memandace | uma # carta dessas tu | não queras saber a dor que | eu trago no meu coração. (Maria, 19/01/1937)
- (05) [...] sabado eu desso no trem | das 3 ½ horas que deve chegar | 5.40 horas voce marca o lugar | para eu esperar eu tepesso | isto *pello a mor de Deus*. (Maria, 21/01/1937)

A expressão “pelo amor de Deus” aparece nas cartas escritas, nos séculos XIX e XX, e é utilizada pelos escreventes como crença religiosa, a fim de obterem seus objetivos. Em todos os usos, a expressão aparece como um apelo ao sagrado para realização do desejo do/da amante.

O significado de “amor de Deus” é compreendido, a partir dos detalhes da cena que propiciaram o contexto do uso do vocativo. Nessa categoria, a cena pode ser esquematizada da seguinte forma: uma pessoa faz um apelo (os amantes), algo que é pedido (objeto do desejo) e uma pessoa para quem se pede (ser amado).

- Amor à família

De acordo com o nosso conhecimento enciclopédico, uma família não é formada, apenas, pela relação de parentesco entre os membros, mas, também, por laços de amor, carinho e respeito que se estabelecem entre eles. Partindo desse conceito, as ocorrências (06) e (07) mostram que esses laços estão presentes nas relações familiares dos escreventes:

- (06) Eu conto que nada disto será mister, pois conheço *o amor que a marquesa consagra à pátria e à minha família*, mas fique certa que esta é a minha derradeira resolução, bem como carta que lhe escrevo. (D. Pedro I, 13/05/1828)
- (07) Imitando Seu laconismo direi a V. M. que as saudades são mato, e as saúdes melhores do que merecem a Deus. Folgo muito de saber que V. M. vai passando otimamente. Deus o conserve por longos anos *ao amor de Sua Família* e ao amor de muitos Brasileiros. (Condessa de Barral, 03/03/1889)

Em (06), D. Pedro I recorre ao amor que Domitila consagra à família dele e pede que ela vá embora do Rio de Janeiro sem que seja necessário que ele tome atitudes radicais para fazê-la partir dessa cidade. Já em (07), a Condessa de Barral faz referência ao amor que a família de D. Pedro II sente por ele.

Observamos, a partir dos trechos destacados, que são configuradas duas cenas: na primeira, na ocorrência (06), os elementos da cena esquemática incluem alguém que oferece algo (Domitila), algo que é consagrado / objeto da consagração (amor) e a entidade que recebe o objeto da consagração (a família); e, na segunda, em (07), alguém que ama (família) e alguém que é amado (D. Pedro II).

- Amor às filhas

A partir da leitura das cartas, verificamos que as relações de amor que a Marquesa de Santos mantinha com seus filhos eram bastante saudáveis. Duas situações nos chamaram a atenção: o pedido de guarda dos filhos, após a separação do seu primeiro marido, Felício; e o empenho para que D. Pedro I reconhecesse a primeira criança nascida da relação afetiva dos dois, que foi registrada como filha de pais incógnitos. Talvez por esses atos de amor filial, D. Pedro I, na ocorrência que segue, tenha apelado ao amor que a marquesa tinha pelas filhas para pedir que ela fizesse e tomasse o remédio, pois, fazendo isso, ela ficaria boa do seu estado doentio:

(08) Peço-lhe que tome o remédio, olhe que as sezões apresentam-se muitas vezes de capote, outras de casaca e às vezes vestidas de mulher. Faça o remédio, *pelo amor que tem a suas filhas*, e eu espero ficar sossegado de tantos e tão grandes cuidados logo que se restabeleça ao seu antigo estado. (D. Pedro I, 27/01/1828)

A expressão “amor [...] a suas filhas” é usada por D. Pedro I, numa carta escrita para a marquesa, após o término da relação de ambos, e que levou Domitila ao adoecimento. Nessa ocorrência, da mesma forma que ocorre em “amor de Deus”, verificamos o apelo do amante para que a amada realize o seu pedido. Dessa forma, a cena é esquematizada do seguinte modo: alguém que faz um apelo (D. Pedro I), algo que é pedido (tomada do medicamento) e alguém para quem se pede (marquesa).

- Amor à pátria

O “Amor à pátria” aparece, nas cartas dos escreventes do século XIX, em virtude do contexto social da época, na qual existia um sentimento nacionalista de amor e de valorização à pátria. Em (09), D. Pedro I faz referência ao patriotismo da Marquesa de Santos que teve uma vida de atuação política que se estendeu por muitos anos. Apesar de ter vivido em busca de prestígio e enriquecimento pessoal, era uma patriota inspiradora das decisões do amado referentes à nação brasileira, exercendo crescente influência política sobre o imperador. (VASCONCELOS; REZZUTTI, 2018).

(09) Eu conto que nada disto será mister, pois conheço *o amor que a marquesa consagra à pátria* e à minha família, mas fique certa que esta é a minha derradeira resolução, bem como carta que lhe escrevo. (D. Pedro I, 13/05/1828)

Já em (10), a Condessa de Barral escreve, comovida, a D. Pedro II, quando ele e sua família são expulsos do Brasil, em virtude da Proclamação da República. Nessa carta, ela oferece seus serviços e não hesita em renunciar a sua pátria em favor do seu amado:

(10) Mas fique Vossa Magestade certa que pode dispor desta Sua dedicadíssima criada quando e onde quiser Lhe fazer a honra de a chamar. Nada digo do ocorrido porque me parece impossível fazer o menor comentário e mal posso acreditar em tamanha ingratidão! *Para mim não há mais pátria perdi-lhe todo o amor que lhe tinha* e cubro-me de vergonha quando me falam no Brasil. (Condessa de Barral, 30/11/1889)

Desse modo, há, nas duas referências, um contraste dentro do frame da categoria “amor à pátria”. Na primeira ocorrência, os elementos da cena esquemática incluem uma pessoa que oferece algo (marquesa), algo que é consagrado / objeto de consagração (amor) e a entidade que recebe o objeto de consagração (a pátria). Por outro lado, na segunda, a cena é esquematizada da seguinte forma: alguém que deixou de amar (condessa) e algo que deixou de ser amado (a pátria).

- Amor dos brasileiros

Apesar de, muitas vezes, estar insatisfeito com as atividades políticas, o último imperador do Brasil adquiriu simpatia e confiança dos brasileiros. Durante o período do seu governo, fez de tudo para se adequar ao padrão de equilíbrio e austeridade do governante

perfeito, sempre, racional e dedicado aos interesses do país, incentivando a educação e a cultura, a defesa da abolição da escravidão, a diplomacia e relações com personalidades internacionais, enfim, demonstrando um amor legítimo por seu país e pelo seu povo (CARVALHO, 2007). Dessa forma, os brasileiros se mantiveram apegados à figura do imperador a quem consideravam um herói. Na ocorrência (11), a Condessa de Barral faz referência ao amor do povo brasileiro pelo monarca:

(11) Imitando Seu laconismo direi a V. M. que as saudades são mato, e as saúdes melhores do que merecem a Deus. Folgo muito de saber que V. M. vai passando otimamente. Deus o conserve por longos anos ao amor de Sua Família e *ao amor de muitos Brasileiros*. (Condessa de Barral, 03/03/1889)

Nesta carta, a condessa deseja que D. Pedro II continue sendo amado, tanto pela sua família, quanto pelos brasileiros. Ele foi um imperador querido, por uma parcela considerável do povo brasileiro, devido à sua forma de governar, com suas ações e ideais democráticos, conforme explicitamos. E esse amor aparece na carta na qual é expresso pela seguinte cena esquemática: alguém que ama (os brasileiros) e alguém que é amado (D. Pedro II).

- Amor passageiro

(12) Filha Muitas cartas tenho eu recebido tuas que me têm escandalizado pela tua pouca reflexão a escrevê-las, mas nenhuma tanto como a de hoje, em que me dizes que nossos amores são reputados por ti como “*amores passageiros*”. Se teus amores para comigo são assim, é porque tua amizade para comigo te não borbulha no peito como a minha para contigo. Pois sejam embora teus amores para comigo passageiros, os meus, que são baseados sobre a mais firme amizade (ainda além de todos os reveses), hão de ser sempre puros e mui constantes. Tu entendes amor pela manivérsia, então ainda pior, porque reputando tu, como reputas o amor que fazes, por um “*amor passageiro*”, está claro que só a tua carne é quem te chama a fazer a coisa, e não o prazer de ser com teu filho, o que é capaz a dispor-te a fazeres com outro qualquer “*amor passageiro*” para aliviar, pois não entra em tal negócio a amizade, e portanto uma melhor figura qualquer pereque te incitará a fazeres um desses “*amores passageiros*”. Deus me livre pensar que tu escreves isto depois de considerares. Eu estou certo que ou tua paixão ou um não sei que te compeliu a escreveres assim a Teu filho, amigo e amante não passageiro. Imperador. (D. Pedro I, 15/12/1827)

Nessa carta, D. Pedro I faz referência a uma outra carta que a Marquesa de Santos lhe enviou, anteriormente, a qual ela atribuiu a característica de “amor passageiro” ao sentimento que existe entre os dois. Isso, provavelmente, porque ela acreditava que, estando viúvo, seria a

mulher legítima do imperador, casando-se com ele, mas, ao contrário, por questões políticas, ele estava em busca de uma noiva na Europa. Esse fato feria, profundamente, o amor-próprio da marquesa. Ainda nessa carta, D. Pedro, em tom meio sincero, meio farsista, duvida do amor de Domitila por ele, afirmando ter um amor puro e sincero por ela.

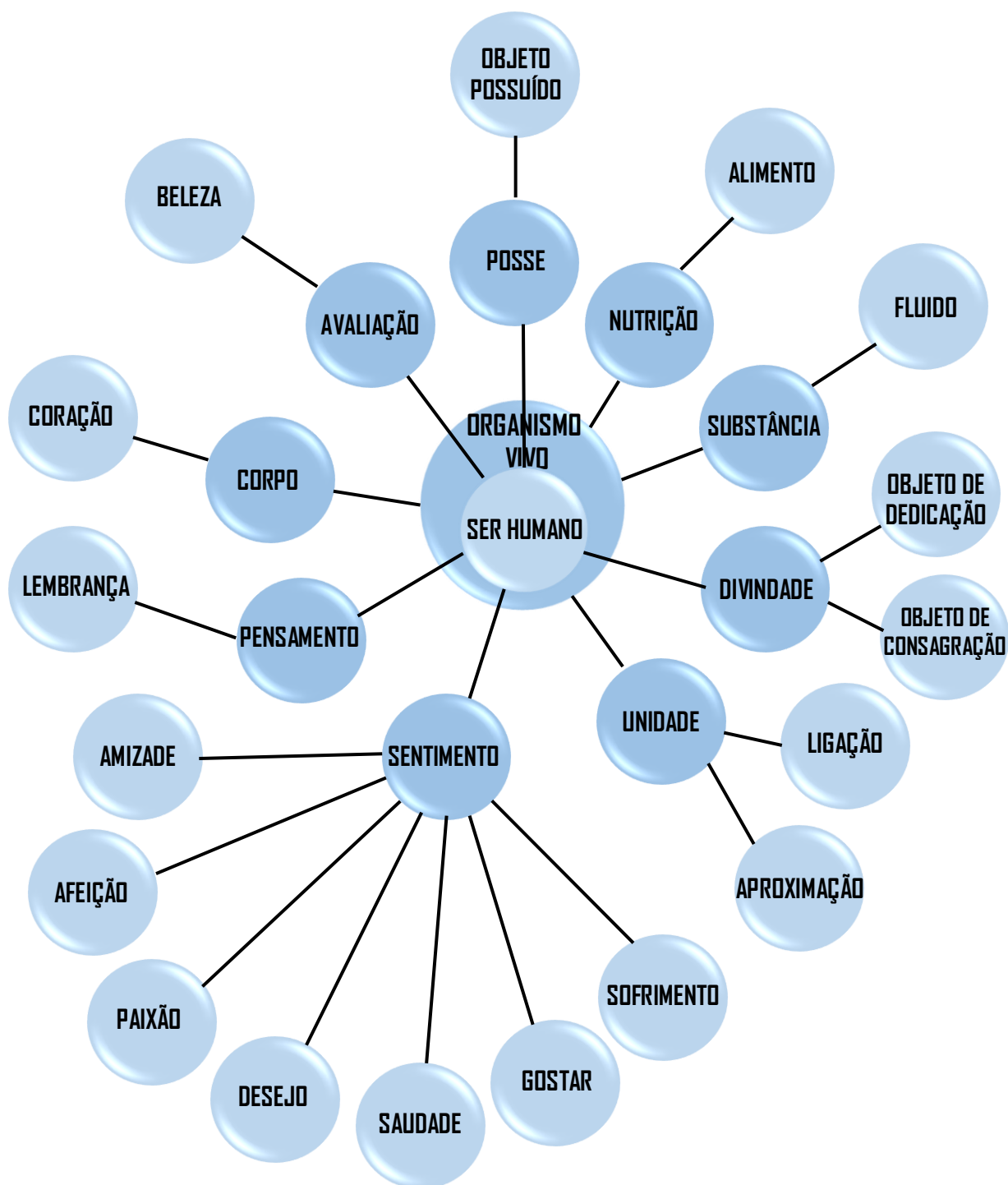
A categoria “amor passageiro”, na ocorrência (12), expõe um movimento fugaz do amor e apresenta a seguinte cena cognitiva: alguém que ama (o amante) e alguém que, provavelmente, não ama (ser amado).

Após apresentação dos tipos de amor presentes nos *corpora*, observamos que cada uma destas categorias possui enquadramentos específicos, não opostos, porém complementares. Para entender cada um deles, no entanto, é necessário compreender os contextos sociais e experienciais que cada um desses tipos de amor pressupõe. Passemos, na seção seguinte, ao estudo das conceptualizações do AMOR ROMÂNTICO.

3.1 ESTUDO DAS CONCEPTUALIZAÇÕES DO AMOR ROMÂNTICO

O estudo das expressões linguísticas identificadas nas cartas nos permitiu constatar modelos metafóricos e metonímicos subjacentes à conceptualização do AMOR, estruturados por modelos imago-esquemáticos. Para esse estudo, partimos da identificação dos domínios da experiência, inferidos a partir da leitura das cartas, e os organizamos em domínios gerais e domínios específicos, como demonstrado na Figura 10:

Figura 10 - Organização dos domínios da experiência⁸⁵



Fonte: Elaboração nossa

⁸⁵ Embora os domínios do CORPO e do PENSAMENTO tenham sido apresentados separadamente, isto foi feito, aqui, apenas, por questão de organização, pois sabemos que corpo e pensamento (mente) estão integrados, como demonstram os pressupostos teóricos da LC, que alicerçam esta tese.

Na Figura 10, o domínio ORGANISMO VIVO é o mais amplo, e dentro dele, o domínio específico do SER HUMANO é focalizado, estando todos os outros domínios, gerais e específicos, a eles conectados, direta ou indiretamente. Desse modo, os domínios mais gerais, além de ORGANISMO VIVO, são: POSSE, NUTRIÇÃO, SUBSTÂNCIA, DIVINDADE, UNIDADE, SENTIMENTO, PENSAMENTO, CORPO e AVALIAÇÃO; e os mais específicos: OBJETO POSSUÍDO, ALIMENTO, FLUIDO, OBJETO DE DEDICAÇÃO, OBJETO DE CONSAGRAÇÃO, LIGAÇÃO, APROXIMAÇÃO, SOFRIMENTO, GOSTAR, SAUDADE, DESEJO, PAIXÃO, AFEIÇÃO, AMIZADE, LEMBRANÇA, CORAÇÃO, BELEZA e, também, SER HUMANO.

Na figura, ainda é possível observar que os domínios da POSSE, da DIVINDADE, do SENTIMENTO, do PENSAMENTO e da AVALIAÇÃO ligam-se diretamente do domínio do SER HUMANO, pois referem-se a ações especificamente humanas. Os outros estão ligados ao domínio do ORGANISMO VIVO, pois estão relacionados aos seres vivos de modo geral, não sendo específicos do ser humano.

Apresentados todos os domínios identificados nos *corpora*, faremos, a seguir, a exposição do estudo realizado, em uma perspectiva sócio-histórico-cognitiva, no contínuo temporal delineado. Assim, as seções foram organizadas por domínio da experiência, por suas formas mais amplas e, em cada domínio geral, foram agrupados o(s) específico(s). Conforme já exposto na seção da metodologia, por questões didáticas, os domínios da experiência foram estudados separadamente, indicados nas seções seguintes, e, no estudo de cada um deles, apresentamos as ocorrências coletadas, os processos metafóricos e/ou metonímicos instanciados, seguidos dos esquemas-I que os estruturam.

3.1.1 Domínio Geral do ORGANISMO VIVO

De modo geral, as Ciências Biológicas definem os seres vivos como qualquer organismo que tenha uma função própria da vida, como reprodução, nutrição e consumo de energia (REECE et al., 2015). Desse modo, os animais, as plantas, os seres humanos, as bactérias, os fungos, entre outros organismos que apresentam as características antes citadas, são chamados de seres vivos.

Esses seres vivos passam por diversas fases, durante a sua existência, que constituem o seu ciclo vital: eles nascem, crescem, se reproduzem e morrem (REECE et al., 2015). São essas transformações pelas quais passam os seres que possuem vida, que asseguram a sua continuidade. Baseados nessas noções advindas do conhecimento da Biologia, inferimos, na

ocorrência (13), encontrada numa carta de D. Pedro I enviada à Marquesa de Santos, a metáfora conceptual AMOR É ORGANISMO VIVO:

(13) [...] *o amor que eu tenho*⁸⁶ *nasce do fundo da alma*, e assim com um outro igual é que pode ser pago metade de tudo. (D. Pedro I, 04/05/1824)

Nessa ocorrência, o amor é compreendido em termos de um organismo vivo, porém, não fica claro se tratar de uma planta, de um ser humano ou de outro animal, isso porque, nem todas as características do conhecimento do domínio-fonte são projetadas no domínio-alvo. No trecho “o amor que eu tenho nasce do fundo da alma”, quando o escrevente fala do amor que sente por sua amada, ele enfatiza um aspecto do ciclo vital dos seres vivos, qual seja, o nascimento.

A concepção de amor como organismo vivo, em (13), é estruturada pelos esquemas-I PARTE-TODO e RECIPIENTE, porque o nascimento é parte do ciclo vital de um ser vivo, que, no caso em tela, tem sua origem no “fundo da alma”. Ainda é possível observar que a expressão linguística em destaque permite a compreensão de uma coisa dentro de outra, o amor dentro do coração, que remete ao esquema-I RECIPIENTE.

A compreensão do amor como organismo vivo é instanciada em, apenas, uma carta de D. Pedro I enviada à Marquesa de Santos, não aparecendo nem no século subsequente, nem nas cartas das escreventes.

3.1.1.1 Domínio Específico do SER HUMANO

Encontramos, ainda, nos *corpora*, o amor compreendido a partir de particularidades dos seres vivos, mais especificamente, de seres humanos, sendo, portanto, personificado pelo escrevente. Segundo Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a personificação é um tipo de metáfora ontológica, em que objetos físicos são concebidos com traços parecidos àqueles de uma pessoa. No caso, o amor não é um objeto físico, mas, nas cartas, ele é personificado em alguns contextos.

Encontramos, nas correspondências, processos de personificação decorrentes da metáfora ontológica. Neles, o domínio-alvo, o amor, é compreendido como uma pessoa, ativando características próprias dos seres humanos, tendo, assim, a conceptualização

⁸⁶ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

metafórica AMOR É SER HUMANO, inter-relacionada a mais geral AMOR É ORGANISMO VIVO, conforme os exemplos a seguir:

- (14) Tu não ignoras o que é o amor e o que é ciúme, e neste ponto é só o *amor quem fala*, pois no ciúme não toco porque comto contigo assim como tu contas comigo. (D. Pedro I, 04/05/1827)
- (15) Meu amor seja um pouco razoável | creia um pouco mais em meu amor,⁸⁷ | este amor que o meu pobre coração te dedicou⁸⁸, | e que tanto sofre⁸⁹, em ter criado o amor mais | belo que há neste mundo, e no entanto | não cres nele tanto, *quanto ele cre em ti*. (Jayme, 19/01/1937)
- (16) Mas tudo que facam minha querida, não | faz esquecer-me de ti, pelo contrario, fazemme | gostar⁹⁰ cada vez mais de ti, sonho, penso | sofro tudo enfim, mais *meu amor é fiel*, dedica- | se⁹¹ somente a ti, a mulher que mais | sofreu neste mundo pelo amor⁹² [...]. (Jayme, 13/02/1937)
- (17) Eu não mezango com | voçe nei presizavas pedir pela | carta o *meu amor*⁹³ e sego. | eu sei perfeitamente que teis | sofrido⁹⁴ muito por minha causa | mais tenha fé em Deus e | na N. Senhora. (Maria, 21/01/1937)

As ocorrências (14) a (17) sugeriu-nos a personificação do amor, a qual foi acionado através do uso dos verbos ‘falar’ e ‘crer’ e dos adjetivos ‘fiel’ e ‘cego’. Em (14), ocorre uma personificação decorrente do ato de falar para conceptualizar o amor (“só o amor quem fala”). Do mesmo modo, em (15), o verbo ‘crer’ atribui ao amor a faculdade humana de acreditar (“ele [o amor] cre em ti”). Também, em (16), Jayme se refere ao amor como uma pessoa que é fiel a outra (“meu amor é fiel”), assumindo, assim, um compromisso ou vínculo de fidelidade com a pessoa amada. Da mesma forma, em (17), mais uma vez, o amor é conceptualizado como ser humano, de modo que se projetam conhecimentos a propósito da incapacidade de enxergar, conforme demonstra a expressão linguística “meu amor e sego”. Desse modo, a partir desses trechos, percebemos a projeção de conhecimentos acerca da crença, da fidelidade, da habilidade de falar e da privação da visão, que são específicos dos seres humanos, no amor.

A partir dos contextos apresentados, observamos que, o esquema-I PARTE-TODO ancora a conceptualização AMOR É SER HUMANO, em todas as ocorrências, sendo que, em

⁸⁷ Discutimos o domínio OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

⁸⁸ Discutimos o domínio do OBJETO DE DEDICAÇÃO na seção 3.1.5.2.

⁸⁹ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

⁹⁰ Discutimos o domínio do GOSTAR na seção 3.1.7.6.

⁹¹ Discutimos os domínios do OBJETO POSSUÍDO e OBJETO DE DEDICAÇÃO nas seções 3.1.2.1 e 3.1.5.2, respectivamente.

⁹² Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

⁹³ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

⁹⁴ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

(15), ambos os atributos desse esquema-I são ativados, pois Jayme faz referência à faculdade de acreditar tanto por parte do amor, quanto por parte de Maria, como vemos no trecho: “Meu amor seja um pouco razoável creia um pouco mais em meu amor [...], não cres nele tanto, quanto ele cre em ti”. Em (14), (16) e (17), apenas, o atributo PARTE é ativado; em (14), ao fazer referência ao amor e ao ciúme, D. Pedro I atribui a faculdade de falar, apenas, a uma parte dos sentimentos referenciados: o amor: “neste ponto é só o amor quem fala”, o que é evidenciado pelo uso do item linguístico ‘só’. Em (16) e (17), o atributo PARTE é ativado, uma vez que, na relação, o TODO é formado pelos dois amantes; então, em (16), Jayme faz menção à fidelidade do amor que ele sente por Maria e, em (17), Maria, por sua vez, ao seu amor pelo amado. Ainda observamos que, em (15), o esquema-I EQUILÍBRIO é acionado, visto que, ao usar a locução comparativa ‘tanto quanto’, no trecho “não cres nele tanto, quanto ele cre em ti”, Jayme afirma que sua amada não acredita no amor dele na mesma proporção que seu amor (que é personificado) acredita nela.

A metáfora AMOR É SER HUMANO está presente, nos *corpora*, somente, na primeira metade do século XX, nas cartas dos escreventes de ambos os sexos, não aparecendo nos outros períodos. A seguir, no Quadro 8, apresentamos a síntese do que encontramos no domínio experiencial do ORGANISMO VIVO:

Quadro 8 - Síntese do domínio geral do ORGANISMO VIVO

DOMÍNIOS	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMAS-I	PERÍODOS	ESCREVENTES DAS CARTAS
ORGANISMO VIVO	Metafórico	PARTE-TODO RECIPIENTE	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
SER HUMANO	Metafórico	PARTE-TODO EQUILÍBRIO	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
			1ª metade do século XX	Jayme
				Maria

Fonte: Elaboração nossa

Após discussão do domínio do ORGANISMO VIVO, passemos para a exposição dos resultados do domínio da POSSE, na próxima seção.

3.1.2 Domínio Geral da POSSE

A língua portuguesa apresenta diferentes formas de expressar a posse, linguisticamente. Segundo Huerta Flores (2009), em todas as possibilidades, sempre, haverá uma entidade

possuída que se relaciona com outra entidade que a possui, ou seja, como algo que pertence a alguém. A partir das ocorrências levantadas, nas cartas estudadas, observamos que houve, pelo menos, dois modos de se estabelecer a relação de posse:

- a. em estruturas nominais mediante o emprego dos pronomes possessivos ‘meu(s)’, ‘teu(s)’, ‘nosso(s)’, como por exemplo:

(18) [...] procurarei nos | resto de dias de minha existencia corresponder | com o *meu* amor e o *meu* afeto, [...]. (Jayme, 13/02/1937)

- b. através de verbos que a indiquem, como o verbo ‘ter’:

(19) O amor que te *tenho* está provado com as provas irrefragáveis. (D. Pedro I, 04/08/1825)

3.1.2.1 Domínio Específico do OBJETO POSSUÍDO

Nos *corpora*, identificamos expressões linguísticas em que o amor é compreendido em termos de algo que é possuído por alguém, instanciando a conceptualização metafórica AMOR É OBJETO POSSUÍDO. Na correspondência de D. Pedro I para a Marquesa de Santos, observamos, nos contextos selecionados, que a relação de posse é estabelecida pelo uso do verbo ‘ter’ e pelo uso dos pronomes possessivos ‘meu’ e ‘nosso’. Além disso, em suas cartas, ao falar de amor, ele faz referência ao amor que ela sente por ele, ao seu sentimento por ela e, também, ao amor que os dois sentem um pelo outro.

Nas ocorrências (20) e (21), o imperador faz referência ao amor que a marquesa sente por ele:

(20) [...] *a despeito do amor que tu me dizes ter-me*, que por mim sempre em todas as ocasiões é retribuído, quando não anda adiante do teu. (D. Pedro I, 04/05/1824)

(21) [...] pois vejo e conheço o quanto me tem sofrido, tudo procedido *do grande amor que me tem* e que eu prometo pagar com outro igual. (D. Pedro I, 04/08/1825)

Examinando cada ocorrência separadamente, em (20), no trecho “a despeito do amor que tu me dizes ter-me”, D. Pedro I questiona o amor que a marquesa sente por ele, deixando a suspeita se ela, realmente, o ama. A dúvida surge, desde o início da carta, na qual D. Pedro I desconfia que outra pessoa esteja exercendo influência sobre sua amada, quando ele questiona:

“Será possível que tu estimes mais a alguém de que a mim? Meu coração diz-me que não, meus olhos dizem-me sim”. Ele fica, com isso, ressentido e mostra os perigos dessa influência, manifestando sua insegurança, pois ambos encontram-se nos primeiros anos de relacionamento e ele não a conhece bem; por conta disso, o imperador teme os riscos e as surpresas que podem lhe acontecer.

Em (21), em carta escrita no ano seguinte, no trecho “do grande amor que me tem”, D. Pedro I, também, faz referência ao amor que a marquesa sente por ele, mas atribui esse amor ao sofrimento da amada. Tanto em (20) quanto em (21), apesar de o escrevente referir-se ao amor de sua amada por ele, ele, também, corresponde a esse amor, o que fica claro nos trechos: “[...] a despeito do amor que tu me dizes ter-me que por mim sempre em todas as ocasiões é retribuído” e “[...] procedido do grande amor que me tem e que eu prometo pagar com outro igual”, respectivamente.

Nessas ocorrências, a metáfora AMOR É OBJETO POSSUÍDO é estruturada pelo esquema-I RECIPIENTE, pois, a partir dos trechos “a despeito do amor que tu me dizes ter-me” e “do grande amor que me tem”, inferimos que a marquesa possui o amor e esse fica localizado no seu corpo, desse modo, o corpo é visto como um espaço limitado que contém o amor. Além desse, o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META estrutura a referida metáfora, de onde depreendemos, a partir dos contextos antes citados, que o amor percorre uma trajetória, tendo como ponto de partida a marquesa e o ponto de chegada o imperador. O esquema-I PARTE-TODO, também, é acionado, pois as expressões linguísticas destacadas, “amor que tu me dizes ter-me” e “amor que me tem”, deixam evidente que D. Pedro I fala, apenas, do amor de Domitila por ele, portanto, aciona o polo PARTE do referido esquema-I; isso porque consideramos o casal como um todo, sendo cada amante uma parte. Além desses, em (21), verificamos o esquema-I ESCALA, sendo acionado pelo item linguístico ‘grande’ que intensifica o amor de Domitila.

Diferentemente das ocorrências anteriores, de (22) a (26), as expressões linguísticas “o amor que eu te tenho”, “o amor que eu tenho”, “o amor que te tenho”, “do amor que ele tem por ti” e “o meu amor” evidenciam o sentimento de amor de D. Pedro I pela marquesa:

(22) *O amor que eu te tenho é do coração*, pois não precisa proteção nem dinheiro, *o amor que eu tenho* nasce do fundo da alma⁹⁵, e assim com um outro igual é que pode ser pago metade de tudo. (D. Pedro I, 04/05/1824)

(23) *O amor que te tenho* está provado com as provas irrefragáveis. Se ele era grande, hoje, com a nova prova por mecê dada da sua amizade⁹⁶ para

⁹⁵ Discutimos o domínio do ORGANISMO VIVO na seção 3.1.1.

⁹⁶ Discutir o domínio da AMIZADE na seção 3.1.7.1.

comigo e constância, meu coração fica muito mais cativado e procurarei dar cada vez mais demonstrações do quanto a estimo e lhe sou obrigado e agradecido [...]. (D. Pedro I, 04/08/1825)

- (24) Ah, meu amor, se tu pudesses meter sequer um dedo de tua mão no peito deste teu filho, tu verias no perfeito conhecimento *do amor que ele tem por ti*. Eu espero que tu me acredites como sempre tomarei e te afirmo que te amo e até adoro, [...]. (D. Pedro I, 06/07/1827)
- (25) As saudades que tenho de ti⁹⁷, *o amor que te tenho*, o não poder estar contigo⁹⁸, em suma, a minha desgraça é que me faz atormentar-te com estas aneiras, moendo-me e ralando-me primeiro. (D. Pedro I, 02/12/1827)
- (26) Tu não hás de querer a minha ruína nem a ruína de teu e meu país e assim, visto isto além das mais razões, me faz novamente *protestar-te o meu amor*, mas ao mesmo tempo dizer-te que não posso lá ir, o que é, além de tudo, conveniente, para te não mortificar nem me amofinar. (D. Pedro I, 27/12/1827)

Em todas essas ocorrências, os esquemas-I RECIPIENTE e PARTE-TODO são acionados. O esquema-I RECIPIENTE é instanciado, pois inferimos que o corpo do amante é a região limitada que contém o amor. Em alguns casos, partes específicas do corpo humano compreendem esses limites, como o coração, em (22) e (23), “O amor que eu tenho é do coração”, e o peito, em (24), “se tu pudesses meter sequer um dedo de tua mão no peito deste teu filho, tu verias no perfeito conhecimento do amor que ele tem por ti”. Em relação ao esquema-I PARTE-TODO, se considerarmos o casal de amantes como o TODO, nas ocorrências, o polo PARTE é acionado, em virtude de referir-se, apenas, ao sentimento de um dos amantes, nesse caso, do imperador. Além desses esquemas-I, em (22) a (25), o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META é instanciado, visto que há um caminho percorrido no qual o amor parte de D. Pedro I, chegando até a marquesa.

Na ocorrência (27), o imperador pede a Domitila notícias da filha Izabel Maria, tratada na carta como “Bela”:

- (27) Manda-me dizer como passaste e mais a nossa querida Bela, *único fruto existente dos nossos amores*. (D. Pedro I, 27/04/1826)

Em (27), o imperador fala do amor de ambos, facilmente, percebível na expressão “nossos amores”, na qual inferimos que o pronome ‘nosso’ indica que duas pessoas, D. Pedro I e a marquesa, possuem alguma coisa, nesse caso, o amor. O esquema-I instanciado nessa

⁹⁷ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

⁹⁸ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

ocorrência é o PARTE-TODO, que aciona o polo TODO desse esquema-I, a partir do uso do pronome possessivo ‘nossos’, no qual temos a soma de duas partes: do amor de D. Pedro e da marquesa.

Nas cartas da Marquesa de Santos, encontramos, apenas, uma ocorrência em que o amor é compreendido metaforicamente como objeto possuído, acionada pelo verbo ‘ter’, assim como ocorre nas cartas de D. Pedro I:

(28) Embora prevaleçam meus inimigos, como eles foram ganhados *pelo amor que V. M. me tinha*, fico satisfeita porque V. M. saberá defender-me de seus projetos. (Marquesa de Santos, 12/1828⁹⁹)

Em (28), a expressão linguística “pelo amor que V. M. me tinha” indica que a marquesa faz referência ao amor que D. Pedro I sente por ela, sendo acionados os esquemas-I RECIPIENTE, ORIGEM-PERCURSO-META e PARTE-TODO. Nesse caso, inferimos que o corpo do imperador seja o RECIPIENTE que contém o amor; esse amor percorre um caminho que parte dele em direção à marquesa, instanciando o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META. O atributo PARTE do esquema-I PARTE-TODO é acionado, de modo que fica claro que a escrevente refere-se ao amor de um dos amantes, no caso, de D. Pedro I.

Na correspondência escrita na segunda metade do século XIX, a metáfora AMOR É OBJETO POSSUÍDO aparece em uma ocorrência, na carta da Condessa de Barral para D. Pedro II, conforme podemos ver, em (29):

(29) *Aceite minha dedicação, meu amor*, meu respeito, minha Geografia, meu Museu de Versailles, enfim, tudo quanto posto junto, faça uma farofa da velha amizade¹⁰⁰ da || C. de Barral. (Condessa de Barral, 22/01/1881)

Nesse trecho, a posse é indexada pelo pronome possessivo ‘meu’, conforme a expressão “Aceite [...], meu amor”, na qual a condessa, na despedida da carta, demonstrando estar bem humorada (“faça uma farofa da velha amizade”), pede que o imperador aceite, dentre outros sentimentos, o amor que ela tem por ele. Os esquemas-I mais recorrentes, nessa expressão, são, também, RECIPIENTE, PARTE-TODO e ORIGEM-PERCURSO-META. Inferimos, como já anteriormente explicitamos, que o amor é o conteúdo que ocupa o corpo da condessa, sendo, portanto, o RECIPIENTE. O esquema-I PARTE-TODO é, também, ativado, pois o TODO é formado pelos dois amantes, porém, nesta ocorrência, a condessa faz referência, apenas, ao

⁹⁹ Esta carta não foi datada, porém, a partir do contexto, o editor estima que foi escrita em dezembro de 1828.

¹⁰⁰ Discutimos o domínio da AMIZADE na seção 3.1.7.1.

amor que ela sente pelo imperador, ativando, assim, o polo PARTE do esquema-I. Além disso, o amor que a condessa oferece ao imperador percorre um caminho para chegar até ele (“Aceite [...], meu amor”), instanciando, assim, o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META.

Nas cartas escritas na primeira metade do século XX, a metáfora AMOR É OBJETO POSSUÍDO é acionada através do uso dos pronomes possessivos ‘meu’, ‘teu’ e ‘nosso’. Da mesma forma que nas cartas escritas por D. Pedro I para a Marquesa de Santos, as ocorrências mostram que Jayme fala do amor que ele sente por Maria, do amor que ela sente por ele e do amor que ele e Maria sentem um pelo outro, conforme descrito nas ocorrências (30) a (44) que seguem:

- (30) Minha flor já começo a sentir uma | inquietação por estares longe de mim¹⁰¹, e ando | um pouco triste por saber que tu não tens | confiança em mim, *eu que té dedico*¹⁰² *todo o meu* | *amor*, os meus momentos e tenho tanta confiança | em ti. (Jayme, 12/01/1937)
- (31) Meu amor seja um pouco razoável | *creia um pouco mais em meu amor*, | este amor que o meu pobre coração te dedicou¹⁰³, | e que tanto sofre¹⁰⁴, em ter criado o amor mais | belo que há neste mundo, e no entanto | não cres nele tanto, quanto ele cre¹⁰⁵ em ti, (Jayme, 19/01/1937)
- (32) Mas tudo que facam minha querida, não | faz esquecer-me de ti, pelo contrario, fazem-me | gostar¹⁰⁶ cada vez mais de ti, sonho, penso | sofro tudo enfim, mais *meu amor é fiel*, dedica- | se¹⁰⁷ somente a ti, a mulher que mais | sofreu neste mundo pelo amor¹⁰⁸ [...]. (Jayme, 13/02/1937)
- (33) [...]procurarei nos | resto de dias de minha existencia *corresponder* | *com o meu amor e o meu afeto*¹⁰⁹, # o | amor que tanto me dedicas¹¹⁰, portanto correspondo | a ti, a altura que tu mereces. (Jayme, 13/02/1937)
- (34) Meu amor, sinto-me um tanto aliviado *por saber que correspondest* | *a meu amor* [...]. (Jayme, 15/02/1937)
- (35) Eu acho que no planeta terrestre não | existe aparelho capaz de *medir a extensão* | *de meu amor*, este amor que só a ti | dedico¹¹¹ e que tanto faz-me # sofrer¹¹². (Jayme, 16/03/1937)

¹⁰¹ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹⁰² Discutimos o domínio do OBJETO DE DEDICAÇÃO na seção 3.1.5.2.

¹⁰³ Discutimos o domínio do OBJETO DE DEDICAÇÃO na seção 3.1.5.2.

¹⁰⁴ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

¹⁰⁵ Discutimos o domínio do SER HUMANO na seção 3.1.1.1.

¹⁰⁶ Discutimos o domínio do GOSTAR na seção 3.1.7.6.

¹⁰⁷ Discutimos o domínio do SER HUMANO na seção 3.1.1.1 e Discutimos o domínio do OBJETO DE DEDICAÇÃO na seção 3.1.5.2.

¹⁰⁸ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

¹⁰⁹ Discutimos o domínio da AFEIÇÃO na seção 3.1.7.2.

¹¹⁰ Discutimos o domínio do OBJETO DE DEDICAÇÃO na seção 3.1.5.2.

¹¹¹ Discutimos o domínio do OBJETO DE DEDICAÇÃO na seção 3.1.5.2.

¹¹² Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.1.1.

Nessas ocorrências, notamos a posse, a partir do uso do pronome possessivo ‘meu’, que indica que Jayme é possuidor do amor que dedica a Maria, sua amada, o que fica evidente, em (30), (31), (32) e (35), pelo verbo ‘dedicar’, no sentido de oferecer algo a alguém, ou seja, Jayme oferece o seu amor para Maria. Em (33) e (34), o verbo ‘corresponder’ indica que há uma reciprocidade, tanto de Maria quanto de Jayme, respectivamente, na dedicação desse amor.

Nesses contextos, o polo PARTE do esquema-I PARTE-TODO é acionado, de modo que Jayme menciona, nesses excertos, o sentimento dele por Maria, portanto, a parte do todo que forma o casal. Além da PARTE, em (30), o item linguístico ‘todo’ aciona o atributo TODO do esquema, enfatizando que Jayme dedica a Maria seu amor por completo. Além desse esquema-I, os verbos ‘dedicar’ e ‘corresponder’ acionam o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META; o primeiro indica que há um caminho a ser percorrido pelo amor, no qual há um ponto de partida, Jayme, e um ponto de chegada, Maria; o segundo sugere que o caminho percorrido é recíproco. Em todos os contextos, ocorrem o esquema-I RECIPIENTE, visto que o espaço ocupado pelo amor é o corpo de Jayme. Em (31), o conteúdo está em uma parte específica do corpo, o coração, como fica explícito na expressão linguística “este amor que o meu pobre coração te dedicou”.

Em (36), a seguir, observamos que Jayme, também, menciona, em sua correspondência, o amor que Maria sente por ele:

(36) [...] para mim *nada mais* | *resta neste mundo a não* [↑]*ser* [↑] *o teu amor*,
| *dele é que tiro toda a energia de minha* | *vida*¹¹³ [...]. (Jayme, 19/01/1937)

Aqui, mais uma vez, o esquema-I e PARTE-TODO é acionado, evidenciando-se o polo PARTE, pois Jayme menciona o amor de Maria por ele, indicado pelo pronome ‘teu’, e, também, o esquema-I RECIPIENTE, já que inferimos que o corpo de Maria é o contêiner do amor.

Nas cartas, conforme já dito anteriormente, Jayme, também, fala do amor que ele e sua amada sentem um pelo outro, conforme evidenciam os contextos (37) a (44):

(37) Espero que não tenhas te zangado | comigo por causa do que houve, *só tu sabes* | *a extensão do nosso amor*, e podes avaliar. | o quanto tenho sofrido¹¹⁴ [...]. (Jayme, 19/01/1937)

(38) Tú não debes pensar em bobagens | *pense unicamente em nosso amor*,
descansa | bem, alivia o teu cerebro, porque jamais te | deixarei, (Jayme, 19/01/1937)

¹¹³ Discutimos o domínio do ALIMENTO na seção 3.1.3.1.

¹¹⁴ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

- (39) Não posso dormir vivo *só pensando em | ti e no nosso amor*¹¹⁵ que tantas lágrimas tem | nos custado¹¹⁶ [...]. (Jayme, 24/01/1937)
- (40) Minha querida, tú não pode avaliar quanto | me fez bem este nosso encontro cada vez me convenço | mais minha flor que para toda a dor que sentimos | *só mesmo paz no nosso amor* é que nos fará parar | de sofrer¹¹⁷. (Jayme, 25/01/1937)
- (41) Longe de ti¹¹⁸, *sou um pobre sonhador | que vive a sonhar a historia do nosso amor!* | Uma historia de fadas e condões mágicos | de principes lindos como a flor do linho e de | rainhas maravilhosas, feitas pelas pétalas | das rosas e do olôr das violetas! (Jayme, 29/01/1937)
- (42) *O nosso | amor é tão belo*, tão grande, que não tem | fim! Longe de ti¹¹⁹ minha flor sou um | pobre sonhador que tem no coração a nos- | talgia da vida! (Jayme, 29/01/1937)
- (43) Só eu posso dizer o quanto sinto me feliz quando sinto-te | em meus braços¹²⁰, pareço sonhar, sinto tuas caricias como se fora um | êxtase da natureza *derramando petalas de rosas sobre nosso amor* embriagando-nos | com os seus perfumes, sinto que a felicidade residem seu coração, e que | só a mim pertence. (Jayme, 15/02/1937)
- (44) *O nosso amor é tão lindo* que jamais no mundo houve igual, aos | poetas jamais passaram pela mente um romance tão lindos de dois corações | que por se amarem muito sofrem¹²¹. (Jayme, 15/02/1937)

Nesses trechos, o pronome possessivo ‘nosso’ indica que o amor é a coisa possuída e Jayme e Maria são as pessoas que o possuem, da mesma forma que acontece na ocorrência (27), coletada da carta de D. Pedro I. Nessas ocorrências, os esquemas-I mais recorrentes são RECIPIENTE e PARTE-TODO. O primeiro, porque o corpo dos amantes é o espaço limitado preenchido pelo amor. E, o segundo, porque um dos atributos do esquema-I, o TODO, é acionado pelo pronome ‘nosso’, sendo composto pelo amor de duas pessoas (Jayme e Maria) que se amam.

Maria, por sua vez, em suas cartas, faz menção ao amor que ela sente pelo seu amado Jayme e, também, ao amor de ambos, constatado a partir dos pronomes possessivos ‘meu’ e ‘nosso’, conforme descrito em (45), (46) e (47):

- (45) [...] acho que tu não | tens pena de min eu sou | uma pobre infelis que Deus | botou no mundo para fofer | tu sabes perfeitamente que eu |

¹¹⁵ Discutimos o domínio da LEMBRANÇA na seção 3.1.8.1.

¹¹⁶ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

¹¹⁷ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

¹¹⁸ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹¹⁹ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹²⁰ Discutimos o domínio da LIGAÇÃO na seção 3.1.6.2.

¹²¹ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

dediquei todo o meu amor | a voçe o mundo para mim | sem voce não e mundo. (Maria, 19/01/1937)

(46) Eu não mezango com | voçe nei presizavas pedir pela | carta *o meu amor e sego*¹²². | eu sei perfeitamente que teís | sofrido¹²³ muito por minha causa | mais tenha fé em Deus e | na N. Senhora. (Maria, 21/01/1937)

(47) Jayme eu pesso-te pelo a mor | de Deus *para não a cabarés* | com o nosso a mor eu nunca | peissei que tu memandace | uma # carta dessas tu | não queras saber a dor¹²⁴ que | eu trago no meu coração. (Maria, 19/01/1937)

Os esquemas-I mais salientes, nessas ocorrências, são PARTE-TODO, ORIGEM-PERCURSO-META e RECIPIENTE. Em (45) e (46), o polo PARTE do esquema-I PARTE-TODO é ativado, tendo em vista que Maria fala do amor dela por Jayme. Em (45), o polo TODO é acionado, pois, assim como em (30), o uso do pronome indefinido ‘todo’ indica que Maria dedica seu amor a Jayme por inteiro. Em (47), também, o polo TODO é ativado, visto que a soma das partes, os dois amantes, configura o todo, o que é acionado pelo uso do pronome possessivo ‘nosso’. Ainda em (45), o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META é acionado pelo uso do verbo ‘dedicar’, como vemos no trecho “dediquei todo o meu amor a voçe”, em que Maria (ponto de partida) dedica o seu amor para Jayme (ponto de chegada). O RECIPIENTE, mais uma vez, é constituído pelo corpo da amante, nesses casos, o de Maria.

Após estudo das ocorrências anteriormente selecionadas, observamos que a conceptualização metafórica AMOR É OBJETO POSSUÍDO é instanciada nas cartas escritas nos dois séculos, porém, não a identificamos, na segunda metade do século XIX, nas cartas de D. Pedro II, e nem na segunda metade do século XX, nas cartas escritas pelos casais José e Helena e Antonio e Zenilta.

Nas cartas em que verificamos a referida metáfora, há pelo menos dois modos de se compreender a relação de posse: a partir do uso do verbo ‘ter’ e dos pronomes possessivos ‘meu’, ‘teu’ e ‘nosso’. Em relação aos pronomes possessivos, seu uso oferece perspectivas diferenciadas: os escreventes usam ‘meu’, quando fala do seu próprio amor; ‘teu’, quando falam do amor da pessoa amada; e ‘nosso’, quando se referem ao amor dos dois. Observamos, ainda, que o uso do verbo ‘ter’ para expressar a posse é mais recorrente, na primeira metade do século XIX, e não aparece, no século XX; já os pronomes aparecem nos séculos XIX e XX. Entre os gêneros, ambos utilizam as duas formas de relação de posse: a verbal e a nominal.

Observemos de forma resumida, no Quadro 9, o que nos revelou o domínio da posse:

¹²² Discutimos o domínio do SER HUMANO na seção 3.1.1.1.

¹²³ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

¹²⁴ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

Quadro 9 - Síntese do domínio geral da POSSE

DOMÍNIO ESPECÍFICO	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMAS-I	PERÍODOS	ESCREVENTES DAS CARTAS
OBJETO POSSUÍDO	Metafórico	RECIPIENTE ORIGEM-PERCURSO-META PARTE-TODO ESCALA	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
				Marquesa de Santos
			2ª metade do século XIX	Condessa de Barral
			1ª metade do século XX	Jayme
				Maria

Fonte: Elaboração nossa

Na próxima seção, explicaremos como o domínio da NUTRIÇÃO aparece nos *corpora*.

3.1.3 Domínio Geral da NUTRIÇÃO

A nutrição é o processo de consumo, absorção e utilização dos nutrientes necessários para o crescimento e desenvolvimento do corpo e para a manutenção da vida. No organismo, estes processos se realizam através de funções essenciais quanto à digestão e à absorção dos nutrientes, como, também, sua degradação e eliminação. A seguir, veremos como os conhecimentos acerca do domínio experiencial da NUTRIÇÃO foram acionados para compreensão do amor.

3.1.3.1 Domínio Específico do ALIMENTO

Os alimentos são definidos, no campo da Nutrição, como substâncias utilizadas pelos seres vivos para produzir a energia necessária para realizar as funções vitais do organismo, ou seja, os alimentos que consumimos fornecem a energia que nosso corpo necessita para funcionar. Partindo dessa definição, observamos, na ocorrência (48), a conceptualização metafórica AMOR É ALIMENTO, visto que é do amor que Jayme retira toda a energia de sua vida, como podemos ver a seguir:

(48) Espero que não tenhas te zangado | comigo por causa do que houve, só tu sabes | a extensão do nosso amor¹²⁵, e podes avaliar. | o quanto tenho sofrido¹²⁶, para mim nada mais | resta neste mundo a não [↑]ser [↑] o teu

¹²⁵ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹²⁶ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

*amor*¹²⁷, | *dele é que tiro toda a energia de minha vida*, Tú não debes pensar em bobagens | pense unicamente em nosso amor, descansa | bem, alivia o teu cérebro, porque jamais te | deixarei [...]. (Jayme, 19/01/1937)

Nessa ocorrência, o esquema-I RECIPIENTE é acionado na expressão “o teu amor, dele é que tiro toda a energia de minha vida”, pois, a partir dela, inferimos que o amor é o recipiente que contém a energia que Jayme necessita. O verbo ‘tirar’, também instancia o esquema-I, já que a energia é retirada de dentro para fora do recipiente que é o amor.

Contando, unicamente, com uma ocorrência na primeira metade do século XX, o domínio do ALIMENTO, como domínio específico do domínio geral da NUTRIÇÃO, acionou um processo metafórico, ao estabelecer as projeções no domínio-alvo amor. Esse domínio apresentou-se em uma carta dos *corpora*, como se mostra no Quadro 10:

Quadro 10 - Síntese do domínio geral da NUTRIÇÃO

DOMÍNIO ESPECÍFICO	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMAS-I	PERÍODO	ESCREVENTE DA CARTA
ALIMENTO	Metafórico	RECIPIENTE	1ª metade do século XX	Jayme

Fonte: Elaboração nossa

A seguir, comentaremos o domínio da SUBSTÂNCIA.

3.1.4 Domínio Geral da SUBSTÂNCIA

Nos *corpora*, identificamos um contexto que nos levou a compreender o amor como algo que ocupa um espaço. Partindo dessa compreensão, buscamos áreas especializadas, como a da Biologia (REECE et al., 2015) e verificamos que as matérias são substâncias que ocupam um lugar no espaço e podem ser encontradas em três estados físicos: sólido, líquido ou gasoso. No contexto a que fazemos referência não foi possível identificar o tipo de conteúdo que preenche o espaço, pois seu sentido é opaco. Em virtude desta opacidade, seguimos a designação de Kövecses (1988; 1990), que fez um estudo das emoções e conceptualizou o amor como fluido.

¹²⁷ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

3.1.4.1 Domínio Específico do FLUIDO

No nosso sistema conceptual, nosso corpo pode ser compreendido como um recipiente que carrega todas as emoções dentro de si, de modo que, a partir dessa compreensão, Kövecses (1988; 1990) afirma existir uma metáfora geral no domínio das emoções, qual seja: EMOÇÕES SÃO FLUIDOS EM UM RECIPIENTE. Segundo o referido autor, essa metáfora está relacionada à quantidade e à intensidade: “a intensidade do amor é, muitas vezes, expressa pela quantidade de substância num recipiente¹²⁸” (KÖVECSES, 1988, p. 43, tradução nossa). Ele argumenta, ainda, que o recipiente define uma escala de intensidade para as emoções que vai do limite mínimo, que corresponde ao fundo do recipiente, ao limite máximo, que vai à borda do recipiente. No caso do *amor*, a quantidade de substância em um recipiente expressa a intensidade do amor, portanto, se houver muita substância no recipiente, a intensidade do amor é maior e, se houver uma quantidade pequena, então, a intensidade do amor é menor.

Na ocorrência exposta a seguir, extraída na carta de D. Pedro I, a expressão linguística “cheio daquele amor que te consagro” instancia a metáfora AMOR É FLUIDO, que é subjacente à metáfora mais geral, apresentada por Kövecses (1988, 1990):

(49) Saber da tua saúde e como passaste à noite, depois de tanto e tão gostoso excesso, é que me compele a ir *cheio daquele amor que te consagro*¹²⁹ porque tu não mereces saber. (D. Pedro I, 13/12/1827)

Nessa ocorrência, o item linguístico ‘cheio’ nos faz inferir que a intensidade do amor de D. Pedro I pela marquesa é grande, pois seu corpo está repleto dele. Nela, os esquemas-I RECIPIENTE, CHEIO-VAZIO e ORIGEM-PERCURSO-META estruturam a referida metáfora.

O esquema-I RECIPIENTE é acionado, pois nos permite compreender o corpo do imperador como o espaço que contém o amor. Nesse caso, o esquema-I CHEIO-VAZIO, também, é acionado, ativando o polo CHEIO, pois o amor enche o interior do corpo, portanto, do recipiente. Há, ainda, a ativação do esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META, que evoca o percurso realizado pelo amor, havendo um deslocamento metafórico no qual D. Pedro I é o recipiente que contém o amor, sendo assim, a origem; esse amor é dedicado à marquesa, que é o ponto final da trajetória, portanto, a meta.

¹²⁸ Do original: “The intensity of love is often expressed by the amount of substance in a container”.

¹²⁹ Discutimos o domínio do OBJETO DA CONSAGRAÇÃO na seção 3.1.5.1.

O domínio da SUBSTÂNCIA mostrou-se presente, através do domínio específico do FLUIDO, em uma carta de D. Pedro I, datada no início do século XIX. No Quadro 11, apresentamos resumidamente como o domínio se apresentou nos *corpora*:

Quadro 11 - Síntese do domínio geral da SUBSTÂNCIA

DOMÍNIO ESPECÍFICO	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMAS-I	PERÍODO	ESCREVENTE DA CARTA
FLUIDO	Metafórico	RECIPIENTE CHEIO-VAZIO ORIGEM-PERCURSO-META	1ª metade do século XIX	D. Pedro I

Fonte: Elaboração nossa

A seguir, apresentamos os resultados referentes ao domínio da DIVINDADE.

3.1.5 Domínio Geral da DIVINDADE

Conforme o nosso conhecimento religioso, a divindade é compreendida como qualquer objeto de culto religioso, ou seja, qualquer pessoa ou coisa que é objeto de veneração (TERRIN, 2004). O ser humano, sempre, buscou uma relação próxima com o divino, mesmo que esse divino não se apresente de forma clara e palpável, talvez, por isso, que ele o exalte e o consagre. A veneração ao sobrenatural, de alguma maneira, acompanha o ser humano, seja por um Deus ou por Deuses a quem ele devota o melhor de sua essência, seus sentimentos mais nobres, reconhecendo-os como sendo superiores aos seres humanos, logo, como divindades.

Na religião católica, por exemplo, os fiéis consagram-se à Virgem Maria, com o objetivo de encontrarem-se e unirem-se a Deus. Essa consagração consiste na entrega de tudo o que eles têm e o que eles são nas mãos da Virgem, para que possam pertencer de modo mais perfeito a Jesus. É dessa forma que acontecem as consagrações religiosas, quando os fiéis se entregam, apresentam-se e consagram-se a Deus, para que Ele aja como assim lhe agradar. É uma entrega de amor incontestável e de respeito, e, desse modo, os fiéis dedicam sua vida, seus sonhos, seus projetos, bens materiais e espirituais e, também, sua relação amorosa, que são colocadas diante de Deus para que ele os guie e os proteja.

Nos *corpora*, encontramos ocorrências em que o amante oferece seu amor à pessoa amada; esse amor é compreendido como objeto de oferecimento, pertencentes a dois domínios da DIVINDADE, mais específicos: o OBJETO DE CONSAGRAÇÃO e o OBJETO DE DEDICAÇÃO. Chegamos a esses domínios, partindo dos significados dos dicionários da língua portuguesa, para mostrarmos como os dois domínios se apresentam nas correspondências.

3.1.5.1 Domínio Específico do OBJETO DE CONSAGRAÇÃO

‘Consagrar’ é originário do verbo ‘sagar’, que surge no século XIII, e significa “consagrar, dedicar a Deus, aos deuses ou ao serviço divino” (CUNHA, 2012, p. 208). Em Silva (1789) está registrada a seguinte acepção: “Fazer sagrada alguma pessoa”; Pinto (1832, p. 448) amplia esse sentido e mostra que ‘consagrar’ é “Fazer sagrada huma cousa, ou pessoa. Jurar pela hostia sagrada [...]. Dedicar”. Corroborando com esses sentidos, apresentados em dicionários dos séculos XVIII e XIX, Houaiss (2011, p. 223) traz a seguinte acepção: “Tornar sagrado, dedicando a divindade”. A partir desses significados, verificamos que consagrar é usado quando se oferece algo a Deus; no caso das cartas, o ato de oferecer o amor, é como se o amante fosse uma divindade. Nas ocorrências que seguem, coletadas dos *corpora*, encontramos a instanciamento da metáfora AMOR É OBJETO DE CONSAGRAÇÃO:

(50) Saber da tua saúde e como passaste à noite, depois de tanto e tão gostoso excesso, é que me compele a ir *cheio daquele amor*¹³⁰ *que te consagro* porque tu não mereces saber. (D. Pedro I, 13/12/1827)

(51) Que motivo haverá mais forte que me obrigou por algum tempo separar-me de minha casa. *Mas senão o respeito e amor que de todo o meu coração consagro à pessoa de V. M.* e por isso cheia da maior sensibilidade. (Marquesa de Santos, 12/1828)

Nessas ocorrências, observamos que, em (50), D. Pedro I dedica o seu amor à sua amada e, em (51), o é a marquesa que consagra o seu amor ao imperador. Vemos, aqui, que, da mesma forma que os fiéis se consagram a Deus e entregam-lhe as suas vidas, D. Pedro I e a marquesa consagram um ao outro, entregando o amor que sentem um pelo outro.

Também, verificamos que alguns esquemas-I estruturam a metáfora instanciada, a partir dessas ocorrências. A ideia de trajeto encontra-se configurada por meio do esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META, de modo que o amor percorre um caminho, partindo de um amante para o outro. Os itens linguísticos ‘cheio’, em (50), e ‘coração’, em (51), remetem ao esquema-I RECIPIENTE. Além desses esquemas, o polo PARTE do esquema-I PARTE-TODO, também, é acionado, visto que, nas duas ocorrências, é o amor de um dos amantes, que forma o casal, que é consagrado ao outro. Há, ainda, em (51), outra perspectiva desse esquema-I, no qual o objeto de consagração é formado por dois sentimentos, o respeito e o amor, logo, por duas PARTES. Importante observar que a compreensão do amor como objeto de consagração só foi identificada na correspondência dos escreventes da primeira metade do século XIX.

¹³⁰ Discutimos o domínio do FLUIDO na seção 3.1.4.1.

3.1.5.2 Domínio Específico do OBJETO DE DEDICAÇÃO

Nos *corpora*, também, identificamos a metáfora AMOR É OBJETO DE DEDICAÇÃO. Da mesma forma que fizemos no domínio anterior, buscamos, em dicionários, os sentidos de ‘dedicar’. No dicionário etimológico, apresenta-se uma definição sinonímica: “consagrar, destinar, votar” (CUNHA, 2012, p. 242); em Silva (1789, p. 518-519) encontramos a seguinte definição: “Offertar, e dar para o uso, e serviço da pessoa, a quem se dedica”, da mesma forma, em Pinto (1832), aparece “Offertar – dar para o uso e serviço de alguém”. Nos dicionários contemporâneos da língua portuguesa é definido como “destinar com afeição a, oferecer, ofertar” (HOUAISS, 2011, p. 260); além de “destinar ao culto de; CONSAGRAR” (AULETE, 2019). A partir dessas definições, observamos que, se relacionarmos à consagração, houve uma ampliação no sentido de ‘dedicação’. Enquanto no primeiro a dedicação é para Deus ou para os Deuses, o segundo está inter-relacionado ao divino ou não, portanto, nos *corpora*, a atitude de dedicar o amor, independe do recebedor, que pode ser uma divindade ou não. Vejamos as ocorrências que instanciam a referida metáfora:

(52) Minha flor já começo a sentir uma | inquietação por estares longe de mim¹³¹, e ando | um pouco triste por saber que tu não tens | confiança em mim, *eu que té dedico todo o meu | amor*¹³², os meus momentos e tenho tanta confiança | em ti. (Jayme, 12/01/1937)

(53) Meu amor seja um pouco razoável | creia um pouco mais em meu amor¹³³, | *este amor que o meu pobre coração te dedicou*, | e que tanto sofre¹³⁴, em ter criado o amor mais | belo que há neste mundo, e no entanto | não cres nele tanto, quanto ele cre¹³⁵ em ti, (Jayme, 19/01/1937)

(54) Mas tudo que facam minha querida, não | faz esquecer-me de ti, pelo contrario, fazemme | gostar¹³⁶ cada vez mais de ti, sonho, penso | sofro tudo enfim, mais *meu amor é fiel*¹³⁷, *dedica-* | *se somente a ti*, a mulher que mais | sofreu neste mundo pelo amor¹³⁸, procurarei nos | resto de dias de minha existencia corresponder | com o meu amor¹³⁹ e o meu afeto¹⁴⁰, # o | *amor que tanto me dedicas*, portanto correspondo | a ti, a altura que tu mereces. (Jayme, 13/02/1937)

¹³¹ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹³² Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹³³ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹³⁴ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

¹³⁵ Discutimos o domínio do SER HUMANO na seção 3.1.1.1.

¹³⁶ Discutimos o domínio do GOSTAR na seção 3.1.7.6.

¹³⁷ Discutimos os domínios do OBJETO POSSUÍDO e do SER HUMANO nas seções 3.1.2.1 e 3.1.1.1, respectivamente.

¹³⁸ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

¹³⁹ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹⁴⁰ Discutimos o domínio da AFEIÇÃO na seção 3.1.7.2.

(55) Eu acho que no planeta terrestre não | existe aparelho capaz de medir a extensão¹⁴¹ | de meu amor, *este amor que só a ti | dedico* e que tanto faz-me # sofrer¹⁴². (Jayme, 16/03/1937)

Nessas ocorrências coletadas das cartas de Jayme, o escrevente oferece o seu amor a sua amada e faz referência ao amor que Maria lhe dedica. Em todas as ocorrências antes expostas, o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META é acionado, visto que há um caminho percorrido pelo amor que parte do(a) amante para seu (sua) amado(a). O polo PARTE do esquema-I PARTE-TODO, que compõe o casal, é acionado, em (52), pois é o amor que cabe a um dos amantes, no caso de Jayme, que é evidenciado; além do amor, os momentos são, da mesma forma, dedicados pelo amante, portanto, o amor, nesse caso, constitui uma das partes do objeto de dedicação.

Em (53), o esquema-I RECIPIENTE é relacionado ao esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META, para estruturar a metáfora em tela, pela expressão linguística “este amor que o meu pobre coração te dedicou”. Nela, observamos que o ‘coração’ é o recipiente que contém o amor e, por ser personificado, ele mesmo oferece o amor para Maria. Ainda em (54), e, também, em (55), os advérbios ‘só’ e ‘somente’, respectivamente, acionam o esquema-I PARTE-TODO, visto que, dentre todas as mulheres, o amor é destinado, apenas, a Maria, portanto, uma parte do todo que forma o casal, nesse caso, Jayme e Maria.

A ocorrência (56) foi identificada na carta de Maria, que oferece o seu amor ao seu amado, Jayme:

(56) [...] acho que tu não | tens pena de min eu sou | uma pobre infelis que Deus | botou no mundo para fofer | tu sabes perfeitamente que eu | *dediquei todo o meu amor | a voçe* o mundo para mim | sem voce não e mundo. (Maria, 19/01/1937)

O esquema-I PARTE-TODO estrutura a metáfora AMOR É OBJETO DE DEDICAÇÃO, na qual ambos atributos, PARTE e TODO, são acionados. O primeiro é instanciado pelo pronome ‘meu’, que particulariza o sentimento e faz referência, apenas, ao amor que Maria dedica ao amado. E o segundo atributo é indexado pelo item linguístico ‘todo’, visto que a amante dedica ao seu amado, o seu amor por completo. Em virtude do percurso do amor que parte de Maria até chegar a Jayme, o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META é acionado.

Em relação aos domínios específicos OBJETO DE CONSAGRAÇÃO e OBJETO DE DEDICAÇÃO, constatamos que o primeiro ocorre nas cartas dos correspondentes da primeira

¹⁴¹ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹⁴² Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

metade do século XIX e, o segundo, na correspondência da primeira metade do século XX. O Quadro 12 sintetiza as informações encontradas no domínio geral da DIVINDADE.

Quadro 12 - Síntese do domínio geral da DIVINDADE

DOMÍNIOS ESPECÍFICOS	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMAS-I	PERÍODO	ESCREVENTES DAS CARTAS
OBJETO DE CONSAGRAÇÃO	Metafórico	ORIGEM-PERCURSO-META PARTE-TODO RECIPIENTE	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
				Marquesa de Santos
OBJETO DE DEDICAÇÃO	Metafórico	ORIGEM-PERCURSO-META PARTE-TODO RECIPIENTE	1ª metade do século XX	Jayme
				Maria

Fonte: Elaboração nossa

Passemos às considerações a respeito do domínio geral da UNIDADE.

3.1.6 Domínio Geral da UNIDADE

Nas ocorrências (57) a (89), há instanciações do domínio da UNIDADE; nelas, o amor é concebido como uma unidade de duas partes complementares. Esse domínio nos remonta a Platão (1991) que, em seu livro *O Banquete*, traz uma explicação para o amor através do Mito do Andrógino. Nesse mito, conta Aristófanes, a humanidade era formada por três gêneros: masculino, feminino e andrógino, sendo esse último, criaturas fortes, poderosas e dotadas de grande coragem. Isso os tornou ambiciosos e eles resolveram desafiar os próprios deuses. Zeus, para não matar esses seres andróginos, decidiu dividi-los ao meio para enfraquecê-los e torná-los menos poderosos e mais úteis, tornando-os mais numerosos. Separados, cada parte iniciou a busca por sua outra metade, e, quando se encontravam, abraçavam-se numa tentativa de se fundirem, novamente, num só corpo, o que lhes acarretava a morte por fome ou desespero, já que não queriam se separar. Zeus ficou com pena e virou as partes reprodutoras dos seres para a sua nova frente. E assim, com o abraço, eles se reproduziriam, a espécie não se tornaria extinta e a saudade da união perfeita renasceria. Essa versão mitológica apresenta o amor como o desejo e a procura pela outra metade, a fim de se reestabelecer o todo, a unidade; a união de duas partes que se fundem e formam uma só. Assim, a ideia de completude e do encontro com a outra metade perdida parece estar nos primórdios dos escritos sobre o amor romântico no Ocidente.

O amor como unidade sugere, também, o imaginário da “metade da laranja”, em que uma pessoa só está completa quando ligada a sua outra parte. Segundo Kövecses (1988), essa

é uma das várias formas de conceptualizar o amor; para ele, unir-se é tornar-se um só. Em outra obra, (KÖVECSES, 2000), o autor, ainda, acrescenta que o AMOR COMO UNIDADE DE DUAS PARTES COMPLEMENTARES é a metáfora central do AMOR, pois esse era o sentido que se tinha do amor romântico, o amor ideal, aquele que reflete as ideias mais tradicionais sobre este sentimento.

As ocorrências encontradas nas cartas escritas no lastro temporal delineado, neste estudo, expressam um modelo de amor como a unidade de duas partes complementares. O ideal do amor romântico de que se precisa chegar à completude, pois sem o outro, tudo será, sempre, incompleto. Deste modo, relacionado ao domínio da UNIDADE, observamos dois domínios mais específicos: o da APROXIMAÇÃO e o da LIGAÇÃO.

3.1.6.1 Domínio Específico da APROXIMAÇÃO

A conceptualização metonímica EFEITO PELA CAUSA, especificamente APROXIMAÇÃO POR AMOR, é instanciada, nas ocorrências (57) a (81), já que a expressão do desejo de estarem próximos fez-nos inferir que os casais estão apaixonados. Conforme Kövecses (1988), a proximidade física é uma das características mais expressivas do amor, em vista disso, o amor causa a aproximação.

Com a leitura das cartas, observamos que o desejo de cada casal era estar, sempre, próximo um do outro, pois as pessoas apaixonadas passam ou querem passar a maior parte do tempo juntas, mas, no caso deles, isso não era possível, porque os casais residiam em cidades diferentes, no período da correspondência, com exceção, apenas, de D. Pedro I e da Marquesa de Santos que moravam na mesma cidade, Rio de Janeiro, porém, estavam distantes em virtude de o imperador ser casado.

Em cartas do primeiro imperador do Brasil enviadas à marquesa, as expressões “companhia” e “(não poder) estar contigo” indicam essa aproximação:

(57) A dona Mariana está hoje melhor e eu estou suspirando que seja noite para gozar da tua para mim muito grata companhia. (D. Pedro I, 27/04/1826)

(58) Fala-se pela cidade que eu vou à tua casa, assim o foram dizer ao barão de Maréchal, que mo deu a entender e eu fiz um desentendido, falando-lhe muito no casamento, em meu sogro etc. Como poderão por eu não ir hoje à ópera querer tirar que é para ir lá à tua casa, eu vou ao teatro e depois irei à tua casa ter o gosto de estar contigo. (D. Pedro I, 23/09/1827)

(59) Hoje não há ópera, tive parte agora, não pode haver maroteira do empresário!!! Faz o que quer. [...]. Eu vou agora a cavalo e os filhos no carrão passear porque a tarde está linda e chego à casa às seis horas para o Conselho de Estado. O mais cedo que puder lá estarei em teus braços¹⁴³ *para gozar de sua para mim amável companhia*. (D. Pedro I, 07/11/1827)

(60) As saudades que tenho de ti¹⁴⁴, o amor que te tenho¹⁴⁵, *o não poder estar contigo*, em suma, a minha desgraça é que me faz atormentar-te com estas aneiras, moendo-me e ralando-me primeiro. (D. Pedro I, 02/12/1827)

Nessas ocorrências, observamos que o desejo de D. Pedro I era estar próximo, intimamente, de sua amada, mesmo estando perto, geograficamente, pois, conforme já dissemos, o casal ficava distante devido ao matrimônio do imperador. Assim, em (57), inferimos que ele estava impossibilitado de visitar a marquesa, pois sua filha Mariana encontrava-se enferma. Mas, como ela já se encontrava num estado de saúde mais estável, D. Pedro I anseia por ver sua amada e gozar da sua companhia. Em (58), vemos que era muito comum a ida do imperador à ópera e, após o término do espetáculo, dirigir-se à casa da marquesa para encontrá-la. Neste dia, parece que D. Pedro I não iria ao espetáculo, seguindo direto para a casa da sua amante. Porém, como encontrava-se comprometido com Dona Amélia e, também, devido aos boatos na cidade a respeito do seu romance com a marquesa, ele seguiu a rotina de sempre, indo ao teatro e, depois, se dirigiu à casa de sua amada. Em (59), D. Pedro faz referência à ópera a que ele ia todas as noites, ratificando o que dissemos anteriormente; porém, nesse dia, não houve o espetáculo, mas mesmo assim, ele afirma que irá ao encontro de sua amada, após a reunião do Conselho de Estado¹⁴⁶ que haveria naquela noite. Em (60), diferentemente das ocorrências anteriores, apesar de o desejo do imperador era estar próximo de sua amada, entre as juras de amor e saudade, ele, muito descontente, afirmava que não poderia ir ao encontro da marquesa, provavelmente, em virtude do seu segundo casamento¹⁴⁷, prestes a acontecer.

Em todas essas ocorrências, o esquema-I PERTO-LONGE é acionado, pois existem duas entidades, os amantes, e alguma distância entre elas. No caso dos contextos (57) a (59), as

¹⁴³ Discutimos o domínio da LIGAÇÃO na seção 3.1.6.2.

¹⁴⁴ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

¹⁴⁵ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹⁴⁶ O Conselho de Estado foi um órgão criado por D. Pedro I e tinha a função de auxiliá-lo no exercício do Poder Moderador e do Poder Executivo (ALVES, 2008).

¹⁴⁷ Dona Amélia de Leuchtenberg casou-se com D. Pedro I, em 17 de outubro de 1829, na Igreja Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, no Rio de Janeiro. Segundo Del Priore (2012), o casamento de D. Pedro I com Dona Amélia representou um momento de calma em meio ao turbilhão de acontecimentos que caracterizou o Primeiro Reinado. Graças a esse matrimônio, D. Pedro I, que estava sem prestígio perante a sociedade, voltou a ser o monarca amado por toda uma nação. Além disso, o seu romance com a atual esposa passou a ser digno dos folhetins então publicados nos melhores jornais do país.

expressões “companhia” e “estar contigo” indicam, como já assinalamos, a aproximação dos amantes e, portanto, o polo PERTO do esquema-I é ativado. Ainda nessas ocorrências, as duas entidades encontram-se tão perto uma da outra que o esquema-I CONTATO, também, é acionado, tendo em vista essa vontade de os amantes estarem perto um do outro sem que nenhuma distância os separe. Em (60), a expressão “não poder estar contigo” indica o desejo do casal de estar próximo, instanciando, também, o atributo PERTO do esquema-I PERTO-LONGE, porém, há um obstáculo, o casamento do imperador, que dificulta que o casal fique junto, acionando, dessa forma, o esquema-I FORÇA/BLOQUEIO.

A correspondência entre D. Pedro II e a Condessa de Barral inicia quando a condessa volta a morar na Europa, como já mencionado. Nesse período, as cartas revelam um homem mais apaixonado e mais saudoso, expressando o desejo de estar próximo da mulher amada, como podemos ver nas ocorrências (61) a (64):

(61) Nada de novo a não ser sua carta tão boa de 14 do passado. Como saborearíamos *o jantarzinho bem perto um do outro* para conversarmos à nossa vontade! (D. Pedro II, 09/01/1880)

(62) Nada de novo. Logo às 3h. parte esta carta. Como ela é feliz! Você não imagina como brotam as saudades¹⁴⁸. Creio na sua amizade¹⁴⁹; mas tudo o que lhe dá a minha mesmo de tão longe abrandar saudade¹⁵⁰ que só *Você bem perto de seu amigo poderia fazer esquecer*. (D. Pedro II, 15/07/1880)

(63) *Porque há de falar-me d'esses passeios que seriam sempre deliciosos para mim perto de Você?* Creia ou não me creia, sinto sempre o mesmo e preciso cada vez mais de sua amizade¹⁵¹. (D. Pedro II, 17/09/1880)

(64) Minha vida é a que lhe digo e quem me dera poder passar um instantinho *ao menos do tempo em que estudávamos juntos e não havia mapa que não percorrêssemos juntos*, não nos escapando nem mesmo um lugarejo da Herzegovina. Se pudesse voar até Albano que faria Você? Conte-me tudo, tudo o que faz e diga-me o que lhe lembra dos nossos bons tempos... (D. Pedro II, 11/10/1880)

Em (61), é evidente o desejo do imperador, quando imagina um jantar com a condessa, de estar próximo dela. Da mesma forma, em (62), ele deseja que sua amada esteja ao seu lado para diminuir a saudade que estava sentido por ela estar em outro país e distante dele. Em (63), o imperador faz referência a uma carta da condessa em que ela fala do encontro de D. Pedro II

¹⁴⁸ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

¹⁴⁹ Discutimos o domínio da AMIZADE na seção 3.1.7.1.

¹⁵⁰ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

¹⁵¹ Discutimos o domínio da AMIZADE na seção 3.1.7.1.

com alguma mulher, na Suíça, e ele afirma¹⁵² que foi um encontro que aconteceu por acaso com uma antiga amiga dele, retificando que seria muito mais agradável, se fosse com ela, pois eles estariam próximos. Por fim, em (64), D. Pedro II expressa o desejo de estar próximo da condessa, lembrando dos velhos tempos, quando ela morava no Rio de Janeiro e eles passavam boa parte do tempo juntos.

Nos trechos das cartas, as expressões “bem perto”, “perto de Você”, “estudávamos juntos” e “corrêsemos juntos” indicam o desejo do imperador de estar, sempre, na companhia de sua amada, porém, diferentemente das cartas de seu pai, D. Pedro I, nesse período, não era, apenas, o casamento que separava o casal, mas, também, a distância geográfica, pois o monarca se encontrava no Rio de Janeiro e a condessa na França, acompanhando o filho Dominique. Nessas ocorrências, percebemos que, a depender da perspectiva, são acionados diferentes esquemas-I: i) se considerarmos a distância espacial do casal, o polo LONGE do esquema-I PERTO-LONGE é ativado; além do esquema-I FORÇA/BLOQUEIO, pois a distância impede que eles se aproximem; mas, ii) se considerarmos o desejo de estar próximo do casal, o atributo PERTO do esquema-I PERTO-LONGE é ativado e o esquema-I CONTATO é, também, acionado, pois, conforme já dito, se o casal quer estar perto, não há distância separando-os.

Semelhantemente, é evidente, nas ocorrências retiradas das cartas da Condessa de Barral, a ideia de que ela deseja estar perto do imperador, o que é expresso pelo uso de “estar ao Seu lado”, “É muito triste estar tão longe” e “companhia”, como constatamos em (65), (66) e (67), respectivamente:

(65) Ai meu pobre imperador que nossos patrícios não lhe poupam cuidados e maçadas? Apesar de V. M. ter vasto bojo e aparente fleugma le Diable n'y perd rien (o diabo nada perde) e tomara mais do que nunca lá estar ao Seu lado para ouvir Seus desabafos e fazer-lhe às vezes esquecer a ingratidão de muitos mostrando-Lhe quanto sou Sua amiga sincera e obrigada. (Condessa de Barral, 15/01/1885)

(66) *É muito triste estar tão longe* – Bem sei que mesmo lá no Brasil eu não teria o prazer de servir o augusto doente, mas estaria como fiel criada à porta do Palácio partilhando o cuidado de todos os fiéis súditos | de S. M. (Condessa de Barral, 18/04/1887)

(67) É com profunda mágoa dentro do coração que venho dar a V. M. o sentido pêsame de meus filhos e o meu pelo triste passamento de seu querido Neto!... De que véu negro não se cobrir os festejos projetados para a chegada de V. M. e como agora mais do que nunca quisera eu

¹⁵² Nessa mesma carta, datada de 17 de setembro de 1880, o imperador escreve o seguinte: “Asseguro-lhes que os encontros da Suíça com a pessoa de quem fala foram inteiramente fortuitos. Não sei porque sempre desconfiou tanto de sua antiga amiga”.

fazer-Lhe companhia para Lhe suavizar o grande pesar ... (Condessa de Barral, 17/08/1888)

Nessas ocorrências, a condessa encontra-se distante do imperador e expressa o desejo de estar perto dele por diferentes motivos. Em (65), a condessa deseja estar ao lado do amado para ouvi-lo e ajudá-lo a esquecer dos problemas políticos do momento. Da mesma forma, em (66), ela revela a tristeza de estar longe do imperador, que se encontrava doente¹⁵³, e expressa o desejo de estar perto dele para assisti-lo. Apesar de usar a expressão “estar tão longe”, estar perto era o desejo dela, o que pode ser evidenciado pelo uso de ‘triste’, na expressão “É muito triste estar tão longe”. Em (67), a condessa, mais uma vez, revela o desejo de estar perto do amado para consolá-lo pela morte do seu neto¹⁵⁴, como expresso em “e como agora mais do que nunca quisera eu fazer-Lhe companhia”.

Em (65) e (67), as expressões linguísticas “estar ao seu lado” e “fazer-Lhe companhia” acionam o polo PERTO do esquema-I PERTO-LONGE e o esquema-I CONTATO; ambos estão interligados, visto que está expresso que a condessa deseja estar próxima de D. Pedro II. Já em (66), “estar tão longe” indica distância e aciona o polo LONGE, do referido esquema-I; essa distância evoca o esquema-I FORÇA/BLOQUEIO, pois ela é o obstáculo que impede que os amantes se aproximem. Nessa ocorrência, o advérbio ‘tão’ intensifica a distância, acionando, assim, o esquema-I ESCALA.

Da mesma forma que ocorre no século XIX, no século XX, os amantes, também, manifestam o desejo de estarem juntos. Nas cartas de Jayme, a metonímia EFEITO PELA CAUSA / APROXIMAÇÃO POR AMOR é instanciada por diferentes expressões:

(68) *Só queria que tú estivesses aqui comigo* | eu poder te contar o sonho que eu tive esta | noite contigo, tão lindo, que eu tenho comigo | porque aquilo não era realidade? | Mas fora simplesmente um sonho. (Jayme, 12/01/1937)

(69) Tu bem sabes que não é por minha | vontade, *porque já que não posso estar* | *junto de ti*, então passaria o dia todo | escrevendo-te (Jayme, 16/02/1937)

¹⁵³ Nessa época, o imperador D. Pedro II sofria de diabetes, doença que foi diagnosticada desde 1882. Daí em diante, ele sofria de doenças frequentes e repentinas, desde dores estomacais a febre alta. Por conta disto, ele foi retirando-se, cada vez mais, dos negócios do governo e comportava-se, apenas, como um espectador. Em junho de 1887, encontrava-se muito doente e sua saúde declinou consideravelmente e, por orientação médica, seguiu para Europa em busca de tratamento.

¹⁵⁴ O neto, o qual a condessa faz referência, é o príncipe Dom José Fernando, filho da Princesa Dona Leopoldina, filha de D. Pedro II, e do Príncipe Luís Augusto de Saxe-Coburgo-Gota. Ele nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de maio de 1869, e era o terceiro filho da princesa. Dom José Fernando adoeceu de uma pneumonia, em agosto de 1888, e faleceu, com apenas dezenove anos, no dia 13 de agosto do mesmo ano, na Áustria.

- (70) São 11 horas preciso dormir, se não fosse | isso seria capaz de ficar a noite toda escrevendo | para ti, dizendo tudo quanto sinto por ti, por- | que *quando estou junto de ti a emoção embarga-* | *me a voz, faz-me fugir as palavras, e fico | mudo.* (Jayme, 02/03/1937)
- (71) Mas chegará o dia em que descansaremos | *nos braços um do outro*¹⁵⁵ *bem juntinhos*, dando | beijinhos eternos, afogando a lembrança das saudades¹⁵⁶ | que hoje sentimos. (Jayme, 08/03/1937)
- (72) [...] toda a minha esperença | *redunda-se no dia em que poderemos viver | juntinhos* somente um para o outro, e espero que | assim penses também. (Jayme, 16/03/1937)
- (73) Minha querida quando sonho contigo | não quizera mais acordar, queria continuar | naquela ilusão, vendo a imagem, que me dá | vida e amor, a santa que com seu amor | ensinou-me a ama-la também, e encheu-me de | desejo de possui-la somente para mim, e | *traze-la sempre bem juntinho de meu coração*, | que a muito já pertence ao dela. (Jayme, 22/03/1937)

A partir dessas ocorrências, notamos o desejo de Jayme de estar próximo de Maria, visto que, neste período, Maria morava em Petrópolis e ele, no Rio de Janeiro. Os encontros ocorriam, na maioria das vezes, aos domingos, já que a distância entre os dois impedia que pudessem se encontrar com muita frequência; além disso, os pais de Jayme não aprovavam a relação dele com Maria. Em vista disso, durante a semana, eles se comunicavam através de cartas. Nas ocorrências, as expressões “estivesses aqui comigo”, “estar junto de ti”, “bem juntinho” e “viver juntinhos”, acionam o atributo PERTO do esquema-I PERTO-LONGE e, conseqüentemente, o esquema-I CONTATO, pois demonstram a vontade de Jayme de ficar unido a Maria.

Nas ocorrências (74) a (78), Jayme usa o advérbio ‘longe’, indicador de grande distância no espaço, entre o casal, mas inferimos, pelo contexto, que ele quer mesmo é estar próximo da amada, pois essa distância deixa-o inquieto, triste, sonhador e nostálgico, conforme os contextos que seguem:

- (74) Minha flor já começo a sentir uma | *inquietação por estares longe de mim*, e ando | um pouco triste por saber que tu não tens | confiança em mim, eu que té dedico todo o meu | amor¹⁵⁷, os meus momentos e tenho tanta confiança | em ti. (Jayme, 12/01/1937)
- (75) Hoje levantei-me as 6 ½ horas e fui para | a praia só voltei as 3,15 horas da tarde. | *Longe de ti minha flor*, a alegria fuge-me | quizera só poder *estar ao teu lado*, para poder | sufocar as minhas dores, que tanto me crucificam. (Jayme, 24/01/1937)

¹⁵⁵ Discutimos o domínio da LIGAÇÃO na seção 3.1.6.2.

¹⁵⁶ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

¹⁵⁷ Discutimos os domínios do OBJETO DE DEDICAÇÃO e do OBJETO POSSUÍDO nas seções 3.1.5.2 e 3.1.2.1, respectivamente.

- (76) *Longe de ti*, sou um pobre sonhador | que vive a sonhar a historia do nosso amor¹⁵⁸! | Uma historia de fadas e condões mágicos | de principes lindos como a flor do linho e de | rainhas maravilhosas, feitas pelas pétalas | das rosas e do olôr das violetas! (Jayme, 29/01/1937)
- (77) O nosso | amor é tão belo¹⁵⁹, tão grande, que não tem | fim! *Longe de ti minha flor* sou um | pobre sonhador que tem no coração a nos- | talgia da vida! (Jayme, 29/01/1937)
- (78) Minha flor eu seria imensamente | feliz se estivesse a todo momento, abraçandote | e beijando-te¹⁶⁰, *mas tu queres viver tão longe* | *de mim* que chego a pensar que queres fugir | de mim, mas é só impressão minha porque | que tu não me abandonarás mais porque | não podemos viver um sem o outro. (Jayme, 15/03/1937)

Nessas ocorrências, as expressões “longe de mim” e “longe de ti” sugerem os esquemas-I PERTO-LONGE e FORÇA/BLOQUEIO. No caso do primeiro esquema-I, as duas entidades são os amantes Jayme e Maria, que estão distantes um do outro, portanto, o polo LONGE do esquema-I PERTO-LONGE é ativado. Além disso, um agente causador, a distância, impede que o casal se aproxime, sendo acionado o esquema-I FORÇA/BLOQUEIO.

Do mesmo modo que Jayme, Maria, também, deseja estar perto do seu amado, como vemos em (79) e (80):

- (79) A minha distração ~~são~~ são as tuas cartas | eu leio toda as noites antes de me deitar | e olho para os teus retratos que tantas | saudades¹⁶¹ medar eu só *queria ficar pertinho* | *do meu filhinho* que eu tanto adoro | so eu penssar que estou tam longe de ti | e que eu sofro ainda muito mais¹⁶². (Maria, 26/01/1937)
- (80) [...] a última | carta que voce me mandou e linda como |voçe eu tenho pena de eu não saber | escreve, pesso-te para não reparares a | minha burriçe, eu não tenho ideias para | te escreve *eu so queria estar auteulado* | já que não posso tenho que me conformar | com a minha sorte [...]. (Maria, 02/02/1937)

Nessas ocorrências, as expressões “ficar pertinho” e “estar auteulado” indicam o desejo da aproximação e acionam os esquemas-I PERTO-LONGE e CONTATO, revelando o desejo de Maria de ficar próxima de Jayme.

Em (81) e (82), Antonio e Helena, também, manifestam a vontade de estar perto da pessoa amada, durante a ausência física:

¹⁵⁸ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹⁵⁹ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹⁶⁰ Discutimos o domínio da LIGAÇÃO na seção 3.1.6.2.

¹⁶¹ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

¹⁶² Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

(81) querida Zenilta como | vai você tudo bem| eu estou pasando bem | so não estou melho | *por que estou tão | distante de você* | e [...] cintindo muita caudade | dus teus carinho que | para min ceja a minha | riqueza *eu ter você na | minha companhia* | na vida inteira a cim | como é di meu gosto [...]. (Antonio, 16/06/1975)

(82) *As horas que passo Sozinha desejo | esta ao Seu lado*. Mas como não é | Possivel realizar meus Sonhos | resolvi redijir-lhe algumas linhas | desijando Saber como você vai de Saúde | juntamente com todos. (Helena, 06/06/1977)

Em (81), a expressão “ter você na minha companhia” mostra que o maior desejo de Antonio é estar perto de Zenilta e tê-la na sua companhia. Nessa ocorrência, a metonímia é estruturada pelos esquemas-I PERTO-LONGE, CONTATO e FORÇA/BLOQUEIO. Nelas, é possível inferir que tanto o polo PERTO quanto o LONGE do esquema-I PERTO-LONGE são acionados, visto que Antonio afirma estar distante, mas o que ele quer é estar perto da amada. Consequentemente, o esquema-I CONTATO aparece, pois, estando em companhia, eles estão mais perto um do outro e há maior contato. Concomitante aos esquemas mencionados, o esquema-I FORÇA/BLOQUEIO é acionado, pois a distância é o obstáculo que impede a aproximação dos dois. Da mesma forma, em (82), o desejo de Helena é estar ao lado de José. A expressão “esta ao Seu lado” aciona os esquemas-I PERTO-LONGE, CONTATO e FORÇA/BLOQUEIO.

Verificamos, a partir dos contextos antes apresentados, a necessidade de contato e de aproximação mútua entre os correspondentes, durante a ausência do outro, em todos os períodos dos séculos XIX e XX. Além disso, a aproximação foi identificada, na correspondência de ambos os gêneros. Observamos, ainda, que, em todos os contextos, a metonímia EFEITO PELA CAUSA / APROXIMAÇÃO POR AMOR está ancorada pelo esquema-I do CONTATO. Consequentemente, outro esquema-I estrutura as ocorrências: o esquema-I PERTO-LONGE, pois os amantes são duas entidades que desejam se aproximar e estar perto um do outro. Conforme Peña Cervel (2012), o esquema-I CONTATO é dependente do polo PERTO do esquema-I PERTO-LONGE, estando ambos associados, o que é evidenciado nos contextos das cartas. Além dos esquemas-I apresentados, o esquema-I LIGAÇÃO, também, estrutura a metonímia EFEITO PELA CAUSA / APROXIMAÇÃO POR AMOR.

A seguir, vejamos como o domínio da LIGAÇÃO se apresentou nos *corpora* estudados.

3.1.6.2 Domínio Específico da LIGAÇÃO

Além da compreensão metonímica do amor como aproximação, nas ocorrências seguintes, observamos a conceptualização metonímica EFEITO PELA CAUSA, de forma específica, LIGAÇÃO POR AMOR. Nas cartas escritas no século XIX, a referida metonímia foi inferida, nas cartas de D. Pedro I, como podemos ver em (83) a (85):

(83) Minha filha, agora só estou desejando a noite para *me ir lançar em teus braços, apertando-te nos meus*, e espero fazer isto antes mesmo das dez horas. (D. Pedro I, 06/11/1827)

(84) Hoje não há ópera, tive parte agora, não pode haver maroteira do empresário!!! Faz o que quer. [...]. Eu vou agora a cavalo e os filhos no carrão passear porque a tarde está linda e chego à casa às seis horas para o Conselho de Estado. O mais cedo que puder *lá estarei em teus braços* para gozar de sua para mim amável companhia¹⁶³. (D. Pedro I, 07/11/1827)

(85) Perdoa a seca, até logo, que irá o mais cedo que puder *para estar em teus braços*, único lugar onde repousa tranquilo e satisfeito. (D. Pedro I, 02/12/1827)

Nessas ocorrências, notamos, através do uso das expressões “lançar em teus braços, apertando-te nos meus”, “estarei em teus braços” e “estar em teus braços”, o desejo do imperador não apenas de estar próximo da marquesa nos seus encontros noturnos, mas, também, ligado a ela, através do abraço. Em todos os trechos, D. Pedro I lança-se ou está nos braços da marquesa, apenas, em (83), ele envolve a amada, apertando-a em seus braços, estando, desse modo, junto dela e formando uma unidade.

É possível observar que essas ocorrências são estruturadas pelos esquemas-I LIGAÇÃO, PARTE-TODO, CONTATO e RECIPIENTE, que se encontram interligados. Verificamos que o esquema-I LIGAÇÃO é focalizado, visto que, em todos os trechos, há duas entidades (os amantes) que, através do abraço, se conectam, como vemos nas seguintes expressões linguísticas: “para me ir lançar em teus braços, apertando-te nos meus”, “lá estarei em teus braços”, “para estar em teus braços”. O esquema-I CONTATO ocorre concomitante com o esquema-I LIGAÇÃO, pois as entidades necessitam estar próximas uma da outra para se abraçarem e, assim, se ligarem. Consequentemente, o esquema-I PARTE-TODO, também, é acionado, visto que cada um dos amantes, que formam as partes, ao se abraçarem, pode ser visto como integrantes de um todo. É nesse abraço que aparece o esquema-I RECIPIENTE, pois

¹⁶³ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

o entrelaçar dos braços forma um espaço limitado em que o(a) amante estará envolvido, além do uso da preposição ‘em’, que aciona esse esquema-I.

Além desses esquemas-I, em (83), “lançar em teus braços” sugere-nos o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META, visto que fica claro a trajetória percorrida pelo monarca, acionada pelo verbo ‘lançar’, ao se jogar nos braços da sua amada, a meta.

Nas ocorrências coletadas da correspondência do século XX, a metonímia EFEITO PELA CAUSA/ LIGAÇÃO POR AMOR é inferida, apenas, nas cartas de Jayme, como expomos em (86) a (91), a seguir:

(86) [...] tú sabes que não pertenço | a mais ninguém a não ser a você, tú sabes que | *todo o meu prazer e viver em teus braços*, recebendo as | tuas carícias e teus beijos, Ho quanto me sentiria feliz | com isso. (Jayme, 25/01/1937)

(87) Só eu posso dizer o quanto *sinto me feliz quando sinto-te* | *em meus braços*, pareço sonhar, sinto tuas carícias como se fora um | êxtase da natureza derramando petalas de rosas sobre nosso amor¹⁶⁴ embriagando-nos | com os seus perfumes, sinto que a felicidade residem seu coração, e que | só a mim pertence. (Jayme, 15/02/1937)

(88) Sinto que em ti é que esta toda a | minha existencia, por isso quero-te muito¹⁶⁵ | *para poder viver eternamente, sempre em teus* | *braços* recebendo as carícias tuas, que tanto me | acalentam e me dão vida. (Jayme, 02/03/1937)

(89) *Mas chegará o dia em que descansaremos* | *nos braços um do outro* bem juntinhos¹⁶⁶, dando | beijinhos eternos, afogando a lembrança das saudades¹⁶⁷ | que hoje sentimos. (Jayme, 08/03/1937)

(90) Minha flor eu seria imensamente | feliz *se estivesse a todo momento, abraçandote* | e beijando-te, mas tu queres viver tão longe | de mim¹⁶⁸ que chego a pensar que queres fugir | de mim, mas é só impressão minha porque | que tu não me abandonarás mais porque | não podemos viver um sem o outro. (Jayme, 15/03/1937)

(91) Minha flor sonhar com você é para | mim um grande prazer, *e sentir que cada vez* | *me uno mais a ti*, que meu coração | transborda de alegria quando acordo e recordo | que estava sonhando contigo. (Jayme, 22/03/1937)

Da mesma forma que ocorre na correspondência de D. Pedro I, observamos a vontade de Jayme em estar junto de Maria, sua amada. Nas ocorrências (86) a (90), é, também, o abraço

¹⁶⁴ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹⁶⁵ Discutimos o domínio do DESEJO na seção 3.1.7.4.

¹⁶⁶ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹⁶⁷ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

¹⁶⁸ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

que estabelece a ligação entre os amantes e que pode ser verificado a partir das expressões “viver em teus braços”, “sinto-te em meus braços”, “sempre em teus braços”, “descansaremos nos braços um do outro” e “abraçandote”. Também, notamos que o conceito de ligação aparece, em (91), na qual verificamos que a expressão “me uno mais a ti”, o próprio verbo ‘unir’ significa ‘ligar’, ‘juntar’, ‘tornar-se um só’. Observamos, ainda, que, em (86), (88) e (90), Jayme deseja estar nos braços da amada; em (87), ele se sente feliz quando Maria está nos braços dele; e, em (89), eles compartilham o abraço, “descansaremos nos braços um do outro”.

As expressões destacadas, anteriormente, são estruturadas pelos esquemas-I LIGAÇÃO, PARTE-TODO, CONTATO e RECIPIENTE, como nas ocorrências coletadas no século XIX. O esquema-I CONTATO é acionado, através da necessidade de Jayme estar próximo de Maria, assim como acontece com D. Pedro I em relação à marquesa, porém, no caso de Jayme, ele encontra-se distante da sua amada. Mas, ele não quer estar, apenas, próximo, ele quer estar unido, para que, juntando-se à Maria, as duas partes formem um todo, instanciando, assim, os esquemas-I LIGAÇÃO e PARTE-TODO, respectivamente. O recipiente é formado com o entrelaçar dos braços e das mãos, gerando o abraço, e o uso da preposição ‘em’ possibilita que seja acionado o esquema-I RECIPIENTE. Além dos esquemas-I mencionados, em (91), o advérbio ‘mais’ aciona o esquema-I ESCALA que indica a intensidade da união de ambos que vai aumentando.

A partir das ocorrências citadas, podemos afirmar que a ligação é consequência da aproximação. Da mesma forma que acontece numa ligação química, na qual uma molécula é formada a partir da aproximação entre dois átomos, surgindo, daí uma força de atração suficientemente forte para mantê-los unidos (ATKINS; JONES, 2011), o relacionamento começa com a aproximação de duas pessoas, sendo que uma se sente atraída pela outra, para, depois, se unirem e permanecerem ligadas, através do casamento.

De modo geral, existe, entre os casais, uma necessidade de contato e de mútua aproximação, durante a ausência um do outro. Assim, podemos concluir que a concepção de amor como ligação nas cartas de D. Pedro I e de Jayme só ocorreu, porque, antes, houve uma aproximação com suas amadas. Desta forma, a metonímia EFEITO PELA CAUSA / APROXIMAÇÃO POR AMOR está interligada à metonímia EFEITO PELA CAUSA / LIGAÇÃO POR AMOR, que compõem o domínio da UNIDADE.

Após estudo das ocorrências, verificamos que a metonímia EFEITO PELA CAUSA / APROXIMAÇÃO POR AMOR é instanciada nos dois séculos estudados. A referida metonímia ocorre na correspondência de todos os escreventes, com exceção, apenas, das cartas da Marquesa de Santos, no século XIX. Nas correspondências, essa metonímia aparece quando os

amantes estão perto um do outro, residindo na mesma cidade, como nas cartas de D. Pedro I, como também quando o casal está distante, morando em cidades diferentes, porém, querendo estar perto, como verificado nas cartas de todos os outros casais.

Já a metonímia EFEITO PELA CAUSA / LIGAÇÃO POR AMOR aparece nos dois séculos, mas apenas nas cartas de D. Pedro I, na primeira metade do século XIX, e nas cartas de Jayme, na primeira metade do século XX, não ocorrendo nas cartas das escreventes femininas.

As informações sobre o domínio da UNIDADE são sintetizadas no Quadro 13:

Quadro 13 - Síntese do domínio geral da UNIDADE

DOMÍNIOS ESPECÍFICOS	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMAS-I	PERÍODOS	ESCREVENTES DAS CARTAS
APROXIMAÇÃO	Metonímico	PERTO-LONGE CONTATO FORÇA/BLOQUEIO	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
			2ª metade do século XIX	D. Pedro II
				Condessa de Barral
			1ª metade do século XX	Jayme
				Maria
			2ª metade do século XX	Antonio
				Helena
LIGAÇÃO	Metonímico	LIGAÇÃO PARTE-TODO CONTATO RECIPIENTE ORIGEM- PERCURSO-META	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
			1ª metade do século XX	Jayme

Fonte: Elaboração nossa

Passemos à próxima seção, na qual apresentamos os resultados encontrados no estudo do domínio do SENTIMENTO.

3.1.7 Domínio Geral do SENTIMENTO

O sentimento, conforme Damásio (2012 [1994]), é um conceito que está relacionado à emoção. Segundo o autor, sentimentos e emoções são processos distintos, mas, ao mesmo tempo, entrelaçados. Trata-se de um ciclo que se inicia no cérebro, se espalha pelo corpo, construindo o estado emocional, e, depois, retorna ao cérebro para a parte de sentimento do ciclo, em uma relação causal; desse modo, a emoção é um programa de ações sucessivas que

“acontecem dentro do corpo, nos músculos, no coração, nos pulmões, nas reações endócrinas etc.; enquanto que os sentimentos são, por definição, a experiência mental que nós temos daquilo que está a passar no corpo” (DAMÁSIO, 2013). O sentimento, portanto, é uma resposta à emoção e diz respeito a como a pessoa se sente diante de determinada emoção; assim sendo, quando alguém está apaixonado, ao ver a pessoa amada, o coração pode disparar, as mãos podem suar, as bochechas podem ficar vermelhas; todas essas são sensações físicas sentidas que surgem como consequência do ato de amar; o amor não é o conjunto dessas sensações, mas o ato de sempre decidir pelo bem ou a favor do outro, ou de algo, independente das circunstâncias.

Nas cartas de D. Pedro II, o amor aparece, em uma ocorrência, como sendo parte do sentimento, apontando para a metonímia conceptual TODO PELA PARTE, na qual a referência da parte (o amor) é o seu todo (sentimento). Em (92), o imperador revela o seu sentimento pela Condessa de Barral:

(92) Estou no Palácio de Santa Cruz. Como me lembro de Você e sinto não ter apreciado também aqui *tudo o que criou em mim o sentimento que nos une!* Gastei de viagem 1h. 5m. almocei com bôa vontade e fui ver as obras do Matadouro. (D. Pedro II, 18/10/1880)

Em (92), ao visitar o Palácio Santa Cruz¹⁶⁹, podemos inferir que D. Pedro II lembra da condessa e dos bons momentos que lá passaram juntos e rememora o que criou nele o sentimento de amor que sente por ela. Tal ocorrência é estruturada pelo esquema-I PARTE-TODO, na qual o polo TODO é ativado, visto que o sentimento envolve uma série de emoções e, dentre elas, o amor. O esquema-I LIGAÇÃO, também, é acionado, pois o sentimento é o elo que une as duas entidades, ou seja, os dois amantes.

Nos *corpora* estudados, o sentimento apresenta-se como um domínio mais geral composto por outros domínios mais específicos, como AMIZADE, AFEIÇÃO, PAIXÃO, DESEJO, SAUDADE, GOSTAR E SOFRIMENTO, como veremos a seguir.

¹⁶⁹ O Palácio Santa Cruz localiza-se no bairro de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Era um antigo convento que foi adaptado às funções de Paço-Real e se transformou na fazenda de veraneio da Família Real no Brasil, muito frequentada, posteriormente, por D. Pedro I. Nesse palácio, no final de 1881, D. Pedro II inaugurou o matadouro tido como o mais moderno do mundo, na época.

3.1.7.1 Domínio Específico da AMIZADE

De acordo com Kövecses (1988, 1990, 2000, 2014, 2015), a amizade é um conceito relacionado ao amor, pertencendo ao repertório conceitual desse domínio-alvo, pois, segundo o referido autor, se alguém diz que é apaixonado por outro alguém, a atitude de amizade está presente, pois não é comum, numa relação amorosa entre duas pessoas, não haver o sentimento de amizade.

Nos *corpora*, as expressões linguísticas identificadas levaram-nos a inferir uma conceptualização metonímica do tipo PARTE PELO TODO, especificamente, AMIZADE POR AMOR, uma vez que a amizade é um sentimento que constitui parte do amor, sendo as duas entidades pertencentes a um mesmo domínio. A amizade surge, apenas, nas cartas de D. Pedro I, de D. Pedro II e da condessa; nessas cartas, seu uso parece-nos eufemístico¹⁷⁰, de forma que o casal busca suavizar o que sente um pelo outro, para não expor abertamente seus sentimentos e, assim, preservarem socialmente suas respectivas imagens, conforme ocorrências que seguem:

(93) O amor que te tenho¹⁷¹ está provado com as provas irrefragáveis. Se ele era grande, hoje, *com a nova prova por mecê dada da sua amizade para comigo* e constância, meu coração fica muito mais cativado e procurarei dar cada vez mais demonstrações do quanto a estimo e lhe sou obrigado e agradecido [...]. (D. Pedro I, 04/08/1825)

(94) Se teus amores para comigo são assim, é porque *tua amizade para comigo te não borbulha no peito como a minha para contigo*. Pois sejam embora teus amores para comigo passageiros, os meus, que são baseados sobre *a mais firme amizade* (ainda além de todos os reveses), hão de ser sempre puros e mui constantes. (D. Pedro I, 15/12/1827)

Após a leitura dessas ocorrências, constatamos que os esquemas-I mais recorrentes são PARTE-TODO e RECIPIENTE. Em (93) e em (94), o esquema-I PARTE-TODO é acionado, a partir das expressões linguísticas “com a nova prova por mecê dada da sua amizade para comigo” e “tua amizade para comigo te não borbulha no peito como a minha para contigo”, respectivamente. Na primeira, D. Pedro I expõe sobre uma prova de amizade da marquesa, portanto, da parte que cabe à amante, e, na segunda ela fala tanto da parte dela, quanto da parte dele. Ainda, em (94), o esquema-I RECIPIENTE é instanciado a partir da preposição ‘em’ e do

¹⁷⁰ Conforme Chamizo Domingues e Sánchez Benedito (2000), o eufemismo compõe o sistema conceptual do ser humano e atrela-se ao fenômeno da conceptualização, sendo um tipo especial de metáfora. Além disso, para esses autores, o eufemismo está, intimamente, relacionado ao acervo cultural dos usuários da língua.

¹⁷¹ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

item linguístico ‘peito’, visto que a amizade do imperador borbulha dentro do seu peito, o recipiente.

Nas cartas de D. Pedro II, a amizade mostra-se nas seguintes ocorrências:

- (95) Tantas cabeças políticas e tantos interesses partidários! Cada vez careço mais de meus estudos e sobretudo do coração da Amiga¹⁷². *Não se enfade com tanta amizade da minha parte*. Adeus! Bôas noites. (D. Pedro II, 27/03/1880)
- (96) Nada de novo. Logo às 3h. parte esta carta. Como ela é feliz! Você não imagina como brotam as saudades¹⁷³. *Creio na sua amizade*; mas tudo o que lhe dá a minha mesmo de tão longe abranda saudade que só Você bem perto¹⁷⁴ de seu amigo poderia fazer esquecer. (D. Pedro II, 15/07/1880)
- (97) Porque há de falar-me d’êsses passeios que seriam sempre deliciosos para mim perto de Você?¹⁷⁵ Creia ou não me creia, sinto sempre o mesmo e *preciso cada vez mais de sua amizade*. (D. Pedro II, 17/09/1880)

Nessas ocorrências, o atributo PARTE do esquema-I PARTE-TODO é acionado, através das expressões linguísticas “tanta amizade da minha parte”, “Creio na sua amizade” e “preciso cada vez mais de sua amizade”, das quais D. Pedro II faz referência à parte da amizade que cabe a ele e à parte que cabe a condessa. Diante disso, observamos que a amizade constitui um todo dividido em duas partes cabíveis a cada um dos amantes. Além do esquema-I PARTE-TODO, o item linguístico ‘tanta’ e a expressão “cada vez mais”, verificadas nas ocorrências (95) e (97), evidenciam o acionamento do esquema-I ESCALA. A partir delas, podemos deduzir que há muita amizade e esta tem um aumento crescente. Dessa forma, em (95), D. Pedro II pede que a condessa não se aborreça com tanta amizade que ele tem por ela; já em (97), ele diz precisar progressivamente da amizade da amada.

Nas ocorrências (98) a (100), observamos, também, o uso reservado da condessa ao se referir ao amor que sente por D. Pedro II como amizade:

- (98) Aceite minha dedicação, meu amor¹⁷⁶, meu respeito, minha Geografia, meu Museu de Versailles, enfim, tudo quanto posto junto, *faça uma farofa da velha amizade* da C. de Barral. (Condessa de Barral, 22/01/1881)

¹⁷² Discutimos o domínio do CORAÇÃO na seção 3.1.9.1.

¹⁷³ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

¹⁷⁴ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹⁷⁵ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹⁷⁶ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

- (99) Permita Deus que eu saiba breve o que disse de mim um folhetim feio onde me consta que se fala numa Condessa dando a entender que é de mim que se trata. Isso que só deveria fazer rir uma velha que pode quase ser Mãe de V. M. me tem aliás aborrecido. Adeus meu Senhor, mas digam lá o que quiserem nunca alterarão *os sentimentos de amizade e de dedicação* que há tantos anos lhe consagra a Condessa de Barral. (Condessa de Barral, 18/05/1882)
- (100) Confesse que passamos dias bem felizes devidos à *confiante amizade que nos consagramos há tantos anos e que embora a manifestação dessa amizade seja outra*, nem por isso é menos viva. Assim sinto eu, e se um dia o tornar a ver será como se o tivesse visto na véspera. Sempre com o mesmo prazer. (Condessa de Barral, 18/11/1883)

Do mesmo modo que ocorre na correspondência de D. Pedro II, nas ocorrências coletadas das cartas da condessa, o esquema-I PARTE-TODO, também, é acionado. Em (98), os itens linguísticos ‘dedicação’, ‘amor’, ‘respeito’, ‘Geografia’ e ‘Museu de Versailles’ são elementos que mostram coisas valorosas, material e espiritualmente, que constituem bens valiosos que se entrega para quem ama, demonstrando a importância da pessoa amada. ‘Dedicação’, ‘amor’ e ‘respeito’ são sentimentos que se relacionam à amizade e ‘Geografia’ e ‘Museu de Versailles’ é uma forma bem humorada de a condessa referir-se, provavelmente, às viagens realizadas na Europa, em especial, à Paris, inferida a partir do ‘Museu de Versailles’, metonímias perspectivadas por diferentes experiências vividas ao longo do relacionamento. Nesse caso, é possível deduzir que essas partes constituem o todo, a amizade. Além disso, a própria condessa explica que essas partes devem ser misturadas para fazer uma ‘farofa’, conforme o trecho: “enfim, tudo quanto posto junto, faça uma farofa da velha amizade da C. de Barral”. Diferentemente de (98), em (99), podemos observar que o sentimento da condessa pelo imperador é dividido em duas partes, quais sejam, ‘amizade’ e ‘dedicação’. Logo, a amizade passa a ser uma das partes desse sentimento, acionando o polo PARTE do esquema-I PARTE-TODO. Em (100), mais uma vez, o TODO do referido esquema-I é ativado, visto que a condessa faz referência a sua amizade e, também, a do seu amado.

Diante do que foi exposto, verificamos que a amizade, compreendida como parte do amor, aparece, apenas, no século XIX, nas cartas de D. Pedro I, D. Pedro II e da Condessa de Barral e seu uso tem um sentido eufemístico. Pensamos que a necessidade de usar o eufemismo, por metonímia, decorre em virtude de apenas esses escreventes serem casados; o que não aparece nas cartas dos outros casais constituídos por solteiros.

A seguir, discutiremos outro domínio-fonte usado na conceptualização do AMOR: o da AFEIÇÃO.

3.1.7.2 Domínio Específico da AFEIÇÃO

As manifestações de afeto são muitas, em nossas vidas, e essas podem ser positivas, como carinho, amor, ternura por algo ou alguém, ou negativas, como raiva, ódio, rancor por alguém. Nas ocorrências que seguem, observamos manifestações de afeto do amante pela pessoa amada. Essas manifestações são conceptualizações metonímicas do tipo EFEITO PELA CAUSA, especificamente, AFEIÇÃO POR AMOR, pois, o amor causa a afeição de D. Pedro II pela condessa e de Jayme por Maria, conforme ocorrências (101) a (105), a seguir:

- (101) Ah, se você estivesse agora aqui ou eu em Roma *como apreciaríamos a nossa afeição inabalável!* Mas quisera dizer, porém prefiro que você adivinhe tudo o que acrescentaria ao que já escrevi. Vou ler para dormir. Adeus! E ainda adeus! Mande-me como puder em sua próxima carta um pouco do que Você sente por mim tão e tão longe de quem lhe quer cada vez mais¹⁷⁷. Adeus! Vou enfim dormir. (D. Pedro II, 07/06/1880)
- (102) Não me arrependo do que tenho sentido por quem não pode estar perto de mim. Hoje tenho muito e muito que fazer, valha-me isto para não sofrer ainda mais de saudades¹⁷⁸. Adeus! *Tudo e tudo com a mesma afeição de sempre.* (D. Pedro II, 07/08/1880)
- (103) Não sei como ficou aqui esta carta para Você que vai inclusa. Costumo fechá-las na gaveta antes da remessa. Escreva-me muito e muito. *Cada vez mais preciso de sua afeição tão boa.* Breve lhe escreverei mais largamente. (D. Pedro II, 09/08/1880)
- (104) Admira, pois é a Você que devo grande parte da minha atividade; *também uma afeição como a que lhe tenho é rara.* [...] Adeus! Meu abraço a ambos e tomara já outra carta de Você. *Cada vez sou mais insaciável de sua afeição.* Adeus! (D. Pedro II, 17/10/1880)
- (105) [...] procurarei nos | resto de dias de minha existencia *corresponder | com o meu amor*¹⁷⁹ e o meu afeto, # o | amor que tanto me dedicas¹⁸⁰, portanto correspondo | a ti, a altura que tu mereces. (Jayme, 13/02/1937)

Em (101), D. Pedro II deseja estar com a condessa para que ambos apreciem a afeição que têm um pelo outro. O atributo TODO do esquema-I PARTE-TODO é instanciado pelo uso do pronome ‘nosso’, que indica que ambos têm afeição um pelo outro. Em (103) e (104), esse esquema-I, também, é acionado, visto que o imperador necessita da afeição de sua amada, que é instanciado pelo uso do pronome ‘sua’, ativando o polo PARTE do esquema-I. O polo PARTE

¹⁷⁷ Discutimos o domínio do DESEJO na seção 3.1.7.4.

¹⁷⁸ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

¹⁷⁹ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹⁸⁰ Discutimos o domínio do OBJETO DE DEDICAÇÃO na seção 3.1.5.2.

do esquema-I PARTE-TODO é, também, acionado, em (105), quando Jayme busca corresponder à Maria com o ‘amor’ e o ‘afeto’ que ele tem por ela. Ainda na ocorrência (101), a expressão “Cada vez [...] mais” aciona o esquema-I ESCALA, que evoca um aumento gradativo da necessidade da afeição da condessa pelo imperador. Em (102), há instanciamento do esquema-I EQUILÍBRIO, na expressão “com a mesma afeição de sempre”, visto que a afeição encontra-se estável.

Após estudo das ocorrências, observamos que a afeição é consequência do amor e está presente nas cartas de D. Pedro II, escritas no final do século XIX, e de Jayme, escritas no início do século XX. Não identificamos o domínio da AFEIÇÃO, nas cartas escritas por mulheres.

Expostos o estudo e considerações do referido domínio, passemos para o próximo: o domínio da PAIXÃO.

3.1.7.3 Domínio Específico da PAIXÃO

Conforme a neurociência, a paixão é um estado fisiológico com sintomas físicos e psicológicos em que há grande intensidade cerebral e hormonal. O julgamento crítico e o discernimento em relação ao parceiro são muito reduzidos no amante.

A neurocientista Fisher (2015 [2004]) propôs a existência de três fases para o amor, cada uma delas com características emocionais e compostos químicos próprios. São as fases do desejo, da atração/paixão e da ligação. A primeira fase é desencadeada pelos hormônios sexuais, a testosterona nos homens e o estrogênio nas mulheres, e a circulação deles no sangue faz com que o cérebro se interesse por parceiros sexuais, ou seja, o sujeito está à procura do outro pela busca da recompensa sexual. Na segunda fase, o apaixonado perde o apetite, as mãos suam, a respiração falha, o coração palpita mais forte, é difícil pensar com clareza, isto tem relação com outro conjunto de compostos químicos que afetam o cérebro; nessa fase, ocorre uma explosão química de dopamina, endorfinas e outros componentes. A dopamina explicaria o fato de que o apaixonado passa grande parte do tempo pensando no ser amado. Os altos níveis de dopamina produzem uma atenção concentrada em um objeto, bem como uma motivação e comportamento direcionado a um fim. Essa é exatamente uma característica dos apaixonados: sua atenção é focada no objeto amoroso, excluindo todos à sua volta. É nessa fase que os parceiros decidem se o relacionamento vai durar ou não. Se durar, passa-se à terceira fase, a da ligação, em que é estabelecido um compromisso mais duradouro, um amor sóbrio e que fornece os laços para que os parceiros permaneçam juntos. Nesta fase, a oxitocina e a vasopressina estão envolvidas na formação de um relacionamento sólido. Esses hormônios são liberados pelo sistema nervoso

em momentos de prazer, durante o parto de uma mulher ou ao amamentar, mas também tem um papel relevante na interação social.

Nos *corpora*, aparecem duas ocorrências em que as pistas linguísticas ‘paixão avassaladora’ e ‘apaixonado’ nos levaram a fazer referência à segunda fase do amor apontada por Fisher (2015 [2004]). Assim, a paixão é parte constitutiva do amor, sendo possível acessar, a partir das expressões linguísticas em destaque, a conceptualização metonímica PARTE PELO TODO, de forma específica, PAIXÃO POR AMOR, de modo que a paixão é um sentimento que constitui parte do amor, conforme vemos a seguir:

- (106) Hontem fui a loja do teu cunhado | para ver se havia alguma carta tua | para mim trazendo noticias tuas, pois | é o meu único alivio nestas horas | de *incansaveis tormentos da paixão* | *avassaladora que invade meu peito*, | mas não havia chegado nada para mim | que serviu-me somente para aumentar a | minha triteza. (Jayme, 29/01/1937)
- (107) Eu cinto muito de pegar| mesta caneta para li dizer muita| coisa inprotante e se você| tiver namorando com uma| moça e uma mesmo depoz| que você está falando em paquera| com migo [...] eu agora vou aranjear mais| di 10 manorado meo amor eu | le amo eu ti adoro eu li quero | muito bem e gosto di você¹⁸¹ não | ficar com raiva de mir que eu| não tenho crupa de [...] *você cer acin* | *tão apachonado por mir* muito | o brigado pela a sua vontade | eu agradeço muito bem abraco | de sua paquera que você amar [...] (Zenilta, 08/08/1977)

Em (106), Jayme afirma que sente uma paixão avassaladora por Maria e que isso é um tormento para ele. Segundo a neurociência, esse tipo de paixão acontece, quando o cérebro está repleto de dopamina, que é liberada, na corrente sanguínea, e é responsável pelo aumento de desejo pela pessoa amada. Para Jayme, a única forma de amenizar essa situação, no momento, é recebendo uma carta de Maria, que não chega, e o deixa, ainda, mais triste. Nessa ocorrência, o item linguístico ‘peito’ aciona o esquema-I RECIPIENTE, onde se localiza, no corpo humano, o coração, e a paixão é o conteúdo que ‘invade’ o peito de Jayme, ocupando o interior do recipiente.

Em (107), Zenilta afirma gostar de Antonio, mas ela desconfia que ele tenha algum relacionamento com outra pessoa. Ao desconfiar disso, ela avisa para ele que vai procurar outros namorados, caso a suspeita se confirme, mesmo sabendo que ele, também, é apaixonado por ela. No trecho “você cer acin | tão apachonado por mir”, o esquema-I ESCALA é instanciado pelo advérbio ‘tão’ que indica a intensidade da paixão de Antonio por Zenilta.

¹⁸¹ Discutimos o domínio do GOSTAR na seção 3.1.7.6.

O domínio da PAIXÃO foi identificado, somente, em cartas do século XX, escritas por um homem, no início do século, e por uma mulher, no final do século; não o identificamos em nenhuma carta do século XIX. A seguir, tecemos considerações acerca do domínio do DESEJO.

3.1.7.4 Domínio Específico do DESEJO

Conforme já exposto, Fisher (2015 [2004]) declara que o desejo é a primeira fase do amor, aquela que a pessoa vai em busca do seu parceiro sexual. No entanto, nos *corpora*, o desejo, manifestado linguisticamente pelo verbo ‘querer’, que tem como definição, entre outras, “ter vontade de; [...] desejar; sentir afeto ou amor por” (AULETE, 2019), aparece em uma fase mais estável da relação amorosa, na qual o amante está distante e deseja a pessoa que ama. Em vista disso, as expressões linguísticas das ocorrências que seguem instanciam a metonímia EFEITO PELA CAUSA, de maneira específica, DESEJO POR AMOR, na qual o desejo é compreendido como consequência ou efeito do amor.

- (108) *Quero-te muito, muito e muito e não quero que tu queiras bem a mais ninguém, pois eu assim o faço. Eu te dei o meu coração inteiro, quero também possuir o teu inteiro entregado*¹⁸². Este é o meu protesto de amor para contigo, e espero que nunca mais me chames senão filho, pois assim te trato por filha e não posso ser tratado de outra maneira. (D. Pedro I, 04/05/1827)

Nessa ocorrência, observamos que, a partir da expressão linguística “Quero-te muito, muito e muito”, D. Pedro I revela a vontade de possuir a marquesa, deixando claro que a deseja. Observamos, ainda, que o esquema-I ESCALA estrutura a referida metonímia, acionado pelo advérbio ‘muito’, que se repete, indicando que o desejo do imperador pela sua amada vai aumentando, gradualmente; ele a deseja tanto que quer que ela queira somente a ele. O esquema-I FORÇA/ATRAÇÃO, também, é acionado, visto que o ‘querer’ é uma força que faz a marquesa se mover para D. Pedro I.

De modo semelhante, as ocorrências seguintes indicam o desejo de D. Pedro II pela condessa:

- (109) Não imagina o quanto você me faltou durante esta viagem. *Se me quer muito quanto mais lhe quero eu como melhor consolo para a vida que levo!* Felizmente achei suas cartas acabadas a 30 de abril e a 4 de Maio. Creia que a todas queimo e que ‘preciso’ de que você me diga ‘tudo’ e ‘tudo’. (D. Pedro II, 07/06/1880)

¹⁸² Discutimos o domínio do CORAÇÃO na seção 3.1.9.1.

- (110) Vou ler para dormir. Adeus! E ainda adeus! Mande-me como puder em sua próxima carta um pouco do que Você sente por mim tão e tão longe *de quem lhe quer cada vez mais*. Adeus! Vou enfim dormir. (D. Pedro II, 07/06/1880)
- (111) Você lá está em Roma perto de tantos monumentos curiosos, e eu? Quem terá mais saudades?¹⁸³ Esta noite sonhei com Você. Vi-a, conversei com Você, brigamos e tornamos a fazer as pazes quando bateram-me à porta para o banho de mar. Que saudades! Veja tudo que lhe mando aqui e *escreva-me como o faz quando só pensa¹⁸⁴ em quem tanto lhe quer*. (D. Pedro II, 01/08/1880)
- (112) Condessa Noite da Glória. Em que estará Você pensando? Vou ler e depois – Quer ainda estas boas noites de Atenas? *Você nem imagina como eu quero a você*. Adeus! (D. Pedro II, 15/11/1880)
- (113) Que boa carta é a sua de 24 do passado! Você ainda não imagina quanto me aflige não demonstrar-lhe ainda mais quanto lhe quero e por isso agradece-me o telegrama pelo dia 17. *Querer como lhe quero é muito bom*; porém sofre-se muito na ausência sobretudo na minha posição. (D. Pedro II, 21/03/1884)
- (114) Depois de amanhã por ser dia santo não há trem pela manhã para a cidade e por isso dou-lhe desde já bons anos como lh'os pode desejar *quem tanto e tanto lhe quer*. (D. Pedro II, 30/12/1884)

O esquema-I ESCALA estrutura as ocorrências destacadas em (109), (110), (111) e (114) e é acionado pelos itens linguísticos ‘muito’, ‘mais’ e ‘tanto’, que intensificam o desejo do imperador pela condessa. Em (110), a expressão “cada vez mais” indica o aumento gradual do desejo de D. Pedro II. Também, em (112) e (113), o esquema-I ESCALA é instanciado, pelo advérbio ‘como’, que aponta o fato de o monarca não querer a amada de qualquer maneira, só por querer, mas em um grau mais intenso. Ocorre, ainda, em todas as ocorrências, o esquema-I FORÇA/ATRAÇÃO, pois, é desejo do imperador, atrair a condessa para si.

Do mesmo modo, a condessa demonstra seu desejo por D. Pedro II, como em (115):

- (115) Adeus meu Senhor. *Aqui fica sempre esta abelhuda que muito lhe | quer e que gosta de o repetir cada dia mais*. C de Barral (Condessa de Barral, 15/12/1881)

Nessa ocorrência, o advérbio ‘muito’ intensifica o desejo da amante, evocando o esquema-I ESCALA. Há, do mesmo modo, a instanciação do esquema-I FORÇA/ATRAÇÃO.

Na ocorrência que segue, Jayme demonstra querer muito a sua amada, Maria:

¹⁸³ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

¹⁸⁴ Discutimos o domínio da LEMBRANÇA na seção 3.1.8.1.

- (116) Sinto que em ti é que esta toda a | minha existencia, *por isso quero-te muito* | para poder viver eternamente, sempre em teus | braços¹⁸⁵
recebendo as caricias tuas, que tanto me | acalentam e me dão vida.
(Jayme, 02/03/1937)

O esquema-I ESCALA, mais uma vez, estrutura a metonímia EFEITO PELA CAUSA/ DESEJO POR AMOR, e, em (116), é acionado a partir do advérbio ‘muito’, que indica intensidade. Também, o esquema-I FORÇA/ATRAÇÃO é instanciado, pois, Jayme deseja atrair Maria em direção a ele.

Por fim, em (117), além de adorar a amada, José, da mesma forma, a deseja e quer casar-se com ela, caso ela, também, queira o matrimônio, como vemos na sequência:

- (117) meu bei | eu co não micaco cmo voci *Se voci não| gize com liliaca cua*
vai um Bejo me | eu ti gero e ti adoru Dezejo te todú tipo | para noisi
coveca mais todú [...] tipo e pouco | mia gerida [...] (José, 21/12/1975)

Nessa ocorrência, observamos o esquema-I FORÇA/ATRAÇÃO, pois o desejo é uma força que faz Helena ser atraída em direção à José.

O domínio ora explorado esteve presente na correspondência acessada dos dois séculos, em cartas dos escreventes e das escreventes do século XIX e, no século XX, apenas, nas cartas dos homens.

Passemos às principais questões tratadas no domínio da SAUDADE, na próxima seção.

3.1.7.5 Domínio Específico da SAUDADE

A partir das ocorrências coletadas nos *corpora*, é possível verificar que os amantes estão longe uns dos outros, mas desejam estar, fisicamente, próximos; porém, como não é possível, eles sentem saudades. Observamos, então, que o amor é uma pré-condição para o surgimento da saudade, havendo, portanto, a metonímia do tipo EFEITO PELA CAUSA, de forma específica, SAUDADE POR AMOR, em que temos a saudade como consequência do amor.

Nas cartas, a saudade é algo inevitável, pois os amantes moravam distantes um do outro, com exceção de D. Pedro I e da Marquesa de Santos, que, como já assinalamos, apesar de residirem na mesma cidade, estão distantes, pois ele é casado e, mesmo após a morte da Imperatriz Maria Leopoldina, ele ficou noivo de D. Amélia. Portanto, a ausência do(a) amado(a) e a lembrança de algo bom vivido entre eles, no passado, provocam esse sentimento.

¹⁸⁵ Discutimos o domínio da LIGAÇÃO na seção 3.1.6.2.

Sendo inevitável, o afastamento gera saudade e desperta, também, sentimento de tristeza, melancolia, sofrimento e martírio, como veremos a seguir.

As ocorrências (118) a (124) mostram como a saudade é revelada nas cartas escritas por D. Pedro I à Marquesa de Santos:

- (118) Não te posso, minha filha, *explicar as acerbadas saudades que dilaceram o coração* do teu constante, fiel, saudoso filho. [...] Tu existes e existirás sempre em minha lembrança e não se passa um momento que *meu coração não doa de saudades tuas* e da nossa querida Bela. (D. Pedro I, 29/11/1826)
- (119) Filha, já te não ofereço o coração¹⁸⁶ porque é teu, mas sim te digo que *muitas saudades tuas me atormentam* este teu coração que nasceu para ser para todo o sempre infeliz. (D. Pedro I, 23/09/1827)
- (120) Ainda agora te respondi como imperador, agora te escrevo como teu filho, amigo e amante *a mostrar-te a que estou saudoso de ti*, pois me lembro do ano passado, que eu tive a ventura de estar contigo. [...] Eu estou hoje em um estado de tristeza e melancolia, *com saudades tuas*, além de toda a expressão. Adeus, minha filha, (D. Pedro I, 12/10/1827)
- (121) Adeus, filha, *recebe o coração cheio de saudades* que, posto que seja teu, contudo tu não me privas que to ofereça, até mesmo única pessoa a quem o dediquei e por quem ele sempre suspirará dentro do peito. (D. Pedro I, 07/11/1827)
- (122) *Quanto às saudades e tudo quanto há que os amantes verdadeiros (como nós) sentem*, eu sinto, e para saberes o que consulta o teu coração que seguramente te dirá “tenho saudades do meu Pedro, do meu filho”, bem como o meu me diz “tenho saudades da minha filha”. Ah, filha, que fazer, como remediar nossos tormentos eu não sei, e desgraçadamente o remédio é sofrer. Paciência!! (D. Pedro I, 20/11/1827)
- (123) Eu passei de saúde, pois tua coisa apenas deitou a lagrimazinha de água branca, *mas de que não passei bem foi de saudades*, tuas, pois decerto nunca as tive maiores porque estive lendo cartas amorosas de Madame Sevigné, que muito me fizeram recordar o nosso bom tempo. (D. Pedro I, 22/11/1827)
- (124) Eu, minha filha, conto contigo, assim tu contas comigo que te sou e serei sempre fiel. *As saudades que tenho de ti*, o amor que te tenho¹⁸⁷, o não poder estar contigo¹⁸⁸, em suma, a minha desgraça é que me faz atormentar-te com estas asneiras, moendo-me e ralando-me primeiro. (D. Pedro I, 02/12/1827)

¹⁸⁶ Discutimos o domínio do CORAÇÃO na seção 3.1.9.1.

¹⁸⁷ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

¹⁸⁸ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

Apesar de residirem na mesma cidade, conforme já informado, em (118), D. Pedro I encontrava-se em Santa Catarina, numa viagem ao sul do Brasil, em virtude da Guerra da Cisplatina¹⁸⁹. Na carta enviada à marquesa, ele relata estar com saudade da amada e isso causa dor ou deixa o seu coração em pedaços, tudo isso, devido ao amor que ele sente pela amada. Em (121) e (122), ambos se encontravam no Rio de Janeiro, onde residiam, mas os encontros deveriam ser ainda mais discretos, pois, com a morte da imperatriz Leopoldina, D. Pedro I já estava em negociação com um novo casamento e não poderia mais se expor com a marquesa. Em virtude dessa situação, o tema da saudade era comum nas cartas do imperador.

Nas ocorrências (118) e (121), observamos o que o coração é um recipiente preenchido pela saudade; desse modo, a metonímia é estruturada pelo esquema-I RECIPIENTE, como observamos nos trechos: “as acerbadas saudades que dilaceram o coração” e “recebe o coração cheio de saudades”. Ainda em (121), o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META é acionado pelo verbo ‘receber’, no trecho: “recebe o coração cheio de saudades”, no qual observamos uma trajetória, na qual a saudade parte de D. Pedro I com destino à marquesa.

Em (119), (120), (122), (123) e (124) o esquema-I PARTE-TODO é acionado, a partir de duas perspectivas: a de quem sente saudade e da relação com outros sentimentos. No primeiro caso, observamos que as expressões “muitas saudades tuas me atormentam”, “estou saudososo de ti”, “não passei bem foi de saudades, tuas” e as “saudades que tenho de ti”, presentes nas ocorrências (119), (120), (123) e (124), respectivamente, dizem respeito à saudade de, apenas, um dos amantes, nesses casos, de D. Pedro I, ativando o polo PARTE do esquema-I. Por outro lado, a expressão “as saudades e tudo quanto há que os amantes verdadeiros (como nós) sentem”, destacada em (122), ativa o polo TODO, pois refere-se às saudades dos dois amantes que formam o casal: D. Pedro I e Domitila. Em relação à segunda perspectiva, os trechos “as saudades e tudo quanto há que os amantes [...] sentem”, em (122), e “As saudades que tenho de

¹⁸⁹ A Guerra da Cisplatina ocorreu no período de 1825 a 1828, entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, pela posse da Província Cisplatina, atual Uruguai. No Reinado de D. Pedro I, em 1825, surgiu um movimento de libertação dessa província. Os habitantes da Cisplatina não aceitavam pertencer ao Brasil, pois tinham idiomas e costumes diferentes. Liderados por João Antonio Lavalleja, eles se organizaram para declarar a independência da região. A Argentina apoiou o movimento, oferecendo força política e suprimentos (alimentos, armas, etc.). Porém, na realidade, os argentinos pretendiam anexar a Cisplatina, logo que essa se libertasse do Brasil. Reagindo à revolta, o governo brasileiro declarou guerra à Argentina e aos colonos descontentes. Ocorreram vários combates, que obrigaram Dom Pedro I a gastar muito dinheiro público. Por fim, nem o Império do Brasil ou as Províncias Unidas do Rio da Prata ficaram com a posse da Província da Cisplatina, uma vez que este território se tornou independente, no final do conflito; assim, em 1828, num acordo entre Brasil e Argentina, nascia a República Oriental do Uruguai. Segundo Adams Filho (2017), D. Pedro I relata, em carta escrita a D. Leopoldina, que queria ver a guerra “de perto” e “com seus próprios olhos”. Na carta, ele, ainda, relata que passou a cavalo da capital de Santa Catarina, então Desterro (hoje Florianópolis), até Porto Alegre, para fugir dos corsários argentinos que infestavam o mar do Sul, e de barco entre Porto Alegre e a cidade de Rio Grande, seu destino final. Além disso, o imperador aproveitou essa viagem para sair um pouco da Corte, onde se ouviam muitos comentários sobre seu caso de amor com a Marquesa de Santos (ADAMS FILHO, 2017).

ti, o amor que te tenho, o não poder estar contigo, em suma, a minha desgraça é que me faz atormentar-te”, em (124), demonstram que não é, unicamente, a saudade que os amantes sentem ou os leva a dizer coisas que aborrecem ao outro, mas também outros sentimentos e outras situações. Desse modo, a saudade é tão somente uma parte do todo, o que faz acionar o atributo PARTE, do esquema-I PARTE-TODO. Ainda verificamos, em (119), o esquema-I ESCALA instanciado pelo item linguístico ‘muitas’, que indica uma saudade mais intensa.

Diferentemente de D. Pedro I, D. Pedro II sente saudades da Condessa de Barral por estarem distantes fisicamente; como já explicitado, no período de escrita das cartas, ele encontrava-se no Rio de Janeiro e ela, na Europa. A seguir, listamos as ocorrências identificadas:

- (125) Nada de novo. Logo às 3h. parte esta carta. Como ela é feliz! *Você não imagina como brotam as saudades*. Creio na sua amizade¹⁹⁰; mas tudo o que lhe dá a minha mesmo de tão longe abranda saudade que só Você bem perto¹⁹¹ de seu amigo poderia fazer esquecer. (D. Pedro II, 15/07/1880)
- (126) Enfim parte esta carta às 3 h. Você bem sabe o que lhe leva e deixa a seu amigo que tanto precisa de sua afeição. Se você estivesse aqui compreenderia melhor tudo o que significam as palavras que escrevi. Não me arrependo do que tenho sentido por quem não pode estar perto de mim¹⁹². Hoje tenho muito e muito que fazer, *valha-me isto para não sofrer ainda mais de saudades*. Adeus! Tudo e tudo com a mesma afeição de sempre¹⁹³. (D. Pedro II, 07/08/1880)
- (127) Chegou sua carta de 28 passado. *Creia que as saudades de Você são como você as não sente de mim*. Custar-me-ia muitíssimo a não dar-lhe todos os dias esta prova de afeição e que se estivéssemos na mesma cidade procuraria vê-la pelo menos todos os dias. (D. Pedro II, 24/10/1880)
- (128) Você lá está em Roma perto de tantos monumentos curiosos, e eu? *Quem terá mais saudades?* Esta noite sonhei com Você. Vi-a, conversei com Você, brigamos e tornamos a fazer as pazes quando bateram-me à porta para o banho de mar. (D. Pedro II, 01/11/1880)

Em (125), a amizade que D. Pedro II tem pela condessa ameniza a saudade que sente dela e essa só acabará se ambos estiverem próximos. Nesta ocorrência, fica claro que o imperador expressa a saudade que sente da condessa, através da carta que envia para ela, pois é da carta que “brotam as saudades”, portanto, as saudades saem do interior da carta. Desse

¹⁹⁰ Discutimos o domínio da AMIZADE na seção 3.1.7.1.

¹⁹¹ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹⁹² Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹⁹³ Discutimos o domínio da AFEIÇÃO na seção 3.1.7.2.

modo, o esquema-I RECIPIENTE é acionado. Em (126), a saudade da condessa, que está distante, é a causa do sofrimento do imperador, que procura ocupar-se para amenizá-la. Nessa ocorrência, observamos o esquema-I ESCALA, pela expressão linguística “sofrer ainda mais”, indicando a intensidade do sofrimento provocado pela saudade da amada. Esse esquema-I é acionado, também, em (128), quando D. Pedro II questiona qual dos dois sente mais saudade, intensificando esse sentimento pelo uso do item linguístico ‘mais’. Concomitantemente a esse esquema-I, ainda, ao perguntar “Quem sente mais saudades?” é evocado o esquema-I VERTICALIDADE que indica um caminho ascendente que atinge o alto de uma escala.

O esquema-I PARTE-TODO é acionado, em (126) e (128). O polo PARTE é ativado, em (126), pois o imperador refere-se às saudades dele, como vemos no trecho “Hoje tenho muito e muito que fazer, valha-me isto para não sofrer ainda mais de saudades”, e o polo PARTE é instanciado, em (128), através do pronome ‘quem’, quando D. Pedro II faz menção à saudade de um dos dois, questionando “Quem sente mais saudades?”.

Do mesmo modo, a distância da Condessa de Barral e de D. Pedro II gera saudades, como podemos verificar em (129) e (130):

(129) *Vai cartinha leva a meu real amigo minhas Saudades* e meus agradecimentos por Suas cartas de 19 e 24 de dezembro. (Condessa de Barral, 22/01/1881)

(130) Imitando Seu laconismo direi a V. M. *que as saudades são mato*, e as saúdes melhores do que merecem a Deus. Folgo muito de saber que V. M. vai passando otimamente. Deus o conserve por longos anos ao amor de Sua Família e ao amor de muitos Brasileiros. (Condessa de Barral, 03/03/1889)

A partir dessas ocorrências, observamos que, em (129), a condessa sente saudades de D. Pedro II e revela isso na carta, sendo ela personificada, como mostra o trecho “Vai cartinha leva a meu real amigo minhas Saudades”. Esse trecho aciona o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META, pois é possível inferir um deslocamento da saudade que parte da condessa e chega ao imperador, tendo a carta como veículo. Concomitantemente, o esquema-I PARTE-TODO, também, é acionado, visto que o todo é formado pelo casal, então, se a saudade da condessa é conduzida para o imperador, o atributo PARTE é ativado, sendo instanciada pelo pronome “minha”. Em (130), a condessa usa a expressão “as saudades são mato”¹⁹⁴, revelando a intensidade do sentimento dela por ele, evocando o esquema-I ESCALA.

¹⁹⁴ Em Aulete (2019), ‘ser mato’, assim se apresenta: “1 Bras. Lus. Pop. Existir em grande quantidade, abundantemente: *Se ele é rico? Mais do que rico; dinheiro ali é mato*”. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/mato>. Acesso em: 18 out. 2018.

No século XX, as cartas deixam evidente a conceptualização metonímica EFEITO PELA CAUSA / SAUDADE POR AMOR, de forma que a saudade é consequência do amor, conforme ocorrências que seguem:

- (131) Mas chegará o dia em que descansaremos | nos braços um do outro bem juntinhos¹⁹⁵, dando | beijinhos eternos, afogando a lembrança *das saudades* | *que hoje sentimos*. (Jayme, 08/03/1937)
- (132) Em tudo que vejo, tudo que fasso, tudo que | pego pareço ouvir tua voz, pareço sentir as tuas | mão acariciadoras, envolvendo-me com ternura, conforme | só eles mesmo e que sabem afagar-me, quando | medito, pareço ver sua imagem, que tanta se | dução traz-me, esses seus olhos que parecem que | foram feitos somente para me ver, e para só a mim | pertencer, esse seus labios que foram criados | pela mão maravilhosa da natureza, somente para | trazer aos meus os seus beijos embriagadores, que | de tantos desejos me enchem. | Mas quando penso que é ilusão minha, fico | tão triste e com os olhos querendo chorar, *e sinto | a saudade querer afastar-me, e tomar conta de | mim e transbordar o meu coração de nostalgia*, | mas não há nada, toda a minha esperança | redunda-se no dia em que poderemos viver | juntinhos¹⁹⁶ somente um para o outro, e espero que | assim penses também. (Jayme, 16/03/1937)
- (133) Minha querida tenho pensado tanto em ti¹⁹⁷, não descanso um minuto | sequer, *a saudade parece querer martirizar-me cada vez mais [...]*. (Jayme, 23/03/1937)

Nas cartas de Jayme, em (131), ele faz uma projeção para o futuro, afirmando que as saudades que ele e sua amada sentem um pelo outro serão esquecidas, pois ambos estarão juntos. No presente, há um esquema-I de FORÇA/BLOQUEIO, o afastamento, que será desfeito, no futuro, quando se aproximarem. Em (132), Jayme sente saudades da amada ao imaginar os momentos vividos com ela, deixando-o nostálgico. A expressão “a saudade querer afastar-me” aciona o esquema-I PERTO-LONGE, visto que a recordação da amada gera saudade e o faz distanciar-se de si próprio, acionando o polo LONGE do esquema-I. Concomitantemente, o esquema-I FORÇA/REPULSÃO, também, é instanciado, pois a saudade é a força repulsiva que leva Jayme para longe de si. Em (133), o esquema-I ESCALA é acionado através da expressão “cada vez mais”, que intensifica a saudade de Jayme por Maria.

Nas ocorrências seguintes, coletadas das cartas de Maria, o amor é a causa da saudade que ela sente por Jayme, também, em virtude da distância dos dois:

¹⁹⁵ Discutimos os domínios da LIGAÇÃO e da APROXIMAÇÃO nas seções 3.1.6.2 e 3.1.6.1, respectivamente.

¹⁹⁶ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹⁹⁷ Discutimos o domínio da LEMBRANÇA na seção 3.1.8.1.

- (134) Apesar deu ontem estar com tigo duas | veses *não matei as saudades fiquei* | *com muito mais* eu não me esqueço | de voce um segundo # as minhas | lagrimas com tinuam a cair só pensando | que estais doente eu pesso-te para te alimentares bem. Aminha distração ~~são~~ são as tuas cartas | eu leio toda as niotes antes de me deitar | e olho para *os teus retratos que tantas* | *saudades medar* eu só queria ficar pertinho¹⁹⁸ | do meu filhinho que eu tanto adoro | so eu pensar que estou tam longe de ti¹⁹⁹ | e que eu soffro ainda muito mais²⁰⁰. (Maria, 26/01/1937)
- (135) Espero que ao receberes esta estejes | passando melhor do teu estado de saúde | eu vou bem graças a Deus, *mais vou* | *com muitas saudades tuas*. (Maria, 28/01/1937)
- (136) Eu na noite de segunda feiras sonhei | muito com voçe de pois eu te contarei | o sonho, meu filhinho eu *cadaveis* | *me aumentá as saudades tuas*, a ultima | carta que voce me mandou e linda como | voçe eu tenho pena de eu não saber | escreve, pesso-te para não reparares a | minha burriçe, eu não tenho ideias para | te escreve. (Maria, 02/02/1937)

Nesses trechos, o esquema-I ESCALA é ativado, visto que, nas expressões destacadas, há uma intensificação da saudade, indicada pelos itens linguísticos ‘muito mais’, ‘tantas’, ‘muitas’ e ‘aumentar’, respectivamente.

Na correspondência da segunda metade do século XX, encontramos a saudade como consequência do amor, logo, encontramos a conceptualização metonímica EFEITO PELA CAUSA / SAUDADE POR AMOR, conforme as ocorrências (137) a (140):

- (137) Helena meu amôr ercivo li [...] | carata e cor par li dizeri gi | *estou morendo de saudade de vociei* | meu bezinho (José, 25/03/1977)
- (138) Dei Lembrança a Dona Almerinda | *a qui vou ficando com muita Saldade* | a qui vai um beijo quente e braço | forte | fim papo | (Zenilta, 27/12/1975)
- (139) *querido Zezito* | *estou com muita saudade de você* Zezito você deichando | pra vir depois das eleição você mi mautrata de | mias eu preciso que você encurte | esta data. (Helena, 22/10/1976)
- (140) Querido bom dia como | passou do dia de quarta | pra car eu passei | bem | Só! que *a Saldade* | *di você está mir matando*. (Zenilta, 14/09/1977)

O esquema-I ESCALA é acionado, em todas as ocorrências. Em (137) e (140), as expressões “morrendo de saudade” e “a Saldade di você está mir matando” instanciam esse

¹⁹⁸ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

¹⁹⁹ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

²⁰⁰ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

esquema-I, pois sugerem intensidade da saudade que José e Zenilta sentem pelos seus respectivos amantes. Apesar de não constar no dicionário a locução ‘morrer de saudade’, no Houaiss (2019) aparece ‘morrer de amores’ definido como “ter grande afeição ou estima por, gostar muito de”; desse modo, ‘morrer de’, significa experimentar algo em grau muito intenso. Portanto, se José está morrendo de saudade de Helena ou se a saudade por Antonio está matando Zenilta, significa que eles estão sentindo muitas saudades de seus respectivos amantes. Em (138) e (139), o esquema-I ESCALA é instanciado, através da expressão “muita saudade” que indica que a saudade das escreventes pelos respectivos amantes é acentuada.

O domínio da SAUDADE é um conceito relacionado ao amor, acessado nas expressões linguísticas coletadas nas cartas escritas, nos séculos XIX e XX, pelas mulheres e pelos homens. O domínio citado, apenas, não apareceu na correspondência da Marquesa de Santos.

A seguir, discutimos o domínio do GOSTAR.

3.1.7.6 Domínio Específico do GOSTAR²⁰¹

Se nos remontarmos ao passado, ‘gosto’ tem sentido de “paladar, sabor” (CUNHA, 2012, p. 391), portanto, ao nosso ver, pertence ao domínio da APRECIACÃO. No Houaiss (2011, p. 479) é definido como “1 achar saboroso; apreciar”; “2 achar agradável, prazeroso” e “3 nutrir amor, amizade ou simpatia, por; amar, estimar”.

Kövecses (1990), ao falar do amor romântico, faz um percurso do conceito de GOSTAR, relacionando-o a vários tipos: primeiro, ele relaciona ao gosto, ao sabor, como nos dicionários, antes citados, dando o seguinte exemplo: “Nós não comemos comida apetitosa, especialmente coisas doces, apenas para satisfazer a fome, isto é, para satisfazer uma necessidade. Nós comemos porque gostamos disso²⁰²” (KÖVECSES, 1990, p. 130, tradução nossa). Outro tipo de gosto, para o autor, é quando algo é agradável à vista, ou seja, algo que achamos bonito. A beleza é compreendida como uma forma que produz um efeito em quem observa, esse efeito corresponde ao gosto. No entanto, gostar não envolve, necessariamente, o gosto por atributos físicos, mas, também a algumas características não-físicas, como a personalidade.

De acordo com o nosso conhecimento enciclopédico, quando acessamos saberes a respeito do amor, geralmente, gostar é um sentimento que vem antes do amor, referindo-se a

²⁰¹ Em virtude da dificuldade de encontrar outro termo para denominar o sentimento de “gostar de alguém”, mantivemos a designação ‘gostar’, substantivando em ‘o gostar’, para esse domínio, que, também, é usado por Kövecses (1990).

²⁰² Do original: “For something to be pleasant to the taste is only one kind of liking. Another kind of liking is when something is pleasant to the sight”.

uma demonstração de amizade, não existindo, ainda, paixão ou compromisso mais sério. Se criássemos uma escala de sentimentos, teríamos: adorar - amar - querer - paixão - gostar - amizade.

Nos *corpora*, o conceito de gostar vai além do sentido etimológico e do que é evidenciado por Kövecses (1990), apresentando-se como consequência ou parte do amor, portanto, como um conceito metonímico, pois, quando os escreventes dizem gostar dos(as) seus(suas) amantes, eles se referem ao amor que sentem por eles(as). Essa metonímia pode ser do tipo EFEITO PELA CAUSA, pois gostar é consequência de amar, como em (141) a (144), e, também, do tipo PARTE PELO TODO, como em (145), em que gostar é uma parte que constitui o todo, o amor. De modo mais específico temos, em ambos os casos, a metonímia GOSTAR POR AMOR. Vejamos como a metonímia EFEITO PELA CAUSA / GOSTAR POR AMOR, se manifesta nos *corpora*:

- (141) Espero carta de você. Esta noite receberá um abraço em troca do seu. Porque é que você há de *pelo menos parecer gostar menos de mim do que eu de você* – mas hoje só aguardo impaciente sua carta. Esta sai às 3 h. (D. Pedro II, 21/10/1880)
- (142) Mas tudo que facam minha querida, não | faz esquecer-me de ti, pelo contrario, *fazemme | gostar cada vez mais de ti*, sonho, penso | sofro tudo enfim, mais meu amor é fiel, dedica- | se²⁰³ somente a ti [...]. (Jayme, 13/02/1937)
- (143) eu não esitou ti | enganano ja não cei o gi pocu Fazer | com tudo ico | eu esitou muito nevozo *não teio gupa de | gosta tanto de voce* meu Deus cera gi | ceu pai nuca vai mi compiender | eu nuca tive votadi de temina com você. (José, 21/12/1975)
- (144) [...] mais do jeito que você | estar fazendo não dar acim | precisa todo que io ei falar | você mi atender | [...]precisa anmar mais um | poquinho | e você min disci que ia | fazer uma tristeza maio | mais do que estor fazer eu[...] | não guentava nada mais do ceu | Amor que é Antonio Zenilta | quando eu ti vejo me *enchi de | enmção tanto que eu gosto de você* | e você sol quer mi fazer engratidão. (Antonio, 17/09/1977)

Em (141), D. Pedro II questiona por que ele gosta mais da condessa do que ela gosta dele e diz que espera, impientemente, uma carta dela. Em (142), Jayme afirma para Maria que, apesar de a família não aceitar o relacionamento dos dois, ele continua a lembrar-se dela e as desavenças em casa só fazem com que o amor dele por ela aumente, cada vez mais. Do mesmo modo, em (143), o pai de Helena, por achar que sua filha está sendo enganada, também,

²⁰³ Discutimos os domínios do OBJETO POSSUÍDO, do SER HUMANO e do OBJETO DA DEDICAÇÃO nas seções 3.1.2.1, 3.1.1.1 e 3.1.5.2, respectivamente.

não quer aceitar o namoro do casal e isso deixa José nervoso, pois ele gosta muito de sua amada. Diferentemente, em (144), ao saber que Zenilta quer terminar o namoro, Antonio diz que isso o deixa triste, pois quando eles se veem, seu coração se enche de emoção, por gostar tanto dela.

Observamos que o esquema-I ESCALA é o mais saliente, nos trechos (141) a (144), e é acionado pelos itens linguísticos ‘menos’, ‘mais’ e ‘tanto’, que tornam a forma como os correspondentes gostam de seus amantes mais ou menos intenso. Em (141), D. Pedro II questiona que a condessa “gosta menos” dele, portanto, há uma menor intensidade, contrapondo-se a (142), (143) e (144), nos quais a intensidade aumenta, elevando o nível do sentimento. Nessas ocorrências, verificamos, ainda, o acionamento simultâneo de outro esquema-I, a VERTICALIDADE, ativando uma trajetória para baixo, em (141), e para cima, em (142), (143) e (144).

Em (145), levando-se em conta a escala provável por nós formulada: adorar - amar - querer - paixão - gostar - amizade, o sentimento de Zenilta por Antonio possui partes, apontando para a compreensão metonímica do tipo PARTE PELO TODO / GOSTAR POR AMOR:

(145) [...] meo amor eu | le amo eu ti adoro eu li quero | muito bem *e gosto di*
você não | ficar com raiva de mir que eu | não tenho crupa de [.]você cer
acin| tão apachonado²⁰⁴ por mir muito | o brigado pela a sua vontade |
eu agradeço muito bem abraco | de sua paquera que você amar | muito
bem bejo de sua amig[.] | Zenilta (Zenilta, 08/08/1977)

Nessa ocorrência, o atributo PARTE, do esquema-I PARTE-TODO, é preenchido, metonimicamente, pelas expressões “eu le amo”, “eu ti adoro”, “eu li quero muito bem” e “gosto di você”, configurando o TODO do sentimento de Zenilta por Antonio, associado à gradação das demonstrações de amor entre o casal.

O domínio do GOSTAR está presente nos dois séculos e nos dois gêneros, porém, apresenta-se, no século XIX, apenas, nas cartas de D. Pedro II, não sendo registrado na correspondência feminina. No século XX, é mais frequente nas cartas dos homens; nas cartas das mulheres, aparece, somente, na segunda metade do século, em uma carta de Zenilta.

O domínio discutido, a seguir, será o do SOFRIMENTO.

²⁰⁴ Discutimos o domínio da PAIXÃO na seção 3.1.7.3.

3.1.7.7 Domínio Específico do SOFRIMENTO

As discussões sobre amor e sofrimento são constantes, nas diferentes áreas do saber. Na filosofia, Borges (2004) apresenta um panorama das considerações filosóficas sobre o amor, e, ao falar do Amor Eros²⁰⁵, diz que amar, por excelência, significa sofrer, sendo o sofrimento parte desse sentimento:

Esse tipo de amor é caracterizado pelo desejo, não necessariamente o desejo carnal, mas o desejo do que falta. É o desejo de se reunir à sua metade perdida e se fundir com ela, formando um todo. Como essa função absoluta é impossível ou fugaz, o amor/Eros é carência, sofrimento, obsessão da busca daquilo que completa. (BORGES, 2004, p. 9).

Do mesmo modo, a historiadora Del Priore (2015), ao se reportar ao amor romântico, assegura que amar contagia as pessoas, como uma epidemia, e lhes faz sofrer, afirmando, assim, que o sofrimento é parte integrante do amor.

As ocorrências identificadas nos *corpora*, a nosso ver, reforçam as ideias expressas por esses autores. Neles, o amor é apresentado como a causa do sofrimento, havendo, portanto, uma conceptualização metonímica do tipo EFEITO PELA CAUSA, especificamente, SOFRIMENTO POR AMOR.

O exemplo (146) mostra, claramente, esse conceito metonímico, quando Jayme afirma que o amor causa o sofrimento:

(146) O nosso amor é tão lindo que jamais no mundo houve igual, aos | poetas
jamais passaram pela mente *um romance tão lindos de dois corações |*
que por se amarem muito sofrem. || Meu amor, sinto-me um tanto
aliviado por saber que correspondeste | a meu amor [...]. (Jayme,
15/02/1937)

Nos *corpora*, observamos que o AMOR, quando conceptualizado metonimicamente, tem como causa principal a distância do casal, o que pode ocasionar dor, saudade e sofrimento. Nas cartas, os escreventes relatam o seu próprio sofrimento, assim como o do seu(sua) amado(a) ou o sofrimento de ambos.

²⁰⁵ Segundo Sponville-Comte (2013), os filósofos da antiguidade pressupõem três tipos de amor diferentes: *éros*, *philía* e *agápe*. *Éros* é originado do pensamento platônico e está ligado à falta, ou seja, ao sofrimento. O amor *Philía* é o amor amizade que implica em dividir a companhia do outro. E o amor *Ágape* é um amor de benevolência a toda humanidade.

A metonímia EFEITO PELA CAUSA / SOFRIMENTO POR AMOR está presente, no século XIX, apenas, na correspondência de D. Pedro I, como verificado em (147):

- (147) O amor que te tenho²⁰⁶ está provado com as provas irrefragáveis. Se ele era grande, hoje, com a nova prova por mecê dada da sua amizade²⁰⁷ para comigo e constância, meu coração fica muito mais cativado e procurarei dar cada vez mais demonstrações do quanto a estimo e lhe sou obrigado e agradecido, pois *vejo e conheço o quanto me tem sofrido, tudo procedido do grande amor que me tem*²⁰⁸ e que eu prometo pagar com outro igual. (D. Pedro I, 04/08/1825)

Nessa ocorrência, D. Pedro I revela o quanto a marquesa tem sofrido por amá-lo. Por conta disso, ele promete amá-la da mesma forma. Nessa passagem, notamos o acionamento dos esquemas-I ESCALA e PARTE-TODO. O primeiro esquema-I nos permite inferir, através dos itens linguísticos ‘quanto’ e ‘grande’, que o sofrimento e o amor estão contidos em alta proporção no corpo da marquesa; no que diz respeito ao segundo esquema-I, o atributo TODO é acionado através do uso do item ‘tudo’, que faz referência à todo o sofrimento da amante do imperador.

No século XX, o sofrimento dos casais, por amor, é mais evidente. Nas cartas de Jayme, ele faz referência ao seu sofrimento, ao de sua amada e ao dos dois. Nas ocorrências (148) a (151), é evidente esse sentimento de Jayme por amar Maria:

- (148) Espero que não tenhas te zangado | comigo por causa do que houve, *só tu sabes | a extensão do nosso amor*²⁰⁹, *e podes avaliar. | o quanto tenho sofrido*, para mim nada mais | resta neste mundo a não [↑]ser [↑] o teu amor²¹⁰, | dele é que tiro toda a energia²¹¹ de minha | vida, [...]. (Jayme, 19/01/1937)
- (149) Meu amor *tú julgarias se eu não | te amasse que sofreria tanto quanto temos | sofrido?* || Meu amor seja um pouco razoável | creia um pouco mais em meu amor²¹², | *este amor que o meu pobre coração te dedicou*²¹³, | *e que tanto sofre, em ter criado o amor mais | belo que há neste mundo*, e no entanto | não cres nele tanto, quanto ele cre²¹⁴ em ti. (Jayme, 19/01/1937)

²⁰⁶ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²⁰⁷ Discutimos o domínio da AMIZADE na seção 3.1.7.1.

²⁰⁸ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²⁰⁹ Discutimos os domínios do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²¹⁰ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²¹¹ Discutimos o domínio do ALIMENTO na seção 3.1.3.1.

²¹² Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²¹³ Discutimos o domínio do OBJETO DE DEDICAÇÃO na seção 3.1.5.2.

²¹⁴ Discutimos o domínio do SER HUMANO na seção 3.1.1.1.

(150) Espero que ao receberes esta te encontres de perfeito estado de saúde, | bem disposta. || *É o quanto te pode desejar este coração que de ânsias de te amar | muito sofre.* (Jayme, 15/02/1937)

(151) Eu acho que no planeta terrestre não | existe aparelho capaz de medir a extensão | de meu amor²¹⁵, *este amor que só a ti | dedico²¹⁶ e que tanto faz-me # sofrer.* (Jayme, 16/03/1937)

A partir das expressões linguísticas destacadas nas ocorrências antes citadas, é possível verificar que Jayme declara sofrer por amar Maria, ratificando, assim, que o amor é a causa do sofrimento. Nessas ocorrências, assim como vimos em (147), os itens linguísticos ‘quanto’, ‘tanto’, ‘extensão’ e ‘muito’ evocam o esquema-I ESCALA, indicando um aumento do sofrimento em consequência do amor. O esquema-I EQUILÍBRIO, também, é acionado, em (148), através da expressão “só tu sabes a extensão do nosso amor, e podes avaliar o quanto tenho sofrido”, na qual os itens ‘extensão’ e ‘quanto’ indicam que amor e sofrimento têm a mesma proporção, ou seja, se o amor de Jayme é grande, o sofrimento, também, é.

Em sua correspondência, Jayme faz, da mesma forma, referência ao sofrimento de Maria por ele, conforme (152), a seguir:

(152) Mas tudo que facam minha querida, não | faz esquecer-me de ti, pelo contrario, fazem-me | gostar²¹⁷ cada vez mais de ti, sonho, penso | sofro tudo enfim, mais meu amor é fiel, dedica- | se²¹⁸ somente a ti, *a mulher que mais | sofreu neste mundo pelo amor*, procurarei nos | resto de dias de minha existencia corresponder | com o meu amor²¹⁹ e o meu afeto²²⁰ [...]. (Jayme, 13/02/1937)

Nessa ocorrência, o trecho “a mulher que mais sofreu neste mundo pelo amor” nos leva a inferir que, dentre todas as mulheres, Maria é a que mais sofre em consequência do amor. Desse modo, o atributo PARTE do esquema-I PARTE-TODO é acionado, como vemos na expressão linguística “a mulher que mais | sofreu neste mundo pelo amor”. Nesta ocorrência, o esquema-I ESCALA, também, é acionado, através do advérbio ‘mais’ que indica a intensidade do sofrimento da amante.

²¹⁵ Discutimos os domínios do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²¹⁶ Discutimos o domínio do OBJETO DE DEDICAÇÃO na seção 3.1.5.2.

²¹⁷ Discutimos o domínio do GOSTAR na seção 3.1.7.6.

²¹⁸ Discutimos os domínios do OBJETO POSSUÍDO, do SER HUMANO e do OBJETO DA DEDICAÇÃO nas seções 3.1.2.1, 3.1.1.1 e 3.1.5.2, respectivamente.

²¹⁹ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²²⁰ Discutimos o domínio da AFEIÇÃO na seção 3.1.7.2.

Ainda na correspondência de Jayme, verificamos que ele, do mesmo modo, faz referência ao sofrimento dele e de Maria, concomitantemente, tendo como causa o amor que o casal sente um pelo outro. Esta inferência pode ser verificada em (153) a (156), a seguir:

(153) Não posso dormir vivo só pensando em | ti e no nosso amor²²¹ *que tantas lágrimas tem | nos custado [...]*. (Jayme, 24/01/1937)

(154) Minha querida, tú não pode avaliar quanto | me fez bem este nosso encontro cada vez me convenço | mais minha flor que *para toda a dor que sentimos | só mesmo paz no nosso amor*²²² *é que nos fará parar | de sofrer*. (Jayme, 25/01/1937)

(155) O nosso amor é tão lindo²²³ que jamais no mundo houve igual, aos | poetas jamais passaram pela mente *um romance tão lindos de dois corações | que por se amarem muito sofrem*. || Meu amor, sinto-me um tanto aliviado por saber que correspondeste | a meu amor [...]. (Jayme, 15/02/1937)

(156) Hontem não fui a praia descansei toda | a tarde, a noite fui ao cinema, gostei muito | da fita porque nela trabalha uma artista, | que desempenhou o papel de que sofria pelo amor | que tinha a um rapaz, e eu então pensava só | em voce o *quanto tens sofrido por minha causa | somente por amar-me*. || Minha flor, *mas eu sofro igual a você | somente por te amar*. (Jayme, 08/03/1937)

A partir da leitura dessas expressões, fica evidente que tanto Jayme quanto Maria sofrem por se amarem. Em (153), a expressão linguística “tantas lágrimas”, que metonimicamente atrela-se ao sofrimento, aciona o esquema-I ESCALA, visto relacionar-se a intensidade desse sofrimento que gera esse derramar de muitas lágrimas. Em (154), o trecho “para toda a dor que sentimos | só mesmo paz no nosso amor é que nos fará parar | de sofrer” aciona o esquema-I FORÇA/BLOQUEIO, de modo que a ‘paz’ pode impedir o sofrimento de ambos. Em (155) e (156), mais uma vez, o esquema-I ESCALA, a partir dos itens linguísticos ‘muito’ e ‘quanto’, estrutura a metonímia, intensificando o grau do sofrimento. Além desse, o esquema-I EQUILÍBRIO, também, é acionado na conceptualização, em (156), visto que a expressão linguística “eu sofro igual a você” mostra que o sofrimento de Jayme é equiparado ao de Maria.

Nas cartas de Maria para Jayme, ela revela sofrer por amá-lo e, também, faz referência ao sofrimento dele por ela, conforme observamos nos trechos seguintes:

²²¹ Discutimos o domínio da LEMBRANÇA na seção 3.1.8.1 e discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²²² Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²²³ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

- (157) Jayme eu pesso-te pelo a mor | de Deus para não a cabarés | com o nosso a mor²²⁴ eu nunca | peissei que tu memandace | uma # carta dessas tu | *não queras saber a dor que | eu trago no meu coração.* (Maria, 19/01/1937)
- (158) Eu não mezango com | voçe nei presizavas pedir pela | carta o meu amor e sego²²⁵. | *eu sei perfeitamente que teís | sofrido muito por minha causa | mais tenha fé em Deus e | na N. Senhora.* (Maria, 21/01/1937)
- (159) Aminha distração ~~são~~ são as tuas cartas | eu leio toda as niotes antes de me deitar | e olho para os teus retratos que tantas | saudades²²⁶ medar eu só queria ficar pertinho²²⁷ | do meu filhinho que eu tanto adoro | so eu pensar que estou tam longe de ti²²⁸ | *e que eu soffro ainda muito mais.* (Maria, 26/01/1937)

Em (157), a partir de “não queras saber a dor que eu trago no meu coração”, Maria revela seu sofrimento. Esse trecho permite-nos inferir o esquema-I RECIPIENTE, estruturando a conceptualização, visto que a dor ocupa o coração dela. Em (158), Maria se refere ao sofrimento de Jayme por ela. Já em (159), ela revela seu sofrimento, que está relacionado à distância a qual ela se encontra do seu amado. Nessas duas últimas ocorrências, os itens linguísticos ‘muito’ e ‘muito mais’ intensificam o sofrimento, tanto dela quanto dele, e instanciam o esquema-I ESCALA.

Do mesmo modo que em (157), nas ocorrências (160) e (161), o coração é entendido, metonimicamente, como recipiente do amor:

- (160) *coração que cempri anmo é | coração soufredor* (Antonio, 17/09/1977)
- (161) Olho Zezito eu não foi par resa e nem | pra vaquejada *meu coração esta cansado | de Sofre* meus olhos triste nunca para | de chorar. (Helena, 24/08/1977)

O trecho exposto, em (160), foi escrito na parte lateral de uma carta escrita para Zenilta, na qual Antonio faz referência a qualquer coração que, por amar, sofre. Em (161), Helena se refere ao seu amor por José e ao sofrimento causado por esse amor. Em ambas as ocorrências, o esquema-I RECIPIENTE é acionado, pois o sofrimento é o conteúdo que se encontra no interior do coração, sendo este o limite do recipiente.

²²⁴ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²²⁵ Discutimos os domínios do OBJETO POSSUÍDO e do SER HUMANO nas seções 3.1.2.1 e 3.1.1.1, respectivamente.

²²⁶ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

²²⁷ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

²²⁸ Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

A partir do estudo das ocorrências antes listadas, coletadas nas cartas dos casais, observamos que o sofrimento é consequência do amor, de onde se tem a metonímia EFEITO PELA CAUSA / SOFRIMENTO POR AMOR. Vimos, também, que essa metonímia aparece com mais frequência no século XX, estando presente na correspondência de todos os escreventes, de ambos os sexos, desse século. No século XIX, ela se faz presente, apenas, no início do século, nas cartas do correspondente masculino.

Vejamos, no Quadro 14 um resumo dos domínios inter-relacionados aos domínios do SENTIMENTO:

Quadro 14 - Síntese do domínio geral do SENTIMENTO

DOMÍNIOS ESPECÍFICOS	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMAS-I	PERÍODOS	ESCREVENTES DAS CARTAS
SENTIMENTO	Metonímico	PARTE-TODO LIGAÇÃO	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
AMIZADE	Metonímico	PARTE-TODO RECIPIENTE	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
		PARTE-TODO ESCALA	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
		PARTE-TODO		Condessa de Barral
AFEIÇÃO	Metonímico	PARTE-TODO EQUILÍBRIO ESCALA	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
		PARTE-TODO	2ª metade do século XX	Jayme
PAIXÃO	Metonímico	RECIPIENTE	1ª metade do século XX	Jayme
		ESCALA	2ª metade do século XX	Zenilta
DESEJO	Metonímico	ESCALA FORÇA/ATRAÇÃO	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
			2ª metade do século XIX	D. Pedro II
				Condessa de Barral
			1ª metade do século XX	Jayme
SAUDADE	Metonímico	RECIPIENTE PARTE-TODO ORIGEM-PERCURSO-META	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
		RECIPIENTE ESCALA	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
		VERTICALIDADE PARTE-TODO ORIGEM-PERCURSO-META		Condessa de Barral

		FORÇA/REPULSÃO FORÇA/BLOQUEIO PERTO-LONGE RECIPIENTE CHEIO-VAZIO EXCESSO ESCALA	1ª metade do século XX	Jayme
			2ª metade do século XX	Maria
				José
				Zenilta Helena
GOSTAR	Metonímico	ESCALA VERTICALIDADE	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
			1ª metade do século XX	Jayme
		ESCALA VERTICALIDADE PARTE-TODO	2ª metade do século XX	José / Antonio
				Zenilta
SOFRIMENTO	Metonímico	ESCALA PARTE-TODO	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
		ESCALA EQUILÍBRIO PARTE-TODO FORÇA/BLOQUEIO RECIPIENTE ESCALA	1ª metade do século XX	Jayme
				Maria
		RECIPIENTE	2ª metade do século XX	Antonio
				Helena

Fonte: Elaboração nossa

Verificamos, no domínio ora apresentado, um domínio geral para os sentimentos, a partir do qual são elaborados domínios mais específicos, a fim de dar conta dos significados diversos dados ao amor. Esses domínios específicos são formulados, a partir da capacidade humana de categorização, como já referido na seção 1.1.1, e que fica evidente, também, quando nos utilizarmos de inferências metonímicas.

Passemos, agora, para o próximo domínio da experiência, a saber, do PENSAMENTO.

3.1.8 Domínio Geral do PENSAMENTO

É muito comum quando se está apaixonado(a), o outro passar a assumir um significado especial; em consequência disso, um padrão de pensamentos invasivos, sobre a pessoa amada, começa a ocupar a mente de quem ama. Segundo a neurociência (FISHER, 2015 [2004]), isso acontece porque, quando se está apaixonado, os compostos químicos que atuam no cérebro do ser humano, o faz pensar na pessoa amada, tornando difícil cessar os pensamentos. Desse modo, quem ama pensa na pessoa amada, se a pessoa, também, está pensando nela, imagina situações a serem vividas, lembra de momentos vividos juntos etc.

Nos *corpora*, ao pensar na pessoa amada, o processo é semelhante ao que acontece com as memórias: primeiro vivem-se os fatos, depois guardam-se e, então, armazenam-se de uma maneira que se torna possível acessar aquele acontecimento quando for oportuno. Em vista disso, consideramos que as ocorrências, a seguir, estão relacionadas a um domínio mais específico do domínio do PENSAMENTO, qual seja, o da LEMBRANÇA.

3.1.8.1 Domínio Específico da LEMBRANÇA

Nas ocorrências selecionadas desse domínio, verificamos que os amantes, por estarem apaixonados, expressam que ocupam seu tempo pensando nas amadas. Assim, pensar em quem se ama é um resultado ou efeito do amor. Nesse caso, há uma conceptualização metonímica do tipo EFEITO PELA CAUSA, mais especificamente, LEMBRANÇA POR AMOR, como vemos a seguir:

- (162) Tudo calmo. Triste com o tom de suas cartas. Você não sabe quanto eu sou seu amigo. Não mais digo até chegar outra carta que me console. Apesar de tudo antes de dormir dei-lhe adeus como na Grécia. Li porém mal. *A pesar de que você nem talvez pense em mim como eu em Você*, - tome suas boas noites que hão de pelo menos provar-lhe que sou sempre o mesmo – Ainda e vou descansar. (D. Pedro II, 09/02/1880)
- (163) Você lá está em Roma perto de tantos monumentos curiosos, e eu? Quem terá mais saudades?²²⁹ Esta noite sonhei com Você. Vi-a, conversei com Você, brigamos e tornamos a fazer as pazes quando bateram-me à porta para o banho de mar. Que saudades! Veja tudo que lhe mando aqui e *escreva-me como o faz quando só pensa em quem tanto lhe quer*. (D. Pedro II, 01/11/1880)
- (164) Não posso dormir vivo *só pensando em | ti* e no nosso amor²³⁰ que tantas lágrimas tem | nos custado²³¹ [...]. (Jayme, 24/01/1937)
- (165) Minha querida *tenho pensado tanto em ti*, não descanso um minuto | sequer, a saudade²³² parece querer martirizar-me cada vez mais, (Jayme, 23/03/1937)

Em (162), D. Pedro II está distante da condessa e afirma que pensa nela, mas não tem certeza se ela, também, está pensando nele; já em (163), ele pede que sua amada lhe escreva como ela faz, quando lembra-se dele. Em (164) e (165), Jayme, que se encontra distante de

²²⁹ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

²³⁰ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²³¹ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

²³² Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

Maria, assegura que não para de pensar nela. As expressões linguísticas destacadas são estruturadas pelo esquema-I PARTE-TODO, sendo ativado o atributo PARTE do esquema-I, visto que em todas as ocorrências fica claro que, apenas, um dos escreventes lembra de suas (seus) respectivas(os) amadas(os) e não o casal que pensa um no outro. Ainda observamos, em (165), a instanciação do esquema-I ESCALA, acionado pelo advérbio ‘tanto’, que indica intensidade desse pensamento.

Esse domínio não foi verificado na correspondência de autoria feminina, logo, esteve presente, somente, nas cartas dos homens, escritas nos séculos XIX e XX, conforme resumimos no Quadro 15:

Quadro 15 - Síntese do domínio geral do PENSAMENTO

DOMÍNIO	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMA-I	PERÍODOS	ESCREVENTES DAS CARTAS
LEMBRANÇA	Metonímico	ESCALA	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
			1ª metade do século XX	Jayme

Fonte: Elaboração nossa

Passemos ao próximo domínio, a saber, o do CORPO.

3.1.9 Domínio Geral do CORPO

É muito comum a utilização do desenho de um coração como símbolo do amor, isso porque, historicamente, o conhecimento popular diz que é no coração que está a origem desse sentimento. Segundo Kövecses (1990, p. 172, tradução nossa), “as emoções (ou emoções específicas) estão associadas a órgãos específicos do corpo, especialmente ao coração²³³”; o autor, ainda, acrescenta que, no inglês (e sabemos que, também, em várias outras culturas) o coração está relacionado ao amor. Sobre isso, a neurociência explica que é no cérebro que se encontra a base do comportamento humano, sede de todos os sentimentos, pensamentos e emoções, porém, a relação que se faz do amor à imagem do coração se dá devido à descarga de adrenalina, que faz a pressão arterial subir e acelerar os batimentos cardíacos em situações, por exemplo, de encontro com a pessoa amada (PINTO, 2017). Damásio (2013, p. 3), também, afirma que “a emoção é um conjunto de todas as respostas motoras que o cérebro faz aparecer no corpo em resposta a algum evento. É um programa de movimentos como a aceleração ou

²³³ Do original: “the emotions (or specific emotions) are associated with particular organs of the body, especially the heart”.

desaceleração do batimento do coração, tensão ou relaxamento dos músculos e assim por diante”. Por isso, o coração é a parte do corpo, recorrentemente, mencionado nos *corpora*.

3.1.9.1 Domínio Específico do CORAÇÃO

As ocorrências identificadas nos *corpora*, ao nosso ver, reforçam a ideia exposta acima, pois, a partir delas, verificamos que ocorre uma conceptualização metonímica, ÓRGÃO POR EMOÇÃO, qual seja, CORAÇÃO POR AMOR, proveniente da metonímia mais geral ÓRGÃO POR SER HUMANO, do tipo PARTE PELO TODO, no qual o coração é a parte que aciona o corpo humano como um todo.

Apresentamos, em seguida, como percebemos a metonímia ÓRGÃO POR EMOÇÃO / CORAÇÃO POR AMOR, nas cartas escritas por D. Pedro I para a Marquesa de Santos:

(166) Quero-te muito, muito e muito²³⁴ e não quero que tu queiras bem a mais ninguém, pois eu assim o faço. *Eu te dei o meu coração inteiro, quero também possuir o teu inteiro entregado*. Este é o meu protesto de amor para contigo, e espero que nunca mais me chames senão filho, pois assim te trato por filha e não posso ser tratado de outra maneira. (D. Pedro I, 04/05/1827)

(167) *Filha, já te não ofereço o coração porque é teu*, mas sim te digo que muitas saudades²³⁵ tuas me atormentam este teu coração que nasceu para ser para todo o sempre infeliz. (D. Pedro I, 23/09/1827)

Em (166) e (167), observamos que o coração é usado metonimicamente para acionar o amor, referindo-se ao que o amante sente por sua amada, portanto, não é o coração, órgão físico, de D. Pedro I que é doado ou que pertence à marquesa, mas o que é sentido através dele, o amor. Nessas ocorrências, observamos o acionamento do esquema-I PARTE-TODO, no qual seus dois atributos são ativados: a PARTE do amor que cabe ao imperador é TODO da amada. Além deste, o esquema-I RECIPIENTE é acionado, pois inferimos que o coração é um espaço limitado preenchido pelo amor.

D. Pedro II, em suas cartas, faz referência, em (168), ao amor da condessa, e declara que necessita do amor dela; em (169), ao contrário, ele afirma que seu coração, conseqüentemente, seu amor, pertence à amada:

²³⁴ Discutimos do domínio do DESEJO na seção 3.1.7.4.

²³⁵ Discutimos o domínio da SAUDADE na seção 3.1.7.5.

(168) Tantas cabeças políticas e tantos interesses partidários! *Cada vez careço mais de meus estudos e sobretudo do coração da Amiga*. Não se enfade com tanta amizade²³⁶ da minha parte. Adeus! Boas noites. (D. Pedro II, 27/03/1880)

(169) Ah, se lhe contasse tudo o que imaginei nas lindas noites dos campos do Paraná! *A idade não tem podido contra um coração todo seu*. Desculpe-me se lhe falo assim. Você não sabe como a estimo, e tudo posso dizer a quem tão bons conselhos sempre me deu. (D. Pedro II, 07/06/1880)

Do mesmo modo que em (167), essas ocorrências são estruturadas pelo esquema-I do RECIPIENTE, pois inferimos que o coração é o espaço que contém o amor. O esquema-I PARTE-TODO, também, é acionado, sendo que, em (168), o polo PARTE do esquema-I é ativado, uma vez que a expressão “Cada vez careço mais de meus estudos e sobretudo do coração da Amiga” nos mostra que o “coração da Amiga” é uma das necessidades do imperador, além dos estudos dele. Em (169), ao contrário, o atributo TODO é acionado, pois, o amor do imperador, em toda a sua inteireza, é da amada, sendo indexado pelo pronome indefinido ‘todo’. Ainda em (168), o esquema-I ESCALA é instanciado através da expressão “Cada vez careço mais”, indicando um aumento progressivo das necessidades do imperador, tanto dos seus estudos como, principalmente, do amor da condessa.

Nas cartas de Jayme, o coração dele é de Maria e o de Maria é de propriedade dele, conforme indicam as ocorrências (170) e (171), respectivamente:

(170) [...] voce sabe perfeitamente que | só ati é que eu amo, tú sabes que só ati | é que pertenço, *tú é a dona do meu coração*, | és a eleita de meus sonhos, és a | rainha de meu pensamento, jamais pensarei | em te despojar do trono de meu coração, | és a rainha e dele ninguém te tirará. (Jayme, 19/01/1937)

(171) Sinto me feliz em saber que tu me amas, | *e que teu coração pertence somente a mim*, | as lagrimas que tens derramado por mim, que | Deus transforme-as no futuro em felicidade | porque o mereces, minha Deusa. (Jayme, 13/02/1937)

Assim como em (168) e (169), o esquema-I RECIPIENTE é acionado em (170) e em (171). Essas ocorrências sugerem-nos uma ancoragem no esquema-I PARTE-TODO, no qual os dois atributos do esquema-I são ativados, uma vez que o coração (o amor) como um todo pertence aos amantes.

²³⁶ Discutimos o domínio da AMIZADE na seção 3.1.7.1.

Em (172), Helena oferece seu coração para José, portanto, seu amor, sugerindo, também, a conceptualização metonímica ÓRGÃO POR EMOÇÃO / CORAÇÃO POR AMOR:

(172) *meu amôr aceite meu coração.* | meio vivo meio morto para findar
minha | carta. (Helena, 22/10/1976)

Nessa ocorrência, Helena pede que José, seu amado, aceite seu coração, portanto, metonimicamente, aceite seu amor. O verbo ‘aceitar’, na ocorrência, nos faz inferir o esquema-I ORIGEM-PERCURSO-META, pois, ao pedir que José receba o seu coração, percebemos que o amor parte de Maria (origem), percorre uma trajetória e chega a José (meta). O polo PARTE do esquema-I PARTE-TODO é, também, acionado, em virtude de se tratar apenas do coração de Helena.

No Quadro 16 apresentamos uma síntese do domínio do CORPO:

Quadro 16 - Síntese do domínio geral do CORPO

DOMÍNIO ESPECÍFICO	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMA-I	PERÍODOS	ESCREVENTES DAS CARTAS
CORAÇÃO	Metonímico	PARTE-TODO	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
		PARTE-TODO ESCALA	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
		RECIPIENTE PARTE-TODO	1ª metade do século XX	Jayme
		ORIGEM-PERCURSO-META PARTE-TODO	2ª metade do século XX	Helena

Fonte: Elaboração nossa

A seguir, tecemos as considerações sobre o domínio da AVALIAÇÃO.

3.1.10 Domínio Geral da AVALIAÇÃO

Nos *corpora* identificamos ocorrências em que o amor é avaliado, gradualmente, como ‘belo’ ou ‘lindo’, porém, não é um julgamento de beleza estética, mas de beleza no sentido de ser bom, puro e verdadeiro, pois é muito comum que aquilo julgado como belo, embutir em si uma avaliação positiva, na qual o belo torna-se bom. O amor é ‘belo’, é ‘lindo’ e poderia, também, ser avaliado como ‘feio’ ou ‘esquisito’, ou seja, como algo que não é bom; desse modo, o amor é configurado por tipos de amor. Assim, temos uma conceptualização em que o todo (amor) é constituído por partes (tipos de amor), conforme veremos no domínio específico da BELEZA.

3.1.10.1 Domínio Específico da BELEZA

Nas ocorrências que seguem, coletadas nas cartas de Jayme, as expressões amor ‘belo’, verificada em (173) e (174), e amor ‘lindo’, em (175), são avaliações que compreendem o domínio da BELEZA e apontam para uma conceptualização metonímica do tipo TODO PELA PARTE, da qual temos AMOR POR TIPO DE AMOR:

(173) Meu amor seja um pouco razoável | creia um pouco mais em meu amor²³⁷, | este amor que o meu pobre coração te dedicou²³⁸, | e que tanto sofre²³⁹, em ter criado *o amor mais | belo que há neste mundo*, e no entanto | não cres nele tanto, quanto ele cre²⁴⁰ em ti, (Jayme, 19/01/1937)

(174) *O nosso | amor²⁴¹ é tão belo*, tão grande, que não tem | fim! Longe de ti²⁴² minha flor sou um | pobre sonhador que tem no coração a nos- | talgia da vida! (Jayme, 29/01/1937)

(175) *O nosso amor²⁴³ é tão lindo que jamais no mundo houve igual*, aos | poetas jamais passaram pela mente um romance tão lindos de dois corações | que por se amarem muito sofrem²⁴⁴. (Jayme, 15/02/1937)

O esquema-I que estrutura a metonímia, nessas ocorrências, é ESCALA, visto que os advérbios ‘mais’, em (173), e ‘tão’, em (174) e (175), intensificam a beleza do amor. Além desse, o esquema-I RECIPIENTE é acionado em (173), de modo que o amor é o conteúdo que sai do coração. Ainda em (173), o polo PARTE do esquema-I PARTE-TODO é ativado, pois o amor de Jayme por Maria é “o mais belo que há neste mundo”, assim, dentre todos os amores que existem, o dele é o mais belo. Em (174) e (175), também, é acionado o esquema-I PARTE-TODO, através do pronome ‘nosso’ que ativa o polo TODO, pois Jayme faz referência ao amor do casal, quando diz “o nosso amor é tão belo” e “o nosso amor é tão lindo”.

Vimos, então, que as ocorrências referentes ao domínio da BELEZA estiveram presentes, apenas, na primeira metade do século XX, em cartas escritas pelo escrevente masculino, não aparecendo em outros períodos e nem na correspondência feminina. A seguir, vejamos uma síntese desse domínio, no Quadro 17:

²³⁷ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²³⁸ Discutimos o domínio da CORAÇÃO na seção 3.1.9.1.

²³⁹ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

²⁴⁰ Discutimos o domínio do SER HUMANO na seção 3.1.1.1.

²⁴¹ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²⁴² Discutimos o domínio da APROXIMAÇÃO na seção 3.1.6.1.

²⁴³ Discutimos o domínio do OBJETO POSSUÍDO na seção 3.1.2.1.

²⁴⁴ Discutimos o domínio do SOFRIMENTO na seção 3.1.7.7.

Quadro 17 - Síntese do domínio geral da AVALIAÇÃO

DOMÍNIO	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMA-I	PERÍODOS	ESCREVENTES DAS CARTAS
BELEZA	Metonímico	ESCALA RECIPIENTE PARTE-TODO	1ª metade do século XX	Jayme

Fonte: Elaboração nossa

Nosso objetivo, nessa seção, foi discutir como chegamos à compreensão dos processos de conceptualização metafóricos e metonímicos do AMOR e, também, dos esquemas-I que estruturaram esses processos, a partir das expressões linguísticas coletadas nos *corpora*, tendo como base os pressupostos teórico-metodológicos da LC e, em particular, da SSHC. Vejamos, no Quadro 18, uma síntese de como todos esses processos de conceptualização foram apresentados nos *corpora*.

Quadro 18 - Síntese dos domínios da experiência presentes nos *corpora*

DOMÍNIOS	ITENS LINGÜÍSTICOS	TIPO DE MAPEAMENTO	ESQUEMAS-I	PERÍODOS	ESCREVENTES DAS CARTAS
ORGANISMO VIVO	nascer	Metafórico	PARTE-TODO RECIPIENTE	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
SER HUMANO	crer, falar, cego, fiel	Metafórico	EQUILÍBRIO PARTE-TODO	1ª metade do século XX	Jayme
					Maria
OBJETO POSSUÍDO	meu, teu, nosso ter	Metafórico	RECIPIENTE ORIGEM-PERCURSO-META PARTE-TODO ESCALA	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
			RECIPIENTE ORIGEM-PERCURSO-META PARTE-TODO	2ª metade do século XIX	Marquesa de Santos
ALIMENTO	energia	Metafórico	RECIPIENTE	1ª metade do século XX	Jayme
FLUIDO	cheio	Metafórico	RECIPIENTE CHEIO-VAZIO ORIGEM-PERCURSO-META	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
OBJETO DE CONSAGRAÇÃO	consagrar	Metafórico	ORIGEM-PERCURSO-META PARTE-TODO RECIPIENTE	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
					Marquesa de Santos
OBJETO DE DEDICAÇÃO	dedicar	Metafórico	ORIGEM-PERCURSO-META PARTE-TODO RECIPIENTE	1ª metade do século XX	Jayme
					Maria
APROXIMAÇÃO		Metonímico	PERTO-LONGE CONTATO	1ª metade do século XIX	D. Pedro I

	companhia, perto, junto, ao lado		FORÇA/BLOQUEIO	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
					Condessa de Barral
				1ª metade do século XX	Jayme
					Maria
				2ª metade do século XX	Antonio
					Helena
LIGAÇÃO	braço, abraçar	Metonímico	LIGAÇÃO PARTE-TODO CONTATO RECIPIENTE ORIGEM-PERCURSO-META	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
			LIGAÇÃO PARTE-TODO CONTATO RECIPIENTE	1ª metade do século XX	Jayme
SENTIMENTO	sentimento	Metonímico	PARTE-TODO LIGAÇÃO	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
AMIZADE	amizade	Metonímico	PARTE-TODO RECIPIENTE	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
			PARTE-TODO ESCALA	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
					Condessa de Barral
AFEIÇÃO	afeto, afeição	Metonímico	PARTE-TODO EQUILÍBRIO ESCALA	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
				2ª metade do século XIX	Jayme

PAIXÃO	paixão, apaixonado	Metonímico	RECIPIENTE ESCALA	1ª metade do século XX	Jayme
				2ª metade do século XX	Zenilta
DESEJO	querer	Metonímico	ESCALA FORÇA/ATRAÇÃO	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
				2ª metade do século XIX	D. Pedro II
					Condessa de Barral
				1ª metade do século XX	Jayme
2ª metade do século XX	José				
SAUDADE	saudade	Metonímico	RECIPIENTE PARTE-TODO ORIGEM-PERCURSO-META	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
			RECIPIENTE ESCALA VERTICALIDADE PARTE-TODO ORIGEM-PERCURSO-META	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
					Condessa de Barral
			FORÇA/BLOQUEIO PERTO-LONGE RECIPIENTE CHEIO-VAZIO EXCESSO ESCALA	1ª metade do século XX	Jayme
					Maria
ESCALA	2ª metade do século XX	José			

					Zenilta Helena
GOSTAR	gostar	Metonímico	ESCALA VERTICALIDADE PARTE-TODO	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
				1ª metade do século XX	Jayme
				2ª metade do século XX	José / Antonio
					Zenilta
SOFRIMENTO	sofrer	Metonímico	ESCALA PARTE-TODO	1ª metade do século XIX	D. Pedro I
			ESCALA EQUILÍBRIO PARTE-TODO FORÇA/BLOQUEIO RECIPIENTE	1ª metade do século XX	Jayme
					Maria
			RECIPIENTE	2ª metade do século XX	Antonio
					Helena
LEMBRANÇA	pensar	Metonímico	ESCALA	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
				1ª metade do século XX	Jayme
CORAÇÃO	coração	Metonímico	PARTE-TODO	1ª metade do século XIX	D. Pedro I

			PARTE-TODO ESCALA	2ª metade do século XIX	D. Pedro II
			RECIPIENTE PARTE-TODO	1ª metade do século XX	Jayme
			ORIGEM-PERCURSO-META PARTE-TODO	2ª metade do século XX	Helena
BELEZA	belo, lindo	Metonímico	ESCALA RECIPIENTE PARTE-TODO	1ª metade do século XX	Jayme

Fonte: Elaboração nossa

Após conclusão do estudo das ocorrências, verificadas nos *corpora*, faremos, a seguir, a partir das nossas inferências, uma interpretação mais holística dos resultados encontrados, refletindo sobre o comportamento do sistema conceptual do AMOR, nas cartas estudadas, propondo uma discussão dos resultados como um todo, em seus os aspectos sócio-histórico-cognitivos, discutindo como os domínios experienciais aparecem em cada século e em cada gênero / sexo e como eles se apresentam. Além disso, veremos como esses domínios se inter-relacionam formando o frame AMOR ROMÂNTICO.

3.2 DISCUSSÃO GERAL

O estudo das ocorrências identificadas nas cartas que compõem os *corpora* desta tese se deu com foco nos domínios-fonte da experiência, sendo esses compreendidos por nós a partir de duas dimensões: domínio geral e domínio específico. A conceptualização do AMOR, nas cartas, foi entendida tanto a partir do acionamento de domínios mais amplos: ORGANISMO VIVO e SENTIMENTO, quanto dos domínios específicos: SER HUMANO, OBJETO POSSUÍDO, ALIMENTO, FLUIDO, OBJETO DE CONSAGRAÇÃO, OBJETO DE DEVOÇÃO, APROXIMAÇÃO, LIGAÇÃO, AMIZADE, AFEIÇÃO, PAIXÃO, DESEJO, SAUDADE, GOSTAR, SOFRIMENTO, LEMBRANÇA, CORAÇÃO e BELEZA.

A partir do levantamento das expressões linguísticas, nos *corpora* investigados, verificamos que diferentes domínios são utilizados para a conceptualização do AMOR e cada domínio da experiência fornece alguns aspectos para a construção desse conceito. Desse modo, chegamos a diferentes modelos cognitivos metafóricos e metonímicos estruturados por esquemas-I, subjacentes ao conceito de amor. São esses mecanismos que estruturam, em grande parte, o raciocínio humano e, através deles, podemos organizar o conhecimento em categorias e produzir conceitos, como o conceito de amor e os seus diferentes tipos.

No Quadro 19, a seguir, apresentamos os domínios acionados para a constituição da categoria AMOR ROMÂNTICO, a partir do que foi identificado nos *corpora* ao longo dos séculos, ilustrando um comparativo entre eles:

Quadro 19 - Domínios da experiência por século

DOMÍNIOS GERAIS E ESPECÍFICOS	SÉCULO XIX	SÉCULO XX
ORGANISMO VIVO	X	
SER HUMANO	X	X
POSSE		
OBJETO POSSUÍDO	X	X
NUTRIÇÃO		
ALIMENTO		X
SUBSTÂNCIA		
FLUIDO	X	
DIVINDADE		
OBJETO DE CONSAGRAÇÃO	X	
OBJETO DE DEDICAÇÃO		X
UNIDADE		
APROXIMAÇÃO	X	X
LIGAÇÃO	X	X
SENTIMENTO	X	
AMIZADE	X	
AFEIÇÃO	X	X
PAIXÃO		X
DESEJO	X	X
SAUDADE	X	X
GOSTAR	X	X
SOFRIMENTO	X	X
PENSAMENTO		
LEMBRANÇA	X	X
CORPO		
CORAÇÃO	X	X
AVALIAÇÃO		
BELEZA		X

Fonte: Elaboração nossa

A partir deste quadro, verificamos que, de modo geral, os processos de conceptualização do AMOR, nos períodos investigados, parecem seguir um determinado padrão. Em sua maioria, os domínios identificados são os mesmos nos dois séculos, em outros, apresentam algumas particularidades. Observando o comportamento dos domínios acionados, notamos que SER HUMANO, OBJETO POSSUÍDO, APROXIMAÇÃO, LIGAÇÃO, AFEIÇÃO, DESEJO, SAUDADE, GOSTAR, SOFRIMENTO, LEMBRANÇA e CORAÇÃO foram comuns na correspondência dos séculos XIX e XX. Outros foram específicos do século XIX: ORGANISMO VIVO, FLUIDO, OBJETO DE CONSAGRAÇÃO, SENTIMENTO e AMIZADE. Os domínios experienciais ALIMENTO, OBJETO DE DEDICAÇÃO, PAIXÃO e BELEZA ocorreram, apenas, nas correspondências do século XX.

A partir do exposto, verificamos que, no sistema conceptual do AMOR ROMÂNTICO, apesar de haver alguns domínios específicos em cada século, não há indício de mudança conceitual, no decorrer do tempo, ou seja, os resultados não sugeriram mudanças semânticas na forma de conceptualizar o amor, pois os sentidos observados no século XIX, também, ocorreram no século XX, em quase sua totalidade. As especificidades encontradas mostram variações decorrentes do caráter flexível da constituição do significado, acompanhado de distintas perspectivas do amor em diferentes momentos, em situações diversas, havendo uma manutenção da estrutura global do conceito de amor e da sua categorização como um tipo de amor.

As particularidades de cada século ocorreram nos domínios gerais do ORGANISMO VIVO, da NUTRIÇÃO, da SUBSTÂNCIA, da DIVINDADE, do SENTIMENTO e da AVALIAÇÃO, porém não indicam mudanças conceptuais. Na nossa interpretação, essas especificidades estão relacionadas à própria forma de conceptualizar, ora acionando parte de um domínio, ora de outro.

O domínio geral do ORGANISMO VIVO pode não ter ocorrido no século XX por questões da própria escrita dos escreventes ou em virtude do nosso critério de divisão de domínios. Se não organizássemos os domínios em gerais e específicos e deixássemos, apenas, o domínio geral, teríamos a conceptualização do AMOR como organismo vivo em ambos os séculos, mas, como organizamos os domínios em sua forma mais geral e mais específicas, tão somente no século XIX, verificamos ocorrências que instanciaram o domínio geral do ORGANISMO VIVO. A forma mais específica desse domínio, SER HUMANO, aparece nos séculos XIX e XX. Fato similar ocorre com o domínio geral do SENTIMENTO, que foi acionado, apenas, no século XIX, porém suas formas específicas foram instanciadas a partir de ocorrências de ambos os séculos. Pelo que nos parece, trata-se de uma perspectivação mais geral.

Em relação ao domínio geral da SUBSTÂNCIA, diferentemente do que aponta Kövecses (1988, 1990), em seus estudos, as cartas do século XX não documentam o amor entendido em termos de FLUIDO, mas isso não quer dizer que não ocorresse, pois já apareceu no século XIX e, ainda hoje, se documenta em outros gêneros textuais.

O domínio geral da DIVINDADE nos chamou atenção, pois, ao oferecer seu amor ao amante, no século XIX, os escreventes usam o verbo ‘consagrar’ e, no século XX, utilizam ‘dedicar’. A partir da observação dos sentidos desses verbos nos dicionários, verificamos que há uma variação na forma como o escrevente considera a pessoa amada; no século XIX, como um ser divino e, no século XX, divino ou não. Para verificar os sentidos em que os dois verbos

estão sendo usados nos dias atuais, pesquisamos essas duas formas verbais, na ferramenta de buscas no Google²⁴⁵, através das expressões: “consagrar o amor” e “dedicar o amor”. Com a primeira expressão, apareceram 8.450.000 resultados e, na primeira página, todos eles faziam referência ao campo religioso, no sentido de consagrar algo a uma divindade²⁴⁶. Com a segunda expressão, 44.400.000 resultados foram registrados e, na primeira página, não houve nenhuma dedicação do amor aos deuses, apenas, à pessoa amada, a si próprio, a qualquer pessoa²⁴⁷. No caso do domínio da DIVINDADE, especificamente, os resultados podem trazer indícios de mudança linguística.

O domínio do SENTIMENTO, também, apresentou algumas particularidades. O domínio específico da AMIZADE esteve presente em todo o século XIX e não apareceu no século XX. Em contrapartida, o domínio específico da PAIXÃO ocorreu, apenas, no século XX. Em relação ao da AMIZADE, os escreventes são pessoas públicas, além de casadas; talvez, por isso o uso eufemístico desse domínio. Por outro lado, no século XX, os escreventes que usam PAIXÃO não são pessoas públicas e são solteiros(as), e, portanto, são mais livres para se relacionarem e, conseqüentemente, usarem uma linguagem relacionada ao domínio da PAIXÃO.

No Quadro 20, sintetizamos os domínios da experiência acessados na documentação investigada, mostrando como ela se apresenta a partir do gênero dos escreventes:

²⁴⁵ A pesquisa foi feita no dia 04/01/2019.

²⁴⁶ “Consagrar a vida e o relacionamento a Deus”, “consagrar-se a Deus”, “consagração à Nossa Senhora”, “consagração ao Senhor”.

²⁴⁷ Apareceram os seguintes títulos: “frases para dedicar ao seu amor”, “dedicar a si próprio”, “dedicar amor a alguém”, “músicas românticas para dedicar”.

Quadro 20 - Domínios da experiência por gênero

DOMÍNIOS GERAIS E ESPECÍFICOS	HOMENS	MULHERES
ORGANISMO VIVO	X	
SER HUMANO	X	X
POSSE		
OBJETO POSSUÍDO	X	X
NUTRIÇÃO		
ALIMENTO	X	
SUBSTÂNCIA		
FLUIDO	X	
DIVINDADE		
OBJETO DE CONSAGRAÇÃO	X	X
OBJETO DE DEDICAÇÃO	X	X
UNIDADE		
APROXIMAÇÃO	X	X
LIGAÇÃO	X	
SENTIMENTO	X	
AMIZADE	X	X
AFEIÇÃO	X	
PAIXÃO	X	X
DESEJO	X	X
SAUDADE	X	X
GOSTAR	X	X
SOFRIMENTO	X	X
PENSAMENTO		
LEMBRANÇA	X	
CORPO		
CORAÇÃO	X	X
AVALIAÇÃO		
BELEZA	X	

Fonte: Elaboração nossa

No tocante ao gênero do escrevente, todos os domínios da experiência identificados com o estudo dos *corpora* estavam presentes nas cartas escritas pelos homens; já em relação à correspondência das mulheres, os domínios ORGANISMO VIVO, ALIMENTO, FLUIDO, LIGAÇÃO, SENTIMENTO, AFEIÇÃO, LEMBRANÇA e BELEZA não foram selecionados para conceptualizar o amor. É bem provável que isso tenha acontecido em virtude do menor número, nos *corpora*, de cartas escritas pelas mulheres²⁴⁸.

O domínio da LIGAÇÃO não foi identificado, na correspondência das mulheres, provavelmente, por estar associado ao sexo e por ser considerado tabu a abordagem de temas

²⁴⁸ Como já explicitado, na seção 2.3.3, as cartas das mulheres eram mais difíceis de serem preservadas.

atinentes à vida sexual. Também, não foi localizado o da LEMBRANÇA, talvez, isso se deva ao fato de que as declarações de amor feitas pelas mulheres serem entendidas como revelações de serem as mulheres que as fazem “pegajosas” ou “oferecidas”.

Para melhor visualização, fizemos um quadro, cruzando os domínios identificados, nas cartas dos homens e das mulheres, em cada século:

Quadro 21 - Domínios da experiência, na correspondência dos homens e das mulheres, por século

DOMÍNIOS DA EXPERIÊNCIA	SÉCULO XIX		SÉCULO XX	
	H	M	H	M
ORGANISMO VIVO	X			
SER HUMANO	X		X	X
POSSE				
OBJETO POSSUÍDO	X	X	X	X
NUTRIÇÃO				
ALIMENTO			X	
SUBSTÂNCIA				
FLUIDO	X			
DIVINDADE				
OBJETO DE CONSAGRAÇÃO	X	X		
OBJETO DE DEDICAÇÃO			X	X
UNIDADE				
APROXIMAÇÃO	X	X	X	X
LIGAÇÃO	X		X	
SENTIMENTO	X			
AMIZADE	X	X		
AFEIÇÃO	X		X	
PAIXÃO			X	X
DESEJO	X	X	X	
SAUDADE	X	X	X	X
GOSTAR	X		X	X
SOFRIMENTO	X		X	X
PENSAMENTO				
LEMBRANÇA	X		X	
CORPO				
CORAÇÃO	X		X	X
AVALIAÇÃO				
BELEZA			X	

Fonte: Elaboração nossa

A partir do Quadro 21, verificamos que os domínios específicos OBJETO POSSUÍDO, APROXIMAÇÃO e SAUDADE ocorreram nos dois séculos, nas cartas escritas pelos homens e pelas mulheres. Esses resultados mostram que, em relação aos domínios da APROXIMAÇÃO e da SAUDADE, parece-nos que o frame CARTA DE AMOR inter-relaciona esses domínios, pois quem escreve carta é porque está distante e sentindo falta do ser amado; desse modo, o próprio

contexto da carta de amor aciona os referidos domínios, como prototípicos. Por outro lado, o domínio da POSSE, especificamente do OBJETO POSSUÍDO, é prototípico em relação à compreensão do amor, como demonstra a abundância de ocorrências coletadas nas cartas.

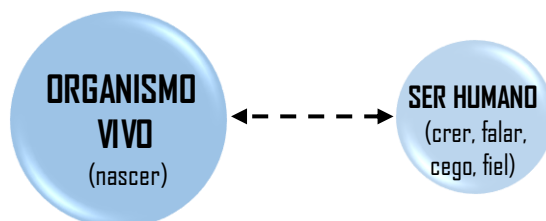
3.2.1 Inter-relação entre os domínios conceptuais

Consideramos a Semântica de Frames como suporte teórico desta tese, pois, no processo de estudo das ocorrências, verificamos que os domínios-fonte da experiência, identificados nas cartas investigadas, usados para conceptualização do AMOR, estão todos conectados, compreendendo o frame AMOR ROMÂNTICO. Deste modo, esses domínios se encontram em uma grande relação de proximidade, não havendo uma quebra de sentido, no sistema conceptual do amor, mas uma inter-relação de conceitos. Dentro desta abordagem, focalizamos o MCI Proposicional do tipo frame, apoiando-nos na proposta apresentada por Fillmore (2009 [1982]), que compreende o frame como uma rede de conceitos relacionados, de forma que, para entender qualquer um dos conceitos, é preciso entender a estrutura na qual ele se enquadra.

Nessa interconexão de conceitos, observamos que as expressões linguísticas, identificadas nos *corpora*, que instanciam formas de conceptualização (metafórica e/ou metonímica) para o AMOR, é uma estrutura que forma um todo, com relação às partes, e, ao mesmo tempo, é o padrão de organização do conceito de amor, evidenciado nas cartas, pois as partes formam um todo maior, e “esse todo é formado sem limites definidos, sem hierarquia, estão todos em rede uns nos outros dentro de um sistema discursivo” (ALMEIDA, no prelo-c). A partir dessa compreensão, mostramos, a seguir, como vimos a relação entre os domínios da experiência, evidenciados nas cartas, e como cada parte se relaciona com o todo, e vice-versa, na geração do frame AMOR ROMÂNTICO.

Verificamos que o domínio do ORGANISMO VIVO, acionado pelo item linguístico ‘nascer’, é o mais amplo, abrangendo, direta ou indiretamente, todos os domínios da experiência identificados nas correspondências. Esse domínio está, diretamente, interligado ao domínio do SER HUMANO, uma vez que, dentre outros componentes específicos abrangidos pelo ORGANISMO VIVO, como ‘animais’, ‘bactérias’, ‘plantas’, apenas um foi focalizado: o elemento ‘humano’. Nos *corpora*, o domínio SER HUMANO é indexado através dos itens linguísticos ‘crer’, ‘falar’, ‘cego’ e ‘fiel’. A Figura 11 ilustra a inter-relação entre os dois domínios ora apresentados e os elementos linguísticos que acionam cada domínio:

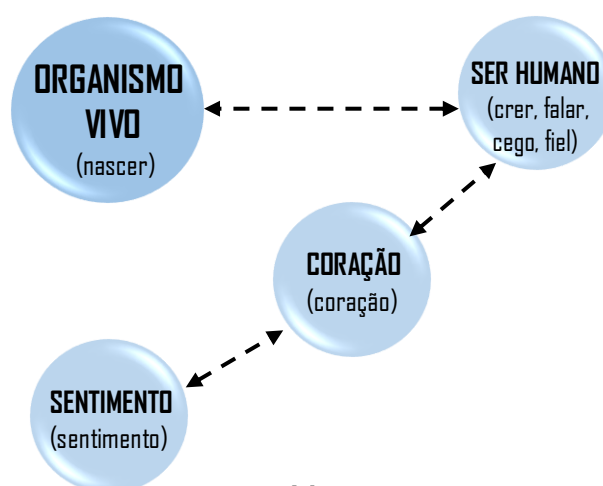
Figura 11 - Relação entre o domínio geral do ORGANISMO VIVO e o domínio específico do SER HUMANO



Fonte: Elaboração nossa

A estrutura física do ser humano é composta por diferentes partes (pele, músculos, nervos, ossos, órgãos etc.), todas importantes para o funcionamento da vida. Entre essas partes, a cultura popular compreende que, no que diz respeito ao amor, o órgão mais importante do corpo humano é o coração. Isto porque, além das funções fisiológicas, o coração, conforme, já dissemos, é metonimicamente acionado para tratarmos das emoções; é como se diferentes sentimentos passassem por ele e deixassem suas marcas, as boas e as ruins. As cartas, que constituem os *corpora*, deixam entrever que o domínio CORAÇÃO, evocado a partir do item linguístico ‘coração’, está interconectado ao domínio do SER HUMANO e, também, ao domínio do SENTIMENTO²⁴⁹, acionado pelo item ‘sentimento’. Isto porque, no conhecimento enciclopédico, o amor está no corpo ou, especificamente, no coração, conforme vimos no estudo dos domínios. A Figura 12 mostra os domínios que se inter-relacionam ao domínio do CORAÇÃO:

Figura 12 - Domínios inter-relacionados ao domínio do CORAÇÃO

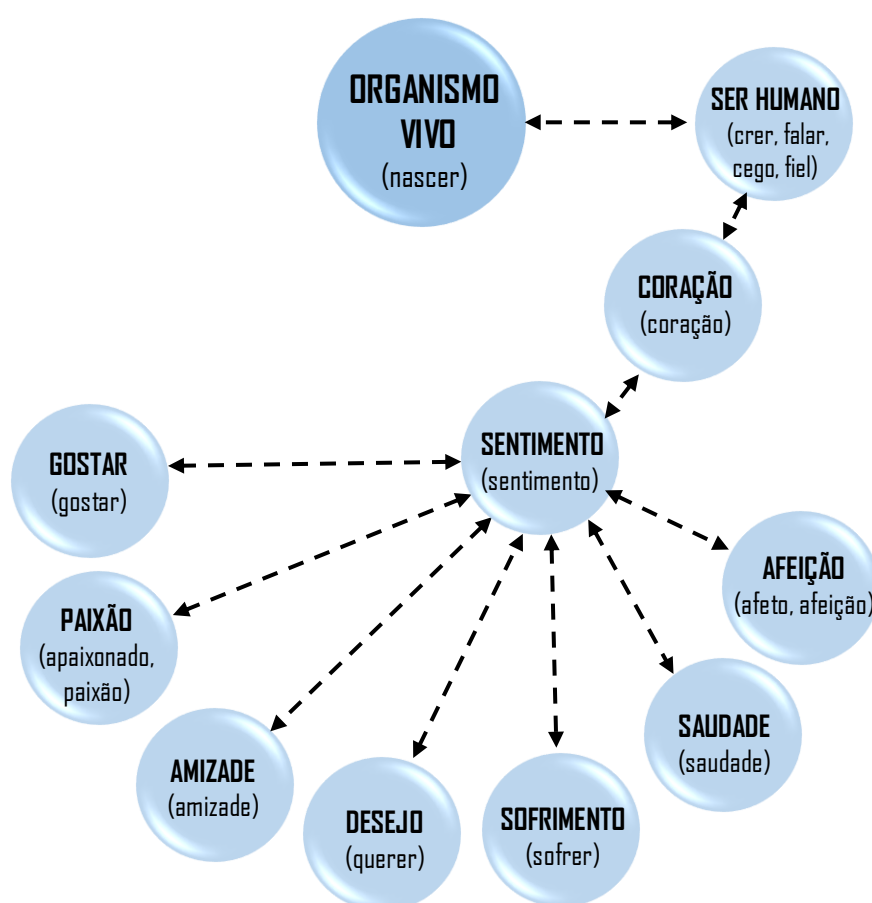


Fonte: Elaboração nossa

²⁴⁹ Apesar de a Neurociência comprovar que os sentimentos são processados no cérebro, conforme já discutido nesta tese, as cartas e, também, as teorias do conhecimento popular afirmam que a origem do amor, assim como de outros sentimentos, está no coração.

Ainda, observamos que as expressões linguísticas coletadas instanciaram diferentes domínios do SENTIMENTO, metonímicos do amor, que culminaram nos seus domínios específicos, entre eles, são focalizados o GOSTAR, o DESEJO, a AMIZADE, a SAUDADE, a PAIXÃO, a AFEIÇÃO e o SOFRIMENTO, indexados pelos itens linguísticos ‘amizade’, ‘querer’, ‘saúde’, ‘gostar’, ‘paixão’, ‘afeto’/‘afeição’ e ‘sofrer’, respectivamente. Esses domínios estão inter-relacionados ao domínio geral do SENTIMENTO, formando uma rede em que se justapõem e se inter cruzam mutuamente, como na Figura 13:

Figura 13 - Domínios inter-relacionados ao domínio do SENTIMENTO



Fonte: Elaboração nossa

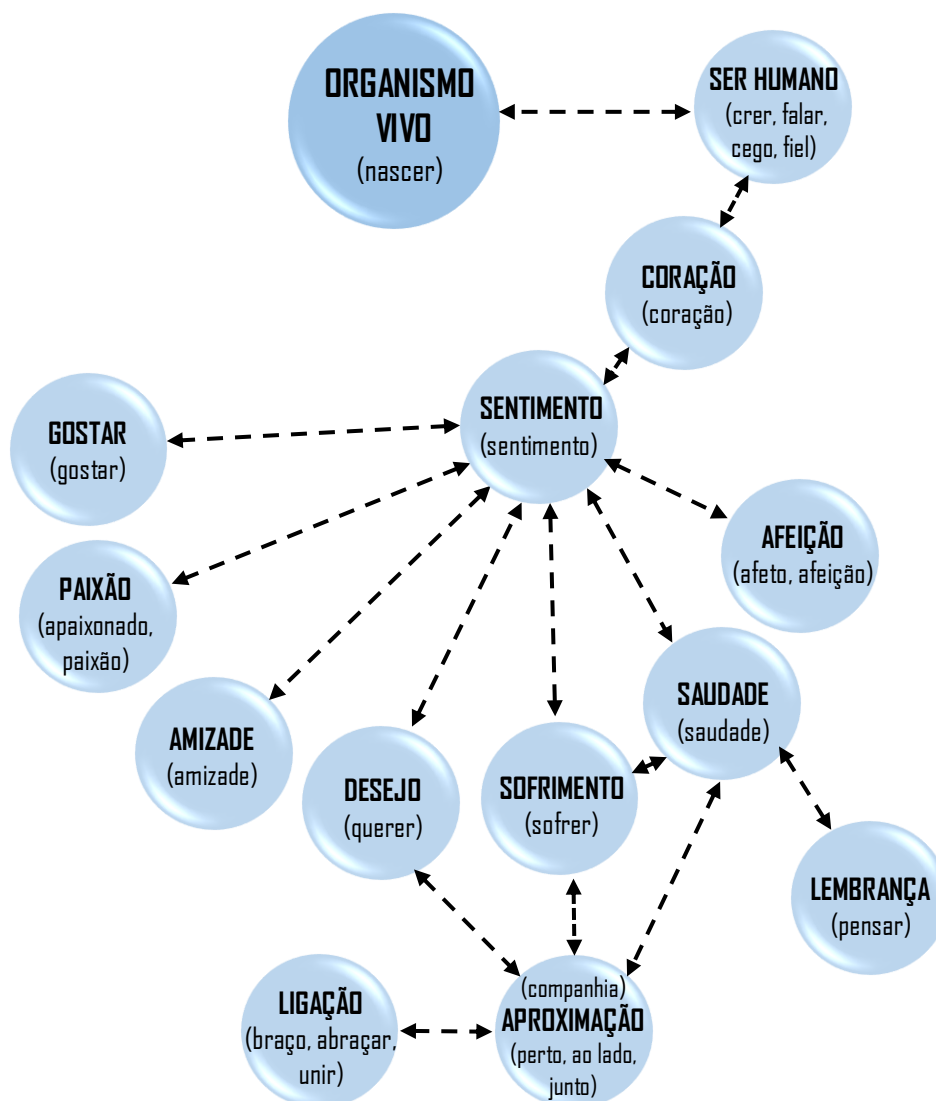
No domínio do SENTIMENTO, cada domínio a ele relacionado possui características específicas, porém, a partir dos contextos dos *corpora*, essas características se entrecruzam. Assim, por exemplo, os domínios da SAUDADE e do SOFRIMENTO estão inter-relacionados, pois, como os casais estão distantes, eles sentem saudades um do outro, e essa saudade os faz sofrer.

O domínio da SAUDADE relaciona-se, ainda, com o domínio da APROXIMAÇÃO, o qual é indexado, linguisticamente, pelos itens ‘companhia’, ‘perto’, ‘junto’ e pela expressão ‘ao lado’. O domínio da APROXIMAÇÃO, por sua vez, está conectado com o da LIGAÇÃO, evocado pelos itens linguísticos ‘braços’, ‘abraçar’ e ‘unir’; isso, porque, pelo fato de os amantes estarem separados, eles sentem saudades, como já dito antes, e, conseqüentemente, quererem estar próximos e ligarem-se um ao outro. D. Pedro I, por exemplo, mesmo morando na mesma cidade de Domitila, desejava a chegada da noite para estar próximo da amada e ligar-se a ela através do abraço. Já os casais do século XX sentiam saudades por causa da distância, desejavam se encontrar, para diminuir a saudade, e ligarem-se para sempre, através do casamento. O domínio da SAUDADE, ademais, está diretamente ligado ao domínio da LEMBRANÇA, evocado pelo verbo ‘pensar’, visto que, por estarem distantes um do outro e não poderem estar juntos, os amantes recordam da pessoa amada.

Indexado através do verbo ‘querer’, o domínio do DESEJO, do mesmo modo que o domínio da SAUDADE, está diretamente ligado ao domínio da APROXIMAÇÃO, em virtude do desejo que os escreventes expressam pela pessoa amada. Eles, a todo o momento, dizem querer um ao outro, para estarem sempre juntos. Além dos domínios da SAUDADE e do DESEJO, o domínio do SOFRIMENTO, também, se liga aos da APROXIMAÇÃO e da LIGAÇÃO. O sofrimento entre os casais tem como causa principal a distância que os separa; desse modo, eles querem estar em companhia um do outro e se ligarem, através do abraço.

A Figura 14 ilustra de que forma os domínios, citados anteriormente, estão relacionados.

Figura 14 - Inter-relação entre domínios



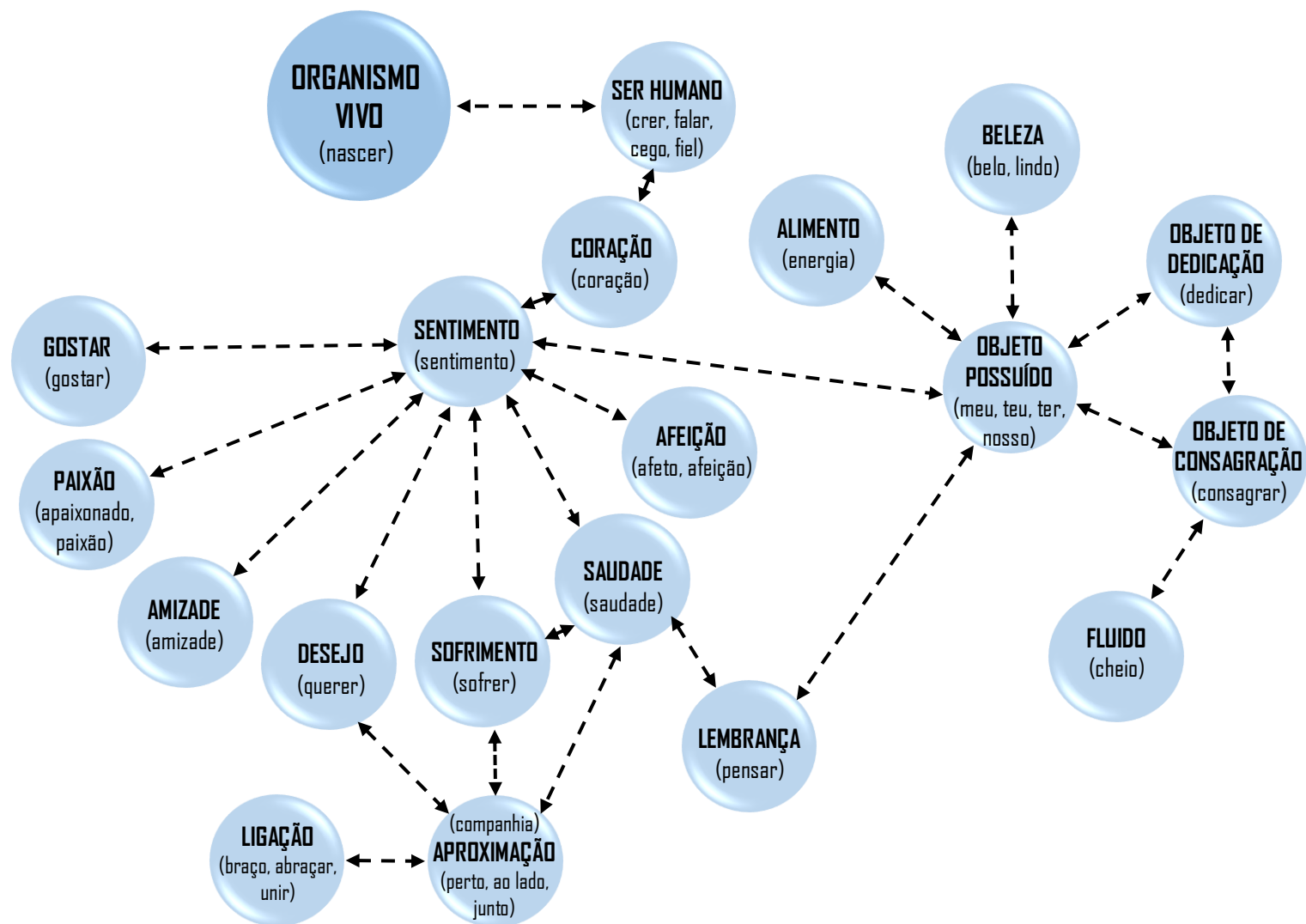
Fonte: Elaboração nossa

Nos *corpora*, os amantes expressam a posse do amor que sentem um pelo outro, através do verbo ‘ter’ e dos pronomes possessivos ‘meu’, ‘teu’ e ‘nosso’; esses itens linguísticos acionam o domínio OBJETO POSSUÍDO que está interconectado ao domínio do SENTIMENTO. O domínio do OBJETO POSSUÍDO se une, também, aos domínios da LEMBRANÇA e do ALIMENTO, que é indexado pelo item linguístico ‘energia’. O primeiro, porque a pessoa que ama está sempre pensando na pessoa amada ou no próprio amor, fato que é exposto pelos escreventes das cartas; e, o segundo, porque o amor que o amante sente pela amada é o alimento que produz a energia para sua vida.

O domínio do OBJETO POSSUÍDO se liga, ainda, aos domínios do OBJETO DA CONSAGRAÇÃO, que é evocado pelo verbo ‘consagrar’, do OBJETO DA DEDICAÇÃO, indexado pelo verbo ‘dedicar’, e da BELEZA, evocado pelos itens linguísticos ‘belo’ e ‘lindo’. Nesses domínios, observamos que, da mesma forma que os religiosos consagram sua vida a Deus ou aos Deuses, os amantes consagram e dedicam o amor que possuem à pessoa amada. O domínio do OBJETO DA CONSAGRAÇÃO, por sua vez, se associa ao da DEDICAÇÃO e ao do FLUIDO, pois o amor consagrado é uma substância que está dentro do amante.

Para ilustrar, a Figura 15 mostra de que forma vimos a integração dos domínios encontrados nas cartas que compõem os *corpora*:

Figura 15 - Inter-relação entre os domínios nos *corpora*

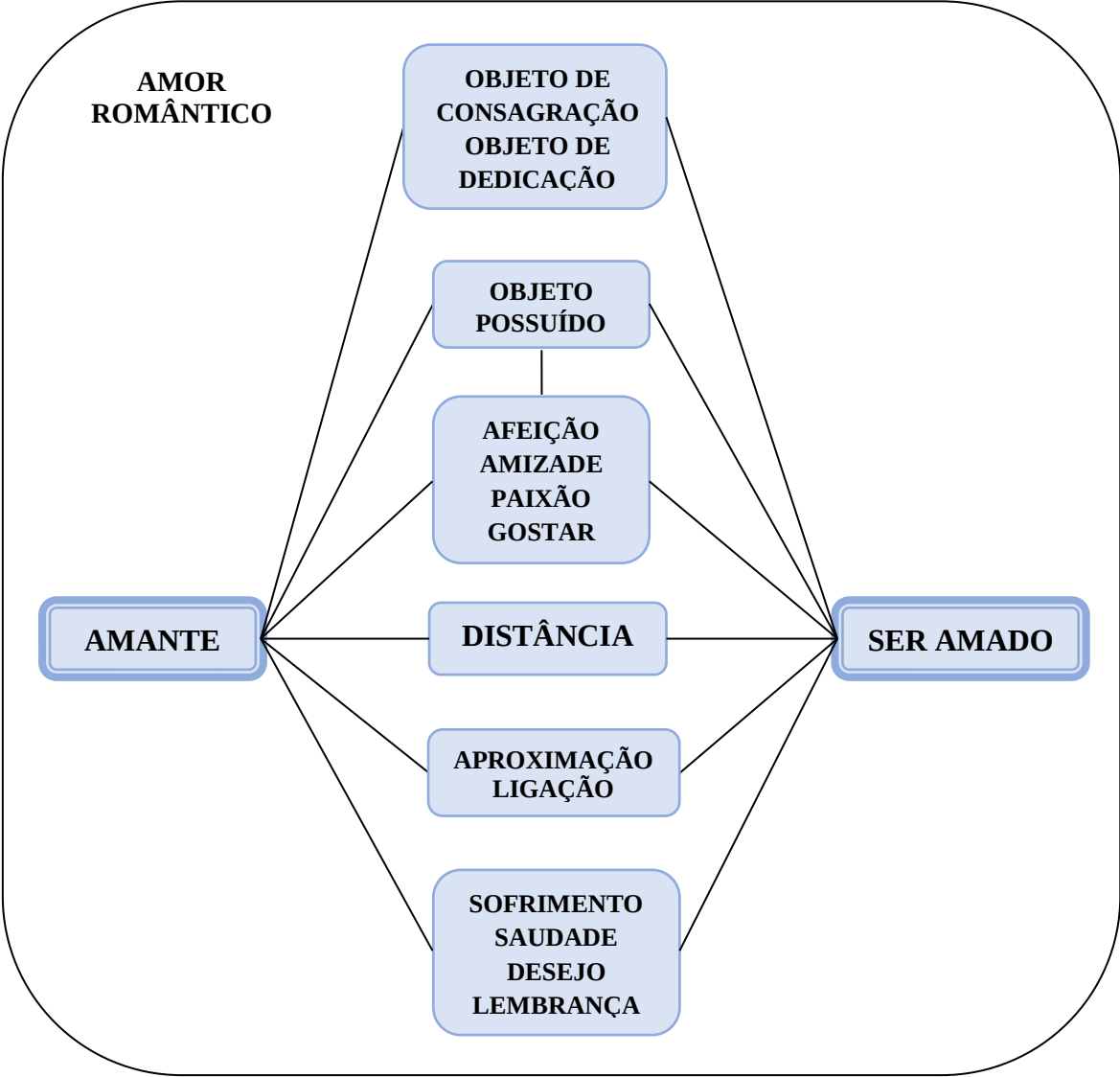


Fonte: Elaboração nossa

Através da descrição, antes exposta, demonstramos como, provavelmente, esses domínios estão interligados e relacionados, formando uma rede, a partir da leitura das cartas que compõem os *corpora*. Os sentidos construídos nessas conexões foram possíveis em virtude da compreensão de que a linguagem é corporificada e não desintegrada do seu usuário e de suas vivências. Sabemos que, num estudo com uns *corpora* mais amplo ou a partir da perspectiva de outros pesquisadores, outras ligações poderão ser verificadas.

Com base no que observamos, a interconexão entre os domínios nos permite visualizar como são acionados, semanticamente, o frame AMOR ROMÂNTICO, nas cartas estudadas. Primeiramente, são focalizados os dois principais atores da cena (amante e ser amado), em seguida, o motivo da escrita das cartas (distância), os sentimentos gerados através da relação dos amantes (amizade, paixão, afeto, gostar), a posse desses sentimentos (objeto possuído), a vontade de oferecer o amor à pessoa amada (consagração e dedicação), o desejo de estar próximo da pessoa amada (aproximação, ligação) e as consequências do amor, em virtude da distância (sofrimento, saudade, desejo, lembrança). A Figura 16 ilustra estas cenas, as quais compõem o frame AMOR ROMÂNTICO, nas cartas estudadas.

Figura 16 - Representação gráfica do frame AMOR ROMÂNTICO



Fonte: Elaboração nossa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste estudo, buscamos verificar como o amor é conceptualizado em cartas de amor, escritas nos séculos XIX e XX. Para isso, consideramos que a conceptualização é uma atividade cognitiva que abrange, ao mesmo tempo, conhecimentos de base corpórea e sócio-histórico-cultural. Ao retomar os objetivos delineados na introdução desta tese, e, após o estudo das ocorrências dos referidos documentos, chegamos a diferentes conclusões a respeito do AMOR ROMÂNTICO.

O nosso estudo mostrou, através dos *corpora*, que o amor é conceptualizado através de diferentes mapeamentos metafóricos e metonímicos, estruturados por esquemas-I, que, a partir da inter-relação entre os domínios da experiência, constituem o frame AMOR ROMÂNTICO. Dentre os domínios verificados, os mais produtivos são os da APROXIMAÇÃO, da SAUDADE e do OBJETO POSSUÍDO, que são predominantes em todos os períodos nas cartas dos homens e das mulheres.

A partir da documentação investigada, verificamos que não há indícios de mudança conceptual, havendo manutenção dos conceitos metafóricos e metonímicos, no eixo da diacronia, porém, na sincronia, há variação, pois, em cada século, há diferentes domínios da experiência para conceptualizar o amor. Isso já foi explicado por Almeida (no prelo-a), quando afirma que, numa carta de amor, o padrão de organização não mudará, poderá haver variação, na sua materialização, ou seja, na sua expressão linguística, mas o padrão continuará o mesmo, pelo menos na compreensão do conceito de AMOR ROMÂNTICO. Se o padrão mudar, já não podemos falar do conceito de AMOR ROMÂNTICO; mesmo que, ainda, falemos da categoria AMOR, serão outros tipos de amores: o platônico, o fraternal, o maternal, o líquido, entre outros.

No que concerne ao gênero do escrevente não identificamos mudanças, apenas variação no modo de conceptualizar. Porém, verificamos que, nas cartas dos homens, aparece um volume maior de domínios da experiência do que nas cartas das mulheres. Nas cartas dessas últimas, não houve conceptualizações do amor como ORGANISMO VIVO, ALIMENTO, FLUIDO, LIGAÇÃO, SENTIMENTO, AFEIÇÃO, LEMBRANÇA e BELEZA, como explicitado na seção 3.1.

Em relação às expressões linguísticas, constatamos que, no século XIX, o amor é compreendido como objeto de consagração, portanto, há uma conceptualização metafórica AMOR É OBJETO DE CONSAGRAÇÃO. Por outro lado, no século XX, não aparece essa conceptualização, mas ocorre AMOR É OBJETO DE DEDICAÇÃO. Fizemos uma pesquisa com a ferramenta Google, como já informado, para verificar se os dois domínios aparecem nos dias atuais e, observamos que os resultados, referentes ao domínio do OBJETO DE CONSAGRAÇÃO,

aparecem em um número bem inferior ao do domínio do OBJETO DE DEDICAÇÃO. Essas informações podem indicar uma variação, caminhando para mudança linguística, mas não semântico-conceitual, pois, tanto no contexto das cartas, quanto nos textos da internet, em que aparecem esses domínios, a compreensão do amor é a mesma.

Os modelos metafóricos nos possibilitaram a compreensão do amor em termos de diferentes domínios da experiência, a saber, ORGANISMO VIVO, SER HUMANO, OBJETO POSSUÍDO, ALIMENTO, FLUIDO, OBJETO DE CONSAGRAÇÃO e OBJETO DE DEDICAÇÃO. Ainda no que diz respeito às metáforas, apesar de os estudos mostrarem que a unidirecionalidade da projeção entre domínios se dá seguindo outras ordens, no nosso estudo a conceptualização do AMOR se deu apenas pela ordem concreto-abstrato, conforme domínios-fonte da experiência antes citados.

Por meio das metonímias, tivemos uma percepção de como os escreventes focalizaram determinados aspectos do amor, no interior do próprio domínio do amor, ou seja, numa relação intradomínio. Além disso, percebemos que, possivelmente, o uso da metonímia, para conceptualizar o amor seja inerente ao seu próprio conceito, em virtude da quantidade de conceitos relacionados que este sentimento abarca. As relações recorrentes nos *corpora* foram EFEITO PELA CAUSA e PARTE PELO TODO, já que o amor tem efeitos como APROXIMAÇÃO, LIGAÇÃO, SOFRIMENTO, GOSTAR, SAUDADE, AFEIÇÃO, DESEJO, LEMBRANÇA e partes como PAIXÃO, GOSTAR, AMIZADE, CORAÇÃO e BELEZA. Esse resultado corrobora, parcialmente, com os estudos de Kövecses (1988, 1990, 2002, 2008) e Lakoff (1987), nas suas investigações sobre a linguagem das emoções, nas quais concluem que, na conceptualização dos sentimentos e das emoções, funciona um princípio metonímico geral de tipo CAUSA E EFEITO.

Outra questão averiguada, a partir do estudo dos *corpora*, foi a forma como os conceitos metafóricos e metonímicos foram estruturados, a partir das experiências sensório-motoras, ou seja, pelos esquemas-I. Primeiramente, constatamos que o esquema-I mais recorrente e que estruturou uma grande parte das metáforas e das metonímias foi o esquema-I PARTE-TODO. Percebemos, também, que, além de diferentes conceptualizações serem estruturadas por um mesmo esquema-I, um único conceito pode ser estruturado por diferentes esquemas-I, como na metáfora AMOR É OBJETO POSSUÍDO, que foi estruturada pelos esquema-I RECIPIENTE, ORIGEM-PERCURSO-META, PARTE-TODO e ESCALA. Nas conceptualizações apresentadas, observamos, ainda, que os esquemas-I evocados apareceram, sempre, inter-relacionados a outros e funcionaram simultaneamente; por exemplo, foi muito comum, juntamente com o esquema-I RECIPIENTE, os esquemas-I CHEIO-VAZIO e EXCESSO estruturarem uma mesma

metáfora ou metonímia. Isso prova a dependência entre os esquemas, já evidenciado por alguns autores (LAKOFF, 1987; PEÑA CERVEL, 2012) e comprova que a combinação de esquemas é uma atividade que tem como base as experiências vivenciadas no nosso entorno.

Apesar de não ter sido nosso objetivo, as variáveis nível de escolaridade, fator social e local de nascimento dos escreventes nos chamaram a atenção, no estudo das cartas que compõem os *corpora* desta tese, pois verificamos que essas variáveis não interferiram nas formas de conceptualização do AMOR. O fato de os escreventes do século XIX serem condessa, marquesa e imperadores e, os do século XX, pedreiro, lavrador, costureira e dona de casa ou, se os primeiros tivessem acesso à escolarização e, os últimos, pouco ou quase nenhum acesso, não acarretou em mudanças na compreensão do amor. Também, não há mudança semântica atrelada ao fato de o escrevente ter nascido na capital do Rio de Janeiro ou no interior ou no Recôncavo ou no Sertão da Bahia ou mesmo em Portugal.

Com os resultados desta tese, acreditamos ter contribuído com os estudos da semântica sócio-histórico-cognitiva, que, ainda, apresentam insuficiência de investigações; além do mais, pensamos ter elaborado uma proposta metodológica para o estudo da conceptualização, propondo a Técnica da Saturação Teórica e da Teoria dos Fractais, a partir do que foi apresentado por Almeida (no prelo-a), para composição de *corpora* históricos.

Cumprе salientar, entretanto, que os resultados obtidos não são definitivos nem esgotam as possibilidades de estudo, ao contrário, apontam perspectivas para o desenvolvimento de outras pesquisas, visto que o acesso a *corpora* mais amplos e oriundos de fontes diversas pode propiciar novas descobertas e diferentes interpretações, o que é provável no âmbito dos estudos semânticos, e que pretendemos, ainda, desvendar, em estudos vindouros.

REFERÊNCIAS

ABREU, Débora Taís Batista de. *Metáfora e emoção: sobre a conceptualização na língua portuguesa*. 2015. 219f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2015.

ADAMS FILHO, Nelson. *A maluca viagem de Dom Pedro I pelo Sul do Brasil: guerra Cisplatina*. Porto Alegre: Edigal, 2017.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A categorização à luz da sociolinguística cognitiva: diferentes organizações de mundos possíveis. In: ATAIDE, Cleber A.; SOUSA, Valéria. (Org.). *Língua, texto e ensino: descrições e aplicações*. Recife: Pipa Comunicação, 2018a. p. 269-284. Disponível em: www.gelne.com.br/arquivos/Língua-texto-e-ensino%20-%20Gelne.pdf. Acesso em: 03 jan. 2019.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A semântica sócio-histórico-cognitiva: antecedentes, estado da arte e propostas para o futuro. No prelo-d.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A tessitura do conhecimento: o corpus na construção de estudos semânticos sócio-histórico-cognitivos. *Anais do IX Seminário de Estudos Filológicos (IX SEF)*, Salvador-BA, no prelo-a.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Estavam eles em busca da salvação! Conceptualizações da morte no Livro das Aves. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; LOPES, Mailson. (Org.). *Livro das Aves: estudos semânticos e morfológicos*. Salvador: EDUFBA, no prelo-c.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Multimodalidade, cognição e complexidade: memes em foco. In: GABRIEL, Rosângela et al. (Org.). *(Per)cursos (inter)disciplinares em letras: percursos mais linguísticos*. Campinas, SP: Pontes, 2018b. v. 1. p. 299-315.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Oh, oh, o gigante acordou! Brasil, junho de 2013: conceptualizações e metáforas das manifestações. *Acta Scientiarum*. Language and Culture, Maringá, v. 38, n. 2, p. 139-152, apr-june, 2016.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Porra, um palavrão? Às vezes, sim, às vezes, não: um estudo sobre categorização à luz da linguística cognitiva. In: ALMEIDA, A. Ariadne; SANTOS, Elisângela S. dos; SIMÕES NETO, Natival. *Dez leituras sobre o léxico*: Salvador, EDUNEB, no prelo-b.

ALVES, João Victor Caetano. *O Conselho de Estado e princípio da divisão de poderes*. Franca: UNESP, 2008.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. 15 ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. Técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa: oposição ou convergência? *Cadernos CERU*, n. 3, série II, p. 161-165, 1991.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1997. Originalmente publicado no séc. IV a.C.

ARQUIVO NACIONAL. *Cartas de Pedro I à Marquesa de Santos*. Notas de Alberto Rangel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ATKINS, Peter; JONES, Loretta. *Princípios de química: questionando a vida moderna e o meio ambiente*. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

AULETE Digital. *O dicionário da língua portuguesa na internet*. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 13 jan. 2019.

BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia. A edição e seu contexto histórico de produção. In: BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia (Org.). *Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do século XIX: carta de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ; Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ, 2006. p. 7-12.

BARCELONA, Antonio. La metonimia conceptual. In: IBARETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Cord.). *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 123-146.

BARCELONA, Antonio. O poder da metonímia, *Cadernos de tradução – Linguística Cognitiva*, Instituto de Letras, UFRGS, n. 25, p. 7-24, jul.-dez. 2009[1996].

BÍBLIA SAGRADA. Tradução João Ferreira de Almeida. 2. ed. Revista e atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BORGES, Maria de Lourdes Alves. *Amor*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAMERON, Lynne. *Metaphor in educational discourse*. London: Continuum, 2003.

CAPRA, Fritjot. A matemática da complexidade. In: CAPRA, Fritjot. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Tradução Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2006 [1996]. p. 99-130.

CAPRA, Fritjot; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. Tradução Mayra Teruya Eichenberg e Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 2014.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II: ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CHAMIZO DOMÍNGUEZ, Pedro José; SÁNCHEZ BENEDITO, Francisco. *Lo que nunca se aprendió en clase*. Eufemismos y disfemismos en el lenguaje erótico inglés. Granada: Comares, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2017 [1991].

CIENKI, Alan. Frames, ideal cognitive models and domains. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Ed.) *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 170-187.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. Problemas y principios. In: CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Gredos, 2007, p. 19-72.

CONDESSA de Barral. *Cartas a suas majestades: 1859-1890*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça/Arquivo Nacional, 1977.

COSTA, Emanuela Gonçalves. *Do concreto ao abstrato: o corpo humano como base experiencial para conceptualizações*. 2013. 109f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2013.

CUNHA, Antonio G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

DAMÁSIO, Antonio. *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. Tradução Dora Vicente e Georgina Segurado. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DAMÁSIO, Antônio. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Tradução Laura Teixeira Motta. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015[1999].

DAMÁSIO, Antônio. *A diferença entre emoção e sentimento*. 2013. 1 vídeo (5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2COAN5Y6S9U>. Acesso em: 25 mai. 2017.

DEL PRIORE, Mary. *A carne e o sangue: a Imperatriz D. Leopoldina, D. Pedro I e Domitila, a Marquesa de Santos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral: a paixão do imperador*. São Paulo: Objetiva, 2008.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DEMO, Pedro. *Praticar ciência: metodologias do conhecimento científico*. São Paulo: Saraiva, 2011.

DUQUE, Paulo Henrique. Categorização: a perspectiva de protótipos. In: SOUZA, Ada Lima F.; DUQUE, Paulo Henrique (Org.). *Cognição e práticas discursivas*. Natal: EDUFRN, 2018. p. 42-67.

DUQUE, Paulo Henrique. De perceptos a frames: cognição ecológica e linguagem. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 21, n. 41, p. 21-45, 1º sem. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2017v21n41p21/11963>. Acesso em: 25 maio 2018.

DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. *Revista da Anpoll*, n. 39, p. 25-48, Florianópolis, Jul./Ago. 2015. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/viewFile/902/829>. Acesso em: 25 maio 2018.

DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antonio. *Linguística cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EDUFRN, 2012.

FALQUETO, Júnia; FARIAS, Josivania. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: relato de uma experiência de aplicação em estudo na área de Administração. *Atas do 5º Congresso Ibero-Americano de Pesquisa Qualitativa*. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, v. 3, p. 560-569, 2016. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/1001/977>. Acesso em: 04 ago. 2018.

FAUCONNIER, Gilles. Methods and generalizations. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela (Ed.). *Scope and foundations of cognitive linguistics*. Berlin: Mouton De Gruyter, 1999. p. 95-128.

FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. Semántica Histórica: introducción y contextualización. *Anuari de filologia*. Estudis de Lingüística, n. 6, p. 55-61, 2016. Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/AFEL/article/view/317010>. Acesso em: 13 jan. 2019.

FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. Breve historia de la semántica histórica. *Interlingüística*, n. 17, p. 345-354, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2317212.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.

FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. *Semántica cognitiva diacrónica de los verbos de percepción física del Español*. 2012. 743f. Tese (Doutorado) – Departamento de Filología Española, Lingüística General y Teoría de la Literatura, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alicante, 2012. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/26481/1/Tesis_Jorge_Fernandez_Jaen.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

FERREIRA, Ana Paula. *Relacionamentos “no capricho”*: as metáforas conceituais dos amores juvenis. 2011. 145f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FILLMORE, Charles. Frame Semantics. In: The Linguistic Society of Korea (Org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.

FILLMORE, Charles. Semântica de frames. *Cadernos de tradução – Linguística Cognitiva*, Instituto de Letras, UFRGS, n. 25, p. 25-54, jul.-dez. 2009[1982].

FISHER, Helen. *Porque amamos: a natureza e a química do amor romântico*. Tradução Rytá Vinagre. 4 ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2015[2004].

FONTANELLA, Bruno J. B. et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimento para constatar saturação teórica. *Caderno de Saúde Pública*, v. 2, n. 27, p. 389-

394, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/v27n2/20.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2018.

FONTANELLA, Bruno. J. B.; RICAS, Janete; TURATO, Egberto R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100003. Acesso em: 04 ago. 2018.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. In: KRISTIANSEN, Gitte et al. (Ed.). *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 379-402.

GEERAERTS, Dirk. *Diachronic prototype semantics: a contribution to historical lexicology*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

GEERAERTS, Dirk. Methodology in cognitive linguistics. In: KRISTIANSEN, G.; ACHARD, M.; DIRVEN, R.; RUIZ DE MENDOZA, F. J. (Ed.). *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 21-49.

GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. Introducing cognitive linguistics. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Ed.). *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. Nova York: Oxford University Press, 2007. p. 3-21.

GIBBS, Raymond. Metaphor and thought: the state of the art. In: GIBBS, Raymond (Org.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 2008 [1995]. p. 3-16.

GIBBS, Raymond. Why cognitive linguistics should care more about empirical methods. In: MITTELBERG, Irene. *Methods in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 2-18.

GIBBS, Raymond; COLSTON, Herbert L. A realidade psicológico-cognitiva dos esquemas de imagem e suas transformações. *Cadernos de tradução – Linguística Cognitiva*, Instituto de Letras, UFRGS, n. 31, p. 7-46, jul.-dez. 2012.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter, 1967.

GODOI, Christiane K.; MATTOS, Pedro L. C. L. de. Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In: GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELO, Rodrigo; SILVA, A.B. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais*. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOTLIB, Nádia Battella. Correspondências: a Condessa de Barral e o imperador D. Pedro II. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). *Prezado senhor, prezada senhora: um estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 227-239.

GRADY, Joseph. A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance. In: GIBBS, Raimond; STEEN, Gerard. (Ed.). *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 79-100.

GRADY, Joseph et al. Primitive and compound metaphors. In: GOLDBERG, Adele (Ed.). *Conceptual structure, discourse and language*. Stanford: CSLI Publications, 1996. p. 177-188.

HUERTA FLORES, Norohella. Los Posesivos. In: COMPANY COMPANY, Concepción. *Sintaxis Histórica de la Lengua Española*. Segunda parte: la frase nominal. México: Fondo de Cultura Económica-Universidad Nacional Autónoma de México, 2009. p. 611-757.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss Conciso*. Mauro de Salles Villar (Ed. Responsável). São Paulo: Moderna, 2011.

IBARETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. Lingüística cognitiva: origen, principios y tendencias. In: IBARETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Cord.). *Lingüística cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 13-38.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

KABATEK, Johannes. ¿Es posible una lingüística histórica basada en un corpus representativo? *Iberoromania: Revista dedicada a las lenguas y literaturas iberorrománicas de Europa y América*, n. 77, p. 8-28, 2013. Disponível em: <https://www.rose.uzh.ch/dam/jcr:ffffff-f143-b75e-0000-00003aee8b86/C87.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2018.

KLEIBER, Georges. *La Semántica de los Prototipos: categoria y sentido léxico*. Madrid: Visor, 1995.

KONDER, Leandro. *Sobre o amor*. São Paulo: Boitempo, 2007.

KÖVECSES, Zoltan. Conceptualizing emotions. A revised cognitive linguistic perspective. *Poznań Studies in Contemporary Linguistics*. v. 50(1), 2014, p. 15-28. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/274208283_Conceptualizing_emotions_A_revised_cognitive_linguistic_perspective. Acesso em: 26 maio 2018.

KÖVECSES, Zoltan. *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag, 1990.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor and emotion: Language, culture and body in human feeling*. New York and Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor in culture: universality and variation*. New York: Cambridge, 2005.

KÖVECSES, Zoltan. *The language of love: the semantics of passion in conversational English*. Lewisburg: Bucknell University Press; London e Toronto: Associated University Press, 1988.

KÖVECSES, Zoltán. *Where metaphors come from: reconsidering context in metaphor*. New York: Oxford University Press, 2015.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAKOFF, George. *No pienses en un elefante: lenguaje y debate político*. Tradução Magdalena Mora. Madrid: Editorial Complutense S. A., 2007 [2004].

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew. (Ed.). *Metaphor and thought*. 2 ed. Cambridge: University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, George. The neural theory of metaphor. In: GIBBS, Raymond. *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 17-38.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras; EDUC, 2002 [1980].

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than cool reason*. Chicago: The University Of Chicago Press, 1989.

MAGALHÃES JR., Raimundo. *D. Pedro II e a Condessa de Barral: através da correspondência íntima do imperador, anotada e comentada*. Rio de Janeiro/São Paulo: Civilização Brasileira, 1956.

MARENGO, Sandro Marcio Drumond A. *Variações terminológicas e diacronia: estudo léxico-social de documentos militares manuscritos dos séculos XVIII e XIX*. 2016. 509f. (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, Salvador: EDUFBA, 1991.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco G. *A árvore do conhecimento*. Tradução Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Psy II, 1995.

MINAYO, Maria Cecília S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2015[1999].

MORS, Paulo. O Universo e seus fractais: a contribuição de Mandelbrot (entrevista concedida a Márcia Junges). *Revista do Instituto Humanista Unisinos*, São Leopoldo, ed. 349, ano x, p. 21-23, 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3628-paulo-mors>. Acesso em: 17 ago. 2018.

OAKLEY, Tood. Image schemes. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Org.). *The oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 214-235.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PAIVA, Vera Lúcia M. de Oliveira. A metonímia como processo fractal multimodal. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 14, n. 1, p. 07-19, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/04/ARTIGO-1.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2018.

PAZ AFONSO, Ana. *Semántica cognitiva e historia del léxico: evolución de los verbos “entrar” y “salir”* (ss. XIII-XV). 2014. 528f. Tese (Doctorado en Filología Española) – Departamento de Filología Española, Facultad de Filosofía y Letras, Universitat Autònoma de Barcelona. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10803/283941>. Acesso em: 04 fev. 2019.

PEÑA CERVEL, Maria Sandra. Los esquemas de imagen. In: IBARETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Cord.). *Linguística cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 69-96.

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos. Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. *Revista da FAEEDBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 22, n. 40, jul./dez. 2013. p. 19-30.

PINTO, Fernando G. *Neurociência do amor*. Rio de Janeiro: Academia, 2017.

PINTO, Luiz Maria da S. *Dicionário da língua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/3>. Acesso em: 22 nov. 2018.

PIRES, Robledo Esteves Santos. *O amor é uma viagem: teoria cognitivista da metáfora e o discurso amoroso no cancioneiro popular brasileiro*. 2008. 83f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

PLATÃO. *O banquete*. Tradução José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Nova Cultural. ed. 5. 1991.

PRAGGLEJAZ Group. MIP: A Method for Identifying Metaphorically Used Words in Discourse. *Metaphor and symbol*, v. 22, n. 1, p. 1-39, 2007.

RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zoltán. Towards a theory of metonymy. In: EVANS, Vyvyan; BERGEN, Benjamin; ZINKEN, Jörg. *The cognitive linguistics reader*. London: Equinox, 2007. p. 335-359.

REECE, Jane. B. et al. *Biologia de Campbell*. 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

REZZUTTI, Paulo. *Titília e o Demonão: cartas inéditas de D. Pedro I à Marquesa de Santos*. São Paulo: Geração, 2011.

ROSCH, Eleanor. Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, Estados Unidos, v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara L. *Cognition and Categorization*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27-48.

ROSCH, Eleanor et al. Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, Amsterdam, n. 8, p. 382-439, 1976.

SANTIAGO, Huda da Silva. *A escrita por mãos inábeis: uma proposta de caracterização*. 2019. 722f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Elisângela Santana dos. *A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da Língua Portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva*. 2011. 292f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado sob a perspectiva da linguística/semântica cognitiva. *Pontos de Interrogação*, Salvador, v. 5, n. 1, p. 11-28, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/issue/view/127/showToc>. Acesso em: 11 maio 2017.

SANTOS, Ricardo Yamashita. *A conceptualização de RAIVA na perspectiva da Teoria Cognitiva da Metáfora: uma análise da emergência de sentido*. 2014. 153f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

SANTOS, Ricardo Yamashita; MEDEIROS, Ilana S. Linguagem, ambiente e cognição: a caminho de uma perspectiva ecológica de categorização. *Revista do GELNE*, Natal, RN, v. 19, n. 2, p. 183-192. jul.-dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/11274/8715>. Acesso em: 18 dez. 2018.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SILVA, Anielson B. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 301-323.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da lingua portuguesa*. Typographia Lacerdina, 1789. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/2>. Acesso em: 22 nov. 2018.

SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos*. v. 1, fasc. 1-2, p. 59-101, 1997.

SILVA, Augusto Soares da. *A semântica de Deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

SILVA, Augusto Soares da. Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 49-81, jan./jun. 2008a. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2480>. Acesso em: 16 ago. 2015.

SILVA, Augusto Soares da. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a linguística cognitiva. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GOLÇALVES, Miguel (Org.). *Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva*. v. 4. Coimbra: Almedina, 2004. p. 1-19.

SILVA, Augusto Soares da. Os estudos de linguística cognitiva do português, *Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos*, v. 12, p. 189-221, 2008b.

SILVA, Augusto Soares da. Significado, conceptualização e experiência: sobre a natureza do significado linguístico. *Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos*, v. 10, Faculdade de Filosofia da UCP, p. 1-25, 2006b.

SILVA, Augusto Soares da. Sociolinguística cognitiva e o estudo da convergência/divergência entre o português europeu e o português brasileiro. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, v. 10, n. 1-2, 2006a. Disponível em: <https://veredas.ufjf.emnuvens.com.br/veredas/article/view/373>. Acesso em: 15 ago. 2015.

SILVA, Augusto Soares da; LEITE, Jan Edson Rodrigues. 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual: fundamentos, problemas e novos rumos. *Revista Investigações*, v. 28, n. 2, p. 1-23, jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/issue/view/120/showToc>. Acesso em: 28 ago. 2017.

SILVA, Eliane Santos Leite. *Um estudo sociocognitivo de conceptualizações do trabalho em textos jornalísticos dos séculos XIX, XX e XXI*. 2017. 370f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SILVA, Erica Nascimento. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Tayssa Danyella L. da; SILVA, Edcleide M. da. Mas o que é mesmo corpus? alguns apontamentos sobre a construção de corpo de pesquisa nos estudos em Administração.

XXXVII Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, p. 1-15, set. 2013. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EPQ1021.pdf. Acesso em: 17 ago. 2018.

SORIANO, Cristina. La metáfora conceptual. In: IBARETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Cord.). *Linguística cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 97-122.

SOTO, Eva Ucy de Miranda S. *Variação/mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. 2001. 264f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

SOUTO MAIOR, Ana Christina. O gênero carta – variedade, uso e estrutura. *Revista Ao Pé da Letra*, v. 3.2, p. 1-13, dez. 2001. Disponível em: http://revistaaoapedaletra.net/volumes-aopedaletra/vol%203.2/O_genero_carta-variedade_uso_e_estrutura.pdf. Acesso em: 15 abr. 2017.

SPONVILLE-COMTE, André. *O amor*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

STEEN, Gerard J. et al. *A Method for Linguistic Metaphor Identification: from MIP to MIPVU*. VU University Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2010.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. Tradução Luciane de Oliveira da Rocha. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TALMY, Leonard. Foreword. In: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica et al. (Ed.). *Methods in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. xi-xxi.

TERRIN, Aldo Natale. *Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões*. São Paulo: Paulus, 2004.

THIRY-CHERQUES, Hermano. R. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista Brasileira de Pesquisas em Marketing (PMKT)*, v. 9, n. 1, p. 20-27, 2009. Disponível em: http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista_PMKT_003_02.pdf. Acesso em: 04 ago. 2018.

TIN, Emerson (Org.). *A arte de escrever cartas: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lúpsio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

TURATO, Egberto. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 39, n.3, p. 507-514, abr. 2005. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf. Acesso em: 23 out. 2018.

VASCONCELOS, Eliane. Intimidade das confidências. *Teresa revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 8 - 9, p. 372-389, 2008.

VASCONCELOS, Maria Celi C.; REZZUTTI, Paulo M. A Marquesa de Santos e o gosto pelo poder: de “favorita” à militante liberal. *Revista Estudos Feministas*. v. 26, n. 2, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n248809>. Acesso em: 03 jan. 2019.

WATTIHER, Luciane. *Revisitando histórias guardadas no tempo: um olhar bakhtiniano para o gênero discursivo carta de amor*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras – Linguagem e Sociedade) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig J. J. *Investigações Filosóficas*. Tradução José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1991 [1953].

APÊNDICES - Ponto de saturação nas cartas dos escreventes

Tabela 2 - Ponto de saturação nas cartas de D. Pedro I

Domínios	Cartas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
ORGANISMO VIVO		X															
SER HUMANO							X										
OBJETO POSSUÍDO		X	x	x							x					x	x
FLUIDO					X												
CONSAGRAÇÃO													X				
APROXIMAÇÃO				X				x				x				x	
LIGAÇÃO										X			x			x	
AMIZADE			X													x	
DESEJO		X															
SAUDADE						X		x	x	x		x	x	x	x		
SOFRIMENTO			X														
CORAÇÃO		X						x									

X: Novo domínio da experiência
x: Recorrência do domínio

Fonte: Elaboração nossa

Tabela 3 - Ponto de saturação nas cartas da Marquesa de Santos

Domínios	Cartas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
OBJETO POSSUÍDO		X									
CONSAGRAÇÃO			X								

X: Novo domínio da experiência
x: Recorrência do domínio

Fonte: Elaboração nossa

Tabela 4 - Ponto de saturação nas cartas de D. Pedro II

Domínios	Cartas	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
APROXIMAÇÃO		X				x			x	x						
SENTIMENTO											X					
AMIZADE				X		x			x							
AFEIÇÃO					X		x	x			x					
DESEJO								X							x	x
SAUDADE						X	x						x	x		
GOSTAR												X				
LEMBRANÇA			X												x	
CORAÇÃO					X	x										

X: Novo domínio da experiência
x: Recorrência do domínio

Fonte: Elaboração nossa

Tabela 5 - Ponto de saturação nas cartas da Condessa de Barral

Domínios	Cartas								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
OBJETO POSSUÍDO	X								
APROXIMAÇÃO					X	x	x	x	
AMIZADE	X		x	x					x
DESEJO		X							
SAUDADE	X							x	

X: Novo domínio da experiência Fonte: Elaboração nossa
x: Recorrência do domínio

Tabela 6 - Ponto de saturação nas cartas de Maria

Domínios	Cartas						
	1	2	3	4	5	6	7
SER HUMANO		X					
OBJETO POSSUÍDO	X	x				x	x
DEDICAÇÃO	X						
APROXIMAÇÃO			X		x		
SAUDADE			X	x	x		
SOFRIMENTO	X	x	x				

X: Novo domínio da experiência Fonte: Elaboração nossa
x: Recorrência do domínio

Tabela 7 - Ponto de saturação nas cartas de José / Antonio

Domínios	Cartas							
	1	2	3	4	5	6	7	8
APROXIMAÇÃO	X				x			
DESEJO		X						
SAUDADE			X					
GOSTAR		X		x				
SOFRIMENTO				X				

X: Novo domínio da experiência Fonte: Elaboração nossa
x: Recorrência do domínio

Tabela 8 - Ponto de saturação nas cartas de Helena / Zenilta

Domínios	Cartas								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
APROXIMAÇÃO			X						
PAIXÃO					X				
SAUDADE	X					x			
GOSTAR					X				
SOFRIMENTO			X						
CORAÇÃO	X								

X: Novo domínio da experiência

Fonte: Elaboração nossa

x: Recorrência do domínio